

BLACKWOOD INSTITUTE #1

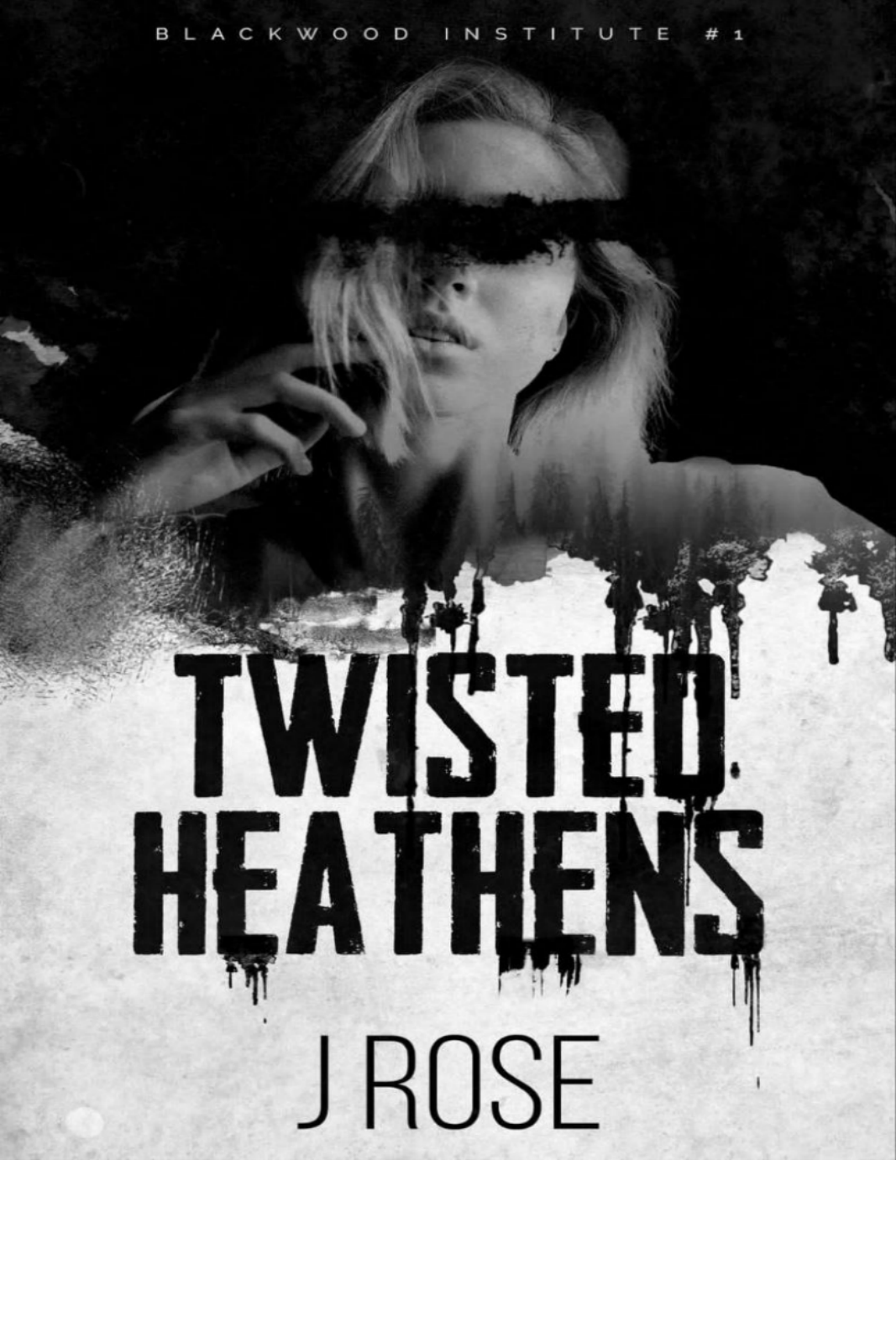


TWISTED HEATHENS

J ROSE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



TWISTED HEATHENS

J ROSE

BLACKWOOD INSTITUTE

by J. Rose

↻ *Twisted Heathens #1*

↻ *Sacrificial Sinners #2*

↻ *Desecrated Saints #3*

Para Kristen,

Minha única pagã pervertida.

Este é para você, esposa.

SINOPSE

BEM-VINDO AO INSTITUTO BLACKWOOD.

ONDE AS MENINAS MÁS VÊM PARA MORRER.

Assassina. Desequilibrada. Sem remorsos. Insana.

Fui chamada de tudo enquanto apodrecia em uma ala psiquiátrica de segurança máxima, presa por meus crimes. Quando tenho a chance de escapar deste inferno, é uma oferta que não posso recusar.

Sou transferida para o Instituto Blackwood, purgatório para os perigosos e perturbados. O negócio é simples. Conclua o programa experimental de três anos e você está livre para sair.

Eu não tenho tais intenções. Pessoas como eu nascem para morrer. Não há vida para mim lá fora. Farei o que for preciso para acabar com minha existência lamentável.

Desta vez, ninguém pode me parar. Nem mesmo os quatro pacientes com segredos obscuros e danos que rivalizam com os meus.

Um automutilador de lábios apertados.

Um ninfomaníaco louco.

Um maníaco por controle possessivo.

Um fantasma sombrio do meu passado.

O tempo está passando. Se eu não tomar cuidado, os demônios que frequentam esses salões manchados de sangue vão me pegar antes que eu possa tirar minha própria vida.

Que comece o jogo.

Nota do Autor: *Twisted Heathens é um romance sombrio e contemporâneo de harém reverso ambientado em uma instituição*

experimental de saúde mental. Este é o primeiro livro da trilogia e termina em um cliffhanger.

Aviso de Gatilho

Twisted Heathens é um romance de harém reverso, então a personagem principal terá múltiplos interesses amorosos entre os quais ela não terá que escolher.

Este livro é muito sombrio e contém cenas que podem ser desencadeantes para alguns leitores. Isso inclui **automutilação, suicídio, uso de drogas, temas de saúde mental, incluindo psicose, violência gráfica, abuso infantil e agressão sexual**.

Há também linguagem explícita e cenas sexuais envolvendo jogo de sangue, jogo de respiração, consentimento duvidoso, automutilação mútua e BDSM leve.

Se você é facilmente ofendido ou desencadeado por qualquer um desses conteúdos, por favor, não leia este livro. Este é um romance sombrio e, portanto, não é para os fracos de coração. Além disso, este livro foi escrito para entretenimento e não pretende representar com precisão o tratamento de problemas de saúde mental.

“Monstros são reais. Fantasma também são reais.

Eles vivem dentro de nós e, às vezes, eles vencem.”

Stephen King, O Iluminado

Prefácio

Ele vem a mim em meus sonhos, uma nuvem estrondosa de pecado. Sem rosto, sem nome, tão evasivo que esqueço sua presença quando acordo. Eu me torno infantil, uma bola bem enrolada se escondendo dos monstros em minha mente.

Mas não há como correr. Não posso escapar dos demônios tecidos no tecido da minha alma. Não posso escavá-los com dedos ensanguentados, cavando cada vez mais fundo na carne e nos ossos.

Vou me despedaçar pelas costuras para me livrar de você.

Vou me despedaçar até o último átomo, um punhado de poeira estelar e cinzas.

Quando minha penitência for paga, reconstruirei.

Polegada por polegada.

Respiração por respiração.

Mentira por mentira.

Eu renascerei.

Prólogo

Brooklyn

Had Enough by Mouth Culture

“Brooklyn? Estou chamando você há dez minutos,” grita a enfermeira Jackie.

Eu rolo para o meu lado, franzindo a testa para o cara babando esticado no sofá na minha frente. Maldito novato, ele apenas engoliu os comprimidos e desmaiou. Que desperdício.

“E eu tenho ignorado você por dez minutos,” eu falo.

Ela para no final do sofá e olha para mim, a paciência totalmente esgotada. “Você não pode continuar tratando este lugar como uma maldita piada, Brooklyn. Levante-se agora.”

“Por que eu deveria?”

“O médico está esperando por você.”

Eu viro de costas e olho para ela. “Não é meu dia de terapia.”

A enfermeira Jackie cruza os braços, olhando para mim de nariz empinado. “Pareço que me importo, mocinha? Não me venha com isso, levante a bunda ou será outro fim de semana na solitária.”

O terror corre pela minha espinha. Eu me levanto e a sigo, temendo as consequências. Não posso voltar lá depois da última vez. A morte é foddidamente preferível. Ela me guia até o consultório do psiquiatra e me deixa entrar, onde me sento no meu lugar de sempre.

A cadeira do escritório gira para revelar o Doutor Zimmerman, finalizando sua ligação. “Sim, eu entendo. Obrigado, Augustus. Entrarei em contato.”

O telefone é recolocado no gancho e Zimmerman olha fixamente para mim, deslizando aqueles óculos feios para baixo para me dar toda a sua atenção inabalável. Cara, eu quero esmagar esses óculos

debaixo da minha bota.

Seus lábios se movem, mas nada sai. Um zumbido enche meus ouvidos enquanto olho para a parede atrás dele, sombras grossas, semelhantes a melado, pingando e se acumulando no chão. Elas sussurram para mim, minhas mãos tremendo no meu colo.

O maldito Zimmerman, ele é um filho da puta.

Pegue o peso de papel e esmague a cabeça dele.

“Brooklyn? Você está me ouvindo?”

Meus olhos se abrem e as sombras desaparecem de repente, deixando nada além de uma parede branca e brilhante para trás.

“Brooklyn! Dei-lhe tempo para pensar. Preciso da sua resposta.”

Desvio o olhar e o concentro na janela gradeada. Meus olhos seguem o caminho das gotas de chuva que caem. Quando foi a última vez que senti a chuva no rosto? Ou vento no meu cabelo? Eu lambo meus lábios. Respirar. Piscar. remexer. Qualquer coisa para não responder a esse idiota.

“Sua atitude não é necessária. Estamos do mesmo lado aqui.”

A necessidade de rir borbulha dentro de mim. Sorrindo, volto minha atenção para minhas mãos. Unhas ensanguentadas e roídas, juntas machucadas e cheias de cicatrizes. O tremor óbvio que vem com a minha forte dose de medicação.

“Você não vai sair da sala até discutirmos esta oferta. Sem pressa.”

Que assim seja. Posso sentar aqui o dia todo em silêncio.

Zimmerman suspira, gentilmente colocando a caneta na mesa e entrelaçando os dedos. Ele se recusa a desviar o olhar de mim ou aceitar um não como resposta. Por que ele não pode simplesmente desistir de mim já? Eu sou uma causa perdida. Quero gritar na cara dele, dizer para ele parar de tentar me consertar.

“Você vai apodrecer aqui pelo resto da vida se não aceitar a oferta da diretoria. Eu não posso enfatizar o quão preciosa é essa

chance. Não desperdice,” ele implora.

Mastigando minhas unhas irregulares, saboreio a mordida da dor e o sabor acobreado do sangue. “Por que não devo desperdiçá-la?”

Zimmerman balança a cabeça, claramente exasperado. “Porque você tem potencial. Não permita que o passado controle seu futuro.”

“Não tenho futuro. Isso é o que o tribunal disse quando eles me enviaram para você,” eu indico.

“Isso foi há quase dez meses. Não estamos progredindo aqui, você precisa estar em um ambiente diferente. Este lugar não é adequado para você. É por isso que você precisa considerar seriamente o que discutimos ontem.”

Eu zombo, um sorriso divertido puxando meus lábios. “Estou com o resto dos malucos, não estou? Exatamente onde eu pertenço.”

“Não. O povo daqui nunca vai embora, muitos nem vão melhorar. Com o tratamento e gerenciamento corretos, você ainda pode ter uma vida. Você só tem vinte e um anos.”

Eu finalmente encontro seus olhos. Sobrancelhas franzidas, as rugas ao redor de seu rosto são ainda mais pronunciadas do que o normal. Ele está cansado. Cansado. Farto das nossas sessões de terapia inúteis.

“E a minha sentença?”

“Se você completar três anos na Blackwood e provar que está reabilitada o suficiente para não representar uma ameaça, estará livre para ir,” explica Zimmerman. “O pedido já foi assinado pelas autoridades. Você entende a oportunidade que lhe foi dada?”

Oportunidade. Eu não mereço isso. Não mereço nada, nem mesmo viver. Se eu aceitar a transferência, finalmente estarei livre do peso das enfermeiras me observando. Não vai ser difícil encontrar uma corda, eu sei amarrar uma corda. Ou vou esconder minhas pílulas e, sem elas verificando debaixo da minha língua todos os dias, não demorará muito para acumular o suficiente para uma overdose.

Com um plano tentador se formando, eu tento minha melhor voz obediente, enxugando qualquer traço de amargura. Ele não pode saber o que estou planejando, não se vou ter sucesso.

“O que vou estudar lá?” Eu pergunto, fingindo interesse.

É isso, continue sorrindo. Balance sua cabeça.

Jogue a boa menina e então você pode morrer.

“Qualquer coisa que você quiser. Blackwood é o primeiro de seu tipo, um verdadeiro tratamento experimental de ponta misturado com educação. A taxa de recuperação é fenomenal. Você pode viver lá confortavelmente, aprender o que quiser. Construir uma vida para você. Isso não soa bem?”

“Bem, eu gostaria de me sentir normal de novo,” ofereço inocentemente.

Eu disse isso certo? Convincente o suficiente? Não sei como cooperar, nunca fiz isso antes. Se ele fosse um médico meio decente, saberia que estou mentindo de qualquer maneira. Nunca conheci a normalidade. Nem por um segundo. Por que eu iria querer isso agora?

“Exatamente. Estou tão feliz que você está interessada. Eu realmente acredito que você pode prosperar lá.”

Zimmerman desliza a prancheta, abrindo a caneta para eu pegar. Olhando para a papelada, observo o brasão ornamentado no canto superior direito. As palavras 'Ex Malo Bonum¹' são tecidas através da imagem em um roteiro ondulado.

“Assine aqui,” ele instrui, apontando para a linha pontilhada esperando minha assinatura.

Eu passo a caneta, considerando. Se eu assinar isto, serei transferida na próxima semana. São mais sete dias neste inferno. Depois, liberdade. Uma imagem surge em meu cérebro, uma memória que me assombra a cada momento. Sangue jorrando de sua boca enquanto eu cortava sua garganta, a faca que eu esfaqueei em seus dedos insistentes para liberar seu aperto esmagador. Meus movimentos entraram em pânico, com soluços de dor ecoando ao meu

redor, fechando as paredes com o peso dos meus crimes.

Quem sabia que a morte era tão barulhenta e confusa?

Terminando de escrever meu nome, coloco a caneta triunfante na mesa. Meu destino está marcado para este lugar misterioso, por enquanto. As instalações e os programas não me atraem, enfio os folhetos no bolso sem olhar. Não pretendo ficar por muito tempo. Vou acabar com minha existência patética na primeira chance que tiver.

“Estou orgulhoso por você ter dado esse passo. Você tem um futuro brilhante pela frente.” Zimmerman irradia. “Este é o começo de uma nova jornada para você.”

Um Brooklyn

Phobia by Nothing but Thieves

“Vamos colocar esse show na estrada, é uma longa viagem até o País de Gales.”

Ignoro as vozes dos guardas, a conversa estúpida rapidamente substituída pela crepitação do motor da van. Este pedaço de merda está em suas últimas viagens desde o dia em que cheguei. As restrições orçamentárias os impedem de substituí-lo, suponho. O governo sempre tem dinheiro para bombas e guerras, mas nunca para os lugares que realmente precisam.

Enquanto nos afastamos, olho para trás pela janela traseira. A Unidade Psiquiátrica Clearview fica menor à distância, eventualmente desaparecendo na densa poluição de Londres. Respiro aliviada. Nunca pensei que veria os fundos daquele lugar. A única maneira de sair é em um saco para cadáveres, o que, apesar dos meus melhores esforços, nunca aconteceu. Após dez meses de fracasso, parece que o conselho finalmente desistiu.

Agora, eu sou problema de Blackwood.

Descansando minha cabeça contra o vidro frio, eu me enrolo em uma posição mais confortável. Bloody Nylah ficou gritando a noite toda. Quando as enfermeiras finalmente a arrastaram, uma salva de palmas soou na unidade. Ela adora fazer cena, principalmente quando ameaçam o tubo de alimentação. O resto de nós só quer dormir, porra. Não posso dizer que sentirei falta de sua bunda magra e irritante.

Eu me pergunto como será neste lugar. Zimmerman fez parecer chique, tudo com financiamento privado e essas merdas. Este instituto é a joia brilhante da comunidade psiquiátrica. As palavras revolucionário e progressista foram jogadas na minha cara a semana toda. Por que me importo com o que essas pessoas pensam que estão

fazendo? Ainda é uma cela de prisão, não importa como esteja vestida.

Não que isso faça diferença. Se não tivessem me prendido em novembro, eu teria conseguido me matar. Essa era a próxima etapa do meu plano. A única razão pela qual ainda estou viva são aquelas malditas enfermeiras intrometidas em Clearview que insistiram em supervisão estrita após o último incidente.

Meus dedos automaticamente sobem pela manga. A cicatriz é grossa e retorcida sob meu toque, estendendo-se até meu antebraço. Eu acaricio a pele, respirando tranquilamente.

Ninguém pode me parar desta vez.

Recuso-me a viver um segundo a mais do que o esperado.

As horas passam dolorosamente lentas enquanto dirigimos pelo campo. Eu me desconcentro completamente na maior parte do tempo. Isso acontece muito. É difícil manter o foco quando você está drogada até os ossos com mais remédios do que eu consigo acompanhar. Muito mais tarde, as portas batem quando eu forço meus olhos a abrir, sombras escuras preenchendo a parte de trás da van. Eu posso ouvir os dois guardas rindo enquanto esticam seus corpos.

“Vamos deixar essa cadela e ir no pub para uma bebida rápida, sim?”

“Eu poderia tomar uma bebida para a viagem de volta. Este lugar me dá arrepios de qualquer maneira, todos aqueles olhos mortos observando você. Me lembra um cemitério, não a porra de um hospital.”

“Não cague nas calças, companheiro. Os malucos estão trancados aqui por um motivo.”

Paul, também conhecido como Idiota Um, abre a porta lateral e sacode a cabeça, acenando para que eu saia. Uma vez que estou de pé, ele ostenta um par de algemas familiares.

“Realmente?” Eu bufo.

“Cala a boca, Brooke. Você conhece a política.”

“Você não se incomodou muito com a política quando meus lábios envolveram seu pau na semana passada. E não me chame de Brooke. Quantas vezes tenho que dizer?”

Ele aperta as algemas desnecessariamente, olhos estreitados com raiva. “Mantenha sua linda boca fechada sobre isso ou eu vou ter que denunciá-la. Tomar pílulas é disciplinar, talvez até aumente sua sentença.”

“Você é o único que as deu para mim, idiota,” eu cuspo de volta.

Sou arrastada pelo estacionamento, com Idiota Dois fechando a retaguarda. Ambos parecem desesperados para se livrarem de mim, quanto mais cedo melhor. Sempre tive um jeito de irritar os guardas, nenhum deles jamais gostou da minha boca esperta. Como se eu me importasse com o que eles pensam de qualquer maneira.

“Não se esqueça da minha bolsa!” Eu falo.

“Eu peguei, cadela estúpida. Cara, espero nunca mais ver você.”

“Acredite em mim, o sentimento é mútuo, seu velho bastardo feio.”

Qualquer outra discussão para rapidamente quando saímos do estacionamento, seguindo por uma rua de paralelepípedos envolta em névoa espessa. A temperatura caiu significativamente entre aqui e Londres, pesadas nuvens de tempestade pairando baixas no céu.

“Idiotas galeses de merda. Cara, eu odeio o campo,” reclama Paul.

Reviro os olhos. “Deixe-me em casa e você pode ir se foder então.”

Ele me empurra, os dedos cavando em meus pulsos enquanto me escoltam pelo terreno. Chegamos a um enorme conjunto de portões de ferro forjado ameaçadores, escondendo uma monstruosidade gótica que está à frente. Paul muda de posição impacientemente, apertando o botão do interfone para chamar a atenção.

“Transferência de Clearview aqui para desembarque.”

Há um zumbido em resposta, seguido por um barulho pesado quando os portões se abrem.

“Jesus,” eu sussurro baixinho.

“Bem-vinda ao paraíso, querida,” ele incita.

O Instituto Blackwood é uma visão imponente. Está em algum lugar entre uma catedral luxuosa e uma universidade antiga, com torres em espiral, vitrais vibrantes e pedra preta polida. Salgueiros pontilham a paisagem, folhas balançando ao vento. A névoa que desce rapidamente aumenta o aspecto assustador, obscurecendo grande parte do cenário.

Uma sensação desconfortável rasteja pela minha espinha, deixando-me no limite imediatamente. Há algo sobre este lugar, um sentimento inexplicável que dispara alarmes mentais. Eu olho em volta para a fonte do meu mal-estar, mas não encontro nada. Talvez eu só esteja perdendo o controle. Dificilmente sou uma garota-propaganda de sanidade.

Depois de fechar o caminho, passamos por baixo de um grande arco. O familiar brasão ornamentado é exibido no ápice, anunciando com orgulho o instituto e sua data de fundação. Apenas no caso de você não saber que delinquentes instáveis estão por vir.

Há dois guardas de rosto cinza em cabines de cada lado, guardando a entrada principal. Conforme subimos, noto a vasta seleção de câmeras CCTV, colocadas em todos os ângulos. Olhos pretos mortos piscam enquanto nossa presença é registrada. Uma breve troca de informações depois, somos escaneados com detectores de varinhas e finalmente autorizados a entrar. Eles nem mesmo me dão um olhar superficial enquanto verificam se não estou carregando armas e examinam minha bagagem, aparentemente um pouco acostumados a ver chegadas tarde da noite algemadas.

Que diabos é esse lugar?

O prédio que se aproxima lança luz sobre os gramados bem

cuidados. Passes verificados, somos conduzidos a uma área de recepção calorosa. O teto se estende infinitamente para cima, com lustres brilhantes aumentando o luxo. Perco a conta das pinturas espalhadas, juntamente com esculturas estúpidas e outros artefatos. Tudo grita riqueza e antiguidade.

Isso é uma universidade, uma prisão ou a porra de um museu?

Paul bate na campainha da mesa, zombando enquanto olha ao redor da sala. “É como um hotel cinco estrelas aqui. Dificilmente adequado para uma criminosa como você, Brooke.”

“Não se preocupe. Se você não estivesse me deixando, sua pobre bunda de merda nunca veria um lugar como este. Aproveite enquanto pode,” eu brinco de volta.

Dando uma rápida olhada ao redor, Paul puxa as algemas para me trazer para mais perto. Quando uma mão segura minha bunda e aperta, eu luto contra o desejo de tremer. Ele não merece a satisfação.

“Não precisa ser rude. Podemos não nos ver novamente, o que é uma pena. Mesmo que você seja uma vadia drogada,” seus lábios escovam minha orelha, hálito úmido e pegajoso. “Você ainda tem uma boceta bem apertada.”

Mãos batem palmas, assustando-o. Eu consigo desviar meu olhar do chão, minhas bochechas queimando pela humilhação pública.

“Há algum problema aqui, senhores?”

O recepcionista olha entre nós, questionando com olhos castanhos. Meu olhar percorre seu cabelo loiro bem penteado, camisa impecável com gravata azul combinando e elegantes óculos pretos.

“Não. Apenas deixando esta encenqueira para você,” Paul responde presunçosamente.

“Tenho certeza que você pode fazer isso sem tocá-la, humm?”

Resmungando baixinho, Paul dá um passo para trás e relutantemente destrava as algemas apertadas. Esfrego os pulsos, erguendo o queixo em desafio.

“Tchau então, não deixe a porta bater na sua bunda ao sair.” Eu sorrio.

Uma risada é abafada por trás da mesa, mas eu não desvio meus olhos. Ainda não. Paul precisa se lembrar de mim assim. Cabeça erguida, não pisoteada por sua necessidade de me quebrar. Ninguém mais se safava disso.

“Vejo você no inferno, querida,” ele cospe, assinando rapidamente os papéis da transferência e voltando para a noite sem olhar duas vezes. Boa viagem, porra.

“Bem, isso foi desagradável para dizer o mínimo.” O recepcionista ri.

Minha atenção se volta para ele, parado ali com um sorriso fofo no rosto. Ele é fofo de um jeito de garoto da porta ao lado. Um pouco nerd para o meu gosto, mas há algo atraente em alguém te defender, mesmo quando você não precisa de ajuda. Vai demorar muito mais do que isso para arrancar de mim um sorriso igual. Eu não faço amizades muito bem.

“Ele é assim,” eu ofereço com um encolher de ombros.

“Claro. Os guardas tendem a ter um complexo de superioridade, que vem com a autoridade.” Ele ri, ajustando os óculos distraidamente. “De qualquer forma, você tem um nome?”

Sem palavras, levo um minuto para perceber o que ele está perguntando. Oh, certo. Recepcionista. Pare de verificar o quão apertada é a camisa dele. “É Brooklyn West. Transferida de Clearview,” murmuro.

Ele levanta uma sobrancelha loira pálida, os dedos voando pelo teclado. “Huh, poucas pessoas vêm de lá. Como você conseguiu isso?”

“É da sua conta?”

“Acho que não,” ele admite. “Espere, eu preciso chamar o vice-diretor para vir verificar você. Ele está te esperando. Eu volto já.”

Ele desaparece no escritório, deixando-me para olhar em volta.

Vejo vários guardas parados em cada canto. Seus olhos redondos estão fixos em mim, as mãos apoiadas em bastões discretamente colocados. É enervante, mas francamente, eu não esperaria nada menos de um lugar como este. Somos apenas criminosos para eles. Uma horda sem rosto para mandar.

O recepcionista logo retorna com um homem mais velho a reboque. Ele está vestido com um feio terno de lã, cabelos grisalhos penteados para trás e uma barriga corpulenta pendurada sobre o cinto. Eu espio sua identidade e noto o nome 'Mike Tramwell' escrito ao lado de uma foto nada lisonjeira.

“Brooklyn?” Ele pergunta sem emoção.

“Em carne e osso.”

“Você está atrasada. Estávamos esperando você esta tarde.”

“Não olhe para mim, eu só vou quando me mandam.” Eu dou de ombros quando ele franze a testa para mim. “Aqueles capangas de Clearview foram os responsáveis pela minha transferência.”

“Esses malditos hospitais não respeitam o tempo,” Mike resmunga, folheando os papéis e deslizando uma pilha para mim. “Assine e vamos acabar logo com isso. Estou atrasado para o jantar. O restante das formalidades terá que esperar até amanhã, quando os psiquiatras voltarem.”

Eu bufo, folheando os formulários e assinando sem me preocupar em lê-los. Eu não dou a mínima para o jantar dele, nem me importo com o que estou assinando. Não tenho intenção de ficar por aqui por muito tempo, isso pouco importa. Pelo menos meu atraso me salvou de enfrentar mais alguém esta noite. Eu e os médicos não nos damos exatamente bem, especialmente quando estou cansada e com pouca foda para dar.

Mike arquiva os formulários assinados antes de estalar os dedos para um dos guardas, acenando para que ele se junte a nós. “Verifique-a e seja rápido.”

“Seriamente? Acabei de vir de um lugar como este. Você

realmente acha que tenho alguma coisa escondida?” Eu gemo, dando um passo para trás. Se eles me tocarem, pagarei caro.

“Procedimento padrão. Vamos ter um problema?”

Um dos guardas agarra minha bolsa, abrindo-a rapidamente e depositando o conteúdo no balcão da recepção. Eu observo com os dentes cerrados enquanto ele vasculha meus escassos pertences, independentemente de qualquer aparência de privacidade que eu tenha deixado. O outro marcha em minha direção, preparando-se para fazer uma revista.

“Não me toque, porra,” eu advirto.

Minha resistência se mostra inútil quando sou empurrada para a mesa, meu rosto pressionado contra a madeira. É humilhante, as mãos me apalpando e vasculhando meus bolsos, enquanto o recepcionista bonitinho assiste com desgosto.

“Tire os sapatos,” o guarda resmunga.

“Cai fora,” eu respondo brevemente.

Depois de uma briga curta que deixou minhas bochechas queimando, ele joga meus tênis surrados de volta para mim e declara que estou bem. Eu xingo baixinho enquanto os amarro, e uma mão aparece para me ajudar a levantar. Aqueles olhos castanhos me encaram, esperando ansiosamente que eu aceite a oferta de ajuda.

“Eu sou Kade. Bem-vinda a Blackwood.”

Foi um bem-vinda de merda.

Eu ignoro os dois enquanto arrumo minha bolsa, olhando para os artigos de higiene confiscados jogados em uma lata de lixo. Os itens restantes são simplesmente deixados de lado para eu classificar. Meus dedos roçam a costura na parte inferior, escondendo as coisas que realmente me interessam. Felizmente, eles não notaram nada de errado.

“Ela está nos dormitórios de Oakridge, aqui está o passe temporário até que ela consiga sua identidade.” Mike desliza um

cartão-chave para Kade. “Você pode resolver o resto dos arranjos pela manhã? Essas são as coisas importantes.”

“Vou levá-la agora antes de desligar. É muito tarde para uma turnê, mas farei isso com as outras coisas amanhã durante meu período livre,” responde Kade.

Mike desaparece no escritório, deixando-nos sozinhos com os guardas ainda me observando de perto. Arrasto meus pés, esperando que Kade reúna alguns livretos e sua jaqueta. Ele me encontra do outro lado da mesa. “Preparada? Vamos.”

O suor ansioso cobre minhas palmas enquanto caminhamos para a saída, minha cabeça começando a zumbir com o pânico crescente do desconhecido. Levei tanto tempo para me ajustar à vida em Clearview, agora estou presa no ciclo vicioso de fazer tudo de novo. Mal posso esperar para me livrar de tudo, não mais sujeita às leis e ao controle dos outros.

Kade lidera o caminho, deixando-me para trás. “Você está em Oakridge. O mesmo que eu.”

Eu empurro meu medo de lado e me concentro nele, olhos fixos em seu corpo alto e ágil e cintura fina. Eles certamente não se parecem com isso de onde acabei de vir, com certeza. Ele está em boa forma. Aquela camisa e gravata estúpidas estão definitivamente escondendo um peito firme.

Então eu pego suas palavras. “Espere, o mesmo que você?”

“Você pensou que eu trabalhava aqui, não é?”

Bem, foda-me de lado. Mauricinho é um paciente? Ou, mais precisamente, um prisioneiro. Este lugar parece impressionante, mas há câmeras CCTV suficientes espalhadas para me dizer o contrário. Estamos sendo observados de perto a cada passo que damos.

“Não se preocupe, a maioria das pessoas se preocupa. Eu apenas ofereço algumas horas no escritório todas as semanas. Mantém-me ocupado e nos bons livros com a gestão. É divertido ajudar.”

“Claro,” eu respondo sarcasticamente. Divertido? Realmente?

Que tipo de unidade de segurança permite que seus detentos trabalhem para eles? Não recebo mais explicações enquanto ele escaneia sua identidade na porta, guiando-me para a noite escura. Eu automaticamente aperto minha jaqueta contra o frio. Acho que é outono, mas quem sabe? O tempo perde todo o significado quando você está separado da realidade.

“Qual a data de hoje?”

Kade me dá um olhar estranho. “Uh, 23 de setembro.”

Foda-se. Para onde foi todo esse tempo? Quase um ano da minha vida desapareceu no ar. É como se eu parasse de viver da noite para o dia e me tornasse um fantasma para o mundo. Meu aniversário está próximo, daqui a apenas dois meses. Não posso viver para ver esse dia. Custe o que custar, devo estar morta antes de novembro.

“Vai ser mais fácil ver à luz do dia, mas este é o pátio. É o centro do instituto, tudo o mais o envolve,” continua Kade.

Gesticulando em torno da extensão de grama e jardins perfeitos, é salpicado de mesas de piquenique e lâmpadas de rua da velha escola que lançam um brilho laranja. Mais caminhos de paralelepípedos serpenteiam para fora, levando a outros edifícios datados à distância. Parece que voltamos no tempo algumas centenas de anos, quase espero que um cavalo e uma carruagem apareçam a qualquer momento.

“E o resto?” Eu pergunto.

“Vou mostrar a você a primeira hora da manhã. Você deve estar cansada.”

Eu aceno, mordendo meu lábio. Por que estou interessada em vê-lo de qualquer maneira? Nada poderia me manter aqui por mais um segundo. Não importa o quão bom este lugar pareça ser.

Kade limpa a garganta. “Então, o que a traz a Blackwood?”

Descemos o caminho central, indo em direção a um edifício brilhante à distância. Torres contornam o telhado, com janelas em arco e tijolos mais acentuados. O tema gótico parece ser uma

característica permanente por aqui.

“Brooklyn?” Ele pressiona.

Não respondi por um motivo, espertinho.

Com outro suspiro, ele continua independentemente. “Bem, espero que você goste daqui. O ensino é decente e há muito o que fazer. Seus três anos vão voar, tenho certeza.”

Esse cara nunca para de falar? Eu não poderia me importar menos com o ensino. Eu certamente não vou fazer isso por três anos. Sua voz suave como mel está conseguindo me irritar. Estou condicionada ao silêncio agora, em vez de uma conversa casual.

“Estou aqui há dezoito meses. Não é realmente ruim.”

“Olha,” eu interrompo, “tanto quanto eu aprecio o pensamento, podemos não conversar? Clearview foi uma droga, e este lugar também será. Seus guardas já me humilharam o suficiente por uma noite. Não há mais nada a dizer, então apenas me mostre meu quarto e vá se foder, certo?”

Segure-se.

Você pode se perder em particular. Continue respirando.

“Claro,” ele murmura enquanto subimos os degraus para os dormitórios.

Ao entrar no prédio, somos bombardeados com calor. Pisos xadrez polidos, paredes ricas em painéis e pinturas mais feias me cercam. É certo que é bastante agradável. Uma espécie de casa senhorial ou algo assim. Muito longe das paredes brancas e pisos de linóleo da minha última prisão. Quero dizer hospital.

Kade faz uma pausa para inspecionar a papelada. “Parece que você está no quarto andar.”

“Cartão de acesso?” Estendo a palma da mão.

Olhos castanhos que lembram poças de caramelo derretido salpicados de verde me encaram. Por fim, Kade entrega o cartão-chave e uma coleção de livretos informativos. “Você precisa de uma foto

tirada para sua identificação.”

“Amanhã, certo? Eu estarei lá.”

Minha pele está tensa e espinhosa, um sinal claro de que preciso ficar sozinha. Tive mais interação hoje do que em dez meses na Clearview. Meu cérebro não consegue lidar com tudo isso. A necessidade de se esconder aumenta, meus dedos têm espasmos.

“Você não tem nenhuma pergunta? Nada?”

“Não. Boa noite, Kade.”

Virando as costas em sinal de dispensa, pego minha única bolsa e subo as escadas próximas, subindo dois degraus de cada vez. Mais rápido, mova-se. Não deixe que ele veja você desmoronar. Isso é privado, ninguém tem permissão para ver sua vulnerabilidade. Fraqueza é igual a exploração em lugares como este.

No momento em que viro a esquina, o rosto irritado de Kade desaparece. Alívio solta meu peito, respirando um pouco mais fácil. Continuo a correr para cima, vasculhando a papelada enquanto vou. Quarto 20. Ocupação individual, graças a Deus. Ter um colega de quarto só vai complicar as coisas se eu quiser ter sucesso em meus planos.

Estou ofegante quando chego à minha porta, olhando para o corredor iluminado por arandelas tradicionais em papel de parede brocado escuro. Em algum lugar distante, um rap raivoso soa. Há gritos vindos de trás de uma das portas, seguidos de um forte estrondo.

“Dê o fora, agora!”

Uma voz profunda ruge quando uma loira seminua é empurrada para fora, a porta se fechando rapidamente na cara dela. “Você é um bastardo doente, Hudson!” Ela grita, chutando a madeira em frustração.

Eu me atrapalho com o cartão-chave, tentando destrancar a porta. Leva muito tempo e posso sentir seus olhos em mim enquanto ela se vira, juntando as roupas jogadas a seus pés. Olhar para cima é

um erro, a carranca lançada em minha direção queima como ácido.

“Que porra você está olhando? Aberração.”

Normalmente eu ficaria e a irritaria por algum entretenimento, mas o tremor em minhas mãos está piorando. Eu estou correndo contra o tempo.

Click. Finalmente abrindo a porta, entro sem dizer mais nada. Minha testa cai na madeira, os olhos se fechando. Batimento cardíaco martelando em meus ouvidos, eu permito que o soluço finalmente se solte da minha boca.

O vermelho pisca atrás das minhas pálpebras, poças de sangue se acumulando rapidamente à medida que a imagem se forma. Não importa o quanto eu balance minha cabeça, não consigo me livrar disso - o pesadelo que me persegue. Vejo o abajur quebrado e virado no chão. Uma garrafa de cerveja quebrada em cacos ao nosso redor. Aço frio apertado em minha mão enquanto eu escorregava e deslizava através de riachos de sangue.

As sombras me envolveram naquele dia, endurecendo minha espinha e adicionando combustível à minha raiva. Eles sussurraram seus comandos mortais. *Matar é fácil, Brooklyn. Você só precisa ter coragem.*

Abro minha bolsa, caindo contra a porta sem nem me preocupar em acender a luz. O luar ilumina o quarto o suficiente para eu ver o que estou fazendo. Meu dedo desliza ao longo da costura até encontrar meu esconderijo secreto, tocando a ponta de uma lâmina escondida.

Chupar Paul tinha suas vantagens, uma garota tem que fazer o que é necessário para sobreviver. Ele era bom para algumas coisas, pelo menos. As pílulas que ele roubou e esse precioso contrabando valeram a degradação. Isso é o que eu digo a mim mesma de qualquer maneira.

Tirando minha jaqueta e enrolando a manga do meu suéter, eu acaricio a pele pálida do meu braço. Cicatrizes peroladas encontrando

meus dedos, os cumes irregulares imortalizando meus pecados. É tudo sobre punição. Ninguém deveria se safar com o que eu fiz.

Navalha encontra carne, dor quente me concedendo satisfação instantânea. Eu pressiono com força e mordo meu lábio, saboreando a queimadura resultante. A umidade se espalha, descendo até meu cotovelo. Eu dou uma espiada, a visão de trilhas escuras fazendo meu coração bater mais forte enquanto minha boca enche de água.

Tão bonito pra caralho.

Três cortes irregulares e pronto. Somente três. O controle é necessário, se você fizer muitos, a emoção diminui. O prazer vem com precisão, não com desespero.

Nem sempre fui assim. A maioria culpa os outros por seus demônios. Somos todos vítimas de uma forma ou de outra, certo? Mas eu não. Não há mais ninguém para culpar. Eu fiz isso sozinha.

Eu sou a porra do monstro nesta história.

Dois

Kade

Jaws by Sleep Token

Fico paralisado, observando-a subir as escadas correndo. Minha boca relaxa com choque e indignação. Eu deveria estar acostumado com a grosseria deste lugar, boas maneiras e saúde mental realmente não se misturam. Isso me serve bem por ser o Sr. Cara Bonzinho. Nem todo mundo quer ser ajudado.

Balançando a cabeça, eu faço meu próprio caminho até o quarto andar. Peito queimando a cada passo, a indignação faz meu maxilar cerrar. Ela é uma ninguém. Apenas mais uma causa perdida para este inferno reivindicar.

Cheguei na metade do programa, faltam apenas mais dezoito meses. Mal posso esperar para sair daqui e nunca mais olhar para trás. Destrancando a porta, sou imediatamente recebido por meu colega de quarto gritando jogando Xbox como um hooligan. Eu entro, colocando meu casaco e as chaves para baixo antes de franzir a testa para ele.

“Cara, já se passaram sete horas. Você ainda está jogando esse jogo estúpido?”

Phoenix ergue o queixo, recusando-se a tirar os olhos da tela. “É domingo. Saia de cima de mim, Kade.”

“Exatamente. Você tem um trabalho para entregar amanhã, certo?” Eu suspiro.

Ele dá de ombros com indiferença, apontando para a outra cama.

“Tenho tudo sob controle.”

Olho para minha própria cama. Eli está enfiado no canto, um moleto enorme cobrindo seus cachos castanhos selvagens e bloqueando o mundo. Posso ver sua mão fazendo horas extras daqui,

fazendo a redação, sem parar para respirar. O cara é uma máquina quando o assunto é academia. Há uma mente incrível enterrada em algum lugar.

“Eli não pode fazer todo o seu dever de casa para você, idiota,” eu repreendo.

“Por que não? Ele gosta de fazer isso.”

“É por isso que você mudou para história? Só porque ele estava fazendo isso também?”

Um sorriso confiante cruza o rosto de Phoenix. “Pode apostar. Minhas notas nunca foram tão altas.”

Idiota. Ele é apenas quatro anos mais novo que eu, mas se comporta mais como um menino de doze anos do que como um homem adulto de dezenove. Eu caio na minha cama com um suspiro derrotado. Eli imediatamente muda de posição, a mão pálida se estendendo para acariciar meu cabelo. É sua maneira de me receber em casa sem dizer uma palavra, e eu saboreio o contato de olhos fechados. Para o bem ou para o mal, esses dois são minha família. Nossos laços são mais profundos do que o sangue jamais poderia ser.

“Você está particularmente mal-humorado hoje, o que está deixando você em um turbilhão?” Phoenix pergunta.

A garota pisca em minha mente novamente. Brooklyn. Pernas longas, cabelos loiros lisos e olhos grandes e mortos. O que há nela que me deixa tão nervoso? Eu normalmente não dou a mínima para ninguém além dos caras.

“Temos uma recém-chegada. Ela deu uma boa impressão.”

O som de tiros e motores de corrida para quando Phoenix interrompe abruptamente o jogo. “Uma garota? Ela é gostosa?”

“Eu acho. De algum lugar chamado Clearview.”

A mão emaranhada no meu cabelo de repente congela. Encontro os olhos arregalados de Eli. Merda, é onde eu já ouvi esse nome antes. Naturalmente, verifiquei os arquivos desses caras quando nos

tornamos amigos. Eu sou um maníaco por controle às vezes. Bem, o tempo todo.

“Desculpe cara,” murmuro.

Ele simplesmente balança a cabeça, a mão recuando e voltando ao ensaio enquanto ele se enterra mais no moletom para escapar. Eu coloquei meu pé lá como um completo idiota.

Phoenix sorri. “Você normalmente não percebe coisas assim.”

“Como o que?”

“Se uma garota é gostosa ou não.”

Revirando os olhos, afrouxo minha gravata e abro alguns botões da camisa. “Cale a boca, Nix. É só uma observação.”

“Parece que você a observou com muito... entusiasmo.”

Depois de tirar meu sapato social, eu o lanço pela sala. O grito de dor resultante me faz sorrir. “Ela não é nada. Vamos falar sobre outra coisa, sim?”

Phoenix resmunga em concordância, jogando o sapato de lado e esfregando a cabeça. Deslizo meu telefone do bolso, verificando se Hudson já retornou minhas ligações. Claro que não.”

“Você viu Hud hoje?”

“A última vez que o vi, ele estava saindo para transar com Britt novamente.”

Que diabos ele está jogando? Só a ideia daquela cadela me tocando é revoltante. Não há um cara em Blackwood com quem ela não tenha experimentado pelo menos uma vez.

“Certo. Vou tomar um banho,” eu afirmo.

“Não demore muito. Vamos jogar futebol com o Rio em meia hora.”

“Nós temos que ir? Ele é um idiota.”

“Concordo, mas devo a ele por aquelas cervejas e cigarros.

Temos que jogar.”

Indo para o banheiro compartilhado, bato a porta. Não suporto Rio e sua comitiva idiota. Todos aqueles atletas me deixam louco. Como se fosse um requisito para ser um idiota cabeça de vento. Não é preciso muito para ser um ser humano decente nos dias de hoje.

Abandonando meus óculos e roupas, entro no chuveiro, aumentando o calor para o máximo. A tensão vibra sob minha pele. O sarcasmo do Brooklyn foi o que me deixou de mau humor. Ninguém fala assim comigo por aqui, a maioria me vê como intocável. Eu sou o único que tem permissão para trabalhar no escritório. A posição me concede um nível de respeito e imunidade.

A maneira como ela passou direto por isso, foda-se se isso não me excitou um pouco. Eu tenho que me controlar. Sem apegos, sem distrações. Esse era o acordo. Estou aqui por uma razão e apenas uma razão. Nada pode me distrair disso.

Seus olhos vazios e sem vida entram em minha mente novamente. O olhar de raiva envergonhada em seu rosto quando aquele canalha estava com as mãos em cima dela. Sua língua afiada batendo de volta, apesar do tremor revelador em seu corpo. Caramba, isso foi uma visão bonita de se ver.

Minha mão envolve meu pau duro. Eu não tenho paixões no pátio da escola como um adolescente apaixonado. No entanto, tudo que eu quero é bater em sua porta até que ela atenda, tomá-la em meus braços e roubar o olhar de desespero que está tão claramente cimentado em seus olhos.

Descansando minha outra mão contra a parede, eu trabalho meu eixo quase com raiva, frustrado por meu próprio desejo irracional. Imagino o suéter folgado caindo de seu corpo, revelando a pele branca cremosa. Beijando meu caminho até seu estômago, seio, pescoço. Lábios se encontrando, ela está ofegando em minha boca enquanto eu a toco onde ela quer. Não onde aquele cara se forçou. Não demora muito para que eu esteja gemendo minha libertação.

Ela é apenas a novata. Isso é tudo. Eu logo vou esquecê-la, ela

vai ficar em segundo plano como o resto dos idiotas deste lugar. Insignificante e sem importância. Ninguém prende minha atenção por muito tempo, não por aqui.

Mais dezoito meses. Porra, não pode ir rápido o suficiente.

Três

Brooklyn

I Want Out by Lowborn

A luz do sol me banha de calor. Faixas de laranja, rosa e vermelho pintam o céu, a escuridão da noite diminuindo. Deixei meus olhos arenosos se fecharem, saboreando a sensação. Faz muito tempo desde que assisti a um nascer do sol que não estivesse atrás de grades de metal.

Minha mãe costumava me arrastar para fora da cama para fazer isso com ela quando eu era criança. Não importa o tempo, faça chuva ou faça sol. Ela insistia que assistíssemos, e isso se tornou um ritual diário durante a maior parte da minha infância. Até que ela deixou minha vida para sempre em uma nuvem de cinzas.

Vamos, Brooke.

Coloque-se no caminho da beleza.

Outro bocejo sai da minha boca. Estou exausta. No momento em que passei minha mão por cada centímetro do pequeno quarto designado para mim, já passava da meia-noite. Mas você sempre tem que verificar, aprendi isso rapidamente em Clearview. Quando me colocaram na solitária pela primeira vez, descobri um estoque de comprimidos em um tijolo rachado. Com base no estado de coma em que me deixaram depois de uma overdose, foram os remédios de alguém que engoliu falsamente e guardou para um dia chuvoso.

Esses presentes não foram deixados para mim aqui.

Vou ter que fazer isso sozinha.

Passos próximos quebram minha preciosa solidão e eu olho em volta, meus olhos pousando em um corredor matinal. Parece que não sou a única que não consegue dormir.

Ele é desengonçado, com membros longos e vibe de skatista

magro. Mesmo daqui, posso ver os cachos densos saindo de seu boné de beisebol. Minha atenção se concentra nos músculos rígidos de suas panturrilhas. Ele é trincado de uma forma que sugere que esta é uma rotina regular de exercícios.

Ele não percebe minha presença e continua correndo. Eu realmente não quero conversar. Fiquei acordada a noite toda, me revirando enquanto as paredes riam de mim. Apenas o pensamento da minha próxima excursão matinal deixa minha boca seca. Aquele nerd mauricinho, Kade, deveria estar me levando.

Eu não preciso de um passeio.

Depois de ver o psiquiatra, posso fazer a bola rolar.

Não demorará muito para preparar um belo coquetel de drogas. O suficiente para parar meu coração e me sufocar até a morte. Não é um caminho bonito a percorrer, mas os mendigos não podem escolher. O nível de privacidade que tenho neste lugar é incrível. Eles fazem você cagar com a porta aberta em Clearview, então isso é a porra de um sonho para mim. Doc estava certo, que oportunidade. Uma que pretendo abraçar totalmente.

Eu saio pelo pátio, com a intenção de evitar a multidão. Serei apenas carne fresca para eles separarem e intimidarem. Ainda me lembro do meu primeiro dia em Clearview. Os guardas me levaram para a sala de recreação e me sentaram entre os outros condenados à prisão perpétua. Eles estavam trocando diagnósticos como se fosse uma maldita festa do pijama, todos competindo entre si. Foda-se isso.

Estou chocada quando a porta de entrada se recusa a abrir. Nem um pouco. Xingando, eu chuto a coisa estúpida enquanto ela ainda não se mexe, batendo meu corpo nela e saboreando a dor resultante. Ainda não tenho a porra da identidade. Kade me deixou entrar ontem à noite.

Há um bipe agudo e ela se abre, fazendo-me tropeçar. Minhas costas batem em algo duro, mas é muito quente e cheira bem para ser uma parede. Eu viro minha cabeça e encontro os olhos verdes brilhantes do corredor. Ele está olhando para mim inexpressivamente,

parecendo quase chocado. Suas mãos agarram meus braços para me impedir de cair.

“Uh, obrigado,” eu gaguejo.

Ele continua a olhar diretamente para mim, aqueles orbes esmeralda perfurando com inteligência. Nenhuma palavra sai de seus lábios enquanto ele me estuda antes de finalmente liberar seu punho de ferro. Observo enquanto ele desaparece dentro do prédio, deixando-me olhando para suas costas como uma idiota.

Claramente, não sou só eu que não gosto de conversa fiada, mas com uma bunda apertada assim, ele realmente não precisa dizer uma palavra.

De volta ao meu quarto, me preparo para o dia. Não é tão ruim aqui. Com uma cama surpreendentemente confortável, lençóis brancos e travesseiros macios, é melhor do que o colchão encaroçado que eu tinha antes. O quarto apresenta paredes cinza e uma mesa de mogno embutida, juntamente com cortinas combinando escondendo uma janela fortemente gradeada. Não muito pobre. Acho que os patrocinadores privados desse programa experimental pagam bem.

Levantando minha bolsa, tudo está uma bagunça por dentro depois da busca na noite passada. Meus pertences são escassos. Quatro camisetas. Duas camisolas. Dois pares de jeans. Um diário. Algumas fotos antigas. Meu tênis sujos e um par de Doc Martens antigos. Sob a costura, enfiado em um bolso secreto, há um maço de cigarros meio vazio, um isqueiro e mais duas lâminas de barbear.

Eu não possuo muito. No momento em que os policiais me alcançaram, o conteúdo desta bolsa era toda a minha vida. Tenho sorte de ter conseguido segurá-la. Especialmente as polaroids amassadas e com orelhas de cachorro. Eu pretendia me jogar na frente do trem enquanto os segurava, mas fui presa.

Escolhendo meu jeans de lavagem ácida favorito e uma camisa desgastada do Nirvana, visto-me em silêncio. Minha mente dispara ansiosamente, mesmo enquanto amarro meus Doc Martens rosa neon. Eu me pergunto o que vai acontecer com a bolsa quando eu for

embora. Eles vão jogá-la fora? Minha merda não vale nada. Eu deveria me livrar do diário. Alguém só vai gostar de ler e fingir que sabe por que eu fiz isso. Foda-se isso. Este é o meu momento de propriedade. Morrer do meu jeito, como eu quero, quando eu quero.

Não como ele fez. Você tirou isso dele, uma voz sussurra do outro lado da sala. Minha cabeça se levanta enquanto procuro ao redor, não encontrando ninguém lá. Nem mesmo uma sombra me provocando. Alguém bate na minha porta, trazendo-me de volta à realidade enquanto forço o ar de volta para meus pulmões contraídos.

“Brooklyn? Você está aí dentro?”

Deslizando minha melhor expressão em branco no lugar, pego meu maço de cigarros e jaqueta de couro antes de abrir a porta.

“Bom dia,” cumprimenta Kade.

Ele está vestido com esmero novamente. Desta vez com uma camisa azul clara com gravata azul marinho. Com seus óculos de armação preta e cabelo loiro liso, ele provavelmente é a fantasia de muitas mulheres por aqui.

“Uh huh,” eu murmuro.

Não vai me enganar com esse sorriso megawatt, menino bonito.

“Dormiu bem?” Ele pergunta, liderando o caminho para baixo.

“Claro.”

Saímos e mantenho meu cabelo solto em volta do rosto, protegendo-me de atenção indesejada. Se alguém tentar fazer amizade comigo, dou-lhe um soco na cara. Isso deve afastar qualquer outra tentativa de interação.

“Vamos resolver o resto das coisas chatas e então eu vou te mostrar o lugar, sim?” Kade oferece.

“Que seja. Você é o chefe.”

Posso senti-lo olhando, mas não reajo. Ele aprenderá em breve.

O pátio está um pouco mais movimentado, alguns pacientes

circulando. Quando voltamos ao prédio principal, pelo menos três pessoas cumprimentaram Kade. Parece que o Sr. Popular aqui tem muitos amigos. Definitivamente preciso me livrar dele.

Kade se conecta ao computador na recepção, deixando-me sem jeito. Ele simplesmente entra como se fosse o dono do lugar, nem pisca. Quem diabos é esse cara? Ele não age como um paciente. Não que eu esteja interessada.

“Certo, há um monte de outros formulários que você precisa preencher e devolver. Desculpe, tenho certeza que você sabe o quão complicado é todo esse negócio de transferência.” Kade tenta revirar os olhos, mas eu me recuso a rir. Ele me encara por um longo segundo antes de desviar o olhar.

“Parece que você está agendada com a Dra. Ashley às três para sua avaliação psicológica e orientação,” afirma ele, reunindo a papelada necessária. “Dê tudo para ela, ela pode devolver ao escritório. Agora é só a sua foto de identificação e estamos prontos para ir. Você teve a chance de ler tudo ontem à noite para enviar suas escolhas?”

“Minhas escolhas?”

Kade me olha com um olhar exasperado.

“As matérias que você quer estudar? Nos livrinhos que lhe dei?”

Oh, aqueles que descartei sem olhar duas vezes.

“Não tanto, não.”

“Bem, do que você gosta?”

Eu o encaro sem piscar. “O que eu gosto?”

A carranca que recebo não faz nada para melhorar meu humor. Com os punhos cerrados, desvio o olhar. Estudo a parede por um segundo, depois meus sapatos. Gostar? Foco? Estudo? É como se ele estivesse falando uma língua totalmente diferente. Tudo o que posso fazer é olhar fixamente.

“Vamos lá, deve haver alguma coisa. O que você fazia na

escola?”

Bebia demais e fodia o professor gostoso por um grama de maconha. Eu pressiono meus lábios, segurando a verdade. Isso é um pouco embaraçoso para compartilhar em voz alta.

“Brooklyn?”

Sua voz soa distante quando começo a espiralar, o pânico tomando conta. Não sei. Não há resposta, eu não gosto de nada. Faz muito tempo que não. Quando foi a última vez que fiz algo por diversão? Não desde que a doença dentro de mim se enraizou e arruinou toda a minha vida.

“N-Nada. Eu não fiz nada.”

“Por que você não me conta?”

Respirando fundo, bato minhas mãos na mesa de boas-vindas. Um pote de lápis sai voando, caindo no chão enquanto Kade recua, os olhos arregalados de surpresa.

“Você é surdo? Eu não gosto de nada,” eu grito para ele. “Não quero estudar nada. E eu não quero estar aqui, ou falar com você. Capiche, babaca?”

Nós olhamos um para o outro, nenhum dos dois dispostos a recuar. Eu brevemente considero estender a mão para agarrar sua gravata e estrangulá-lo com ela, a tentação é tão forte que faz meus dedos tremem.

“Vou apenas inscrevê-la para uma experimentação,” conclui Kade.

Oh, foda-me suavemente. Me dê força.

“O que?” Eu franzo a testa para ele.

“Você fará um monte de coisas diferentes por alguns dias, sentirá as coisas.”

Meus dentes se encaixam. Quebrar seu nariz perfeitamente reto não é a melhor ideia, não importa o quão tentador seja o pensamento. Quase posso ouvir o osso estalando sob meu punho.

“Certo. Experimentação então.”

Depois de mais digitação e papelada, recebo uma programação que começa amanhã e dura dois dias. A variedade de assuntos me faz estremecer. Isso vai ser uma tortura. Inferno se eles pensam que estou praticando esportes.

“Certo, hora da foto.”

Kade desaparece nos fundos, voltando um minuto depois com uma câmera digital. Fico ereta e dou um pequeno sorriso forçado. O ato me dói fisicamente. Ele levanta a câmera, pronto para disparar, mas hesita.

“Espere...”

Antes que eu possa mover ou bater em sua mão, Kade chega perto e enfia o cabelo atrás da minha orelha. Dedos roçam minha bochecha, forçando meu coração a acelerar. Aqueles olhos perspicazes me observam e ele parece querer dizer mais, mas depois recua.

“Perfeito.”

A lente se encaixa, algumas fotos são tiradas e ele vira as costas. Eu não solto minha respiração até que ele esteja de volta ao escritório. Acabei de imaginar isso? Quando Kade reaparece, eu me forço a agir de forma não afetada.

“Deve estar pronto em algumas horas. Você poderá acessar os prédios e registrar sua presença,” explica. “É para o refeitório também. Tudo incluído, três refeições por dia e lanches. A menos que você seja um dos anoréxicos, eles têm uma área de jantar separada e outras coisas.”

“Não, eu não sou.”

“Bom saber. Vamos, não tenho o dia todo.”

Quatro

Eli

Sail by Awolnation

“O cabeça quente do caralho quase quebrou meu tornozelo! O que aconteceu com jogar por diversão e desabafar? Honestamente,” Phoenix continua, esfaqueando seus ovos. Eu desligo a maior parte. Apenas levanto um ombro e solto-o em um encolher de ombros pela metade.

“Acho que você está certo. Não adianta insistir nisso,” acrescenta.

Gesticulando para seu prato meio cheio, eu balanço minha cabeça.

“Calma, Eli. Eu vou comer. Odeio as aulas de segunda-feira de manhã. É muito cedo.”

Eu odeio cada segundo do dia, semana e mês. Mas você não me vê reclamando sobre isso. Você não me vê falando nada. Não quando meu cérebro está cheio de sabores e confusão. Apenas funcionar já é difícil o suficiente.

Minha língua foi roubada há muito tempo. As palavras só passam pelos meus lábios uma vez na lua azul. Estou muito ocupado lidando com a sobrecarga sensorial constante. Falar só piora minha sinestesia. Cada palavra e emoção traz novos sabores ou aromas, é demais.

“Ei, Terra para Eli. Você vai querer ver isso.”

Ele está apontando para algo atrás de mim. Inclinando minha cabeça, meus olhos percorrem a sala. Escaneando rostos familiares entorpecidos, alguns mais vivos do que outros. Somos uma cacofonia de falhas aqui, em graus variados. Alguns são piores que outros, mas estamos todos quebrados. Os rejeitos da sociedade presos em um

sistema falido, tudo em nome da experimentação.

Kade separa a multidão enquanto ele entra. Mais cabeças se viram quando percebem que ele não está sozinho. Tudo para quando eu coloco os olhos no rosto familiar que o segue, um que me pegou de surpresa depois da minha corrida esta manhã.

Pisando em suas botas cor-de-rosa brilhante, as mãos amassadas em bolas, seu temperamento claramente não mudou. Mesmo daqui, posso ver que seu maxilar angular está cerrado, o rosto de duende perfeito marcado por uma careta feroz. Sua raiva tem gosto de torrada queimada. Acre e amargo no meu paladar.

“Você acha que é ela?”

Eu aceno em resposta.

Brooklyn. O nome dela está gravado em minha memória. Já conheci o fantasma que tanto irritou Kade, antes de vir para Blackwood. Eu nunca esperava vê-la novamente. Ela parece ainda pior do que antes. Ossos salientes, pele pálida e aquele maldito rosto branco, como se ela não soubesse sorrir.

“Ela é gostosa, mas precisa engordar um pouco. A pobre garota parece meio morta.”

O olhar que lanço para Phoenix vem facilmente. Sua boca grande o colocará em sérios problemas um dia. Sinto como se estivesse mastigando cinzas, a emoção crescendo. Respirando fundo, limpo minha mente e lavo o sabor. Não é real.

“Cara, eles estão vindo para cá,” sussurra Phoenix.

Meu coração bate forte. Talvez eu já conheça Brooklyn, mas nunca fomos apresentados formalmente. Eu sempre preferi assistir de longe, incapaz de falar com ela. E se ela se lembrar de mim? E se ela perceber quem eu sou?

“Bom dia, senhores,” Kade cumprimenta.

Ele coloca seu café da manhã à minha esquerda, deixando o assento oposto vago. Porra do inferno. Por que ele fez isso? Waffles

queimados. Fogo rugindo. Cinza de cigarro. Acalmem-se e controlem-se, Eli. Não é real.

“Sente-se, nós não mordemos,” convida Phoenix.

Eu posso sentir Brooklyn hesitando, demorando-se logo atrás de mim. Há um suspiro audível que me faz querer rir. Eu também me sinto assim. Ela finalmente passa arrastando os pés, jogando uma maçã e uma garrafa de água para baixo. A primeira coisa que reconheço é a camisa puída da banda, a mesma que ela usava em Clearview.

“Gente, essa aqui é a Brooklyn. Ela é nova aqui.”

Phoenix imediatamente se aproxima. “Eu sou Phoenix.”

Ele estende a mão com expectativa. Quase engasgo com a boca cheia quando ela o olha com desconfiança, recusando-se a pegar. “Oi,” ela diz sem expressão.

Ele se recupera rapidamente, a mão recuando e passando por seu cabelo azul meia-noite. O falador manso aqui não está acostumado a ser dispensado. Nossos olhos se conectam e ele me encara, fazendo meus lábios se contorcerem em um pequeno sorriso. Bem feito.

Ah, assim é melhor. Algodão-doce e Coca-Cola integral. A diversão é de bom gosto.

“Brooklyn está fazendo uma experimentação de dois dias a partir de amanhã, talvez vocês dois possam mostrá-la à história pela manhã?” Kade sugere.

Ele está frustrado, posso ver facilmente. Isso tem gosto de leite estragado e azedo. A negatividade nos outros nunca é agradável, por isso evito praticamente todo mundo, exceto os caras. Falar está completamente fora de cogitação, mesmo com aqueles em quem confio.

“Vai ser bom ter outra companhia além desse tagarela,” diz Phoenix.

Eu o desvio automaticamente, ganhando a atenção de Brooklyn.

Seu olhar queima, eviscerando-me até que estou olhando para cima, fazendo um raro contato visual. Poças cinza-claros olham para trás, emolduradas por longos cílios. Seu nariz é pequeno e arrebitado, os lábios rachados e vermelhos de mastigar demais. Ela me reconhece desta manhã, quando quase caí de susto ao perceber que era ela.

“Este é Eli, ele não fala muito,” explica Kade.

Eu odeio ser notado e julgado, odeio ser visto. A invisibilidade é minha amiga e protetora. Sua mente deve estar trabalhando demais, se perguntando por que não me apresento. Levantando meu capuz, eu me enterro na bolha protetora do meu moletom. Baixo os olhos. Dobro meu queixo para baixo. Qualquer coisa para escapar.

“Prazer em conhecê-lo,” ela murmura, tão baixo que quase não escuto.

Brooklyn me vê, mais do que eu estou confortável. Ela me vê com muita facilidade. Muito profundamente. O pânico inunda minha mente, forte e azedo. Como toranja azeda, tão forte que é quase doloroso.

“Então, no que você está planejando se formar?” Phoenix intervém.

“Ela não sabe... ainda,” acrescenta Kade.

“Ela pode responder por si mesma, muito obrigado.”

Sua voz é rouca e baixa, não como o lamento autoritário das outras garotas. É música para os meus ouvidos. Eu odeio os gritadores. Eles são os que mais me dominam. Hudson muitas vezes atrai tanto interesse feminino e isso me deixa louco. Tantas emoções em exibição para foder minha cabeça.

Kade limpa a garganta. “Seja minha convidada.”

“Eu ainda não tenho certeza. Isso é tudo,” ela murmura.

“Bem, há muito espaço no curso de história,” divaga Phoenix, precisando desesperadamente preencher o silêncio. “É chato pra caralho e a leitura é longa, mas há coisas piores para se fazer. Ou...

Matemática? Ciência?"

"Sem matemática," retruca Brooklyn.

"Ciência?"

"Não."

"Err, inglês?"

Nenhuma resposta imediata. Ele tem a atenção dela agora.

"É uma escolha popular," acrescenta Kade.

Deixe-a em paz já. Eu posso praticamente sentir sua energia nervosa daqui. É grossa, como aquele horrível xarope para tosse que você ganhava quando criança. A ansiedade de outras pessoas é um problema real para mim. Eu tenho o suficiente para administrar.

"Não sei. Quantas vezes eu tenho que dizer isso? Apenas afaste-se."

Sua voz é alta e defensiva, e isso me leva ao limite. Eu abaixo minha cabeça para a mesa, lutando contra a onda de sensações. Ela é uma bola de raiva e ódio, está me deixando mal do estômago. Muitos sentimentos, muitos gostos. Tudo que eu quero é ser deixado sozinho. Eu não posso lidar com isso.

Kade esfrega suavemente minhas costas, oferecendo conforto. Ele é o único que ajuda a me acalmar. Frio e composto, como um bálsamo calmante na pele queimada. Meu tipo favorito de pessoa. Os outros dois são mais difíceis de conviver, especialmente quando Phoenix tem um episódio maníaco. Brooklyn é um elemento instável nesta receita para o desastre. Já está me desequilibrando.

"Está tudo bem, amigo. Vamos parar agora. Apenas respire," Kade encoraja.

"Ele está bem?" Brooklyn pergunta.

"É meio difícil de explicar. Eli?"

Eu balanço minha cabeça, emitindo meu consentimento. Assim que ela souber, será mais fácil. Ela vai correr de medo e pronto. Posso

voltar para o segundo plano, onde pertencço, e observá-la silenciosamente como antes. Ela nunca vai saber.

“Eli tem uma condição rara. Chama-se Sinestesia Lexical-Gustatória,” Kade começa. “Essencialmente, isso significa que ele pode... saborear emoções. Particularmente fortes. Elas criam sensações nele que ele não pode controlar. É impressionante e assustador. Tentamos não discordar ou discutir com ele por esse motivo.”

Espero o desgosto e o julgamento.

“Eu vejo.”

Algo toca meu capuz, depois minha mão. São os dedos dela, escovando timidamente. Eu levanto minha cabeça, ousando dar uma espiada. Ela não está franzindo a testa ou rindo, não há provocação ou piada cruel. Isso é outra coisa. Fresco e refrescante, como um copo de água gelada em um dia quente.

“Desculpe. Eu não sabia.”

Ela está se desculpando? Isso é... um sorriso?

“Ter um cérebro peculiar nem sempre é uma coisa ruim, Eli.”

Com isso ela desvia o olhar, pegando sua maçã para morder. Os outros também estão olhando, chocados com a reação dela. Ninguém me trata assim fora do grupo. Eu sou uma aberração para todos eles, alvo de muitas piadas. Mas ela está apenas rolando com isso independentemente.

Lambendo meus lábios, eu forço o gosto exótico de surpresa da minha boca. Preparando. Reunindo forças. Reunindo coragem. Vamos, Eli. Porra, tire logo, a garota está esperando. Mas nenhuma palavra vem, como de costume. Elas estão alojadas na minha garganta, recusando-se a vir à tona enquanto o medo envolve minhas cordas vocais. Em vez disso, dou um pequeno sorriso, esperando transmitir minha gratidão.

Em seus lábios, ela usa um sorriso combinando que me deixa sem fôlego. Ela é linda quando está assim. Droga, eu preciso ver aquele sorriso de novo. Tem um gosto fodidamente bom. Felicidade

rara. Como grama recém-cortada ou chuva recente.

Caímos no silêncio. Apenas a mastigação dela comendo a maçã, e os outros dois tendo algum tipo de conversa sem palavras com olhares.

Uma voz irritante interrompe. “Ei, Nix. Você realmente foi péssimo ontem à noite, cara.”

Phoenix faz beicinho. “Foda-se, Río. Você joga sujo, não é justo.”

O idiota arrogante e seu trio de idiotas circulam a mesa. Desvio o olhar, eles são muito barulhentos para eu lidar. Río faz merda aqui entre os pacientes, então ele está sempre tentando me ferrar. Eu posso ver Brooklyn assistindo, e fico tenso sabendo que ela pode ver através de mim ainda melhor agora. É desconfortável como o inferno.

“Quem é? Já faz um tempo desde que tivemos uma nova boceta neste lugar,” Río zomba, chegando perto dela.

Meu sangue ferve só de vê-la estremecer, o gosto horrível de fumaça voltando à minha boca enquanto engulo as cinzas. Deixa-a em paz, imbecil. Se eu pudesse gritar na cara dele ou realmente fazer alguma coisa. Em vez disso, estou sentado aqui como uma criança assustada, incapaz de montar qualquer defesa em seu nome.

“Ei, gostosura. O nome é Río. Quarto 37, se estiver interessada.”

“Eu não estou.”

Sua voz chicoteia como um raio. Inabalável com fúria, ela tem força sob aquele exterior fraco e trêmulo. Eu gosto disso.

“Não precisa ser tão rude, só estou sendo amigável,” Río zomba. “Você vai aprender que eu sou um grande negócio por aqui, então é melhor parar com essa atitude. Além disso, você parece deslocada com esses desajustados. Especialmente este.”

Ele aponta um dedo em minha direção. Adoraria cortá-lo e enfiá-lo goela abaixo até ele engasgar.

“Venha se juntar a nós em nossa mesa e vamos mostrar-lhe um bom tempo, sim?”

“Não,” responde Brooklyn.

“Com licença?”

Rio é um idiota, mas não é alguém para se mexer. Lugares como este funcionam com respeito e favores, o código de outros pacientes presos. Phoenix e Hudson provaram isso com muitos olhos negros no passado. Mas Brooklyn não se importa, virando aquela expressão fria para ele.

“Eu disse não, cara de merda. Agora desapareça antes que eu me torne menos amigável.”

A risada de Rio é divertida, como se ele estivesse gostando da luta. Eu entendo o apelo, ela é uma destruidora de bolas e ninguém mais o enfrenta. Ele está assustando todos em submissão.

“Eu disse venha e sente-se conosco. Que parte disso você não entendeu?”

Quando seus dedos apertam em seu queixo, vejo vermelho. Antes que eu possa me lançar e dar um soco em suas malditas bolas, Brooklyn resolve o problema com suas próprias mãos. Há um estalo ecoando, o borrão de seu punho navegando pelo ar. Ela tem um gancho de direita médio. Um tanto embaraçoso, é uma grande volta. O jeito que ela está se debruçando sobre Rio, dominando o espaço e humilhando-o na frente de toda a cantina.

“Aprenda a aceitar um não como resposta, seu merda,” Brooklyn cospe para ele. “Agora saia daqui antes que eu o envergonhe ainda mais, Deus sabe que sua reputação não aguenta outro golpe como esse.”

Rio consegue ficar de pé, a mão sobre o rosto sangrando. “Você é uma maldita psicopata!” Ele acusa. “Que diabos? Cadela estúpida.”

Brooklyn sorri e não é nada como o sorriso tímido que recebi. Este é escuro e ameaçador, seus olhos apertados e as pupilas escurecidas. Alguém completamente diferente está diante de nós agora, um lado dela que eu nunca vi.

“Pode apostar. Não se esqueça disso. Se me irritar de novo,

quebro a porra da sua perna.”

Rio e os seus amigos saem antes que os guardas percebam o que aconteceu e punam todos nós. O refeitório inteiro está olhando, mas ela não se acovarda ou recua. Esta menina é outra coisa. Um alter-ego brutal sob a superfície vulnerável. Estou além de intrigado e duro apenas observando-a.

“O que diabos vocês estão olhando?” Brooklyn sibila.

Os olhares são evitados e ela mantém a cabeça erguida até a conversa recomeçar. Eu me mexo desconfortavelmente, meu pau doendo de sua prisão de brim. O fogo em seus olhos e o aço em sua espinha são incríveis.

“Foda-se, acho que você pode ser minha nova favorita,” Phoenix suspira.

Ela ri, voltando para sua maçã meio comida como se nada tivesse acontecido.

Estamos em apuros com esta.

Cinco

Brooklyn

I Fall Apart by Post Malone

“Ao longo do corredor, segunda porta à esquerda.”

Eu aceno em agradecimento à recepcionista, indo na direção que ela está apontando enquanto me preparo mentalmente para a tortura à frente. Eu odeio psiquiatras. Idiotas pretensiosos e autoritários. Nunca conheci alguém que não agisse como um idiota pomposo. Usando seus certificados e prêmios para dizer que você está mentalmente fodido. Obrigado, como se eu já não soubesse disso. Que gentileza sua em destacar minhas falhas.

Chego à porta no final do corredor acarpetado, com o nome marcado como 'Doutora Mariam Ashley, PhD'. Lembre-se, jogue junto. Você conhece as linhas.

Sim Doutora, quero melhorar.

Não, eu não quero morrer.

Sim, estou tomando minha medicação.

Perda de peso? Apenas o meu metabolismo.

Estou comprometida com a minha recuperação, você sabe.

Uma voz me chama para entrar e eu entro. É uma sala espaçosa, toda estante alta e iluminação suave. Tem o sofá padrão, com duas poltronas e uma mesinha de centro. Tecidos na frente e no centro, é claro. Não preciso olhar para a parede para confirmar as fileiras de certificados e diplomas emoldurados.

É o piscar de uma câmera no canto que me surpreende. Continuo a vê-las em todos os lugares, discretamente escondidas, mas observando mesmo assim. Dezenas em cada canto, ainda mais do que as poucas que tinham em Clearview.

“Ah, você deve ser Brooklyn. Por favor, sente-se.”

A Dra. Ashley se levanta, dando a volta na mesa para se juntar a mim. Ela tem cabelos levemente grisalhos e usa um terno prático com óculos vermelhos brilhantes. Eu diria que ela é de meia-idade, mas envelheceu graciosamente. Não há como criticar o sorriso brilhante espalhado em seu rosto, mesmo que ela pareça levemente desequilibrada. Ninguém é tão feliz. É irreal.

Responda a ela. Faça soar genuíno. “Oi. Sim essa sou eu.”

Pego uma das poltronas, contornando o sofá. Muito fodidamente estereotipado para mim. Ela pega a outra, dobrando as pernas graciosamente enquanto exhibe uma caneta e um bloco de notas.

“Certo então. É um prazer conhecê-la, por favor, me chame de Mariam. Nós gostamos de manter as coisas agradáveis e relaxadas aqui. Eu quero que você se sinta confortável comigo.”

Eu encaro. Relaxada? Confortável?

É diferente dos sedativos e dos quartos acolchoados dos últimos dez meses. Isso me assusta. Eu gosto de saber o status quo e este lugar está desafiando todas as expectativas até agora. Experimental não começa a cobri-lo. Ainda estou para decidir se é uma coisa boa, diferente nem sempre é melhor.

“Fui informada pelo Dr. Zimmerman sobre sua história e tratamento. Concordo que este lugar pode ser benéfico para você. Por mais respeito que eu tenha por seu mandato, alguns se encontram perdidos no sistema de Clearview. Eles nunca mais saem de lá. É uma tragédia, de verdade.”

“Talvez haja uma razão para isso,” murmuro.

“E o que é isso?”

Ela se recosta, olhando-me com expectativa. Aqui vamos nós.

“Não sou inocente.”

“E você acha que merece ser punida?”

Eu cavo minhas unhas em minhas palmas. “Você não?”

Suspirando, Mariam tira os óculos. “Brooklyn, você estava no meio de um surto psicótico quando cometeu seu crime. A esquizofrenia é uma doença debilitante quando não tratada adequadamente. Sua sentença foi passada com a alegação de insanidade em mente. Você está doente, minha querida.”

Insanidade. Eu odeio essa palavra. Para começar, insinuando que eu sempre fui sã.

“Por que estou aqui então? Por que não estou presa?” Eu pergunto desafiadoramente. “Perigosamente desequilibrada e perversa, foi assim que o juiz me chamou. Você sabe disso, certo? Tenho certeza de que está na porra do meu arquivo.”

“Está sim. E a resposta é simples. Somos os mais bem equipados para lidar com uma jovem adulta como você, que encontrou sua vida virada de cabeça para baixo por causa de uma doença mental. Os valores do nosso programa experimental centram-se na reabilitação, não na punição. Isto não é uma prisão, é uma instalação de tratamento. Você é uma paciente aqui, não uma prisioneira.”

“Eu posso sair?” *E ir pular de uma ponte*, algo sussurra mentalmente.

“Não. Você foi transferida para cá, não admitida voluntariamente como alguns são,” ela responde com firmeza. “Você ainda está seccionada por lei até que esteja estável e recuperada. Termine o programa, então você pode fazer a transição de volta para a comunidade. Onde você ainda será supervisionada, devo acrescentar.”

Ótimo. Parece prisão para mim.

“Olha, vou ser honesta com você,” começa Mariam.

Eu dou de ombros, convidando-a a continuar. Porra me esclareça.

“Você é um osso duro de roer, estou certa?”

Eu abro minha boca, antes de fechá-la novamente.

“Sua história é complexa e extensa,” continua ela. “Não vai ser

um processo fácil. Clearview não funcionou, então somos a outra opção. Tenho fé no sistema único que construímos aqui. Educação, terapia e reabilitação em igual medida. Você não pode alcançar a recuperação sem todos os três para ajudá-la ao longo do caminho. Francamente, se este lugar não pode estabilizá-la, nenhum lugar pode. Você entende?”

Uau, tão reconfortante. Estou ferrada.

“O que você está sugerindo?” Eu pergunto.

Essa coisa de obediência está me matando.

“Terapia individual comigo duas vezes por semana. Também realizamos uma sessão em grupo que gostaria que você participasse. Eu também quero mudar sua medicação, existem alguns caminhos para controlar sua condição que ainda não foram explorados. Aumentaremos a dosagem e adicionaremos algumas novas drogas experimentais. Veremos se isso faz as coisas andarem.”

Deve ser assim que se sente a vitória. Mais drogas? Sim, doutora. Mais porra de munição para eu usar. Que maldita vitória. Eu escondo a outra merda, não importa muito para mim de qualquer maneira. Eu tenho o que eu queria.

“Isso soa bem. Eu realmente quero melhorar.”

Porra, estou bem. Quase acredito em mim.

“Outra coisa, quero que você trabalhe para adotar o sistema aqui,” instrui Mariam. “Temos um navio apertado com um cronograma rígido, mas às vezes é a melhor coisa para você.”

Eu sorrio inocentemente. “O que você quer que eu faça?”

“Escolha uma especialização, jogue-se na rotina. Talvez até faça alguns amigos. Vai ser bom para você experimentar alguma normalidade e disciplina.” Ela brinca com seus óculos brilhantes, oferecendo-me um sorriso. “É isso que pretendemos alcançar aqui, Brooklyn. Chega de vida hospitalar para você. Pense nisso como um novo começo para você superar o passado.”

Eu tenho que lembrar ao meu coração que isso não é real. As primeiras flores de esperança são inúteis. Rapidamente esmagadas. Eu nunca poderei ter uma vida normal, não importa o quão confiante ela esteja do contrário. Não é assim que as coisas funcionam. O mundo não apenas perdoa e esquece. Eu mereço meu castigo. Eu mereço morrer sozinha.

“Parece um plano,” eu admito.

Mariam escreve agressivamente por alguns segundos, balançando a cabeça para si mesma. “Fabuloso. Vou obter todas as informações relevantes para você. Aguardo você para nossa sessão individual. Agora, havia uma outra coisa...”

Ela volta para a mesa e começa a vasculhar as pilhas de papel. Meus dedos tamborilam na minha perna cruzada, a impaciência voltando. Dê-me só a receita e deixe-me ir já, quero gritar. Toda a sua rotina entusiástica é cansativa.

“Ah, aqui. O Doutor Zimmerman mandou isso para você. Parece haver um monte de cartas aqui, datadas de vários meses. Ele aparentemente tomou a decisão executiva de não as compartilhar com você enquanto sua recuperação era tão frágil.”

Quem me escreveria? Que tipo de bastardo fascista guarda correspondência pessoal de um paciente? As perguntas aumentam conforme minhas emoções saem do controle. Estou tremendo de raiva, mal conseguindo contê-la enquanto minhas mãos se fecham em punhos.

“Por que?” Consigo dizer.

Mariam balança a cabeça, claramente irritada. “Como eu disse, não somos Clearview. Eu faço as coisas de maneira diferente por aqui. Você deve estar no controle de sua própria comunicação, independentemente do seu estado mental.”

Entregando-me o pacote, ela me oferece um sorriso conciliador. Eu não devolvo. As cartas são pesadas em minhas mãos, o fardo instantaneamente pesando sobre mim. Eu não tenho ninguém,

literalmente ninguém. De onde vieram todas essas cartas sem resposta?

“Vou deixar você ir mais cedo para que possa mergulhar de cabeça. Alguém provavelmente está esperando impacientemente por sua resposta.” Ela parece tão entusiasmada, é irritante. “Família, talvez? Você deveria deixá-los saber como você está indo.”

“Uh huh. Talvez.”

Porra, não tenho nenhuma, mas direi qualquer coisa para sair daqui. Depois de entregar a papelada rabiscada, finalmente estou livre. Aparentemente, os remédios são servidos depois do jantar, então o resto da tarde é livre.

Eu toco os envelopes gastos, os olhos passando rapidamente sobre a escrita rabiscada. Puxando a primeira carta do maço, viro-a, procurando o endereço do remetente. A parte de trás do envelope apresenta uma caligrafia mais apressada, nomeando o remetente.

Allison Brunel.

O frio toma conta de mim, inundando cada centímetro do meu corpo enquanto um tremor incontrolável começa. Não. Não. Não está acontecendo. Deve haver dezenas de cartas aqui. São todos dela? Foda-me. Eu não posso fazer isso.

Você fez isso. Agora você vai pagar o preço.

Eu nunca soube que uma voz poderia conter tanto veneno até o dia em que ela disse isso. Balançando a cabeça, tento afastar a lembrança doentia. As acusações alimentadas pela dor que foram lançadas contra mim, insultos e palavras cruéis que carrego comigo todos os dias. É muito cru, muito real. Tudo o que sinto é culpa.

Meus dedos se contorcem com a necessidade de cortar. Liberar. Eu tenho que tirá-lo, esta é a única maneira que eu sei. Foda-se a terapia. Não faz merda nenhuma mesmo. Só uma coisa ajuda. Eu não mereço nada melhor. Só dor.

Colocando o temido pacote no bolso, saio pelo corredor. Contando cada passo na minha cabeça, respirando no ritmo.

Medicamentos esta noite. São três doses. Nova receita amanhã. São mais quatro. Dentro de uma semana, isso deve ser suficiente. Sem erros desta vez. Sem segundas chances ou refazer. Nada de acordar em uma cama de hospital.

Eu tenho que morrer, porra.

Seis

Phoenix

Kiss by Lil Peep

Enfio meu pau fundo em sua garganta, revirando os olhos de prazer. Tyler sempre leva isso a fundo. Quase faz valer a pena sua personalidade insuportável. Quase. Agarrando seu cabelo, eu empurrei mais rápido. Mais difícil. Mais áspero. Derramando toda a minha frustração e excitação nos movimentos. Ele continua sem reclamar. Nem mesmo um piscar de olhos.

Essa é a coisa sobre foder caras.

É muito mais simples. Menos incômodo.

Há uma garota que chamou minha atenção. Uma beleza particular com atrevimento e ferocidade suficientes para intrigar até a mim. Ser bissexual nem sempre é linear. Não é igual. Eu apenas vou aonde o vento me leva e não presto muita atenção. Mas ultimamente? Nada me deixa nem remotamente duro. Transar com Tyler é apenas um meio para um fim, liberar minha energia maníaca antes que ela me destrua.

Eu estive todo excitado desde que ela tirou sangue ontem, possuindo a bunda de Rio sem parar para respirar. Meses de tédio terminaram naquele momento. Tudo o que eu queria fazer era me inclinar e lamber o sangue de seus dedos machucados. Então fodê-la com tanta força que ela não conseguiria andar direito por uma semana.

Gemendo, despejo minha carga na garganta de Tyler. Ele diminui a velocidade, engolindo obedientemente. Droga, imagine Brooklyn de joelhos lá embaixo. Lábios atrevidos em volta do meu eixo, minha mão fechada em seu longo cabelo. Eu adoraria amarrá-la. Fazê-la se submeter a mim, conhecendo a mulher feroz que está sob a superfície. Isso vai torná-lo ainda mais doce.

“Nix?”

Tyler está olhando para mim com expectativa, mas tudo que sinto é repulsa. Por que eu sou tão idiota? Usar pessoas não é legal. Eu sei disso, mas não consigo evitar.

“Sim, obrigado.”

Eu fecho meu jeans preto rasgado, virando de costas para ele.

“É isso?”

“O que mais você quer de mim?”

Tyler agarra meus ombros e grita na minha cara. “Eu quero que você se importe, porra. Aja como se você realmente se importasse comigo pelo menos uma vez.”

Não é provável. Sentimentos não são realmente minha praia.

“Isso não vai acontecer. Você sabe que não estamos falando disso,” eu respondo sem emoção. “Nós concordamos sem compromisso.”

Lágrimas enchem seus olhos. Porra, ótimo. Outro colapso.

“Você é um bastardo, você sabe disso?”

Eu dou de ombros, sorrindo. “Sim, estou ciente.”

“Maldito viciado, isso é o que você é. Um viciado ferrado e instável. Eu sou apenas mais uma correção para você, certo? Você não consegue nenhuma droga preciosa para se matar, então fode com as pessoas em vez disso.”

Tyler se vira para sair, limpando com raiva a umidade de seu rosto vermelho. Não consigo encontrar em mim para me importar. Na verdade. Estou ciente de como isso é uma merda. Mas sinceramente, ele não significa nada para mim. Isso tudo é superficial. Sim, eu sou um maldito viciado. Ele acertou.

Viciado em arruinar os outros para minha própria diversão.

“Terminei, Nix. Você me empurrou pela última vez.”

Aponto para a porta. “Tudo bem, foda-se então. Não volte.”

Seu queixo cai, as mãos fechadas em punhos. “Como você pode me tratar assim?”

Eu realmente tenho que humilhá-lo ainda mais? Eu aperto seu rosto, inclinando-o para afirmar meu domínio. A visão de medo e vergonha girando em seus olhos me faz sorrir. Isso mesmo, espero que doa pra caralho. Este é o meu verdadeiro eu. Por trás dos sorrisos e brincadeiras, há algo muito mais sombrio. Eu sou bom em bancar o coringa e ser esperto. Mas em particular? Não muito.

“Ouça, Tyler. Você não passa de um pedaço de bunda para mim. Você entendeu? Até agora, você serviu ao seu propósito. Estou entediado. Então, quando eu disser para você ir embora,” eu mordo seu lábio inferior com força suficiente para tirar sangue, “eu falo sério.”

Lambendo meus lábios para garantir, eu o empurro para longe. Não há hesitação desta vez. Ele está fora da porta sem outra palavra. Não tenho vergonha de admitir que seu desgosto me emociona. Tyler é uma boa transa, mas foder com ele é ainda melhor.

Caindo na cama, desalojo o pedaço solto de gesso e pego um dos meus remédios escondidos, engolindo-o seco. Posso sentir a histeria borbulhando em minha mente e não estou com vontade de ficar acordado por três dias até que passe. Meu último episódio terminou mal para todos.

Eu rolo sem rumo no meu telefone para me distrair. Merda, eu adoraria ter o número de Brooklyn. Ela está presa na minha cabeça como nada mais. Eu me pergunto o que ela está fazendo agora.

Kade saiu furioso quando ela pulou o jantar. Aquele cara tem um sério complexo de salvador. Sempre preocupado com os outros, mesmo quando eles não dão a mínima para ele. É por isso que ele parou de se importar, concentrando-se apenas em nossa pequena família confusa. Cuidamos dos nossos. Essa garota, Brooklyn? Ela o esmagaria em um segundo se soubesse o quão possessivo ele é.

Gemendo, joga o telefone de lado. Eu a imagino esparramada na minha cama, as pernas bem abertas e presas ao quadro com um dos laços de Kade. Eu comeria sua boceta enquanto ela grita e a espancaria até ela sangrar.

A porta se abre, ricocheteando na parede com um estalo retumbante. “Sem resposta. De que diabos ela está brincando?” Kade exclama enquanto ele invade.

Observo enquanto ele puxa a gravata afrouxada, jogando-a com raiva na parede. Minha boca fica seca enquanto considero o item, forçando minha fantasia imunda de lado. Meus olhos rastreiam o corpo de Kade. Sim, somos melhores amigos e colegas de quarto. Não significa que eu não possa apreciá-lo. Especialmente quando ele está todo irritado e agressivo.

“Relaxa, cara. Por que você se importa? Ela está aqui há dois malditos dias,” eu indico.

“Porquê!”

Levantando uma sobrancelha, deixei meu sorriso arrogante irritá-lo ainda mais. “Se importa em terminar essa frase?”

“Porque é o meu trabalho,” Kade geme.

“Okay, certo. Qualquer coisa que você diga.”

“Foda-se, Nix. Afinal, onde está Tyler?”

“Ele se foi. Fiquei entediado com o lamento constante.”

Kade acena com a cabeça pensativo, passando a mão por seus cabelos loiros lisos. “Nesse caso, venha me ajudar a encontrar Hudson? Ele está me evitando de novo.”

“Jesus. O que há com você e encontrar pessoas hoje?”

Sou recompensado com um olhar irritado enquanto Kade fica sem paciência. Ele está sempre correndo atrás de Hudson por um motivo ou outro, quando eles não estão discutindo ou tentando se matar. É uma relação de amor e ódio, na melhor das hipóteses, mas isso não impede Kade de se importar.

“Você sabe como ele fica. Ele parecia estar melhor por um tempo, mas as últimas semanas foram difíceis. Estamos perdendo ele de novo,” explica Kade.

“Eu não sei... ele não gosta exatamente de você o espionando.”

Amaldiçoando baixinho, ele se vira para sair. “Mais uma vez, é o meu trabalho.”

“Não precisa ser!” Eu falo depois dele.

A batida retumbante da porta me responde. Essa é a coisa sobre Kade, ele é implacavelmente teimoso. Quando ele se envolve em alguém, é quase impossível influenciá-lo. Foi o que aconteceu comigo, então Eli. Nós dois fomos trazidos para a família por causa de sua necessidade de controlar e proteger.

Hudson é uma história completamente diferente.

De volta ao meu telefone, coloco o nome de Brooklyn no Facebook por capricho. Tenho que fazer algo para satisfazer o fantasia dentro de mim. Fico desapontado quando não produz resultados, então tento o Instagram, seguido por todas as outras plataformas de mídia social possíveis conforme minha curiosidade aumenta.

Não há nada.

Nem um único perfil ou foto. Ela é a porra de um fantasma. É quase como se ela tivesse sido apagada de cada centímetro da internet. De jeito nenhum ela passou a vida inteira sem fazer contas. Alguém excluiu tudo sistematicamente.

Cada vez mais frustrado, recorro ao Google.

Desta vez, não estou desapontado. Uma série de notícias aparece, manchetes ferozmente exibidas para o mundo ver. Eu percorro, um peso crescendo em meu estômago com cada palavra. Algo está me dizendo para desviar o olhar, mas a curiosidade mórbida bate em minha consciência. Ninguém aqui é inocente pra caralho, você não acaba em um lugar como esse sem algum tipo de dano. Mas essa garota?

Ela ganhou seu lugar certamente.

Droga, eu deveria estar correndo na direção oposta. Meu registro aqui é quase impecável, eu trabalhei duro para ficar limpo e evitar mais reabilitação. Os caras me apoiaram em tudo quando cheguei. Claro, eu fodo como um degenerado e desconsidero qualquer sinal de compromisso ou apego emocional. Mas é melhor que heroína, certo?

Essa garota é uma fodida de grau A. Não há duas maneiras sobre isso. Todos nós devemos nos manter afastados para nossa própria proteção. Mas inferno, eu gosto de um desafio.

Sete

Brooklyn

Gasoline by Halsey

Primeiro dia de aula, e já me irritei. Parece que estou começando a escola de novo, quando fui adotada e tive que frequentar com uniforme emprestado. A memória daqueles dias é tóxica pra caralho e eu a deixo de lado. Eu tenho vinte e um anos, pelo amor de Deus. Eu tive meu tempo na educação. No entanto, aqui estou eu, procurando por uma camiseta que não esteja gasta e puída, preocupada com os rasgos em meu jeans que espero que os outros confundam com uma escolha de moda e não com a triste verdade.

Você sabe o que? Danem-se eles.

Meu cabelo loiro está emaranhado e mole, mechas acinzentadas caindo pelas minhas costas. Eu não me preocupei em lavá-lo depois da minha corrida matinal, não é como se eu tivesse alguém para impressionar por aqui. É um coque meio bagunçado.

Percorri o perímetro do instituto quando o sol nasceu esta manhã. Achei que era hora de ter um plano de fuga de emergência caso tudo desse errado. As imponentes paredes de pedra e as câmeras de segurança eram uma visão intimidadora. Os terrenos espaçosos levam você a pensar que isso é liberdade, mas ainda há precauções em segundo plano. Nada sobre este lugar é normal.

A segurança é postada em todas as entradas e saídas, todos os prédios só são acessíveis por identificação e há um procedimento estupidamente complicado para marcar visita ou sair. Não é como se eu fosse fazer isso tão cedo. É inteligente como eles lhe dão independência suficiente para criar uma sensação de normalidade, mas é tudo uma ilusão. Não somos nada livres. Alguém está sempre observando.

Isso é provavelmente uma coisa boa. Monstros como eu não são

adequados para a sociedade.

“Brooklyn, hora de acordar!”

Uma rodada de batidas entusiásticas me faz pular. Abro a porta, preparada para socar quem quer que esteja perturbando minha paz. Fico assustada com a bola de energia de cabelo azul esperando. Phoenix parece muito feliz para o início da maldita manhã. Eli está atrás, envolto em outro moletom escuro que esconde seu rosto.

“Aquecimento matinal. Está pronta?”

Phoenix passa direto por mim, convidando-se para o meu quarto sem se importar com o mundo. Fico boquiaberta quando ele começa a mexer no meu guarda-roupa, aparentemente em casa. Eli se move em seguida, dando-me um aceno hesitante em saudação.

Sem palavras, claro, apenas seu silêncio característico e olhar penetrante. Aqueles olhos verdes luminosos encontram os meus e o pequeno sorriso em seu rosto quase enfraquece meu aborrecimento. Caramba, ele é fofo. De um jeito emo incompreendido que faz minhas coxas se contraírem.

“Você precisa ir às compras,” exclama Phoenix.

Eu fico boquiaberta enquanto ele balança um sutiã desbotado, sorrindo amplamente. Filho da puta. Eu agarro o item ofensivo, olhando com raiva para suas travessuras. O bastardo está rindo de mim e gostando demais do meu constrangimento.

“Não há nada de errado com minhas roupas,” eu argumento.

“Claro, você ficaria melhor sem elas de qualquer maneira.”

Fazendo uma pausa, eu o olho incrédula. “Isso geralmente funciona com garotas?”

“Toda maldita vez.”

Claramente, ele nunca conheceu uma garota como eu.

“Por mais tentador que seja seu flerte patético, importa-se de me dizer o que diabos você está fazendo no meu quarto às oito horas?” Eu desafio.

Seu sorriso é satisfeito. O idiota claramente gosta de me irritar. “O Todo-Poderoso Kade nos deu a custódia de você para o dia. É a sua experimentação.”

Eu olho furioso para ele. “Eu não preciso de babá.”

“Não parece que você tem escolha. O que Kade quer, ele geralmente consegue. Então, parece que você está presa conosco hoje. Não se preocupe, seremos gentis com você.” Ele começa a piscar e me dá um sorriso sujo. “Por enquanto, pelo menos.”

Você quer jogar, brincalhão? Posso dar tão bem quanto recebo. Posso muito bem me divertir um pouco enquanto ainda estou aqui, porra. Eu me aproximo, adicionando um pouco de balanço em meus quadris enquanto invado seu espaço. Seus olhos se arregalam quando passo meus dedos por seu braço musculoso e espio através de meus cílios.

Eu escovo meus lábios contra sua orelha. “O que faz você pensar que eu gosto de gentil, humm?” Antes que ele possa responder, mordo seu lóbulo aveludado, certificando-me de que está doendo. O gemido de seus lábios entreabertos envia arrepios pela minha espinha.

“Droga, Brooklin. Onde você esteve todo esse tempo?” Ele murmura.

Com uma lambida rápida, eu encontro seus olhos e ofereço um olhar sombrio meu. “Você ainda quer brincar comigo, Nix? Você pode se machucar.”

“Você está certa que eu quero, querida.”

Ele tenta pegar minha mão, mas eu danço de volta, colocando distância entre nós novamente. Agarrando meu suéter, cigarros e identidade, saio da sala com a cabeça erguida. Às vezes, estar viva é divertido. Só de vez em quando, não posso criar o hábito dessa brincadeira.

A porta se fecha atrás deles, os dois caras logo atrás de mim. No momento em que saímos, estou imprensada entre eles. Phoenix está um pouco perto demais para o meu gosto, com o silencioso Eli

seguindo a uma distância mais razoável.

Puxando um cigarro do maço, acendo e respiro fundo. Não consigo ver nenhuma segurança por perto, então saboreio cada tragada. Restam poucos agora, preciso investigar quem manda no contrabando aqui. Sempre há alguém, um cafetão residente para fornecer a nós, delinquentes, as substâncias necessárias.

Os olhos de Eli se fixam na ponta brilhante do meu cigarro. A fome é evidente em seu olhar paralisado. Eu me choco ao oferecê-lo a ele. Ele parece igualmente incerto, finalmente aceitando com um aceno agradecido.

Phoenix passa a caminhada pelo pátio falando incessantemente, pulando de um tópico para outro aleatoriamente, quase frenético. Quando chegamos ao prédio, estou perto de desistir e passar o dia sozinha. Uma dor de cabeça já está ameaçando.

“Talvez você devesse tirar uma folha do livro de Eli. É muito cedo para ser tagarela,” eu reclamo, fazendo-o cair na gargalhada.

“Sem chance. Você sentiria falta da minha conversa brilhante.”

Eu sufoco minha própria risada. “Improvável.”

Depois de escanear nossas identidades, descemos mais corredores acarpetados com belas pinturas de paisagens. Eu adoraria conhecer quem projetou este lugar e chamá-lo de idiota arrogante na cara. Seria divertido.

Chegamos a uma sala de aula movimentada, com os alunos tomando seus lugares. Eu imediatamente congelo no lugar, pânico venenoso correndo. Há tantos deles. E se alguém me reconhecer? Eu os imagino já sussurrando, seus olhares odiosos em mim, pesados de desgosto.

Talvez tirem fotos e as vendam para a imprensa, ou façam campanha para que eu seja expulsa, me mandem de volta para o inferno de Clearview. Pior ainda, desta vez eu poderia ser presa na prisão, onde minha bunda criminosa realmente pertence.

Uma crescente presença negra ondula no canto da sala, evocada

pelo meu pânico. Minha paranoia crescente rouba qualquer coragem restante enquanto eu lentamente me afasto, observando as sombras crescerem. Não demorará muito para que as vozes comecem a falar. Minhas alucinações são sempre as mesmas.

“Brooklyn? Você está bem?”

Phoenix está na minha frente. Seus dedos deslizam sob meu queixo e levantam minha cabeça abaixada. Ele bloqueia o pesadelo atrás dele e eu o encaro, esperando desesperadamente que ele faça alguma coisa. Qualquer coisa. Ele acena com a cabeça e murmura para Eli, que entra para guardar nossas mesas.

Agarrando minha mão, nossos dedos se unem. “Venha comigo.”

Em vez de me esquivar do contato, permito que ele me arraste para uma sala de aula vazia próxima. Não há uma única sombra à vista enquanto nos esgueiramos para dentro. Phoenix acende as luzes e fecha a porta, virando-se para mim.

“O que aconteceu?”

Torcendo minhas mãos juntas, eu desvio o olhar. Isso é tão embaraçoso. A voz da irracionalidade é muito alta. Essa é a coisa sobre delírios, eles são tão críveis que discernir a realidade da ficção é impossível.

“É só... há muitos deles.”

“O que, alunos?”

Eu murmuro uma resposta, mordendo meu lábio.

“Bem, acho que você vai descobrir isso em todas as aulas, para ser justo.”

Reviro os olhos. “Obrigado. Isso é muito útil.”

Braços cruzados e bíceps protuberantes, Phoenix me fixa com um olhar sério. “Eles são pacientes, assim como eu e você. Você não precisa ter medo deles.”

Ter medo deles? Ele é de verdade?

“Eu não tenho medo deles,” eu sussurro.

Suas sobrancelhas franzem. “Você não tem?”

Balançando a cabeça, eu engulo a verdade. Ele nunca pode saber o que eu fiz, ou os demônios que carrego comigo até hoje. É um segredo que levarei para minha sepultura profana.

“Então, o que é?”

Mantenha-o dentro. Mantenha-o. Porra, mantenha-o.

Phoenix se aproxima, acariciando meu queixo com a mão. Eu aperto meus olhos fechados, tentando não gostar de seu toque. Isso não fazia parte do plano. Sem apegos ou distrações do meu objetivo, esse é o negócio. O que diabos estou fazendo aqui com ele?

“Diga-me,” ele exige suavemente.

“Não.”

A respiração de Phoenix faz cócegas em meu rosto, muito perto para me confortar, mas não consigo me afastar. “Você vai me dizer, Brooklyn,” ele ordena.

“Não.”

Meus olhos permanecem fechados, então quando seus lábios roçam os meus por um segundo tentador, é um choque completo. Leve e persuasivo, o beijo demora por um momento antes dele se afastar. Isso me deixa tremendo e querendo mais urgentemente.

“Já mudou de ideia?”

Eu balanço minha cabeça, conseguindo espiar para ele. Há frustração marcada em suas feições, mas ele tenta um sorriso tranquilizador, bancando o mocinho.

“Você pode confiar em mim.”

“Não com isso,” eu respondo.

Mas há outra coisa para a qual ele pode ser útil.

Aproveitando a distração, eu o empurro contra a parede,

prendendo-o com meu corpo. Isso é loucura, nenhum de nós realmente conhece o outro. Mas eu não dou a mínima. Estou em uma viagem só de ida para a vida após a morte. Este é apenas um pouco de entretenimento a bordo.

“Espere,” Phoenix começa a protestar.

Silenciando-o com meus lábios, meus braços envolvem seu pescoço. Meu corpo está encostado no dele e em segundos ele retribui, me beijando com urgência. Suas mãos pousam em meus quadris, apertando com tanta força que estremeço involuntariamente. Mais. Eu preciso de mais. Os pensamentos ainda são muito altos.

Descendo seu corpo esculpido, encontro a rigidez contra seu jeans apertado. Alguém está feliz em me ver. Eu tinha esquecido a emoção de brincar com outra pessoa. Phoenix geme contra minha boca, dentes mordendo meu lábio mastigado, rasgando a pele enquanto o sangue flui entre nossos lábios unidos.

Estou tão foddidamente excitada, tudo o mais empalidece em insignificância. O aperto da histeria silenciosamente libera seu domínio e recua. Sua língua passa pela costura da minha boca, e eu abro instantaneamente. O beijo se aprofunda, o metal frio de um piercing varrendo minha boca. Porra, isso é incrível.

Seria ainda melhor em outro lugar.

Ouve-se um estrondo do lado de fora, seguido por gargalhadas e gritos agudos. O momento é quebrado quando a realidade volta sorrateiramente. Somos completos estranhos em uma sala de aula, agindo como alunos do ensino médio com tesão. O que há de errado comigo? Phoenix gradualmente se afasta, oferecendo-me um sorriso. Idiota.

“Eu queria fazer isso desde que você bateu no Rio na cantina ontem.”

Quase como se não pudesse resistir, ele se inclina e chupa meu lábio inferior, onde o sangue ainda escorre livremente. Roubando-o para si mesmo, seus olhos estão cobertos de desejo desavergonhado.

Seu dedo desliza no canto da minha boca para remover qualquer evidência.

“Não pense que não volto para terminar o trabalho,” sussurra.

O sorriso que surge em meus lábios não é familiar. O que é esse sentimento? Satisfação? Alívio? Meu corpo parece leve, como aqueles segundos felizes depois de cortar minha pele e observar o rio carmesim fluir. É eufórico, como a porra de uma droga, e já estou desejando outra dose.

“Você vem para a aula agora?” Phoenix pergunta.

A recusa imediata para na minha língua. Eu não quero mais correr, não há desejo de me esconder no meu quarto e brincar com minhas lâminas até que eu possa pensar com clareza novamente. Algo mais aconteceu aqui. Uma troca de escuridão mútua.

Em vez disso, uma resposta diferente escapa.

“Sim, eu irei. Lidere o caminho.”

Oito

Hudson

Serotonin by Call Me Karizma

Eu empurro um garoto desengonçado para fora do caminho.
“Mova-se.”

Porra do inferno. Este lugar está lotado. Eu disse a Kade que não estava com humor, mas o bastardo persistente se recusou a sair do meu quarto até que eu promettesse descer para jantar. Literalmente ficou lá e olhou para mim, exigindo minha presença como uma espécie de guarda de patrulha.

Filho da puta de quatro olhos. Ele vai desistir um dia.

Até então, ele é um pé no saco.

Pego um pouco da comida ruim e um refrigerante. Posso muito bem abastecer enquanto estou aqui. A academia está me chamando. Preciso bater em alguma coisa, mas aparentemente a violência não é um mecanismo de enfrentamento saudável. Obrigada Mariam, obrigada pra caralho.

Eles se perguntam por que as pessoas ridicularizam aqueles que fazem terapia. Não é de surpreender, a coisa toda é uma piada. O maior desperdício de três horas por semana. Tempo que poderia ser gasto batendo em um saco de boxe ou em alguma boceta doce. Eu me pergunto se Britt ainda está com raiva de mim. Eu poderia usar uma rodada ou duas.

“Hudson!”

Kade está acenando para mim, parecendo mais aliviado do que eu estou confortável. Como ele mantém esse ato vinte e quatro por sete? É cansativo apenas observá-lo. O Sr. Perfeito com a camisa e as boas maneiras, desfilando e se aconchegando com a gerência. Ninguém mais vê através dele? Toda essa merda falsa? Me deixa

doente.

“Sim, estou aqui,” murmuro, evitando seus olhos esperançosos.

Ele se acomoda, claramente tentando se conter. Vamos enfrentá-lo, eu sei que sou horrível com ele. É mais do que ele merece, mas ele não é obrigado a ficar por aqui. Não mais. Não me responsabilizo por ferir seus sentimentos estúpidos até que ele finalmente vá embora.

“Obrigado por ter vindo,” ele oferece.

Eu recuo interiormente. Mais manipulação emocional, me fazendo sentir a pior pessoa do mundo. O que, obviamente, eu sou. Por que mais eu ficaria preso neste buraco de merda por mais dezoito meses?

“Talvez assim você saia das minhas malditas costas.”

“Só estou cuidando de você, Hud.”

Provavelmente não.

“Quantas vezes eles ligaram esta semana?” Eu exijo.

Ele imediatamente desvia o olhar. “Eles se preocupam com você. Todos nós fazemos.”

“É assim mesmo?”

“Vamos, pare. Você sabe que sim,” Kade estala.

Estou tentado a dar um soco na cara dele. Além de tentado. Mas se houver mais ataques em meu registro, a diretora ameaçou me mandar para o porão. Até eu tenho bom senso para evitar isso. Minha cabeça está fodida o suficiente. Eu vi as crianças que saem do nível do porão, tremendo como uma folha de merda e resmungando merdas que não fazem sentido. Não são as mesmas pessoas que entraram.

“Se isso fosse verdade, eu não estaria aqui. É tão simples quanto isso,” eu argumento.

Kade deixa cair o garfo com um estrondo, caindo para trás no assento. “Seriamente? Ainda continuamos com as desculpas?”

“Não é uma desculpa.”

Olhos castanhos queimam minha pele, carregados de desprezo. A esperança é totalmente extinta dele por minhas palavras. Eu prefiro quando ele me odeia. É mais fácil assim, ao invés dele constantemente tentando me salvar. Estou no caminho da autodestruição e adoro isso. Além da redenção, querido. Para o inferno com todos eles.

“Bem, você deve saber que um advogado virá vê-lo na próxima semana. Você não vai sair daqui até começar a progredir,” acrescenta.

“Não é necessário. Cancele.”

Kade esfrega o rosto, respirando fundo. “Você é impossível.”

Eu termino minha bebida, amassando a lata em uma mão sem nem piscar. “É você que está sendo teimoso pra caralho, irmão mais velho. Como sempre.”

Esse bastardo de camisa limpa é a porra do meu irmão. Quem diria? Somos tão diferentes quanto a noite e o dia. No entanto, aqui estamos nós. Presos juntos, para o bem ou para o mal.

Ele não responde. Há um silêncio constrangedor, preenchido com todas as palavras que não podemos dizer. Se eu fosse uma boa pessoa, eu o encheria de promessas e banalidades sinceras. Agradecendo a ele por me aturar todos esses anos, ou prometendo limpar meu ato para que possamos ir para casa. Mas isso nunca vai acontecer e quanto mais cedo ele perceber isso, melhor. Para todos nós.

“Estou tentando proteger você,” diz Kade uniformemente.

Posso dizer pela maneira como seus lábios estão pressionados que ele quer dizer mais. Inferno, ele provavelmente quer me bater também. Gritar na minha cara. Punir-me por abandonar nossa família e arruinar a vida perfeita que me foi dada.

Eu tenho que fazê-lo ir. Deixar de se preocupar comigo, com o desperdício de espaço que sou. Ele está preso aqui, perseguindo-me e tentando limpar bagunças que não pertencem a ele. Ele é a história de sucesso. O bom garoto que se tornou um grande homem.

Machucá-lo é a única maneira de libertá-lo.

“Não é seu trabalho me proteger. Nunca foi,” eu afirmo friamente, observando-o recuar. “Não somos uma família. Não somos irmãos. Nós nem somos amigos. Coloque isso na cabeça, antes que seja tarde demais.”

Ele olha para mim com os olhos arregalados e eu luto contra a vontade de esfregar meu peito. Dizer isso dói, essa é a pior parte. Eu não sou esse tipo de pessoa. Sim, eu sou um idiota. Mas Kade e sua família são a melhor coisa que já me aconteceram.

“Eu fui uma vez.”

A voz de Kade é um sussurro áspero, sufocado pela emoção. Eu me levanto abruptamente, jogando a lata amassada no chão e me afastando. Não consigo olhar para ele, não consigo ver a expressão quebrada em seu rosto. Uma expressão que coloquei lá. Isso vai acabar comigo.

Apenas vá embora. É mais seguro.

Estou fora da porta e quase correndo quando dois rostos familiares diminuem meus passos. Inferno do caralho, não há como escapar esta noite. Esses caras estão por toda parte, aparecendo para acumular mais culpa pelo meu comportamento de merda ultimamente. Droga.

“Hud! Espere!” Phoenix grita.

Ele está entrando no prédio com Eli a reboque, ambos aparentemente surpresos em me ver. Passo a mão pelo cabelo, procurando uma desculpa para evitá-los. Eu me sinto uma merda, eles são meus amigos, mas eu simplesmente não posso fazer isso esta noite. Não depois daquela conversa.

“Ei,” eu respondo.

“Onde você está indo? Temos alguém para você conhecer.”

“Não essa noite. Eu... tenho trabalho a fazer.”

Phoenix franze a testa e até mesmo Eli parece desconfiado. Eles me conhecem muito bem às vezes. “Tem certeza? Confie em mim,

você não vai querer perder isso. Ela é uma lufada de ar fresco.”

Eu começo a me afastar. “Não, estou bem. Nos vemos mais tarde.”

Phoenix dá de ombros, virando as costas. Eli sorri fracamente e segue o exemplo. Minhas desculpas são transparentes, mas são boas o suficiente para não pressionar mais. Ao contrário de Kade, que não aceita um não como resposta.

Eu saio correndo, minha mente focada em um destino. Na chuva, na noite escura e em outro prédio. Ela tem um projeto para entregar, então a sala de arte é um bom lugar para começar. Estou certo, claro, mas assim que entro na sala, seu rosto endurece.

“Sério, Hudson, foda-se. Hoje não.”

“Vamos, Britt. Sinto muito por ser um idiota,” eu minto facilmente.

“Você sente?” Ela desafia, batendo o pincel no chão.

Eu sei exatamente o que dizer, é como uma rotina neste ponto. Fodemos, brigamos, discutimos e depois fodemos um pouco mais. Sinceramente, eu odeio isso. Britt está me usando tanto quanto eu a estou usando. Não há nada de profundo nisso, mas quando ela tenta exigir mais de mim, nos deparamos com dificuldades. Da última vez, eu literalmente a joguei fora. Não aguentei vê-la nem mais um segundo do que o necessário.

“Eu sou um idiota. Me perdoe?” Eu espremo as palavras. Mentiroso.

Abandonando minha moral mais uma vez em busca de uma solução temporária. Acho que não mereço nada melhor do que isso. Não depois das coisas que eu disse e fiz. Esta miséria é tudo que me é permitido, nada mais.

Britt pula na bancada, abrindo rapidamente as pernas. Atravesso a sala sem hesitar. Posicionando-me entre suas pernas, empurro o estúpido vestido florido até sua cintura, puxando a calcinha por suas pernas finas. Eu deveria estar preocupado em machucá-la um dia,

anoréxicos têm ossos quebradiços. Mas, novamente, não é problema meu. Eu não me importo se eu a quebrar. Pode realmente ser divertido.

“Ah, a propósito...” Ela começa.

Eu libero meu pau duro como pedra. “Você tem que falar agora?”

“Calma, não precisa ser babaca. Eu ia te contar sobre a garota nova.”

Envolvendo minha mão em torno de sua garganta, eu aperto forte o suficiente para calá-la. “Eu não dou a mínima para a garota nova. Entendeu?”

Britt consegue acenar com a cabeça e eu libero meu aperto, agarrando seus quadris. Antes que qualquer conversa sem sentido possa continuar, eu entro nela, saboreando o grito que escapa de sua boca. Britt age toda inocente, mas ela está encharcada e adora. Duro e áspero, mais uma punição do que algo romântico. Ela prospera com isso, assim como eu. Assim como todos nós.

“Oh, Hudson,” ela geme.

Eu a sintonizo, desconectando completamente com cada estocada brutal. Bombeando para dentro e para fora sem cuidado, esta é uma forma particularmente doentia de autotortura. Foder uma garota que eu literalmente desprezo, ao invés de me dar a chance de algo mais.

Mariam teria um dia de campo se ouvisse sobre essa merda. Ela provavelmente está assistindo agora. Não é como se não houvesse câmeras em todos os lugares, não tenho ideia de como nos safamos com metade das merdas que acontecem aqui.

Eu resmungo em meu clímax, sem me importar se Britt está satisfeita ou não. Distante, me pergunto como seria se sentir amado. Compartilhar algo com alguém especial. Eu tive isso uma vez, uma vida atrás. Breve e fugaz, um caso de amor turbulento que terminou de forma tão explosiva quanto começou. Comigo é sempre a mesma

coisa, estrago tudo de bom que entra na minha vida.

Posso não merecer, mas faria qualquer coisa para sentir isso de novo.

Nove

Brooklyn

Let Me Be Sad by I Prevail

Eu ofereço a Phoenix e Eli um aceno indiferente da entrada, observando enquanto eles caminham para sua classe aparentemente com relutância. Eles não podem me perseguir o tempo todo. Eu sou uma garota grande e mais do que capaz de lidar com isso.

É quinta-feira e o segundo dia dessa experimentação inútil. A aula da manhã é ciência básica. Coisas bastante básicas pelos sons das coisas, mas meus professores foram todos genéricos. Qualquer especialidade escolhida me dará acesso a aulas aparentemente mais interessantes.

Eu digo isso como se eu desse a mínima.

Endireitando minhas costas, eu sigo o fluxo de tráfego para a sala de aula. Há bancadas de trabalho e banquetas espalhadas. Hesitando, olho em volta procurando um assento adequado. Todo mundo parece ter lugares já. Vir aqui foi realmente um erro, nunca me senti tão no limite.

A memória dos dentes de Phoenix rasgando minha pele fervilha em minha mente. Porra, esse foi um erro quente. Tenho que reprimir o formigamento que ameaça quando penso naquele encontro. O que diabos está dando em mim? Ele é apenas mais um idiota procurando uma solução rápida. Eu não deveria me rebaixar ao nível dele. Não importa o quão viva isso me faça sentir.

Há um lugar vazio no canto de trás, ao lado de uma garota deitada com a cabeça na mesa. Os fones de ouvido em sua cabeça selam o acordo, espero poder passar algumas horas sem ter que me esquivar de bate-papos ou conversa fiada. É um campo minado de sutilezas sociais para as quais não tenho paciência.

Abaixando-me, faço um rápido levantamento da sala. Tenho

visto alguns rostos familiares, principalmente no refeitório ou no pátio. Um casal dos meus dormitórios também. Pelo que percebi, há dois blocos habitacionais neste lugar. Oakridge e Pinehill. Cada um com cinquenta pacientes, todos inscritos neste chamado tratamento experimental.

É uma operação enorme, nada como a enfermaria unida de dez, de onde vim, onde todos sabiam seu nome e diagnóstico. Eu odiava isso. Pessoas metendo o nariz nos meus negócios, querendo compartilhar e falar como algum tipo de merda de terapia de grupo. Felizmente, a maioria deles ficou com medo de mim quando descobriram minha identidade.

“Ei.”

É a garota, os fones de ouvido agora pendurados no pescoço.

“Oi.”

“Você é nova?”

“Sim, cheguei há dois dias.”

Seus olhos me avaliam abertamente. Eu levo um momento para dar uma olhada nela, notando seu cabelo tingido de ruivo, lábios pintados de preto e piercing brilhante no nariz. A camiseta desalinhada do Nickelback ganha minha aprovação quase que instantaneamente. Ela tem bom gosto.

“Tem certeza que quer se sentar aqui?” Ela pergunta.

“Com certeza. Por que não?”

Suas sobrancelhas levantam enquanto ela dá de ombros, me dando um sorriso torto. “As pessoas tendem a me evitar. Eu os estresso.”

“Por que isso?” Eu pergunto casualmente.

“Você realmente quer saber?”

Concordo com a cabeça. Não muito me assusta.

“Bem, para começar, chego aqui uma hora mais cedo todos os

dias para mover todas as mesas para um ângulo perfeito de noventa graus. Todos os bancos devem ser virados quatro vezes antes que alguém possa sentar neles. A menos que você queira ser atropelado por um carro amanhã. E se eu não trancar e destrancar as janelas exatamente sete vezes, meu irmão ficará doente e morrerá. E isso é só para esta aula. Então, não se preocupe, não ficarei ofendida se você for para outro lugar.”

Inquieta, nervosa, ela cutuca a pele esfolada ao redor das unhas enquanto espera pela minha resposta. Eu a encaro por um segundo sem palavras, até que um sorriso fácil aparece em meus lábios. Porra, estou ficando mole.

“Qual o seu nome?”

“É Teegan. Você?”

“Brooklyn. E estou bem sentada aqui, obrigado.”

Ela corresponde ao meu sorriso com entusiasmo, um rubor subindo pelo pescoço. A atenção se volta para o professor enquanto ele põe ordem na classe, iniciando uma palestra que me deixa com os olhos marejados. Sua voz literalmente perfura minha cabeça. Provavelmente não ajuda o fato de eu ter passado outra noite rolando em lençóis suados ao som de um coro de vozes sibilantes antes de correr sem comer primeiro.

Estou desaparecendo lentamente a cada dia que passa.

O que aconteceria se eu simplesmente parasse? Não comer, dormir ou beber. Eu simplesmente sumiria pedaço por pedaço? Ou enlouqueceria de fome, minha mente cedendo antes do meu corpo? Talvez eu caísse nas garras da psicose. Esse pensamento deixa um gosto amargo na minha boca enquanto engulo em seco. Eu me jogaria de um telhado antes de passar por isso de novo.

“Ei, por que o assistente está olhando para você?”

Eu rapidamente olho para cima, seguindo a linha de visão de Teegan. Com certeza, um par de olhos castanhos me encaram. Contrastando perfeitamente com sua camisa branca engomada, sem

gravata hoje. Kade parece rude, ao contrário de seu eu perfeito de sempre. Seu cabelo loiro cor de areia está despenteado em vez de bem penteado, botões abertos e mangas arregaçadas para revelar antebraços musculosos.

“Ele é o assistente?” Eu sussurro de volta.

“Sim, ele realmente estuda aqui também. Mas ele ajuda nas classes de nível inferior e com as coisas de escritório. É estranho.”

Quão conveniente. O que há com toda a margem de manobra dada a Kade? Ele é tratado mais como um hóspede do que como um paciente. Não faz sentido. Isto é suposto ser um programa de tratamento de segurança máxima. Não um refúgio hippie onde todos cantamos hakuna matata.

“Alguma ideia do porque ele está aqui?” Eu pergunto.

“Não. No entanto, seu irmão é um canhão à solta.”

Irmão? Ele manteve isso quieto, os outros dois também. Quais são as chances de dois irmãos acabarem aqui? Não é provável, a menos que seja um caso de cabeça na família, caso em que, os dois são loucos.

O que exatamente você está jogando, Kade?

A aula passa como um borrão, com Teegan se inclinando para copiar minhas respostas e me seduzindo com mais de suas compulsões. Quando ela percorreu o perímetro da sala três vezes antes de entregar nossos trabalhos, ninguém sequer piscou. Ela logo riu e na hora do almoço, estou me sentindo bastante protetora com ela. Todos os apelidos cruéis lançados parecem me chatear mais do que ela.

Ela está condicionada ao bullying, enquanto eu estou pensando em chutar a bunda de todos esses filhos da puta para lhes ensinar uma lição. Este dificilmente é o lugar certo para julgar os outros. Quero dizer, nenhum de nós é um adulto funcional, ou não estaríamos aqui. Este lugar é uma fossa de fracasso e disfunção.

“Brooklyn, podemos conversar?”

Kade se aproxima enquanto arrumamos as bolsas, que consiste principalmente em mim parada desajeitadamente, com os olhos na mochila inteligente de Teegan e nos materiais de papelaria. O constrangimento é um sentimento familiar, passei a maior parte dos meus anos na educação com ciúmes dos outros, com seus telefones novos e brilhantes e roupas sem buracos.

Cruzo os braços enquanto nos enfrentamos. “Sobre o que?”

“Só para recuperar o atraso. Já se passaram alguns dias.”

Seus olhos estão arregalados, quase suplicantes.

“Estou ocupada, Kade.”

“Por favor, só vai levar um segundo.”

Suspirando, eu dou a Teegan um aceno de segurança. Ela está impaciente, movendo-se enquanto tenta não olhar para Kade de forma muito óbvia. Dizemos um adeus desajeitado e, eventualmente, ela se afasta, tocando cada assento à medida que passa. A sala de aula se esvazia lentamente até ficarmos só nós.

“Isso é sobre o quê?” Eu suspiro.

“Eu só queria ter certeza de que você está se adaptando bem.”

Ele parece genuíno, mas não posso deixar de duvidar de suas intenções de qualquer maneira. A confiança não vem exatamente fácil para mim. Especialmente quando envolve o sexo oposto. Nunca confie em um cara, especialmente os doces. Eles vão te queimar tão bem quanto os outros.

“Sim, eu estou bem.”

“Já escolheu um foco?”

Eu dou de ombros, evitando a pergunta. “Não exatamente.”

Kade parece refletir sobre isso, passando a mão pelo cabelo bagunçado.

“Você está bem?” Eu deixo escapar. De onde diabos isso veio?

“Eu? Ah, com certeza. Eu estou bem,” ele murmura, a resposta

bastante sem brilho. “Apenas algumas coisas acontecendo. Você sabe como é.”

“Claro, tanto faz.” Por que estou parada aqui?

Kade limpa a garganta. “Nix disse que você gostou de história?”

Ele está pescando, lutando para mudar de conversa. Acho que não devo revelar que só gostei porque já havia saído com o melhor amigo dele antes, sem o qual teria entrado em colapso total.

“Foi tudo bem. Eu não me importo.”

Ele balança a cabeça distraidamente, estudando seu relógio. “Bem, você precisará tomar uma decisão até amanhã. Apenas deixe-me saber, eu posso cuidar da papelada para você.”

“Uh, tudo bem. Obrigado.”

Seus dedos batem na mesa por um momento, os olhos passando rapidamente por mim. Eu engulo, mantendo minha posição. Há esse sentimento entre nós, como se eu devesse dizer mais. O que ele quer de mim? Ele apenas segue atrás de todos os perdidos neste lugar?

“Certo, eu vou indo então. Vejo você depois.”

Kade se vira para sair, com os ombros caídos. Sinto-me culpada, mas é para o bem dele. Quanto mais pessoas eu interagir, mais elas serão afetadas pela minha morte. Eu não quero ser lembrada. Esquecida, meus arquivos destruídos; esse é o objetivo. As pessoas sempre insistem em não ser mais uma estatística, mas mal posso esperar até que minha vida seja reduzida a nada mais do que um número. Então estarei livre.

“A menos que você queira almoçar juntos?”

Kade fica parado na porta, olhando para mim através daqueles óculos sensuais. Há um sorriso encantador em seu rosto. Por que ele não pode ser uma pessoa de merda? Isso tornaria isso muito mais fácil. Não ajuda que eu esteja atraída por ele também. Eu não sou cega.

“Eu não sei...” Eu digo incerta.

“Vamos, é só meia hora. Parece que você precisa de companhia.”

Bem na hora, meu estômago decide roncar. Maldito traidor. Eu sei que ele ouve, a sobrancelha arqueada e o sorriso conhedor me deixam sem escolha a não ser aceitar sua oferta.

“Tudo bem. Mas se você continuar me importunando sobre a escolha de um estudo, você comerá sozinho. Entendeu?” Eu exijo.

Kade assente. “Entendi.”

Dez

Eli

Follow You by Bring Me The Horizon

Roubo os fones de ouvido de Phoenix, coloco-os e coloco meu capuz de volta. Ele tem um péssimo gosto musical, então eu procuro por algum Bring Me The Horizon que eu sei que ele baixou só para mim e mergulhar na batida pesada. A música é boa. Afoga o resto dos meus sentidos. Quanto mais alto e irritado, melhor. Nada mais passa quando meu cérebro está ocupado com o som.

Estou encolhido no canto do campo de futebol, observando Phoenix e Kade chutarem uma bola apaticamente. Ambos parecem distraídos, ocupados com seus próprios pensamentos. Eu não brinco, preferindo enfiar o nariz em um livro. Correr é a minha praia, mas sozinho. Não com companhia. É minha hora de experimentar o mundo pacificamente enquanto todos dormem. Sem vozes ou sabores para me dominar ao romper da aurora.

Há movimento no campo vizinho. A sessão obrigatória de ginástica está a todo vapor, apesar do clima gelado. A maioria deles está pulando em busca de calor, amontoados e gemendo. Eu examino os corpos, procurando pelo familiar cabelo loiro brilhante. Ela deveria estar nesta classe.

Minha frequência cardíaca acelerada diminui quando finalmente localizo Brooklyn parada perto dos fundos, totalmente sozinha. Ela nem parece se importar. Braços cruzados e quadril jogado para o lado, ela parece além de entediada. Droga, como ela faz isso? A maioria dos novatos estaria chorando ou emburrado, sendo excluído dessa forma. Ela está parada lá como se fosse dona de todo o maldito mundo.

Que visão é essa.

Concentro-me novamente em minha redação, tentando evitar que meus olhos se desviem. Tê-la tão perto é uma distração. Já me

tornei doentamente apegado, minha mente se prendendo a sua presença dominante. Ninguém nunca olhou para mim do jeito que ela olhou naquele refeitório. Com tanta pureza e respeito, em vez de me tratar como algum tipo de experimento de laboratório que deu errado. Realisticamente, há uma razão pela qual estou ficando obcecado.

Eu já passei por isso antes. No inferno que é Clearview, observar o Brooklyn se tornou minha obsessão. Fiquei fascinado por ela. No dia em que ela chegou chutando e gritando, anos de tédio terminaram. Ela foi uma centelha de interesse na paisagem monótona da minha vida. Eu nunca disse uma única palavra na cara dela, apenas a estudei de longe. Se ela perceber, vai pensar que sou algum tipo de perseguidor doentio.

A bola rola ao meu lado, perturbando a pilha de papéis e fazendo as folhas voarem. Phoenix me dá um sorriso diabólico. Idiota. É o dever de casa dele que estou fazendo aqui, ele é um filho da puta preguiçoso que adora explorar meu ponto fraco por ele.

Jogando a bola para trás, dou outra olhada para o lado. Enquanto as outras garotas começam a entrar, Brooklyn está sendo repreendida por se levantar e se recusar a participar. O treinador é um defensor do envolvimento dos alunos. Mas ela não aceita nada disso, dando um de seus clássicos encolher de ombros.

“Eli! Você vem?”

Eu arranco os fones de ouvido, oferecendo um aceno para os caras.

“Você acha que pode invadir a sala de cinema? Colocar algo decente?”

Phoenix está persuadindo Kade, que parece não se impressionar com a sugestão. “Nix, não posso simplesmente fazer isso. Você quer que eu seja demitido?”

“Vamos lá, cara. É a porra de um filme, dificilmente o pico da criminalidade.”

Ele não vai chegar a lugar nenhum. Kade é senhor certinho, ele

vive de acordo com o livro e nunca quebra as regras. É uma das coisas que mais admiro nele. Não há um osso ruim em seu corpo. Ele realmente não pertence aqui.

O resto de nós vendeu nossas almas ao diabo há muito tempo.

Juntando-me aos outros, observo enquanto Brooklyn é designada para recolher todas as bolas. Ela está murmurando para si mesma, provavelmente xingando com aquela boca suja dela. É quente pra caralho se você me perguntar, eu adoraria fazê-la xingar e gritar eu mesmo.

O grupo de garotas ainda segura suas bolas, e reconheço Britt entre elas. A nojenta amiga de Hudson, ela é a líder de um clã de anoréxicos, todos competindo uns contra os outros em alguma competição doentia para morrer primeiro. Isso faz minha pele arrepiar.

“Por que você está demorando tanto? Apresse-se, estou congelando minhas bolas.” Phoenix me puxa para um abraço lateral. “Você fez meu dever de casa? Crawley vai me matar se entregar tarde de novo. Vou fazer valer a pena o seu tempo, não se preocupe.”

Não estou prestando atenção em seu flerte, muito focado no desenrolar da situação. Brooklyn está tentando pegar as bolas e sendo importunada pelo bando de hienas. É uma cena que já assisti inúmeras vezes, elas sempre encontram um alvo para focar seu ódio. Normalmente a novata e principalmente se for magra. As garotas podem ser tão cruéis, especialmente neste lugar.

Quase grito alto quando o primeiro punho vem em sua direção, a necessidade de avisá-la borbulhando dentro de mim. Ele se conecta com sua mandíbula e a faz cambalear em estado de choque.

“Sério, o que há com você?” Phoenix exige.

Eu aponto freneticamente. Em vez de correr ou se encolher, Brooklyn está voando direto para as outras garotas. Ela derruba duas com golpes brutais, os gritos agudos chegando até nós de longe.

“Temos que parar com isso!” Kade grita, decolando.

Phoenix permanece imóvel, seu braço apertado em volta da minha cintura. Ele está assistindo exatamente como eu, com uma espécie de fascínio mórbido por essa garota brilhantemente violenta, dando o melhor que pode. Eu sei que ele é um fodido doente como eu, ele provavelmente está duro só de ver o nariz sangrando e os nós dos dedos arranhados. Pensamos de maneiras depravadas semelhantes.

“Droga, ela sabe como lutar,” ele murmura.

Britt está atrás, deixando suas lacaías bater e arranhar, mas elas não são páreo para Brooklyn. Ela rola com os socos, levando o castigo enquanto distribui o seu próprio. No momento em que Kade alcança o treinador Matthews e termina, estou tendo que ajustar meu próprio jeans, que parece um pouco desconfortável. Phoenix me oferece um sorriso sensual, estendendo a mão para passar o polegar sobre meu lábio inferior. Eu resisto ao impulso de colocar minha língua para fora e lambê-lo.

“Não sei quanto a você, mas eu não me importaria de passar algum tempo de qualidade com nossa linda novata. Com ou sem sua companhia, embora eu prefira com. Funcionou para nós antes.” Ele pisca.

Sinto minhas bochechas corarem. Certamente funcionou. Muito fodidamente bem.

Nós nos juntamos a Kade, nós três observando enquanto o treinador se posiciona entre o grupo briguento, separando uma garota maltratada por Brooklyn. Ela está visivelmente fervendo, sangue escorrendo pelo rosto e queixo, um olho já inchado.

Quem pula em alguém por causa de um punhado de bolas? Quase 5-1, superando-os em número? Bem-vindo ao hospício.

“Você está bem? O que diabos aconteceu?” Exige Kade.

Acenando para ele, Brooklyn enxuga o rosto na manga, espalhando com sucesso mais sangue. “Sim, tudo bem. Acabei de quebrar o nariz de uma vadia, então esse é o meu dia perfeito.”

Depois de uma rodada de cumprimentos inapropriados de

Phoenix, estamos fugindo do campo e voltando pelo pátio, indo direto para casa. Na minha periferia, posso ver Kade tentando oferecer-lhe um braço e sendo rapidamente empurrado para longe com um grunhido 'foda-se' de Brooklyn.

Entramos nos dormitórios sem mais incidentes e seguimos Brooklyn até o quarto andar, virando à direita em vez de irmos para nossos próprios quartos. Ela está mexendo no cartão-chave e resmungando antes de perceber que ainda estamos aqui.

“Hum, o que vocês estão fazendo?”

“Nos certificando de que você esteja bem,” responde Kade.

“Você pode precisar de ajuda para limpar,” acrescenta Phoenix sugestivamente.

Seus olhos encontram os meus e eu dou de ombros. Ela coloca as mãos nos quadris, parecendo feroz pra caralho com as sobrancelhas franzidas, rastros de sangue escorrendo pelo rosto furioso. “Vocês não vão entrar.”

“Nós vamos,” Kade diz inexpressivo.

“Não, não vão.”

“Brooklyn...”

“Sem chance, porra!”

Ela e Kade olham fixamente, mas ambos são igualmente teimosos, então, para simplificar as coisas, rapidamente passo o cartão-chave e abro a porta, jogando-o por cima do ombro para ela pegar.

“Bando de idiotas persistentes,” ela sussurra.

Uma vez lá dentro, fico surpreso com o vazio absoluto de seu quarto. Não há nada pessoal. Nem um pedaço. Sem fotos ou desordem, nem almofadas, cobertores ou luzes de fada como as outras meninas têm. Há uma única bolsa preta saindo ligeiramente de debaixo da cama. Uma olhada rápida no guarda-roupa revela ainda menos roupas do que as que possuo.

Phoenix me lança um olhar carregado antes de se esparramar na cama, chutando os pés para cima como se fosse o dono do lugar. Ele estuda o quarto de perto, catalogando a pura falta de personalidade.

“Sinta-se em casa, por que não?”

Brooklyn olha, sem prestar atenção em Kade, que está fazendo suas próprias avaliações, também dando uma olhada sutil no guarda-roupa.

“Farei, doçura,” Phoenix canta de volta.

Kade passa por mim e se senta à mesa, avaliando os olhos com sua máscara profissional firmemente no lugar. Posso ver como Brooklyn está desconfortável, olhando em volta ansiosamente enquanto invadimos sua privacidade.

Com um revirar de olhos exasperado final, ela desaparece no banheiro para se limpar. Assim que a porta se fecha, Phoenix se senta ereto, sua brincadeira há muito esquecida. É estranho vê-lo tão sério e preocupado.

“Que porra está acontecendo? Você não planejou a chegada dela?” Ele berra.

“Claro! Ela pegou o maldito cartão-chave e entrou,” Kade responde rispidamente. “Não sabia que ela vivia assim ou que não tinha nada.”

“O que aconteceu com 'é o meu trabalho', hein? Isso é besteira e você sabe disso.”

“Ela é uma adulta, não sou responsável por cuidar dela!”

“Você trabalha para Blackwood. Não me venha com essa merda,” Phoenix ferve.

“Eu sou voluntário! E não é como se eu não tivesse o suficiente para me preocupar com vocês três!” Kade rosna, claramente enfurecido.

A discussão deles aumenta e eu me afasto, sem vontade de ficar entre eles. Vozes elevadas imediatamente acionam meus sentidos para

trabalhar horas extras, então tenho que escapar. Eu rastejo até a porta do banheiro, espiando pela abertura para verificar Brooklyn.

A visão dela de pé sobre a pia, as mãos cerradas na cerâmica enquanto ela soluça silenciosamente quebra qualquer pedaço patético que resta do meu coração. Lágrimas grossas escorrem por seu rosto e ela as esfrega com raiva, xingando-se silenciosamente por ser estúpida.

O que ela está fazendo comigo?

Como faço para parar?

Sentimentos são tóxicos para mim. Dormência é o meu estado preferido de estar. Mas nos poucos dias desde que ela apareceu sem nenhuma foda para dar, eu estive mais sensibilizado do que nunca. Ela está quebrada de uma forma que é clara como o dia para mim, chamando meus próprios demônios gananciosos. Sempre adorei quebrar coisas e ela está no limite. Eu não quero nada mais do que empurrá-la para fora do precipício e segui-la até o fim.

Gentilmente abrindo a porta, eu deslizo para dentro do banheiro apertado. Ela se assusta, recuando e esfregando as lágrimas rosadas que escorrem por seu rosto. “Eli, o que...”

Habilidades sociais não são exatamente o meu forte. Eu sou mudo pra caralho, eu luto com esse tipo de merda. Mas eu só estou indo com o que parece certo. Minha palma se conecta com sua bochecha, o polegar traçando a linha de sua mandíbula. Eu toco seu olho rapidamente inchado, hematomas ao redor da órbita. Porra, eu amo o jeito que a pele dela mancha. Florescendo em tons de preto e roxo. Eu adoraria marcá-la eu mesmo.

Eu gravito até seu lábio partido enquanto ela visivelmente estremece de dor, relutante em mostrar fraqueza, mas incapaz de segurá-la. Não posso evitar, pressiono o corte sangrento e a faço recuar um pouco mais. Há algo fascinante em sua dor, eu quero desesperadamente machucá-la. Mas algo me impede. Não, eu não posso ser essa pessoa com ela. Não é normal.

Em vez disso, reprimo os desejos distorcidos e resolvo consertar

algo pelo menos uma vez. Seus olhos encontram os meus, nuvens cinzentas de tempestade pontuadas por faixas mais claras de azul, quase imperceptíveis, a menos que sejam vistas de perto. Minha mão descansa em sua pele e ela está inconscientemente se inclinando, saboreando meu toque, mesmo sem perceber. Pego uma toalha de mão e silenciosamente me ofereço para ajudar.

“Ok,” ela cede.

Afundando para descansar na tampa do vaso sanitário, ela olha para mim com expectativa. No que estou me metendo aqui? Eu não sou nenhum santo. Só de vê-la coberta de sangue fresco meu coração martela contra a caixa torácica e meu pau se contrai. Ela parece um belo desastre do caralho, um que mal posso esperar para ver acontecer.

Molhando a toalha, ajoelho-me e começo a limpar seu rosto. Traços amplos que limpam os respingos escuros, revelando a pele branca cremosa por baixo. Trabalhando em silêncio carregado, a intensidade faz minha mão tremer. Ela se recusa a desviar o olhar e isso está me matando.

É assim que se parece ser visto? Na maioria das vezes, sinto que já estou morto. Ninguém me vê, até os caras têm o hábito de me ignorar. Eu não os culpo, é fácil de fazer. Estou apenas lá, arrastando-me ao fundo. Sozinho.

Eu termino, virando as costas. Uma mão pega meu pulso, exigindo atenção.

“Eli...”

Não tem como descrever o sabor dessa emoção.

Eu nunca experimentei isso antes.

“Se você quiser falar comigo, pode. Só para você saber.”

Brooklyn me solta. Imediatamente, sinto falta da pressão de seus dedos em volta do meu pulso. Eu não quero nada mais do que empurrá-la contra a parede e fazê-la sentir o que eu sinto. Puxar seu cabelo e machucar sua pele, arrastá-la para as profundezas do inferno

comigo, não importa o quanto isso vá matá-la por dentro. A vida dói pra caralho, e eu quero que ela experimente isso comigo. Pela primeira vez, não quero ficar sozinho. Nem um pouco.

Com um aceno superficial, eu me afasto.

Elijah mau. Você tem o diabo em você.

Ela já está danificada. Eu a arruinaria.

Onze

Brooklyn

I Not Well by Black Foxxes

“Então, você quer me contar o que aconteceu ontem?”

Mariam me lança um olhar autoritário. Sua caneta bate no bloco de notas enquanto os segundos se arrastam, me forçando a responder e quebrar o silêncio.

“Não. Não realmente,” eu murmuro.

Com um suspiro, ela rabisca algo. O que diabos há de tão notável nisso? Eu quero pegar o papel e fazê-la engasgar com ele. Ver se ela gosta. Talvez ela gritasse e implorasse por misericórdia, finalmente sabendo como é ter alguém controlando você.

“Brooklyn. Se alguém está incomodando você, preciso saber.”

“Eu disse que estou bem,” eu afirmo.

Eu não sou nenhuma informante. Além disso, fui eu quem quebrou os ossos. Precisamente dois. Os narizes daquelas garotas se estilhaçaram com uma satisfação tingida de sangue. Idiotas estúpidas. Elas deveriam ter ouvido meu aviso antes de virem para mim. Não quero problemas, foi exatamente o que eu disse. Mas qualquer coisa para algum drama, certo? Isso é o que as garotas fazem.

“Violência nunca é a resposta. Não resolve nada.”

Jesus, ela está em alta hoje, e eu tenho pouca paciência para isso. Eu quero gritar, leia meu arquivo, vadia! Violência é meu nome do meio.

“Eu não posso fazer você me dizer. Mas saiba que estou aqui se quiser discutir isso.”

Não respondo, apenas fico olhando pela janela o sol do final da tarde. O dia passou em um borrão sem nenhuma aula, a maior parte

escondida debaixo do meu edredom e fingindo que não existia. Ninguém veio me incomodar, eu precisava ficar sozinha.

“Você apresentou suas escolhas? Percebi que sua experimentação terminou oficialmente.”

Ela é literalmente a versão feminina de Kade. Ele provavelmente não apreciaria essa comparação, não importa o quão hilariantemente precisa seja.

“Ainda não,” respondo.

Há oito pílulas em meu estoque agora. É um bom começo, mas ainda não é o suficiente. Quanto mais disso eu posso aguentar? Cada segundo gasto respirando, pensando, sentindo... é uma agonia. Até falar exige esforço. Meus lábios estão dormentes e meu cérebro está separado. Cada vez mais ouço sussurros dos quais não posso fugir. Armazenar remédios está começando a afetar minha sanidade.

“O relógio está correndo, Brooklyn. Você precisa escolher alguma coisa.”

Morte. Eu escolho a porra da morte. E se ela bater por mais um segundo, eu a trarei comigo. Eu olho para a câmera CCTV piscando. Eles estão assistindo agora? Quem quer que sejam. Ainda não encontrei um quarto individual sem câmeras, poupe os quartos. Deve haver milhares de horas de vigilância. O que acontece com tudo isso?

Se eu a matasse, dariam uma olhada no vídeo e me jogariam em uma prisão de segurança máxima. Tecnicamente falando, é onde eu deveria ter acabado de qualquer maneira. Pelo menos é o que os promotores falaram. Meu advogado de defesa designado pelo estado argumentou o contrário, dadas as circunstâncias em torno do meu... crime. Jogue a palavra insanidade aí e tudo muda.

“Que tal uma especialização dupla? Dá a você um pouco mais de flexibilidade.”

Deve ser cansativo tentar constantemente e não conseguir incutir positividade em nós.

“Inglês e História,” eu deixo escapar, agarrando-me ao meu

primeiro pensamento.

Essas foram as duas aulas menos censuráveis dos dois dias de tédio. E pelo menos um deles apresenta algum entretenimento. Lembro-me da maneira como os olhos de Eli me seguiram, verdes escurecendo de desejo enquanto ele pressionava minha ferida, fascinado por minha dor visível. Porra, eu apreciei aquela picada. Mesmo quando não veio da minha própria mão.

Mariam bate palmas com entusiasmo. “Excelente! Boas escolhas.”

Concordo com a cabeça, tentando entrar no jogo mesmo quando cada fibra do meu corpo está gritando o contrário. Oito comprimidos. A esta altura, na próxima semana, terei um estoque grande o suficiente para me levar a uma parada cardíaca. Só mais um pouco, preciso manter o foco. Esses caras e seus pecados tentadores, é divertido enquanto dura, mas nada pode me desviar do meu objetivo. Ninguém vale a pena ficar por aqui e suportar esta doença.

Lembre-se do que aconteceu com a última pessoa por quem você se apaixonou.

Você é um veneno, Brooklyn. Mortal.

Levantando-me abruptamente, quase derrubo a mesa de centro no processo. A ansiedade toma conta de mim enquanto agarro meu peito, lutando para respirar. A voz sussurra pela sala, soando muito real.

“O que você acabou de dizer para mim?” Eu grito.

Mariam recua, boquiaberta em choque.

“Apenas... muito bem por escolher. Você está bem?”

Girando minha cabeça, meus olhos vasculham a sala. Nada. Não há ninguém. Só nós os duas. “Desculpe. Meu erro.” Eu afundo de volta no meu assento, murchando rapidamente.

A voz... era tão real. Não apenas uma tagarelice interna, mas realmente audível. E o meu maior erro? Porra, reagir. Agora ela está

olhando para mim com espanto, como se eu fosse uma bomba-relógio prestes a explodir e dizimar todos nós.

“Você está ouvindo vozes, Brooklyn?”

Engulo em seco. “Não desde antes de Clearview. Eu apenas ouvi você mal.”

Que erro estúpido. Nunca reaja, esse é o truque. Encubra tudo. Acabei de estragar tudo? E se ela não me deixar sair ou me colocar na solitária? Porra, eu preciso consertar isso. Eu luto para inventar alguma besteira convincente.

“Estou animada para começar a aprender. Eu realmente quero mudar minha vida,” eu exclamo, colocando minha melhor voz e forçando o sorriso brilhante em meu rosto. Minhas unhas cortaram minhas palmas.

“Bem, isso é bom.” Ela ainda está me olhando com cautela.

“Então... eu tenho leituras que devo continuar,” eu incito.

“Claro. Não vou mais te segurar.”

Eu disparo para a porta. Nada vai remediar isso, só preciso escapar antes que me meta em mais merda. Não é realmente surpreendente, eu tive todos os outros sintomas de abuso de minha medicação, a doença, suores frios, insônia. As vozes também voltariam assim que eu parasse de tomá-lo.

Apenas respire. Só mais uma semana. Tudo vai acabar logo.

Consigo sair antes de me dobrar, agarrando-me a qualquer ar disponível. Essa foi por pouco. Muito perto. Tenho que continuar. Manter a imagem. Estou tão perto de conseguir o que quero que não posso perder esta oportunidade.

O que as pessoas não dizem é que você não pode mostrar nenhuma fraqueza para psiquiatras. Eles vão pular em qualquer desculpa nesses lugares. Antes que você perceba, você está contida e sedada enquanto eles a levam pelo corredor para o confinamento solitário. A solidão é um conceito estranho até que você tenha

experimentado aquela fatia intimidadora do inferno.

Uma corrida rápida pelo pátio vazio e estou de volta a Oakridge, correndo para a segurança do meu quarto. Com as mãos tremendo incontrolavelmente, consigo destrancar a porta e deslizo para dentro antes de cair contra a madeira.

“Uh, oi.”

Quase pulo para fora da minha pele, esperando que alguma alucinação angustiante esteja esperando por mim. Olhando para cima com medo, estou chocada ao encontrar Kade sentado na cadeira da minha mesa, aquele sorriso brilhante engessado firmemente no lugar.

“Caramba, o que você está fazendo aqui?” Eu grito.

Ele simplesmente dá de ombros. “Esperando por você.”

“No meu quarto? Como você entrou?”

Ele exhibe o cartão-chave sobressalente. “Vantagens do trabalho.”

Seramente? Esse cara tem resposta para tudo. Tiro minha jaqueta de couro, jogando-a sobre a cama. Só então percebo as sacolas esperando no colchão. Duas delas, abarrotadas de coisas. O que diabos é isso?

“Se importa em explicar?” Eu exijo.

Kade pigarreja, um olhar culpado cruzando seu rosto. “Não fique chateada, mas não pudemos deixar de notar sua falta de pertences. Separamos algumas coisas para te dar. Não é muito, mas vai nos fazer sentir melhor.”

Eu encaro. Boquiaberta. Tento entender o que ele está dizendo.

“Como... uh, o quê?” Eu gaguejo.

“Apenas alguns itens essenciais. Nada de especial, não se preocupe.” Ele ri nervosamente, esfregando a mão na nuca. “Olha, Brooklin. Só queremos te ajudar, ok? Nada obscuro, eu prometo.”

Isto é inacreditável. Eles têm pena de mim? Oh, Deus, eles vieram aqui ontem e viram a verdade. Quão lamentável e vazia minha

vida realmente é, totalmente desprovida de qualquer significado. Eles provavelmente se sentaram e riram de mim depois, trocando piadas e insultos.

Isso é um truque?

Algum tipo de jogo doentio?

Ele espera que eu caia de joelhos e chupe ele, assim como Paul?

“Não surte.” Kade está de pé, as mãos levantadas em sinal de rendição enquanto ele se aproxima. Eu imediatamente ando para trás, colocando distância entre nós enquanto meus pensamentos correm.

“Por que você está fazendo isso?”

“Estamos apenas tentando ajudar, só isso,” ele tenta aplacar.

Isso não pode ser verdade. Ninguém nunca faz nada pela bondade de seus corações. Não neste mundo e especialmente em um lugar como este. Tudo vem com um preço, cordas invisíveis presas que voltam e mordem sua bunda mais tarde. Ele está tentando me manipular para lhe dever um favor.

“Por favor, saia,” eu ordeno.

“O que? Brooklin, por favor. Estamos apenas cuidando de você.”

“Eu disse, saia! E leve sua merda com você! Me deixe em paz. Todos vocês.”

Eu aponto para a porta, minha mão acenando no ar. Cada centímetro do meu corpo está quente, irradiando indignação e fúria. Todo o sentido deixou minha mente. Kade me encara por um longo momento, antes de assentir com resignação e recolher seu casaco.

“Continue afastando as pessoas e você acabará sozinha. Você faria bem em perceber isso.”

“Poupe-me da porra do sermão, Kade. Eu nunca pedi isso.” Eu zombo.

Ele faz uma pausa na porta, lançando um olhar triste para mim. “Nem eu.”

Então ele se foi. Batendo a porta ao sair, claramente zangado comigo, mas incapaz de dizer outra palavra sem perder a paciência. Fico cercada por seus presentes embalados, me sentindo a pior pessoa do mundo.

Doze

Kade

Daddy by Badflower

Entro no pátio, congelo e volto. Indo para dentro mais uma vez, antes de congelar novamente e me virar. Uma vez, duas vezes, três vezes. Repito o absurdo enquanto seguro meu cabelo, lutando para conter minhas emoções.

“Porra!” Eu grito. Estou tão frustrado.

Ela é irritante. Sua rejeição dói tanto quanto antes. Por que eu me importo? Eu me meto nessas confusões. Sempre tentando salvar as pessoas quando elas não precisam ou não querem. Ela faz, porém, isso é a coisa mais irritante. Deus, ela precisa disso. Aquela garota está clamando por ajuda e sempre com o coração sangrando, não posso deixar de ouvir.

Um dia desses, vou ser fodido pela última vez.

Mas não hoje.

Finalmente me decidindo, subo as escadas correndo pela última vez e pisoteando todo o caminho até o quarto andar, com o maxilar cerrado e o sangue correndo em meus ouvidos. Ela não consegue me afastar, já estou lidando com a necessidade de autodestruição de Hudson. Não posso levar nenhum outro agora. Posso não saber nada sobre ela, mas já vi o suficiente para saber que vale a pena salvá-la. Por baixo do exterior gelado e da língua afiada, há mais.

Eu bato na porta, cego demais pela raiva para entrar. Ela não responde e logo estou batendo meu punho contra ela com ainda mais força. A raiva geralmente não é minha primeira reação, mas foi uma longa semana e esta é a gota d'água.

“Jesus, você pode fazer menos barulho?”

Eu olho para o lado, seguindo a voz familiar. A porta de Hudson

se abre enquanto ele grita, tropeçando para fora com o cabelo despenteado e o peito tatuado nu. Quando ele percebe que sou eu no corredor, de repente parece muito mais acordado, esfregando os olhos em confusão.

“Kade? O que diabos você está fazendo?”

“Não é da sua conta,” eu respondo.

Eu não posso lidar com esse idiota agora também. Ainda não nos falamos desde a troca de dois dias atrás, e não tenho vontade de começar uma conversa com o idiota até que ele se levante e tire a cabeça da bunda pela primeira vez.

“Sério, o que você está fazendo?”

“Volte para o seu quarto, irmãozinho. Isso não diz respeito a você,” eu respondo.

Ele está resmungando e xingando quando outra voz entra em cena, esta é feminina.

“Hud, baby. Volte para a cama. Deixe-o fazer isso.”

Vejo Britt emergir na minha periferia, espiando com um lençol enrolado em seu corpo magro e nu. Quando ela vê a porta pela qual estou esperando, um olhar de ódio esculpe suas feições.

“Não aquela maldita puta. Ela quebrou o nariz de Maya, você sabe disso, certo?”

“Isso é hilário,” Hudson gagueja, ganhando um soco no ombro.

“Não é! Ela é uma cadela psicótica. É melhor você ir embora, Kade.”

Eu ignoro os dois, continuando a bater com persistência. Eventualmente, eles voltam para o quarto, felizmente me deixando sozinho. Você sabe o que? Eles se merecem. Britt é uma personalidade feia envolta em uma casca quebradiça. Espero que ela quebre o coração de Hud e o deixe. Isso vai ensiná-lo. Ou iria. Se ele tivesse um coração para partir.

Recupero o juízo o suficiente para entrar, me preparando para

dar um sermão em Brooklyn até ela se acalmar e aceitar minha ajuda. Em vez disso, fico de pé desajeitadamente, sem saber no que me meti.

O sol poente brilha pela sala, destacando a imagem do desespero encolhido no canto. Ela está em uma bola apertada, joelhos no peito, mãos apertadas sobre as orelhas. Eu posso ver seus ombros tremendo daqui, balançando para cima e para baixo com soluços arfantes. Definitivamente não é o que eu estava esperando.

Eu me aproximo, sem saber como abordar essa situação, mas sabendo que tenho que fazer alguma coisa. Ir embora não está nos reinos das possibilidades. Descendo até o nível dela, estendo a mão e acaricio o topo de sua cabeça. Seu cabelo é como cetim sob meu toque e ela se mexe, espiando pelas cortinas pálidas que cobrem seu rosto.

“Eu disse para você ir,” resmunga Brooklyn.

“Você sabe que eu não posso fazer isso.”

Segurando seu rosto de duende, meus polegares roçam suas bochechas avermelhadas para enxugar as lágrimas. Suas mãos lentamente começam a afrouxar, liberando o aperto mortal que ela tem em sua cabeça.

“Me desculpe por bater tão alto.”

Balançando a cabeça, seus olhos caem. “Não foi você.”

Eu deslizo um dedo sob seu queixo, inclinando seu rosto para olhar para mim.

“Então, o que é?” Eu pergunto.

Seus lábios se apertam e ela balança a cabeça, recusando-se a responder. Ela está se segurando, usando toda a sua força para evitar que as palavras vazem. “Por que você está fazendo isto comigo?” Ela finalmente sussurra.

“Porque ajudar as pessoas é o que eu faço, amor.”

Ela ergue minhas mãos, gentilmente me empurrando para trás. Me rejeitando de novo, sempre a vadia teimosa.

“Não. Eu não. Não quero ser ajudada.”

“Por que não?” Eu sussurro para ela.

“Não.” Ela se pressiona ainda mais no canto.

Minha paciência se esgota e eu a mantenho imóvel, forçando-a a me ouvir. “Por favor, deixe-me entrar. Olhe para Eli, ele estava uma bagunça quando chegou aqui, seis meses atrás. E Phoenix? A primeira vez que o vi, ele vomitou nos meus sapatos. Descendo de uma bebedeira de uma semana e tremendo como uma folha. Não precisa ter vergonha.”

Uma risada amarga escapa de seus lábios. “Não preciso? Você não me conhece.”

“Você está certa, eu não. Mas eu quero. Se você apenas me deixasse.”

Eu me afasto e mantenho minha distância, permitindo a ela o espaço que ela claramente quer. Eu conheço o procedimento, é como se aproximar de um animal selvagem no começo. Você precisa se acomodar. Acostuma-los com a sua presença. Inferno, Eli levou um mês antes que ele me permitisse chegar perto. O pobre rapaz estava tão traumatizado que mal se movia, muito menos falava. Até hoje, nunca ouvi sua voz.

“Eu vou te machucar,” Brooklyn choraminga.

“Você não vai,” eu asseguro a ela.

“É o que eu faço.”

Com muito cuidado, estendo a mão. Palma para cima em oferta, com cuidado para deixar distância entre nós. Estou dando a ela a opção de aceitar, em vez de forçá-la. “Vamos lá, Brooke. Confie em mim. Apenas por um momento.”

Ela me apunhala com aqueles olhos de aço. Cinza metálico e cheio de derrota sombria. “E se eu disser não?” Ela murmura.

“Então eu vou embora.”

O suspense ameaça enfraquecer minha confiança, mas ela cegamente estende a mão e agarra minha mão. Eu aumento meu

aperto, agarrando-me a ela agora que ela está a bordo. Recusando-se a deixar ir por medo de que ela fuja de mim.

Acabamos na cama, as sacolas jogadas de lado sem dizer mais nada. Seu corpo instintivamente se curva, os braços dobrados perto do peito. Eu jogo qualquer reserva de lado e me estico de frente, nossas cabeças a poucos centímetros de distância, certificando-me de que minhas pernas não toquem as dela. Não quero assustá-la agora que chegamos tão longe.

“Por que você está aqui?” Ela pergunta.

Meu instinto é mentir, seja deliberadamente ou por omissão. Isso seria infinitamente mais fácil e menos complicado para nós dois. Mas o objetivo disso não é fazer isso. Há apenas um punhado de pessoas neste lugar esquecido por Deus que sabem do meu verdadeiro propósito aqui.

“Meu irmão,” eu revelo.

“Hudson?” Ela adivinha.

“Você o conhece?”

“Não, só ouvi o nome dele por aí.”

Ela está franzindo a testa para si mesma, como se o nome trouxesse lembranças ruins ou algo assim, mas rapidamente apagou a expressão. “Ele está aqui?”

Eu respiro um suspiro. “Sim, ele está aqui. É complicado, mas quando ele foi preso e indiciado, fiquei desesperado para protegê-lo. Ter esse poder retirado foi difícil. Eu era um estudante na época, cursando meu mestrado em matemática.”

“O que aconteceu?”

“Para encurtar a história, fiz um acordo com nossos pais. Eles são muito ativos no governo local e conseguiram fazer um acordo com as autoridades em troca de algumas doações bastante substanciais para o programa de Blackwood. Recebi uma carona até este lugar, podendo continuar meus estudos online e também ficar de olho em

Hudson. Tentar ajudá-lo a melhorar.”

Seus olhos estão arregalados. “Você fez isso por ele? Sericamente?”

Desvio o olhar, sentindo um rubor subindo pelo colarinho da minha camisa. “Sim, ele faria isso por mim. Não é tão ruim, eu ajudo com a administração e algumas aulas, como você sabe. Vale a pena estar aqui para ele, mesmo quando ele me trata como merda.”

“É por isso que você tem rédea solta,” ela cantarola, finalmente entendendo.

“Sim. Mas isso fica entre nós, ok?”

Brooklyn concorda com a cabeça, acalmando um pouco meus nervos. “Então, você é... uh, normal?”

“Bem, eu realmente não me importo com essa palavra, mas com certeza. Estou aqui voluntariamente.”

Ela olha para mim como se eu fosse um quebra-cabeça que ela simplesmente não consegue entender, os olhos procurando com cálculo que me deixa nervoso. “Você não toma remédios? Ou faz terapia?”

“Ah, nem tanto. Na verdade, também ajudo um pouco na farmácia, é uma boa experiência.”

Seus olhos parecem se iluminar momentaneamente, como se ela estivesse marcando algo. Eu espero por sua resposta, mas nenhuma vem, ela está pensando profundamente sobre algo.

“E você?” Eu pergunto gentilmente.

“Eu? Você não leu meu arquivo?”

Porra, ela me pegou bem. “Ah não. Na verdade, não.”

“Mas você poderia?”

Eu concordo. Não adianta mentir sobre isso. Eu fiz com os outros, mas algo sobre ela me levou a me segurar até agora. Uma vaga esperança de que talvez ela mesma me contasse, com o tempo.

“Eu... eu fiz uma coisa,” ela diz. “Algo imperdoável.” Um estremecimento involuntário parece percorrê-la. “Por favor, não me faça dizer isso.”

Tomando uma chance, eu me movo para segurar sua mão. “Você não precisa.”

Nossos dedos se entrelaçam automaticamente, de uma forma que parece quase natural.

“Não sou como você, Kade. Você é uma boa pessoa. Eu não sou.”

Balanço a cabeça com determinação. “Eu me recuso a acreditar nisso. Veja como você lidou com Eli no primeiro dia. E enfrentar Rio assim? Foi um colírio para os olhos doloridos. Ele está pressionando todo mundo por muito tempo e se safando disso.”

“Essas coisas não me redimem dos meus pecados.”

Isso é muito mais do que posso argumentar contra. Isso está claramente enraizado nela, uma crença tão corrosiva quanto falsa. Ela internalizou isso com tanta força que não tenho chance de desenterrar o ódio purulento dela. Não que isso vá me impedir de tentar.

“Ninguém é totalmente bom, Brooke. Estamos todos em algum lugar no espectro da moralidade, brincando com tons de cinza. Não existe isso de bom e ruim. Na verdade não,” eu explico.

Brooklyn escuta atentamente, os olhos passando pelo meu rosto. Então ela move seu corpo para mais perto, diminuindo gradualmente a distância entre nós. Não ousa me mover, não agora que cheguei tão longe. Seus joelhos roçam os meus e posso sentir sua respiração na minha pele. “Diga-me então.”

“Dizer o que?” Eu pergunto.

“A pior coisa que você já fez. Eu quero saber.” Seus dedos apertam os meus. “Prometo que posso guardar um segredo. Vou levá-lo para o meu túmulo.”

Vem para mim facilmente. Muito facilmente. Minha mais terrível fonte de vergonha. Ela deve ver isso em meu rosto, um sorriso

sombrio puxando seus lábios carnudos quase com entusiasmo. Eu quero dizer a ela, em um nível primitivo. Ela está chamando algo dentro de mim, uma camada da minha personalidade que enterrei o mais fundo possível, esperando nunca mais despertá-la. Como ela o encontrou dentro de mim?

“Foi há sete anos. Logo antes do meu aniversário de dezesseis anos,” eu resmungo.

As palavras explodiram, recusando-se a ser contidas por mais tempo. Enquanto falo, sua perna engancha sobre a minha, emaranhando-se para me prender no lugar. Seu calor me leva ao limite, mais segredos vergonhosos escapando dos meus lábios.

“Havia uma garota, Amy Bond. Apenas alguns meses mais velha que eu. Éramos apenas crianças, brincando em nossos intervalos de almoço. Roubando beijos atrás de prédios e trocando mensagens de texto sem fim. Dentro de semanas, nós dois estávamos obcecados um pelo outro.”

Ela está prestando atenção em cada palavra minha, sua atenção quase intensa demais para lidar. Como se ela estivesse devorando meus segredos avidamente, escondendo-os para seu próprio uso. Isso ficou em segredo por tanto tempo, mas ela está libertando as sombras sórdidas. Eu sou impotente para parar.

“Ela ficou doente. Vomitou na escola.” Engulo em seco, forçando a umidade em minha boca repentinamente seca. “Fiquei apavorado e quando o teste deu positivo, confirmando que ela estava grávida, foi como se o mundo estivesse acabando. Olhando para trás, eu era tão superficial. Tão estúpido. Não importava, o mundo não estava acabando. Mas meus pais exigem perfeição de mim, sempre exigiram. Eu sabia que se eles descobrissem... seria o fim para mim. Para o meu futuro.”

“O que você fez?”

Faço uma pausa, o rosto de Amy preenchendo minha visão. Doces bochechas rosadas e cachos castanhos, um sorriso largo que encantava a mim e a todos. A melhor da classe, ela era uma feiticeira

no violino. Seu talento incomparável. Mesmo aos dezesseis anos, seu futuro brilhante estava garantido.

“Eu a ameacei, disse que nenhuma escola de música aceitaria uma mãe adolescente com um bebê chorando em seu programa. Os pais dela eram como os meus, obcecados por imagem e reputação. Eu a quebrei, a assustei fazendo-a pensar que não havia outra opção a não ser se livrar dele. Ela apenas chorou, implorando por minha ajuda, me dizendo que poderíamos fazer isso... ser uma família. Eu disse não. Nunca iria acontecer.”

Meus olhos se fecham brevemente. A dor é esmagadora, mesmo agora. É como se eu estivesse falando de um estranho, quando realisticamente, o bastardo nesta história sou eu. Meu arrogante eu mais jovem. Como disse Brooklyn, imperdoável. Nós dois ganhamos essa palavra aparentemente.

“Onde está Amy agora?”

Eu me preparo para admitir a verdade em voz alta pela primeira vez. “Ela está morta. Tem estado nos últimos sete anos. Nunca sequer chegou à escola de música.”

E é minha culpa.

“Como ela morreu, Kade?” Sua voz é suave e hipnotizante, me persuadindo. Ela está roubando meus pecados e engolindo-os inteiros, ávida por mais para se agarrar.

“Complicações de um aborto clandestino. Morta poucos dias depois daquele maldito teste.”

Há uma pausa carregada, nós dois imersos no olhar um do outro. A dor no meu peito chega ao auge e diminui, junto com as palavras que acabaram de ser vocalizadas. Não posso levá-los de volta agora, está lá fora e além do meu controle.

“Eu nunca dei um passo à frente e reivindiquei a criança,” eu continuo. “Todos ouviram o que aconteceu e a julgaram, espalhando boatos perversos. Nosso caso sempre foi um segredo, nós dois estávamos com medo de que nossas famílias descobrissem. Até hoje...”

eles ainda não sabem que fui eu que a engravidei.”

Estou pronto para ela se afastar ou me jogar para fora de seu quarto em total desgosto. Ela está dentro dela logo após ouvir essa história. Eu também sentiria repulsa, caramba, sinto todos os dias quando me olho no espelho e me lembro do passado.

“Veja, acho que realmente mereço estar aqui,” termino.

“Não, você não. Nem um pouco. Você foi um idiota, mas quem não é?”

Eu não posso evitar a risada quebrada que sai. “Eu fui um covarde do caralho.”

Os lábios de Brooklyn se abrem em um pequeno sorriso, fazendo meu coração apertar dolorosamente. “Somos todos covardes, Kade,” ela sussurra. “Fugindo com medo de nosso passado, evitando o inevitável. Ele sempre encontra o caminho de volta para nós no final.”

Sua cabeça cai no travesseiro, os olhos se fechando. Ela se aconchega mais perto, quase como se estivesse sendo confortada pelos esqueletos em meu armário que acabei de revelar. Quando eu estava bancando o mocinho, ela teimosamente me afastou. Mas agora eu assumi meus erros e compartilhei minha escuridão com ela? Ela está se aconchegando como um maldito cachorrinho, banhando-se na dor.

Essa garota não está certa. Nem um pouco.

Não consegui salvar Amy. Vou passar o resto da minha vida compensando isso, salvando todas as outras vítimas sem esperança no lugar dela. Não importa o quanto isso me mate por dentro todos os dias. Hudson. Phoenix. Eli. E agora? Brooklin também.

Somos uma família.

Ninguém cai no meu turno.

Treze

Brooklyn

Tears Don't Fall by Bullet For My Valentine

Sobrevivi à minha primeira semana em Blackwood.

A adaptação às aulas foi boa, os dois meninos me fizeram companhia e ajudaram com a enorme carga de trabalho. Eu não tenho nenhuma intenção de lidar com as pilhas de livros na minha mesa para estudar inglês, não é como se eu fosse estar aqui para fazer as provas. Felizmente, a terapia de grupo foi cancelada, então pelo menos não tenho que suportar aquele show de horrores ainda.

Ando de um lado para o outro no quarto, a luz do entardecer se estendendo pelo pequeno espaço. Kade vem me buscar para jantar em breve, então estou apenas matando o tempo. As sacolas ainda estão embaixo da mesa onde as joguei depois que ele saiu. Como consegui dormir na frente dele, nunca vou saber. Dormir sozinha já é difícil, muito menos na presença de outra pessoa. Estou começando a achar que o julguei rápido demais.

Com um suspiro derrotado, esvazio as sacolas na cama. Eu ao menos agradei antes de jogar os presentes de volta na cara dele? Eu sou uma idiota. Não há surpresas lá.

Eles me deram uma variedade de coisas, nenhuma delas nova. Claro que não, como eles sairiam para fazer compras? Este material claramente pertence a eles e eles deram... para mim?

As camisetas da banda são definitivamente do Eli. Ele é o menor, e não vejo nenhum dos outros exibindo mercadorias do Iron Maiden. Meus dedos correm sobre o moletom com capuz enterrado por baixo, é um tom mais claro de cinza do que o normal. Meu coração dá cambalhotas, sentindo as ramificações desse gesto. Levo-o ao nariz e dou uma cheirada, saboreando o familiar aroma cítrico que passei a associar a ele.

Droga. Quando eu comecei a me importar tanto?

As ofertas de Phoenix consistem em um lindo gorro e um cobertor azul índigo para a cama. Eu o espalhei imediatamente, sorrindo para o ambiente aconchegante. Há também algumas cervejas que me fazem rir. Onde ele conseguiu isso? Eu não posso nem começar a imaginar. Estou grata, porém, não bebo há muito tempo.

Por último, Kade. Alguns artigos de toalete novos para substituir os que foram confiscados, junto com uma mochila básica cheia de cadernos de papelaria e novos. Eu paro sobre eles, aquele maldito sentimento em meu peito inflando. Caramba, o que esses caras estão fazendo comigo? Eles estão se aproximando, não importa o quanto eu tente bloquear os sentimentos. Ninguém nunca fez isso por mim antes. Não desde que meus pais morreram e me deixaram sozinha no mundo.

Meus olhos se voltam para a mesa de cabeceira. As polaroids estão enterradas na gaveta, escondidas da vista. A tentação de olhar volta. Meus dedos se aproximam da maçaneta, mas me contengo, temendo as consequências. Da última vez que olhei para a cara deles, acabei precisando de três pontos.

Nesse caso, talvez eu devesse procurar. Pare de brincar de contar pílulas e faça as coisas à moda antiga. Mas eu sei melhor do que ninguém que você tem que fazer isso corretamente para ter sucesso. É fácil desmaiar e fazer apenas meio trabalho. Então nunca mais terei outra chance.

Atenha-se ao plano. Apenas mais alguns dias até estarmos prontos para partir.

Eu visto uma das novas camisetas, essa com Red Hot Chili Peppers rabiscado na frente. Permitindo-me um pequeno sorriso, coloco meus Docs rosa e pego minha jaqueta de couro, acrescentando o gorro de Phoenix por capricho.

Prefiro pular o jantar normalmente, meu estômago está muito agitado para lidar com a comida. Acontece que ficar sem tomar remédios não é divertido. Mas Kade aparentemente assumiu a responsabilidade de consertar isso, portanto, estou sendo escoltada

para o refeitório hoje à noite.

Descendo as escadas, procuro guardas antes de acender um cigarro no gramado da frente, encostada em alguma estúpida estátua decorativa. Olhares curiosos são lançados em minha direção quando os pacientes saem, mas eu os ignoro e continuo fumando. Filhos da puta. Parece que meu desentendimento durante a aula de educação física já me rendeu uma reputação.

“Ei, Brooklin!”

Phoenix corre, com o sorriso característico de megawatts no lugar. Ele chega muito perto e arranca o cigarro entre meus dedos, se afastando enquanto dá uma tragada. “Você está realmente se juntando a nós pela primeira vez, que prazer. Belo gorro, por sinal.” Ele ri.

“Não se acostume com isso. E obrigado, algum esquisito me deu.”

“Huh, ele claramente tem bom gosto.”

Ele me dá uma piscadela sedutora enquanto os outros se juntam a nós. Eli se arrasta para o meu lado, me dando um aceno de cabeça. Seus olhos percorrem a camisa que aparece por baixo da minha jaqueta e ele consegue dar um sorriso que faz meus dedos dos pés se curvarem.

Cristo, estou brincando com fogo aqui.

“Ei idiotas, estão vindo?” Kade chama.

Meu queixo quase cai quando vejo sua roupa casual. A camisa e calça de sempre não foram encontradas, substituídas por calças de moletom cinza e uma camisa preta justa que revela mais linhas tonificadas de músculos do que meu cérebro pode suportar. Caramba.

Estou literalmente ferrada.

Phoenix passa o braço pelo meu e me arrasta junto, juntando-se às hordas de pessoas que atravessam o pátio. Posso sentir os olhos de Kade em mim, mas não reajo, deliberadamente mantendo minha distância. As coisas ainda estão estranhas entre nós depois da outra

noite. Ele está mais autoritário do que nunca, constantemente me estudando.

Tudo o que posso pensar é nele deitado na minha cama, cílios grossos emoldurando os olhos castanhos. A sensação de sua perna na minha, rosto perto o suficiente para ouvir sua respiração enquanto ele confessa seus pecados. Não consigo passar daquela noite. Isso fez alguma coisa comigo. Não se apegue, eu me lembro. Não posso me dar ao luxo de me importar com esses caras.

Uma vez no refeitório, entramos na fila e carregamos nossas bandejas. Eu escolho uma pequena salada que não parece muito intimidante para o meu estômago e Phoenix rouba meu prato, resmungando enquanto despeja uma porção gigante de lasanha nele também.

“Porra, coma,” ele ordena, todo o humor e piadas de lado enquanto ele me empurra para a garçonete. Eu meio que gosto dessa versão mandona dele, toda rosnada e dura.

Nós nos aglomeramos em torno da mesa de sempre, a conversa fluindo facilmente. Há algo de reconfortante nisso, a facilidade com que me inseriram no grupo. Não importa o quão mal eu me comportei ou minha atitude de merda.

“Atenção, Kade. Hudson e Britt acabaram de entrar.”

O sussurro baixo de Phoenix provoca um gemido de seu amigo. “Isso é ótimo.”

“Ei, pelo menos eles estão vestidos desta vez.”

“É uma mudança,” Kade resmunga.

Eu mantenho minha cabeça baixa, empurrando a comida pelo meu prato. Maldito Hudson. Esse nome é amaldiçoado, eu juro. Não estou particularmente ansiosa para conhecer alguém que só me fará lembrar do passado. Mesmo que ele seja uma pessoa decente, o que pelo que ouvi dizer não é, não vou conseguir superar esse maldito nome.

“Kade! Eu não disse para cancelar aquela porra de

compromisso?”

Ele está perto, marchando até a mesa com passos furiosos. Essa voz causa arrepios na minha espinha, terrivelmente familiar em sua aspereza. Meu sangue gela quando meu estômago cai no chão. Oh, foda-me suavemente. Não pode ser. O universo não me odeia tanto, certo?

Com toda a força de vontade possível, eu olho para cima, observando o homem derrapando ao lado de seu irmão. Jeans escuros rasgados e camiseta justa, revelando um abdômen cinzelado que eu conheço muito bem. Passei minha língua sobre ele muitas vezes, provando o sabor salgado de seu suor depois que fodemos como coelhos no escuro. Ele está cheio, crescido em sua aparência desde a última vez que nos falamos. Cinco anos inteiros atrás.

Ainda dói como se fosse ontem.

Todo o ruído desaparece. A lata na mão de Hudson cai no chão, seu rosto relaxando com o choque absoluto. Seus olhos azuis cristalinos ficam tão arregalados que é quase cômico. O novo piercing na sobrancelha desaparece em seu cabelo escuro. Mechas que eu costumava emaranhar meus dedos. Lábios carnudos que costumavam me adorar na calada da noite, quando não estavam sussurrando mentiras e manipulações para me controlar ainda mais. Sua alma corrompida tirou tudo de mim.

Isso não pode estar acontecendo.

Sempre tão gentilmente, eu coloquei meu garfo para baixo. Uma estranha sensação de calma está descendo rapidamente. Eu esperei por este dia, sonhei com ele noite após noite enquanto cuidava do meu coração partido. Planejando minha vingança se eu visse seu rosto novamente. Enfiei os sentimentos tão fundo que eles afundaram no fundo do meu coração e envenenaram tudo ao seu redor. As lembranças me perseguiram por muitos anos, em todos os caras que o seguiram. Ele arruinou todos eles para mim.

“O-o quê... Brooke?”

A mesa cai em silêncio pesado, todos os olhos em mim. Kade está olhando entre nós dois com preocupação, Phoenix está prestes a se aproximar. Até Eli está prestando atenção, com o capuz para trás e os fones de ouvido. Eles estão assistindo o acidente de carro se desenrolar em câmera lenta, incapazes de parar o desastre à frente.

“Olá, Hudson.”

Minha voz não soa como a minha. É sombria, raivosa, acusatória. Claro, ele está aqui. É onde os monstros pertencem, não deveria me surpreender. Ele vai se encaixar perfeitamente com os outros bastardos traiçoeiros que frequentam esses salões.

Ele continua a olhar, as mãos rapidamente se fechando em punhos apertados. “Você está aqui.”

“Eu acho que isso é óbvio pra caralho,” eu ataco de volta.

Ele engole em seco. “Como? Por quê?”

Eu lentamente me levanto aos meus pés. Deslizando minha faca de jantar na manga, mantenho contato visual, nunca permitindo a ele um vislumbre do caos sob meu exterior de aço. Estou fria como gelo e afiada como uma navalha, pronta para lhe dar um gostinho de seu próprio remédio.

“Não tenho certeza se é da sua conta por que estou aqui.”

“Isto é... Jesus. Eu não posso acreditar que é você,” Hudson gagueja.

“Aposto que você nunca planejou me ver de novo.”

Mandíbula apertada com raiva, Hudson finalmente quebra e desvia o olhar. Ele lança um olhar para o irmão, silenciosamente pedindo ajuda. Parece que a covardia corre na porra da família.

“Nunca deixei de esperar por isso, tentei te encontrar,” murmura.

“Poupe-me das mentiras, Hud. E, francamente, estou feliz que você não tenha me encontrado.”

Uma memória distorcida volta para mim, preenchendo minha

visão e solidificando minha raiva. Meu corpo está sobre o dele, envolvendo o cinto em volta do meu braço enquanto ele enche a seringa. Ele observa avidamente enquanto eu me levanto, relaxando rapidamente e caindo no colchão fino. Calor e adrenalina surgindo com a substância em minhas veias.

Fodendo e ficando chapado. Ele sempre foi bom para isso e, inevitavelmente, foi isso que nos colocou no caminho para um final cataclísmico.

“Brooklyn?”

Kade se levanta, parecendo tão confuso, tão perdido. Quase sinto pena dele. Ele realmente não tem ideia sobre o tipo de monstro com o qual está relacionado.

“Eu não sabia que seu irmão era esse cara.”

“Como exatamente vocês dois se conhecem?” Phoenix intervém.

Uma risada ressentida borbulha. “Você quer contar a eles ou devo?”

A boca de Hudson abre e fecha várias vezes. Ele está pálido, muito pálido. Parecendo mal do estômago, e eu adoro isso. Eu quero bater em seu corpo até que seus ossos quebrem e sua pele rache. Deixando nada além de um saco ensanguentado e aleijado de órgãos mortos para trás.

Mesmo assim, não vou perdoá-lo.

“Eu... ah. Bem...”

Ele está tropeçando em suas palavras como uma criança assustada. Olhando entrecortado para mim, a devastação em seu rosto tão visceral que me dá água na boca com a necessidade. É exatamente assim que eu quero que ele pareça. Assim e pior. Muito pior.

Garanto que a faca está bem escondida, saio da mesa e me levanto na cara dele, deixando poucos centímetros entre nós. Perto o suficiente para se banhar em seu perfume masculino inebriante. Tão dolorosamente familiar que quero arrancar minha pele só para tirá-lo

de mim.

“Diga, Hud. Porra, diga isso.”

Ele balança a cabeça e tenta agarrar minha mão, falhando completamente quando eu a balanço fora de alcance. Suplicando silenciosamente comigo, ele está me implorando para ceder. Deixá-lo fora do gancho. Qualquer que seja. De jeito nenhum isso vai acontecer. Não depois do que ele fez comigo naquela época.

“Brooke, Blackbird². Sinto muito...”

Antes que ele possa terminar, eu o golpeio com firmeza no rosto.

“Como você ousa! Eu não sou a porra da sua Blackbird. Não mais.”

Eu sigo o golpe com outro, repetidamente até que ele caia no chão. Fugindo do meu ataque selvagem, tentando me segurar sem me machucar fisicamente. Como se isso fosse fazer alguma diferença. O dano que ele infligiu há muito tempo não pode ser desfeito agora. Eu quase quero que ele me machuque fisicamente, para validar as feridas que ele criou que nunca podem ser vistas por ninguém além de mim.

“Brooklyn! Pare!”

“Alguém agarre ela!”

“Rápido, a segurança está chegando!”

Tudo o que vejo é vermelho. Não a realidade, não as amizades fluorescentes ao meu redor ou o cuidado que tenho demonstrado. Apenas a necessidade pura e não adulterada de machucar esse bastardo. Para fazê-lo sentir um pouquinho do que eu passei. Posso não merecer viver, mas ele também não.

Faça-o pagar. Faça-o sofrer.

Corte-o, ordena o diabo em minha mente.

A faca escorrega para a minha mão e vou para a luta. Colocando toda a minha força nos movimentos, esperando causar o máximo de dano. Meu corpo é fraco em comparação com o dele, mas ainda tiro sangue de cada punhalada que dou. Floresce através do material fino

de sua camisa como uma pintura em aquarela.

Linda pra caralho. É assim que me sinto.

Mãos agarram meu corpo, puxando-me para longe de Hudson. Kade se interpõe entre nós, sempre o pacificador. Foda-se isso. Eu vou machucá-lo para pegar seu irmão se for preciso. Phoenix me segura contra seu corpo com braços como tiras de aço, me dizendo para me acalmar. É inútil. A fúria vibra através de mim, mais forte do que qualquer droga já injetada. Raiva ardente que sela minha determinação.

Eu bato minha cabeça para trás, ouvindo-o gritar de dor. Deslizando de seu domínio, eu me atiro para Kade. Rosnando e xingando como um animal raivoso. Essa é a sensação de perder o controle. Tão satisfatório.

No final, são os guardas que nos separam. Como sentinelas invisíveis aparecendo do nada, nos lembrando que tudo isso não é o mundo real. Você não se safa apenas com as coisas e simplesmente se afasta para lamber suas feridas. Eles estão sempre observando, prontos para intervir se necessário.

Estou imprensada entre os homens corpulentos, um puxando meus braços para trás e apertando meus dedos até eu soltar a arma. Lágrimas quentes caem livremente enquanto meu rosto é esmagado no chão. Ah, isso é familiar. Assim como nos bons velhos tempos. Clearview especial, restringe e pune.

“Diga adeus, sua psicopata. Eles nunca vão deixar você sair depois disso.”

O policial está gritando, me ameaçando. Eu não ligo. Nem um pouco. Segundos antes de ser arrastada, vejo Kade ajoelhado no chão ao lado de seu irmão. Phoenix e Eli estão congelados, ambos me observando impotentes.

Depois, há Hudson. Com a mão pressionada em seu abdômen, ele nem mesmo parece afetado pelos ferimentos sangrentos que eu infligi. Sua atenção está focada em mim enquanto sou levada embora,

a expressão presa em algum lugar entre descrença e pena.

Eu os odeio. Eu odeio todos eles.

Espero que minha morte os mate.

Quatorze

Hudson

Let You Go by Machine Gun Kelly

Eu amasso o papel na minha mão, jogando-o sobre a mesa para se juntar aos outros. Seis tentativas e ainda não consigo escrever uma maldita palavra. Kade observa silenciosamente de seu assento oposto, olhando de volta para a tela de seu laptop.

Pegando um novo pedaço, minha caneta está pronta. Certo. Marketing ao consumidor. Eu sei disso, vamos. É muito fácil. Pressionando a ponta para baixo, rapidamente perco o foco e rabisco com raiva. Tão forte que abre um enorme buraco no meio, a tinta se espalhando por toda parte.

Na minha cabeça, aqueles olhos de nuvem de tempestade estão olhando para mim. Pupilas alargadas e dilatadas. Lábios em volta do meu pau, levando-o tão profundamente que mal posso me conter por mais um segundo. Ela sempre soube exatamente como eu gostava e nunca me decepcionou.

Minha Blackbird suja.

Outra imagem surge. Suas mãos presas ao estrado da cama com meu cinto, corpo aberto e exposto. Peitos perfeitos chamando por mim enquanto eu desvio meus olhos, focando na perna apoiada no meu ombro, meus dedos procurando por uma veia para tocar. Ela se remexe e se contorcendo, implorando para eu provar sua doce boceta enquanto as drogas fazem sua mágica.

“Hudson?”

A mão de Kade pausa no meu braço. Abro os olhos, as memórias desaparecendo. Ele está olhando para mim, preso em um estado eterno de ansiedade no momento.

Ela se foi há uma semana inteira.

Pessoas que descem para o porão, trancadas na solitária até ficarem estáveis o suficiente para voltar... elas voltam diferentes. Mais quebradas do que quando entraram. As quatro paredes se fechando, o tempo derretendo na insignificância, é uma receita para a loucura. Não tenho ilusões, já estive lá antes. Dois dias foram suficientes para me assustar, relativamente falando.

“Quando você vai falar comigo?” Kade suspira.

Balançando a cabeça, recolho os papéis e caminho até a lixeira para jogá-los lá com toda a minha frustração. Para garantir, eu chuto também. “Eu não vou. Nunca.”

Ele dá de ombros. “Só vou perguntar a ela sobre sua história quando ela voltar.”

Se ela alguma vez o fizer.

“Não se atreva. Deixe-a fora disso, Kade.”

“Como? Brooklyn é a razão de você estar neste estado. Ela tentou esfaquear você! Isso é um grande negócio. O que aconteceu entre vocês dois? O que ela fez?”

“Nada. Não foi o que ela fez, seu idiota.”

Foi o que eu fiz. O impensável.

Kade fecha seu laptop com força, recostando-se na cadeira. Seus braços estão cruzados enquanto ele me avalia. “Isso foi antes ou depois de você vir até nós?”

“Antes.”

“Em um orfanato?”

As lembranças me bombardeiam. St Anne’s, o orfanato católico onde conheci minha Blackbird. Escondida em uma cidade rural remota, longe do luxo dos subúrbios de classe alta de Londres, onde acabei indo parar. A família de Kade me adotou quando eu tinha dezesseis anos e deixei para trás a miséria de ser cuidado. Eu a deixei para trás. Sozinha e totalmente destruída por tudo que eu fiz. Minha Blackbird estava quebrada.

“Sim, eu a conhecia então.”

Isso é tudo o que posso dizer. O resto é horrível demais.

“O que aconteceu?”

Eu bato minha palma na mesa. “Você nunca para?”

“Só estou tentando ajudar você, Hud. Você precisa falar sobre isso.”

“Não, eu não. Porque nada vai consertar o que eu fiz.”

Kade felizmente se cala. Eu lidei com ele me seguindo como um maldito patrulheiro a semana toda, é demais. Entendo. Ele quer ajudar, mas é totalmente indesejável. Ele deveria estar no escritório da diretora, convencendo-o a libertar Brooklyn antes que seja tarde demais.

Não a culpo pelo que aconteceu, eu mereço. Mas o jeito que ela veio atrás de mim... ela não é a garota tímida e inocente que eu conheci. Não é aqui que eles mandam anjos. Somos todos demônios aqui.

“Você precisa ficar longe quando ela voltar.” Kade aponta um dedo para mim, mortalmente sério e sua voz dura como pregos. “Quero dizer isso.”

“Eu não posso,” murmuro.

“Você irá. Ela não precisa de você e claramente não gosta de você.”

O pior é que nem me importo. Agora que a vi, coloquei meus olhos em sua pele translúcida, aquele cabelo esvoaçante mais claro que a neve fresca, estou encantado de novo. Assim como antes, eu caí duro e fodidamente rápido, sem subir para respirar. Só vou machucá-la se ficar por aqui. Então, por que não posso deixar ir?

A porta da biblioteca se abre e eu olho para cima, procurando por ela. A decepção me enche quando Phoenix e Eli aparecem em seu lugar. Caramba, ela não vem. Mesmo que a deixem sair, sou a última pessoa que ela vai querer ver. Ela terá que me enfrentar em breve. Se

ela precisar gritar e bater em mim de novo, que seja. Eu vou levar. O que quer que a traga de volta para mim.

“Qualquer coisa?” Kade pergunta.

Phoenix balança a cabeça. “Não. Nenhum sinal dela.”

Todos os olhos estão em mim, com expressões correspondentes de raiva. Com as mãos cerradas, volto minha atenção para o livro. Lendo as palavras sem absorvê-las, meu cérebro ficou em um estado de entorpecimento completo. Isso é tudo minha culpa.

Phoenix pergunta. “O que fazemos agora?”

“Ninguém vai falar comigo sobre ela. Eu fui excluído,” afirma Kade.

“Você precisa saber de alguma coisa!”

“Estou tão frustrado quanto o resto de vocês. Não há nada que possamos fazer.”

Ombros caídos em derrota, Phoenix amaldiçoa coloridamente. “Eu odeio isso.”

“Por que diabos vocês se importam?” Eu sibilo para eles.

Olhares furiosos combinando são jogados em minha direção, indicando que essa é a coisa totalmente errada a se dizer. Até meus supostos amigos me odeiam agora. Não é uma grande sensação, mas estou acostumado a ser o vilão por aqui.

“Enquanto você esteve ocupado trepando com Britt e sendo o pior amigo do mundo, nós estivemos conhecendo Brooklyn, ajudando-a a se instalar. Então, perca a pose e acorde, Hud. Você não é o único que está chateado,” Kade reclama.

Eu quase quero dar um tapinha nas costas dele por finalmente dizer como se sente pela primeira vez.

“Nós nos importamos tanto quanto você, se não mais,” acrescenta Phoenix.

Até Eli acena com a cabeça, mordendo o lábio ansiosamente. Ele

não está com uma ótima aparência, mais desbotado e nervoso do que o normal enquanto olha ao redor. Eles se importam, todos os três. É incrivelmente óbvio e não posso evitar o ciúme que isso traz.

“Tudo bem, então me ajude a consertar isso,” eu imploro.

“Como?”

“Não sei. Nós quatro temos que pensar em alguma coisa.”

Ouve-se um toque e Kade aperta botões em seu telefone, silenciando-o rapidamente. Ele precisa ter mais cuidado, temos telefones permitidos, mas o acesso à internet é rigorosamente monitorado, assim como as ligações.

“É sua consulta esta tarde com o advogado.”

Ele me lança um olhar carregado. Quando estou prestes a repreendê-lo pela milionésima vez, uma ideia me ocorre. A administração nunca vai nos ouvir, um grupo de malditos delinquentes com registros que envergonham a maioria dos prisioneiros. Mesmo Kade, ele claramente tem menos influência por aqui do que se acreditava anteriormente.

“É isso,” exclamo.

Kade é o primeiro a entender, é claro. “Droga. Você tem razão!”

“Alguém me explica?” Phoenix choraminga.

“O advogado. Ele está aqui para atualizar meu caso, mas vamos usá-lo para libertar Brooklyn. Dizer que eles a estão segurando sem motivo ou algo assim. Ele saberá exatamente o que fazer, a punição nunca vai durar.”

As palavras saem soltas, meu alívio crescendo. Isso pode funcionar. Se a deixarmos, eles a deixarão apodrecer. Independentemente do pedágio que a solitária inevitavelmente terá. Não posso simplesmente ficar sentado aqui enquanto eles a destroem lentamente, dia após dia.

Kade se afasta. “Farei a ligação.”

“Então o que?”

“Huh?” Eu me viro para Phoenix.

“Ela odeia a porra da sua cara, Hud. Você tem que resolver isso.”

Desvio o olhar, sentindo o abraço quente e pegajoso da vergonha. Qual é o meu plano aqui? Implorar de joelhos por perdão? Acho que nunca me desculpei por nada em toda a minha maldita vida. Foi isso que a afastou em primeiro lugar, a incapacidade de assumir minhas merdas.

“Eu vou descobrir isso,” murmuro.

“Promete?”

“Jesus, cara. Eu prometo, ok?”

Phoenix acena com a cabeça, claramente ainda infeliz, mas cedendo por enquanto. Não me incomodo em olhar para Eli, a estátua mortalmente silenciosa no canto. Tenho certeza que ele está pensando exatamente a mesma coisa, me julgando com aqueles olhos que veem demais.

Como você corrige a pior coisa que já fez na vida?

“Você tem que nos contar o que aconteceu entre vocês dois,” afirma Phoenix, recostando-se em sua cadeira como se ele fosse um maldito interrogador ou algo assim, ao invés de meu amigo.

“Já não superamos isso, idiota? Não está acontecendo.”

“Nós temos o direito de saber.”

Eu abruptamente empurro minha cadeira para trás, juntando minhas coisas enquanto ele me observa de perto. A raiva desliza sob minha pele e queima, esaldando cada terminação nervosa até que não consigo mais contê-la. A cadeira se estilhaça quando a esmago contra a parede, meu rugido de frustração assustando os pacientes próximos.

Phoenix salta em estado de choque. “Jesus, Hud. Relaxe antes que a segurança chegue! Você precisa esfriar.”

De pé entre a madeira lascada, meu peito arfa e minhas

bochechas queimam. Nem mesmo quebrar a cadeira liberou o peso em minha mente, a culpa sufocante. Se ao menos eu pudesse voltar, dar um soco na cara do meu eu mais jovem e dizer a ele para fazer a coisa certa, não importando as consequências.

Em vez disso, eu arruinei nós dois.

Quinze

Brooklyn

Monster (Under My Bed) by Call Me Karizma

Vic grunhe, corpo encostado no meu, quadris colados. Entrando em mim com movimentos suaves, gemendo e beijando meu pescoço. Sinto-me mal do estômago, mas não consigo me afastar, ele não precisa saber o que se passa na minha cabeça quando fazemos amor.

Isso vai partir o coração dele.

“Você é tão fodidamente apertada. Deus eu te amo. Eu te amo muito.”

“Eu também te amo,” eu resmungo. As palavras me matando lentamente, pedaço por pedaço.

Não é culpa dele. Vic... ele está com problemas. Gentil e doce quando quer, mas assustadoramente rápido para se enfurecer. Com ódio da distância crescente entre nós. Quando brigamos por causa da bebida e das drogas, ele vem me pedir desculpas primeiro. Varrer vidro quebrado ou consertar molduras quebradas.

Mas ele é sempre o primeiro a começar a balançar também. Nenhum de nós é bom para o outro. Os fantasmas e sombras na minha cabeça estão nos separando.

Vic sai de cima de mim, respirando pesadamente quando o ar frio atinge minha pele. O alívio é agudo, seguido rapidamente pela vergonha. Isso deveria estar me dando prazer, me fazendo sentir amada e desejada. Não repelida, segurando meu desgosto enquanto finjo os ruídos e um eventual orgasmo.

“Você experimentou o vestido que eu comprei para você?”

“Uh, não é realmente eu.”

“Coloque o maldito vestido. É o casamento da minha irmã, pelo amor de Deus,” ele sussurra.

Vestida como um cachorrinho premiado. Foda-se isso. Mas se eu recusar, eu sou o cara mau.

“Eu... não posso usar, Vic.”

Ele vira os olhos para mim, arregalados e chateados. A emoção rapidamente se transformando em raiva que nunca está muito abaixo da superfície. Ele está sempre com raiva de mim por uma coisa ou outra. “Por que não? Você fez isso de novo?”

Balançando a cabeça, sou ignorada quando ele me imobiliza com seu peso substancial e puxa minhas mangas para cima. Ele engasga e pragueja com a bagunça que encontra, fazendo-me encolher nos travesseiros para escapar de sua ira inevitável.

“Brooke! O que diabos você está fazendo consigo mesma? Aberração do caralho.”

Seus dedos apertam minha pele, agravando os cortes latejantes como se ele quisesse me punir. Eu tento puxar meu braço, mas seu aperto aumenta. Ele está furioso e a decepção dói. A bile se acumula na minha garganta, quero correr e me esconder. Estes não são dele para olhar, é privado. Pessoal.

“Você prometeu.”

“Dane-se as promessas, é estúpido,” murmuro vergonhosamente.

“Como podemos ficar juntos se tudo o que você faz é mentir? Não significa nada para você, a merda que sai da sua boca? Você está partindo meu coração aqui, Brooke.”

Não. Isso não importa para mim. Eu nem tenho certeza se ele tem um coração para partir, apenas um buraco retorcido e escancarado onde deveria estar. Nós dois somos idiotas, mas vou mentir, enganar e manipular sem piscar. Essa é a verdade. Essa persona de boa garota que ele construiu para mim não é real. Ele está se iludindo e me punindo por não cumprir esse padrão.

“Me deixe em paz.” Eu dou de ombros, tentando escapar.

“Você não pode fazer isso, Brooke!”

Ele me arrasta de volta, recusando-se a me soltar. Luto e luto, mas não adianta. Ele é mais forte que eu, maior que eu. Determinado a me salvar, ou a versão de mim que ele acredita existir.

E se eu dissesse a ele onde estava ontem à noite?

E se ele soubesse que menos de doze horas atrás, eu estava transando com outro homem? Curvada sobre uma mesa na lanchonete fechada, meu uniforme enrolado na cintura, arrancando-o com força do chef em troca de um saquinho de coca. Nem usei camisinha, tão pouco me importo comigo.

Qualquer coisa apenas para sentir algo.

Não importa o quanto isso destrua minha alma.

A vontade de jogar a verdade feia na cara dele é avassaladora. Mas no fundo, sou egoísta pra caralho. Eu não quero ficar sozinha. Secretamente, não importa o quão tóxico isso seja entre nós, quero ser a pessoa que ele pensa que sou. Ela é melhor do que eu, dez vezes. Não importa quanto tempo eu fique neste lixo perigoso... as chances de eu me tornar ela?

Zero. Nada. Estou muito longe.

Eu o empurro com força, quebrando o aperto. Minha cabeça zumbia e os ouvidos zumbiam de pânico. Vozes gritando ficam mais altas a cada segundo, alimentadas pela minha raiva e sempre prontas para me provocar um pouco mais. As sombras acompanhantes crescem até me expulsarem do quarto, mas não consigo escapar das sugestões sombrias que se seguem.

Mate ele. Quebre o pescoço dele.

Corte sua garganta. Empurre-o escada abaixo.

Eu não escuto. Eu nunca escuto. Eu ouvi vozes e vi as sombras por anos, muito antes do meu relacionamento de merda com Vic. Cresci com amigos invisíveis que ninguém podia ver, até que os amigos se tornaram sombras que assombravam todos os meus momentos de vigília.

O constante fracasso em corresponder às expectativas impossíveis de Vic?

Eles não gostam disso. Eles querem que ajamos, para puni-lo de volta por me idolatrar. Quando na verdade sou apenas uma cadela sem valor, passando pela vida de um desastre para o outro. É culpa dele, fazendo-me sentir mal por ser o meu eu verdadeiro e quebrado.

Mate ele. Mate ele. Mate ele.

Mate ele. Mate ele. Mate ele.

Saio correndo do quarto, me trancando no banheiro. Procurando freneticamente pela navalha sobressalente, eu a esmago na pia para liberar as lâminas tentadoras. Vic joga fora, eu compro mais. É uma batalha interminável de vontades. Mesmo quando prometo melhorar e compartilhamos um breve vislumbre de um relacionamento normal e feliz... é tudo conversa fiada. Palavras falsas e mentiras fáceis para apaziguar seus próprios demônios. Nada pode me parar.

Mate ele. Mate ele. Mate ele.

Mate ele. Mate ele. Mate ele.

“NÃO,” eu grito em resposta.

As sombras derretem as paredes, borbulhando e cuspiendo de raiva. Elas se aproximam a cada segundo, sussurrando seus comandos venenosos para mim. Não importa o quão alto eu grite, elas se recusam a sair. Recusam-se a parar de falar comigo. Às vezes eu respondo apenas para apaziguá-las.

Eu não posso matá-lo, por favor, não me obrigue. Eu não posso fazer isso.

Eu corto e corto, fodidamente devastada pela raiva incessante. A dor que nem é culpa de Vic, eu carreguei as cicatrizes dentro de mim por anos antes de nos conhecermos em uma boate de rua. Cortando-me cruelmente até que as vozes desapareçam mais uma vez, eu caio no chão. De repente cansada e sem esperança. Esta é a minha rotina. Sempre funciona.

Mas meu maior medo?

Que um dia, não será o suficiente. Mesmo isso não vai me parar.

E as sombras vencerão.

Há um estrondo metálico quando o guarda desliza a bandeja de comida para dentro, me despertando do pesadelo do passado e me jogando direto no pesadelo do presente. Ele fecha a escotilha novamente sem dizer uma palavra. Falar não é permitido. Mesmo se eu tivesse algo a dizer, meu corpo não cooperaria. Nada escapa dos meus lábios agora. Eles estão dormentes, escorregadios de baba. Cada centímetro do meu corpo está vazio. Imóvel.

Há quanto tempo estou aqui? Uma semana? Um mês? Um ano?

Será que isso importa?

Uma vez passei um fim de semana no porão, em Clearview. Isso já era tortura o suficiente, e parecia mais curto do que isso. Mas quem sabe? O tempo não é real de qualquer maneira, não mais. A vida deixou de existir para mim há muito tempo, quando essa doença se enraizou, invadindo meu cérebro e corrompendo minha alma. Desde então, tudo tem sido ilusório, arrastando-se sem sentido.

O sono retorna, uma névoa negra descendo e me envolvendo. A comida esfria, a luz do sol desaparece. Atravessando a sala pela janela alta com grades, espiando do subsolo do instituto. Eu não posso escapar por isso.

Você não acha que eu tentei isso?

Mais um dia começa. Outra bandeja de comida. Mais sol, mais chuva, mais dormência. Então outro. Bandeja após bandeja. Dia após dia.

Eu fiquei lá, desaparecendo e murchando. Atormentada por fantasmas e memórias na minha cabeça. Vozes e sussurros de um tempo passado, mas ainda irrevogavelmente ligados ao meu presente. Na verdade, invejo as pessoas que podem simplesmente seguir em frente. Como se fosse foddidamente fácil de fazer. Todo mundo deveria doer tanto quanto eu. Todos deveriam sofrer como eu. Isso é tudo que posso pensar. É amargo e sem sentido, como uma criança zangada. Mas por dentro, no fundo, ainda sou aquela criança raivosa.

Os dias se confundem. Quando minha solidão sem fim é finalmente perturbada, nem tenho certeza do que é real e do que não é mais. As drogas foram forçadas através de uma intravenosa, corroendo todos os limites preciosos e meticulosamente construídos em minha mente. Desequilibrando e desestabilizando até que eu juro que a sala acolchoada está me observando, rindo e zombando. Elas são feitas para ter o efeito oposto, certo? Malditos psiquiatras. É tudo besteira.

“Brooklyn? Você pode me ouvir?”

Estou enrolada, os lençóis puxados para trás quando o ar frio atinge minha pele. Olhos redondos espreitam para mim, por baixo do cabelo branco e dos óculos de armação metálica. Sua pele está enrugada como pergaminho velho e perfumada com perfume caro.

“Hora de levantar agora,” ele sussurra. “Você está livre para sair.”

Um guarda é trazido para levantar meu corpo flácido, forçando-me sobre as pernas que se recusam a segurar meu peso. Sou removida da cela, para um corredor escuro. Sombrio e sem fim, com mais celas e portas trancadas se estendendo à distância. Acho que ouço vozes quando passamos, mas os sussurros por trás das portas são indecifráveis.

Minha mente está grogue, instável e em curto-circuito. Não consigo processar nada ou sequer começar a questionar o que está acontecendo ao meu redor, a escuridão sinistra neste lugar. O cenário simplesmente se dissolve no fundo conforme passamos.

“Levou algum tempo, mas agora estamos felizes por você sair e se juntar à população principal. Com as novas drogas você parece muito mais estável, humm?”

Ele está falando sem parar, esse homem de aparência estranha. Assinando papéis de autorização enquanto caminha, enfiando a elegante caneta-tinteiro de volta em seu jaleco branco quando termina. As palavras flutuam dentro da minha cabeça, todo o significado perdido na tradução. Uma coisa grita para mim através da

névoa pesada.

Não é assim que se parece sentir melhor.

O que eles fizeram comigo?

Entrando em um escritório próximo, sou depositada em uma poltrona. Minha cabeça está apoiada para que eu possa ver o médico sentando em sua mesa, cantarolando baixinho. Ele é baixo e redondo, claramente bem na casa dos sessenta. A gravata borboleta listrada e o suspensório sob o casaco o fazem parecer a porra de um personagem de desenho animado. Se eu pudesse sentir meu rosto, eu riria.

“Humm, vamos ver. Bem, bem. Coisas interessantes.”

Continuando a resmungar e ruminar, ele manca até uma mini geladeira próxima e entra. Vasculhando as minúsculas garrafas rotuladas de incontáveis coquetéis de drogas como se ele fosse o maldito barman e eu uma cliente indefesa. Quando ele se aproxima da minha cadeira com uma agulha hipodérmica, tento me mover e não consigo. Nada me responde, nem mesmo os dedos dos pés. Tudo o que posso fazer é ficar paralisada, impotente, enquanto ele encontra uma veia adequada e a insere.

“Muito bom. Isso deve animar você, querida. Uma garota tão boa.”

Ele retoma seu assento e me estuda atentamente, um relógio de pêndulo alto marcando no canto. Gradualmente, o sentimento começa a retornar. Meus dedos sofrem espasmos dolorosos, alfinetes e agulhas se espalham. Primeiro o frio paralisante infecta minhas células, depois o calor ardente. Olhando para os meus pés descalços, bem devagar, consigo mexer os dedos.

Em meia hora, consigo me sentar um tanto ereta e formar palavras. Eu limpo a baba da minha boca e lambo meus lábios, a língua pesada e estranha na minha boca dolorida. O que quer que ele tenha me dado, parece ter estimulado meu corpo. Foi adrenalina? Alguma droga experimental? Perdi a conta da merda que eles colocaram em mim. Isso não está certo. Não é normal.

“Q-quanto tempo?” Consigo dizer.

“Duas semanas. Seu advogado tem nos causado alguns problemas, mocinha.”

“Meu a-advogado?”

Porra, não tenho um.

Nada disso faz sentido. Eu só quero voltar a dormir.

“Sim, advogado. Cavalheiro terrivelmente rude da cidade, eles adoram entrar aqui fazendo exigências. Mas insistimos em colocá-la em um estado saudável antes mesmo de considerar um retorno à população em geral. Afinal, esta é uma instituição de saúde mental. O tratamento é a nossa primeira prioridade, juntamente com a satisfação do cliente.”

Seu sorriso é largo, quase selvagem, e isso me deixa desconfortável. Preciso argumentar, apontar que me drogar até a morte não é tratamento. É a porra da sedação e abuso do poder deles. Nada sobre isso é saudável. Nem perto.

“Eu q-queiro ir para casa.”

O apelo escapa espontaneamente. Minha voz está embargada e revela mais emoção do que eu gostaria que alguém visse. Odeio a vulnerabilidade, mas não estou em posição de jogar agora. Então isso me atinge, direto na porra do coração.

Eu não tenho uma casa.

O homem sorri, acenando com o que deveria ser gentileza, mas parece mais fascínio. Isso faz minha pele arrepiar, a curiosidade contida tão clara em seu olhar. Como se eu fosse apenas mais um experimento social pronto para se sacrificar pela causa.

“Você está liberada para voltar lá para cima.” Ele sorri para mim com orgulho. “Vou assumir o seu tratamento a partir de agora. Você voltará para mim uma vez por semana para sua injeção e terapia, não Mariam. Ela não está preparada para lidar com seus... desafios específicos. Eu tenho uma experiência mais adequada.”

“Experiência?” Eu gaguejo.

“Sim. Temos muito o que trabalhar juntos. Planos emocionantes.”

O gelo corre em minhas veias e eu quero chorar. Gritar, recusar e fugir de vista. Tudo dentro de mim está dizendo que esse cara é uma má notícia. Mas não há nenhuma prova, nenhuma evidência tangível para sugerir que isso não é mais uma de minhas ilusões. Eu tento quebrar meu cérebro, mas as duas semanas são um borrão. Uma nuvem amorfa e retorcida em minha psique.

Apenas volte para o quarto.

Afastese deste homem, deste andar. Tudo isso.

Ele chama o guarda para voltar, dando-lhe instruções para me levar para casa em segurança. Já posso andar melhor, mas tudo treme e queima. Cada músculo, desacostumado a movimentos bruscos depois de tanto tempo passado em um catre gradeado.

Quando saímos, olho para o homenzinho retorcido pela última vez, meu coração martelando no peito. Não consigo segurar a última pergunta.

“Quem é você?”

Ele inclina a cabeça em minha direção, esboçando um sorriso encantador que conquistaria qualquer júri. “Professor Lazlo, minha querida. Prazer em conhecê-la adequadamente. Aguardo com expectativa o nosso encontro na próxima segunda-feira de manhã. Descanse, temos muito com o que lidar. Bastante.”

Dezesseis

Phoenix

Cathedrals by Animal Flag

Chuto a bola para Hudson um pouco mais forte do que o necessário. Ela passa voando por ele e sai do campo, causando uma série de reclamações. Ele me mostra o dedo do meio e corre atrás dela, me dando uma explosão de satisfação. Bom. Apenas a visão de seu rosto agora é demais para lidar.

Não sou uma pessoa particularmente violenta. As palavras são armas melhores do que qualquer outra coisa. Você pode cortar alguém muito mais fundo com a verdade do que qualquer lâmina. Mas o que ele fez? Eu estou irritado. Inferno, eu estou foddidamente furioso. Tudo estava indo bem até que ele apareceu e tudo deu errado.

Duas semanas.

Brooklyn sumiu por duas malditas semanas. Não importa qual precedência legal seja lançada neste lugar, ela está sob a custódia dos psiquiatras. Sua vida foi assinada para eles. Não há muito mais a ser feito, o ataque a Hudson selou seu destino. Com testemunhas suficientes para testemunhar o que aconteceu, nem mesmo o advogado chique de Londres conseguiu tirá-la da solitária.

Eu estou ficando louco. Essa garota, ela está sob minha pele. Não sei como nem por quê, mas sabendo que ela está naquele porão, sozinha... está fazendo coisas comigo. Causando sentimentos que eu nem imaginava ser capaz.

Eu e o Eli tentamos invadir na outra noite. Nós quase fomos jogados lá. Felizmente, estou completamente limpo e ele é louco demais para sobreviver ao porão, então só recebemos um aviso. Independentemente disso, se ela não voltar até o final do fim de semana, voltaremos para lá. Consequências sejam jogadas ao inferno.

Eu daria alegremente um beijo de despedida em meu registro impecável pela chance de vê-la novamente.

“Se você vai ser um idiota, podemos parar,” Hudson grita.

Bem, isso é praticamente garantido.

Eu me aproximo, odiando a raiva que sinto agora. Este não sou eu. Eu não me sinto assim. Ele parece pensar que estou vindo para conversar, mas assim que chego perto o suficiente, dou um soco em seu estômago. Dobrando-se, ele grunhe de dor. Eu posso ver o apelo da violência agora.

“Acho que ganhei o direito de ser um idiota. Foda-se, amigo,” eu grito de volta.

Virar as costas é um erro. A próxima coisa que sei é que minhas pernas são arrastadas por baixo de mim, minha cabeça se conectando com o chão duro. Hudson paira sobre mim, seu rosto contorcido em uma máscara de raiva.

“Foda-se, Nix. Você acha que eu não sinto o mesmo?”

“Sim, bem, eu não vejo você fazendo merda sobre isso!”

Hudson me agarra pela gola da minha camisa, seu rosto perto o suficiente para cuspe atingir minha bochecha. “Você não tem a porra da ideia. Nenhuma mesmo,” ele murmura sombriamente. “Não fale sobre merda que você não entende, ou vamos ter um problema.”

“Gente, vamos. Não vamos fazer isso de novo.” Kade suspira.

“Cai fora,” nós dois respondemos ao mesmo tempo.

Alguns socos e insultos depois, estamos indo embora e tirando a poeira de nós mesmos. Não adianta prolongar, nós dois só precisávamos de um alívio. Kade prefere sofrer em silêncio, navegando inutilmente na internet em busca de argumentos e brechas legais. Perda de tempo se você me perguntar.

Eli é outra raça completamente diferente. Para um cara insociável, ele está quebrando recordes no momento. Completamente fechado em si mesmo, o nariz sempre enterrado em um livro. No

entanto, ele nunca parece terminá-lo. Na verdade, acho que ele está lendo a mesma página há algum tempo.

“Vamos voltar para o quarto,” eu digo, me limpando. “Temos mais algumas cervejas do Rio.”

“Você realmente precisa parar de barganhar com ele,” repreende Kade.

“Eu vou pagar de volta, não se preocupe. Ele sabe que sou bom para isso.”

“Eu poderia tomar uma bebida,” Hudson fala mal-humorado.

Caminhamos de volta para Oakridge em um silêncio desconfortável, o clima sombrio. As coisas entre nós nunca estiveram tão tensas. As repercussões do ataque do Brooklyn a Hudson foram duras para todos nós, mas ninguém sabe como consertar essa bagunça. Não enquanto estivermos envoltos em medo do que está acontecendo com o pequeno fogo de artifício que explodiu em nossas vidas.

Estou ciente de que me tornei muito apegado, muito rapidamente. Embora não mude nada. Todas as noites, aqueles olhos tempestuosos invadem meus sonhos. Seus lábios nos meus, corpo encaixado perfeitamente contra o meu, boceta doce enrolada em volta do meu pau. Melhor beijo da minha vida. Pode apostar que, quando ela estiver fora, nada vai me impedir de fazer isso de novo e mais. Qualquer coisa para trazer um pouco de vida a ela, aquele sorriso relutante devastando meu coração com um mero olhar.

“Hudson! Baby!”

A voz estridente de Britt ecoa pelo pátio. Ela viu nosso grupo, e agora está nos perseguindo. Cadela estúpida. Atirando-se para Hudson, ele é forçado a se desvencilhar dela e dar um grande passo para trás. Sua expressão facial diz tudo.

“Onde você esteve? Eu tenho procurado em todos os lugares. Sinto sua falta.”

Ela está choramingando de novo e Eli sai rapidamente, literalmente caminhando sem olhar duas vezes. Eu sei que ele não

suporta a voz dela, mas agora eu e Kade estamos presos. Nós nos movemos desajeitadamente enquanto ela olha boquiaberta para as costas de Eli, virando-se para encontrar a óbvia rejeição de Hudson. Na verdade, é muito divertido vê-la ser esmagada em um milhão de pedaços patéticos.

Apenas eu? Ah, bem.

Hudson passa a mão pelo cabelo, os lábios franzidos com tristeza. “Eu pensei que tinha dito para você me deixar em paz, Britt. Terminamos, para sempre. Acabou.”

“Amor, do que você está falando? Pare de brincar já.” A voz dela se torna gradualmente mais histérica enquanto ela se agarra ao braço dele. “Não faça isso, Hud. Você precisa de mim.”

“Ouça-me, nós terminamos. É isso. Não mais,” Hudson late.

Lágrimas gordas começam a rolar por suas bochechas, brilhando satisfatoriamente enquanto seu coração partido se enraíza. É hilário pra caralho se você me perguntar.

“Não diga isso. Por favor,” ela choraminga.

Hudson cerra os dentes, forçando um pouco de paciência. “Essa é a verdade.”

Explodindo em soluços altos e ecoantes, Britt pendura fora de seu corpo. Agarrando a camisa dele como uma espécie de gatinho enlouquecido enquanto miava em seu pedido patético. Porra, eu deveria ter fugido enquanto tive a chance. Ela mal pesa nada com seus ossos protuberantes e pernas finas, então Hudson rapidamente a coloca de volta no chão.

“Me deixe em paz. Siga em frente,” ele ordena.

Sua dor rapidamente se transforma em raiva, o rosto enrugado e as mãos fechadas em punhos apertados. O tapa veio tão rápido quanto o esperado, deixando uma grande marca vermelha de mão em sua bochecha.

“Foda-se, Hudson Knight. Você é um bastardo,” ela cospe

asperamente.

Hudson simplesmente dá de ombros sem demonstrar nenhuma emoção. Sem sequer olhá-la nos olhos, como se ela não passasse de merda na sola do sapato dele. É excruciante de assistir, mas morbidamente fascinante.

Mais alguns gritos e xingamentos depois, Britt sai furiosa em uma nuvem de raiva, deixando Hudson esfregar sua bochecha dolorida. Ele olha para ela com exasperação. “Cara, ela dá trabalho.”

“Estamos dizendo isso a você há meses,” ressalta Kade.

“Tanto faz, agora está feito.”

“Outra vítima,” eu respondo. Parece que ele quer me matar.

“O que isso deveria significar?”

Eu zombo amargamente. “Você sabe exatamente o que isso significa.”

“Sinto muito, com quantos caras você transou na semana passada?” Hudson revida.

Discutimos durante todo o caminho para casa, trocando insultos. De muitas maneiras, Hudson e eu somos muito parecidos. Eu não tenho sua raiva, mas nós dois temos a tendência de deixar um rastro de corações partidos atrás de nós, fodendo e jogando como se não houvesse amanhã. Assim é mais fácil, o compromisso é muito arriscado. Apegar-se nunca leva a nada de bom por aqui.

Chegamos ao quarto andar e estou na frente, o que me dá uma visão clara do corredor. Meus olhos são os primeiros a cair sobre ela. Eu tenho que piscar para me assegurar de que ela é real, estou tão chocado e aliviado. O guarda lhe dá um empurrão agressivo e sai furioso sem olhar para trás. Ela cai contra a porta, os joelhos cedendo.

“Putá merda,” eu suspiro.

Saindo antes que os outros possam responder, estou na porta dela em um piscar de olhos, antecipação acelerando meus passos. Parece que uma eternidade passou. Só de vê-la parece um sonho

depois das noites passadas imaginando aquele cabelo platinado enrolado na ponta dos meus dedos.

“Brooklyn,” eu grito.

Sua cabeça nem levanta quando eu paro, de repente insegura.

“Brooke?”

Ela descansa contra a porta, falhando desesperadamente em entrar. Sua mão está tremendo tão violentamente que ela não consegue escanear o cartão-chave.

“Eu não posso fazer isso,” choraminga Brooklyn.

Essa voz abafada apunhala letalmente meu coração. Inclinando-me, coloco seu cabelo de lado e dou uma boa olhada no rosto escondido por baixo. Se ela parecia um fantasma antes, ela não passa de um cadáver agora. Mortalmente pálida e abatida, olhos inchados de tanto chorar. Posso ver o azul de suas veias sob a pele enquanto ela pisca com força, parecendo processar exatamente quem eu sou.

“Ei, Foguete. Sou eu. Nix,” eu persuado suavemente.

Inclinando a cabeça para cima, os olhos de Brooklyn finalmente encontram os meus. Ocos e desbotadas, as pupilas estão incrivelmente dilatadas. Eu posso praticamente ver as drogas nadando em seu sistema. Meu polegar roça seu lábio inferior dolorido, tão fodidamente gentil que me surpreendo.

“É bom ver seu rosto,” eu sussurro.

Minhas palavras quebram o feitiço e ela remove meus dedos de seu rosto, endurecendo a expressão. A vulnerabilidade está escondida no fundo, uma raiva teimosa tomando seu lugar.

“Deixe-me em paz,” ela resmunga.

“O que? Não.”

“Todos vocês... apenas me deixem em paz.”

Nós olhamos para fora enquanto os outros dois finalmente nos alcançam. Kade imediatamente vem para o meu lado, entrando

perfeitamente no modo protetor enquanto mede e avalia. Ele não parece tão feliz quanto eu com a bagunça que eles fizeram com a nossa garota. Ela mal consegue se levantar, muito menos abrir a porta.

Hudson fica para trás, subitamente quieto agora que ela está aqui. Eu posso praticamente sentir o gosto da tensão que explode entre eles, mas ele aparentemente está fazendo a coisa certa pela primeira vez em sua vida, mantendo a boca fechada.

“Brooklyn! Nós estivemos tão preocupados,” Kade fala correndo.

Eu posso ver suas mãos apertadas, ansiosas para alcançá-la e tocá-la. Eu conheço esse sentimento muito bem. Sua cabeça se abaixa, ignorando nossa presença enquanto ela continua lutando com a porta, as mãos ainda tremendo violentamente.

Kade troca um olhar comigo. “O que está acontecendo?”

Eu dou de ombros, sem palavras. Todo aquele estresse, duas semanas de noites sem dormir e culpa... e ela nem quer nos ver. O que aconteceu lá embaixo? Ela mudou. Nada do espírito e do fogo está lá, apenas essa concha derrotada tentando nos afastar.

“Eu não quero ver vocês,” resmunga Brooklyn.

“Dê-me o cartão-chave,” exijo, tentando arrancá-lo de seus dedos trêmulos. “Dê para mim, agora!”

Ela tenta lutar comigo. “Não! Foda-se, Nix.”

“Dê-me o maldito cartão, Brooke. Isto é ridículo.”

Teimosa como o inferno, ela me nega novamente. Kade e eu somos subitamente empurrados para o lado, a paciência de Hudson acabando. Ele rapidamente arranca o cartão da mão de Brooklyn e abre a porta, enfiando-o no bolso de trás. Antes que ela possa terminar o insulto, ele pega seu pequeno corpo, esmagando-a contra o peito.

“Ponha-me no chão! Maldito idiota,” ela grita.

“Cale a boca e faça o que eu mando,” ele morde de volta.

Invadindo a sala, seguimos em seus calcanhares. Kade parece um pouco horrorizado com o manuseio rude quando ele fecha a porta.

Hudson deposita Brooklyn na cama, onde cai com um suspiro. Ela continua a lutar contra ele enquanto ele a aconchega com força.

“Que parte de nunca mais me toque você não entendeu?”

Hudson balança a cabeça, claramente exasperado. “Eu nunca concordei com essa besteira e você sabe disso. Pare de agir como uma criança.”

“Você está certo, eu não deveria estar surpresa,” diz Brooklyn, a voz pingando ácido. “Consentimento nunca significou muito para você de qualquer maneira.”

Hudson se encolhe, deliberadamente evitando olhar para nós. Eu quase posso ver a vergonha rastejando em seu rosto enquanto ele olha para longe de todos nós, escondendo-se do julgamento. De que diabos ela está falando? O que exatamente ele fez?

“Toque-me de novo e da próxima vez, vou mirar no seu coração,” ela promete sombriamente. “Aviso final, Hud.”

“Dá um descanso. Me odeie amanhã, deixe-nos verificar se você está bem.”

“Por favor,” acrescenta Kade enfaticamente.

Considerando por um segundo longo e cheio de ódio, Brooklyn eventualmente concorda e afunda de volta nos travesseiros. “Estou bem. Apenas cansada, ok?”

“Não, você não está bem. Não te vemos há duas semanas inteiras. Vai precisar de mais do que isso,” eu cerro. A necessidade de sacudi-la aumenta, de fazê-la entender o que está acontecendo aqui. Não podemos simplesmente ser afastados assim.

“Para com isso.” Ela está olhando para mim agora, implorando com os olhos.

Ninguém consegue o que quer comigo. Tenho prazer na rejeição. Mas imediatamente, quero ceder apenas para fazê-la feliz. Ela parece uma merda, mas é o que está sob a superfície que me preocupa, algo que teremos que extrair dela com cuidado.

“Talvez devêssemos apenas deixá-la descansar,” eu admito.

“De jeito nenhum,” Hudson retruca.

Ela lança a ele um olhar furioso que silencia qualquer outro comentário, seu olhar frio me fazendo estremecer. “Você é a última pessoa que eu quero aqui. Aprenda quando não for desejado.”

“Eu não vou embora,” Hudson insiste.

Brooklyn olha para ele. “Não impedi você antes.”

“Eu nunca quis te machucar, Blackbird.”

Lágrimas grossas correm por seu rosto enquanto ela parece ficar ainda mais irritada. “Você não quis, hein?” Ela balança a cabeça em descrença, conseguindo se sentar. “Não quero suas explicações ou desculpas, Hud. Eu nunca quis.”

“Eu não, porra... eu não posso...” Hudson tropeça.

Apontando um dedo em seu peito, a voz de Brooklyn pinga com desprezo quando ela o interrompe. “Você fez isso comigo. Você é a razão pela qual estou aqui, porque estou ferrada além do reparo. Nada, absolutamente nada, vai consertar isso. Vá embora e nunca mais volte.”

Ela se deita, dispensando todos nós. Hudson olha por uma fração de segundo antes de se virar e ir embora, chutando a cadeira da escrivaninha com tanta força ao sair que um estalo dramático divide as costas. Ele sai furioso pela porta, deixando-nos boquiabertos e completamente confusos.

“Vocês dois também. Quero dizer, fodam-se já,” Brooklyn grita.

Eu olho para Kade, que aponta para a saída, aparentemente disposto a ceder. Estou tentado a ficar e discutir um pouco mais, mas, francamente, ela não está em um estado adequado. Há um limite para o que posso fazer por alguém tão relutante.

“Tem certeza?” Kade pergunta gentilmente.

Sua resposta dura e cortante segue. “Você ainda está aqui, porra?”

Seus ombros caem em derrota enquanto ele se afasta. Certifico-me de que as cobertas estão bem puxadas até o queixo de Brooklyn e toco delicadamente seus cabelos emaranhados. Estou ansioso para fazer mais, independentemente de seus sentimentos.

“Você sabe onde estamos se precisar de nós,” eu ofereço.

“Eu não vou. Apenas saia e não volte, porra, certo?”

Relutantemente, fazemos o que nos é dito, e é preciso todo o respeito que tenho pela privacidade dela. Seja qual for o tratamento sombrio que eles conduzam naquele porão, isso a aleijou para sempre.

Dezessete

Brooklyn

Twisted by MISSIO

Forçando minhas pernas dormentes a se moverem, subo os degraus de dois em dois. É doloroso, mas eu me esforço de qualquer maneira, aquecendo meu corpo em preparação para uma corrida cansativa. Qualquer coisa para tirar a estática da minha mente que se recusa a sair, não importa o quão alto eu grite no meu travesseiro à noite.

Nada tem sido o mesmo desde que voltei, há dois dias.

Confesso que não saí do meu quarto durante esse tempo. Apenas para visitar o posto de enfermagem para remédios, ou então eles ameaçaram me levar de volta para a solitária. Lazlo me colocou em um novo regime estrito. Agora tomo uma injeção toda semana, junto com minhas pílulas diárias como antes. Não há trapaça. É injetado direto e, em vez de confiar em mim, agora sou observada como uma maldita prisioneira enquanto engulo todos os dias. A boca também foi inspecionada, garantindo que não haja truques e que eu os esteja realmente engolindo.

Que piada do caralho.

Como resultado, todos os planos que fiz foram esfarrapados e destruídos. Estou aqui há um mês inteiro, mas de alguma forma, ainda estou na maldita estaca zero.

Não consigo me lembrar de nada que tenha acontecido naquele porão. É tudo apenas um grande e feio borrão em minha mente. Pontuado pelas memórias terríveis de um tempo que eu realmente não quero lembrar. A solidão trouxe todos os meus demônios de volta à superfície, e agora eles se recusam a ser suprimidos novamente.

Eles realmente me deixaram?

Eu sou esperada de volta na aula hoje. Considerando o quanto estou atrasada neste ponto, mal parece valer a pena. Eu deveria estar morta agora. Se eu não tivesse atacado Hudson, estaria livre. Finalmente, depois de todo esse tempo, eu estava tão perto de conseguir o que queria. Não sei com quem estou mais zangada; eu ou ele.

Eu saio para a névoa da manhã. Reajustar-me para tomar remédios novamente junto com o trauma da solitária me destruiu, física e emocionalmente. Como vou passar pelas aulas, não faço ideia. Preciso de um novo plano para dar o fora, novembro está se aproximando rapidamente.

Durante meu tempo no porão, uma 'busca' oficial ocorreu em todos os blocos residenciais. Tem um problema de contrabando aqui, todo mundo sabe. Eles destruíram os quartos em uma tentativa de caçar os culpados. Eu rapidamente descobri que eles não apenas encontraram e confiscaram meu estoque de pílulas, mas também minhas lâminas, junto com qualquer outra coisa que fosse considerada arriscada.

Dando duas voltas pelo perímetro, contando os guardas e as câmeras enquanto vou, ainda não estou pronta para voltar. O que costumava funcionar para mim não é mais útil, não consigo aliviar essa escuridão sufocante em minha mente. Optando por uma rota diferente, sigo para trás dos dormitórios ligeiramente menores de Pinehill e atravesso os jardins dos fundos.

A vegetação intocada gradualmente derrete quanto mais eu corro, ficando desleixada e esquecida. Bétulas imponentes logo me envolvem na vegetação rasteira espessa. Quando chego a uma alta cerca de segurança que marca o limite da propriedade, escalo o perímetro frustrada, pronta para admitir a derrota. Não espero encontrar um buraco minúsculo e transitável escondido no canto.

Me espremendo pelo arame farpado, prendo a respiração e vou para o outro lado, correndo para o caso de alguém estar olhando. Quanto mais eu corro, mais distante me sinto. Como se tivesse entrado

em um mundo diferente, longe dos pesadelos de Blackwood. Aqui no desconhecido, quase posso esquecer a armadilha em que estou presa. A realidade angustiante que realmente tenho que viver.

Tenho quatro semanas para resolver isso.

Quatro semanas antes do aniversário.

Eu corro para uma clareira, encontrando um cemitério escondido no deserto galês. Portões de ferro forjado preto circundam o espaço, cheio de lápides e estátuas em ruínas. Nas traseiras existe um mausoléu, imponente em toda a sua beleza gótica. Os salgueiros balançam na brisa leve e as folhas douradas cobrem o caminho que leva ao interior.

Passo meus dedos pelos nomes desbotados, dominada por rancor e ciúmes inúteis. Por que eles estão mortos e não eu? Por que não posso ser enterrada neste chão, frio e vazio? É justo que possamos escolher se vamos viver ou não. Se alguém quer morrer, a decisão é dele. Nem todo mundo quer ser salvo.

Afundando no chão gelado, eu descanso contra uma das pedras, saboreando a paz e a tranquilidade que afunda sob minha pele. Exceto que não é silencioso. Em algum lugar, há um barulho. É minúsculo, quase como um alto-falante abafado. Eu espio ao redor e meus olhos pousam em uma forma agachada nas portas do mausoléu, vestida com um moletom preto familiar e jeans desgastados.

Os fones de ouvido de Eli tocam rock pesado enquanto ele remexe em sua mochila. Seu cabelo castanho encaracolado está bagunçado e escapando do boné desalinhado que ele usa. Puxando uma lata de tabaco e procurando dentro, sou incapaz de desviar o olhar quando ele localiza um pequeno canivete afiado. Ele dedica tempo para limpá-lo e desinfetá-lo metodicamente, com uma espécie de atenção ritualística aos detalhes. Então ele está lentamente arregaçando a manga, o rosto contraído em concentração enquanto estuda seu braço.

Não consigo desviar os olhos.

Fico com água na boca quando ele pressiona a lâmina contra a pele e a puxa, provocando uma liberação imediata. Seus ombros caem e seu rosto relaxa enquanto o sangue flui. Observando com fascínio, ele se move um centímetro para baixo e repete o processo. É como se eu estivesse observando um artista, a lâmina é seu pincel e o braço a tela. Pintando uma cena linda e sangrenta de proporções mórbidas.

Estou tão extasiada com a visão que meu aperto na pedra escorrega, fazendo com que um pedaço caia no chão. Sua cabeça dispara para cima e nossos olhos se conectam imediatamente. Medo e pânico rapidamente se transformam em outra coisa que não consigo descrever. Ele está olhando diretamente para mim, os lábios curvados em um sorriso secreto. Como se eu fosse uma espécie de voyeur de seu momento mais íntimo, e ele estivesse se divertindo com a emoção de ter uma audiência.

Dane-se. Ele está claramente feliz em me ver.

Eu me junto a ele nos degraus cobertos de musgo. Nenhum de nós fala, não há reencontro constrangedor ou questionamento insistente como os outros. Ambas as nossas atenções estão focadas na faca apertada firmemente em sua mão. O sangue escorre de seu pulso até o cotovelo em riachos carmesins. Meus dedos doem com a necessidade de arrancá-lo dele.

Mas não para detê-lo.

Foda-se não, eu quero isso para mim.

Eu quero sentir alguma coisa, para provocar aquela liberação doce e eufórica por apenas um segundo. Como uma alcoólatra em recuperação, estou olhando para ele com desejo cru. Olhando para o prêmio e determinando como conseguir um pouco dele para meu próprio prazer. Por mais doente que seja, não estou interessada em impedi-lo de se machucar. Entendo a necessidade de apostar nessa linha delicada, entre a vida e a morte. Muito profundo, e é isso. Não é profundo o suficiente e você fica querendo mais.

É um ciclo vicioso e viciante, e eu adoro isso.

Orbes esmeraldas brilhantes me encaram com curiosidade enquanto eu corro meu dedo sobre a palma da mão, ousando mover-me mais alto. Circulando seu pulso e as veias azuis ali, sigo a trilha até suas lacerações chorosas. Espalhando as gotas de sangue sob minha pele, criando uma trilha de pinceladas carmesim. Agora nós dois somos artistas, presos por essa fascinação doentia juntos.

“Sinto muito,” murmuro, tentando me afastar.

Sua mão me para, segurando-me no lugar enquanto ele balança a cabeça. Aquele sorriso sombrio é torto e conhecedor. Porra, ele quer isso tanto quanto eu. Quão distorcido é isso? Mas isso não importa. Isso não me impede. Esse sentimento entre nós, esses tentáculos de escuridão e pura maldita doença nos aproximando, é irrevogável. Incontrolável. Nada existe fora deste momento.

Eli oferece a faca para mim. Meu coração bate mais rápido do que nunca. Não consigo desviar o olhar do aço brilhante enquanto ele a limpa e desinfeta. Antes que eu perceba, meus dedos envolvem o cabo. Minha mão ainda está tremendo e patética, mas ele não julga. Não meu Eli.

Arregaçando a manga do meu suéter, inúmeras cicatrizes prateadas e pedaços nodosos de pele são revelados. Seu olhar queima como fogo e eu realmente gosto disso. Cheio desse estranho sentimento de orgulho, quero que ele veja minha obra de arte. Para apreciá-lo por si mesmo, um automutilador para outro. É como um rito de passagem, esse compartilhamento íntimo de nossas cicatrizes de batalha, infligidas pelo inimigo supremo; nós mesmos.

Tudo sobre isso está errado.

Pouco saudável. Tóxico. Bagunçado.

Mas, ao mesmo tempo, oh, tão certo.

A borda serrilhada encontra minha carne sensível. Um suspiro escapa de meus lábios com a sensação familiar, segundos antes de dar aquele passo tentador. Então eu estou movendo a faca, tentando tirar sangue, mas minha mão trêmula está me impedindo de conseguir um

bom aperto para pressionar fundo o suficiente. Eu bufo, xingando a porra da medicação que estou tomando. Mais algumas tentativas frustradas e as lágrimas frustradas ameaçam cair.

“Porra de mão,” eu rosno.

Eli engole em seco, mordendo o lábio inferior. Ele gentilmente tira a faca da minha mão espasmódica. Lançando-me um longo e duro olhar, ele silenciosamente faz a pergunta que eu sei que ele não pode dizer em voz alta. Meu consentimento. Este homem complicado e quebrado quer me ajudar da única maneira que sabe.

Estou concordando sem pensar, confiando nele intuitivamente com cada fibra do meu ser. Ele levanta as sobrancelhas, buscando confirmação e, em vez de responder, selo meus lábios nos dele. Apenas um momento sussurrado de afeto, dando a ele um vislumbre sob a superfície da garota danificada escondida atrás de camadas de sarcasmo e raiva, que quer que ele a corte quando ela não pode fazer isso sozinha.

“Por favor,” eu choramingo. “Faça isso melhor, Eli. Por favor.”

Enquanto ele passa pelo meu pulso, eu me pergunto se ele sente. Este vínculo inexplicável entre nós, como almas gêmeas finalmente reunidas. Somos dois lobos solitários circulando um ao outro, ambos intrigados e um pouco assustados. Eu me pergunto qual é o gosto desse sentimento para ele.

Meus olhos se fecham quando a liberação vem, quente e aguda com a pontada da dor. Não consigo conter o gemido de satisfação quando ele repete essa ação quatro vezes. Metodicamente, precisamente. Tomando seu tempo e cuidado.

Assim que ele termina, outra sensação toma conta. Puta merda. É a língua dele, deslizando pela pele do meu pulso enquanto ele beija sua obra. Ele lambe o sangue, os dedos cavando dolorosamente em meu braço. Me mande para o inferno, eu não me importo. Estou fodidamente mais molhada do que nunca. Minhas coxas apertam com a inundação de pura excitação.

“Eli,” eu sussurro como uma oração.

Enterrando meus dedos em seus cachos de chocolate rebeldes, eu puxo com força até que seus lábios ensanguentados estejam lá para eu reclamar. Os dentes se chocam com a violência do nosso beijo, ele está tão encantado quanto eu. Segurando meu rosto, explorando cada centímetro da minha boca com sua língua acobreada e marcando seu território.

Desejo queima através de mim enquanto subo no colo de Eli, envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura fina. Aproximando nossos corpos, preciso senti-lo em todos os lugares. Agora eu tive um gosto que não consigo ter o suficiente, estou caindo rápido e ele está lá para me pegar.

Nossos quadris se movem juntos enquanto sua mão desliza por baixo do meu suéter, deslizando sobre meu estômago e costelas. Seus dedos, sem dúvida, sentem as saliências e a pele levantada lá também. Ele faz pouco trabalho para entrar no meu sutiã, provocando meus mamilos rígidos. Eu me esfrego contra ele ainda mais forte, a pressão de seu pau duro como pedra me deixando louca.

“Mais,” eu suspiro.

Eli olha para mim, os olhos brilhando de malícia enquanto ele morde o lábio. É o mais vivo que o já vi, o mais alerta. Ele está sempre se escondendo do mundo, focado em sua própria autopreservação. Mas agora, Eli está aqui comigo.

Rapidamente desabotoando sua calça jeans, eu alcanço o comprimento duro preso dentro. Está pronto para mim, quente e pulsante. Eli puxa minha camisa para cima e eu me mexo para que ele possa remover minha calça de corrida, calcinha encharcada também. Em seguida, seus dedos estão deslizando sobre minha pele, circulando minhas coxas até que ele deslize para dentro de minhas dobras pingando. Provocando o feixe de nervos lá, eu estremeço um suspiro. Ele me lança outro sorriso atrevido antes de mergulhar para dentro com dois dedos, espalhando-me amplamente.

“Foda-se, sim,” eu gemo.

Eli faz uma pausa, calculando por um segundo diabólico antes de recuar e esfregar os dedos em meu braço sangrando, uma dor escaldante mordendo minha pele. Com o sangue coletado, ele retorna para minha boceta e os desliza de volta para dentro, sangue quente umedecendo minhas dobras enquanto eu grito.

Tão fodidamente errado, mas tão certo ao mesmo tempo.

Ele acelera o ritmo, fodendo-me rudemente com os dedos e eu começo a trabalhar seu eixo de veludo. Posso ouvir sua respiração áspera, aproveitando o prazer que sei que estou dando a ele. À medida que o sentimento aumenta e fico mais tensa, percebo que é disso que gosto, depois de anos sofrendo com encontros de merda.

Depravado.

Sangrento.

Torcido.

Mas, finalmente, fodidamente incrível.

Os lábios de Eli trabalham em minha mandíbula, todo o caminho para baixo na inclinação do meu pescoço, sugando e machucando ao longo do caminho. Eu amo isso. Ele está me possuindo e eu não consigo o suficiente. Descendo totalmente em seu colo, abro minhas pernas. Montando-o perfeitamente enquanto sua ponta pressiona contra minha boceta manchada de vermelho.

Eli hesita, sua mão envolvendo meu pescoço para chamar minha atenção. Apertando minha garganta até ficar sem ar, a pergunta em seus olhos é clara. Mesmo depois de tudo isso, ele ainda quer meu consentimento. Isso é um verdadeiro cavalheiro. O mesmo cavalheiro que acabou de cortar minha pele e gostou.

“Por favor,” eu imploro timidamente.

Ele não perde tempo, empurrando com seu pau fundo o suficiente para eu gritar. Estou tão cheia, cada terminação nervosa em chamas quando sua testa encontra a minha. Quando reencontro o equilíbrio e começo a me mexer, a euforia só aumenta. Eu o monto com força, braços em volta de seu pescoço para me apoiar. Ele ainda

está segurando minha garganta, apertando forte o suficiente para me excitar ainda mais enquanto a respiração se torna ainda mais difícil.

Estou perseguindo o alto, insaciável e desesperado por mais desse sentimento. Nossos corpos se chocam enquanto nós dois gememos e ofegamos. Assim que eu grito meu primeiro orgasmo, Eli se move, assumindo o domínio e me removendo de seu colo. Sou baixada no chão frio dos degraus do mausoléu. As mãos agarram minhas coxas enquanto ele paira sobre mim, o cabelo despenteado escorregando sobre o rosto e atrapalhando minha visão. Eu o afasto.

A maneira como ele olha para mim? É fodidamente viciante.

Como se eu fosse o próprio oxigênio que ele respira.

Deslizando de volta para dentro, Eli enterra o rosto no meu pescoço enquanto eu me contorço e grito. Ele me fode forte e rápido como se sua vida dependesse disso. O ar livre só o torna mais quente, beijando minha pele nua. Há algo de proibido em foder entre os mortos enterrados neste cemitério. Sangue vazando de nossos braços, evidenciando nosso fascínio compartilhado pela arte da autodestruição.

Chamas gêmeas destinadas ao esquecimento.

Nós dois chegamos ao clímax logo depois. O cabelo de Eli faz cócegas na minha bochecha enquanto ele recupera o fôlego, finalmente olhando para mim com aqueles malditos olhos conhecedores. É como se ele pudesse ouvir meus próprios pensamentos, apesar do silêncio entre nós.

“Eli,” eu começo.

Uma voz alta interrompe, nossas cabeças se levantando. Pegue minhas roupas e Eli faz o mesmo, lutando para se cobrir quando a voz se aproxima. Agarrando sua mão, descemos os degraus e nos esgueiramos pela lateral do mausoléu bem a tempo. Um par de guardas de cara azeda irrompeu no cemitério e vasculhou com urgência, relatando em seus rádios.

“Nada aqui. Tem certeza de que ela veio por aqui?”

O rádio crepita. “Sim, tenente. Use seus olhos.”

“Está vazio. Verifique seu maldito computador novamente.”

Há um estalo no alto-falante, algum tipo de briga antes de uma nova voz soar. “Aqui é o Augustus. Traga ela de volta ao alcance ou faça as malas.”

Os dois guardas rapidamente retomam a busca, escondendo-se atrás das lápides e verificando as árvores. Eli se agarra à minha mão quando um deles se aproxima perigosamente, com pesadas botas pretas subindo os degraus do mausoléu. Ouve-se um gemido alto quando ele abre a porta, puxando a pedra antiga para espiar. Aproveitamos a oportunidade para fugir pelos fundos e correr de volta para a cerca.

Eli não solta minha mão até que estejamos de volta em Oakridge.

Suados, ensanguentados e satisfeitos.

Dezoito

Kade

Hurricane by Halsey

Marcado para o meu turno normal de segunda-feira, estou digitando no meu laptop com antecipação. Eu verifico se a diretora está em seu escritório antes de abrir os registros de Brooklyn. Considerações morais à parte, eu poderia facilmente perder meus privilégios por isso. Mas preciso saber o que aconteceu naquele porão. Brooklyn tornou-se um fantasma, ninguém a viu durante todo o fim de semana e estou perdendo a cabeça.

Eu verifiquei Phoenix e Eli após nossas primeiras interações, sabendo que tinha que fazer algo para ajudá-los. Nem todo mundo que vem aqui é criminoso, nem todos são sancionados pelo tribunal. Alguns são simplesmente loucos e de particular interesse para os psiquiatras.

Tecnicamente, Nix foi ameaçado com pena de prisão por traficar drogas se ele não comparecesse aqui e limpasse seu ato. O diagnóstico bipolar o poupou desse desconforto, junto com o fato de que ele era uma bagunça instável no momento de sua prisão.

Eli é o mais inocente de todos nós. Não foi o que ele fez, mas o que os outros fizeram com ele que o levou a Blackwood, depois de anos pulando entre diferentes instalações, a mais recente das quais foi Clearview.

“Kade? Você conseguiu aquela lista para a viagem ao mercado para o Natal?”

Mike para na minha mesa, apoiando-se em seu cotovelo. O vice-diretor é um pouco autoritário, mas é bastante decente. Uma visão maldita mais acessível do que a própria diretora, Elizabeth White. Ela supervisiona os negócios e passa a maior parte do tempo em reuniões do conselho, mas é a verdadeira autoridade por aqui. Os psiquiatras

são apenas seus cachorrinhos.

“Claro, vou pegar para você agora. Aquele no início de dezembro?”

“Sim. Precisamos começar a fazer os arranjos. Liz está no meu pé novamente sobre recompensar aqueles com bom comportamento.” Ele revira os olhos dramaticamente. “Você vem? Eu anotei seu nome, poderia usar a ajuda.”

Dando de ombros, trago o longo arquivo e dou uma olhada nos detalhes. É uma lista pequena, pouquíssimos têm fichas imaculadas e sem disciplinas. O nome de Phoenix está lá, para meu alívio.

“Por que não. De qualquer forma, meus exames já devem estar feitos até lá,” decido.

Mike sorri para mim. “Pelo menos tira você deste lugar.”

Dou uma espiada com o canto do olho enquanto Mike mexe em seu telefone. Sua cabeça está parcialmente virada, então tenho a chance de dar uma olhada nos outros nomes listados. É um grupo legal, ninguém muito difícil ou perigoso. Naturalmente, Hudson e Eli não estão em lugar nenhum.

“Você consegue os nomes dos psiquiatras?” Eu pergunto casualmente.

“Sim, tivemos que obter autorização de segurança. A Liz já aprovou, mal olhou,” reclama, franzindo a testa. “Maldita mulher está mais interessada em seus e-mails do que realmente fazendo algo significativo por aqui.”

Eu murmuro uma resposta, fingindo que estou me preparando para imprimir. Um pensamento tentador se forma em minha mente quando ouço que já passou pela diretora. Com o coração martelando, digito outro nome no final, mudando o status automático de vermelho para verde para indicar que ela é de baixo risco.

O que poderia dar errado?

Brooklyn estará com nós dois, longe da vigilância sufocante em

Blackwood. Estou em êxtase só de pensar nisso, faminto por qualquer oportunidade de ficar a sós com ela. Mesmo que ela não fale conosco agora, não somos todos como Hudson. Eu tenho que ganhar uma segunda chance dela.

“Aqui está.” Dou-lhe um sorriso profissional.

“Obrigado, Kade. Você é um bom rapaz.”

Mike recolhe a papelada e volta para seu escritório, deixando-me para voltar à minha investigação. Foi fácil entrar nos registros do Brooklyn, vantagens do trabalho e tudo. Não ser um paciente genuíno tem seus benefícios, mesmo que eu tenha renunciado à minha liberdade pelo privilégio. Ninguém consegue entender por que me ofereço para ajudar, mas há uma razão para isso.

Gosto de saber no que estou me metendo.

Controle é poder neste mundo.

A foto do registro de Brooklyn é uma visão assustadora. Cabelos murchos e sujos e bochechas encovadas emolduram seus olhos mortos. Ainda pior do que quando ela voltou da solitária. É retroativo em dez meses, desde sua primeira admissão em Clearview. Eu rolo para baixo, tentando reunir o máximo de informações possível enquanto reprimo minha culpa por invadir sua privacidade.

Brooklyn West, 20, Mulher.

Apresentada em fase aguda de psicose - esquizofrenia e transtorno de personalidade. Avaliação necessária imediatamente, caso atribuído a R Zimmerman para triagem.

Eu leio mais, curiosidade queimando enquanto examino as breves notas da equipe psiquiátrica que a avaliou antes mesmo dela chegar a Clearview.

Após a prisão na estação ferroviária de St Pancras, a paciente foi detida pela polícia após uma perseguição de 48

horas. Ela foi colocada sob custódia para aguardar avaliação psicológica. Apresenta-se com pensamentos delirantes, alucinações visuais e auditivas, tendências violentas e uma personalidade instável.

Consulte o relatório de incidente em anexo para obter mais detalhes.

O cursor paira sobre o arquivo anexado, mas quando clico, aparece uma caixa solicitando um código de segurança. Parece que está trancado por confidencialidade e apenas a diretora pode dar permissão de acesso. Rapidamente fecho a tela e respiro fundo, olhando para a porta. É por isso que eu deveria cuidar da minha maldita vida.

Usando minhas habilidades com o computador, rapidamente apago minha presença do sistema e pego todos os registros ocultos. Este não é meu primeiro rodeio, e o que quer que esteja naquele arquivo, não é nada bom. Enquanto luto para cobrir meus rastros, as palavras queimam em minha mente.

O que exatamente ela fez?

Apesar disso, as chances de afetar essa estranha possessividade que sinto por ela são baixas. Não sei explicar, a forma como me apego às pessoas. Como se meu coração os reivindicasse muito antes de meu cérebro ter a chance de alcançá-los. Não importa quem eles são ou o que fizeram, uma vez investido, não há como voltar atrás.

Uma batida forte na campainha da mesa me faz pular na cadeira, com o coração na boca. Eu olho para cima para encontrar Hudson sorrindo em diversão. “Ei, mano. Tem alguma correspondência para mim?”

“Isso era mesmo necessário?” Eu exijo.

“Sim, era. Porra de gato assustado. O que você tem a esconder?”

Eu dou de ombros, aliviado por já ter limpado meu laptop. Alcanço minha bolsa debaixo da mesa, puxo o caro envelope creme e

o deslizo.

“Eu ia levar para você depois do trabalho.”

“Não se preocupe,” murmura Hudson.

Eu o observo rasgar a carta, os olhos examinando a escrita elegante de minha mãe. Ela usa papel de carta personalizado com todas as suas credenciais, para grande constrangimento de Hudson. Nossos pais são bastante obcecados por imagens, mas foda-se se eles não o amam como se fosse deles. Não importa o quão insistente ele seja em nos afastar.

“Bom?” Eu pergunto esperançoso.

“A mesma merda. Sente minha falta, quer visitar.”

Eu me forço a manter um tom razoável, engolindo minha frustração. “Ela tem pedido nos últimos dezoito meses. Você poderia dar um tempo para a pobre mulher, Hud. Uma visita não vai te matar. Ela ganhou pelo menos isso.”

Ele rosna, enrolando a carta e jogando-a na lixeira, acertando um tiro perfeito. “Eu disse a ela para me esquecer. Se eu a deixar me ver agora, ela nunca vai me deixar ir.”

Eu fico boquiaberto com ele em descrença, espantado com a pura falta de emoção humana. “Ela é sua mãe, pelo amor de Deus.”

“Não. Ela é sua,” Hudson argumenta, a expressão ficando sombria. “Eu sou apenas o lixo que foi trazido e a envergonhou.”

Suas mãos se fecham em punhos enquanto ele olha para mim, completamente sem noção do rastro de corpos quebrados que ele deixa em seu caminho. Ela não poderia se importar menos com o que ele fez, ela ainda o ama. Como qualquer bom pai faria. Ele está muito cego pelo passado para ver isso, preso em sua própria cabeça.

“Ela não tem vergonha de você. Nem um pouco,” eu mordo. “Ela se importa, algo que você deveria aprender a aceitar. Continue e um dia, ninguém mais o fará.”

Antes que eu perceba, Hudson agarrou minha camisa e me

puxou para cima. Seu rosto está bem na frente do meu, olhos furiosos na frente e no centro.

“Eu não pedi para você me seguir até aqui, irmão,” ele sussurra para mim. “Nem quero. Eu cometi o crime, agora estou cumprindo pena. Não me fale sobre aceitação quando você está aqui, desperdiçando sua maldita vida quando você poderia estar lá realmente vivendo. Já basta eu ter arruinado minha vida, você tem que acrescentar a sua também na minha consciência?”

Dou um empurrão forte em Hudson, fazendo-o tropeçar para trás e me soltar. Eu me recuso a dar a ele a satisfação de me intimidar. “Só estou tentando ajudar você. Não há segundas intenções. Você sabe qual foi meu primeiro pensamento quando ouvi o que você fez?”

Hudson desvia o olhar, o maxilar cerrado enquanto dá de ombros.

“Eu não me preocupei com o outro cara. Eu me preocupei com você. O que isso significou para sua vida, seu futuro. E mais importante? Que diabos eu faria sem meu irmãozinho. Alguém que entrou na minha vida quando eu já era adulto, mas ainda conseguiu virar família.” Respiro fundo, tentando controlar meu temperamento. “Você faria bem em pensar nisso quando estiver batendo nas pessoas, ou fodendo e bebendo até o esquecimento. Existem pessoas que se importam com você, mesmo que você não se importe.”

Ele relutantemente ouve enquanto eu reclamo, além de terminar com suas besteiras. Quando termino, ele simplesmente se vira e se afasta. Como se eu nem existisse e minhas palavras não significassem nada. Desisti dos melhores anos da minha vida para estar aqui. Para apoiá-lo e garantir que ele não esteja sozinho neste mundo. E o que ganho pela minha lealdade?

Nada. Porra, nada.

Olhando de volta para a minha tela, trago a foto de identificação que tirei para Brooklyn. Ela realmente sorriu quando coloquei o cabelo atrás da orelha, mesmo que apenas por um breve segundo. Seus olhos arregalados piscaram com algo diferente de dor antes de fechar

novamente, mas eu vi. Algo está lá, enterrado sob a superfície. Vou encontrá-lo novamente, não importa o que for preciso.

Hudson não quer minha ajuda? Tudo bem.

Vamos ver se ele gosta quando eu roubar sua garota.

Então ele saberá como é ser desconsiderado.

Dezenove

Brooklyn

Higher by Sleep Token

Quinta-feira de manhã, entro na sala de aula e evito dezenas de olhares que imediatamente se fixam em mim. Nos últimos dias, todo mundo tem estado preocupado comigo. Como voltei gradualmente para a aula, parece que agora sou uma espécie de celebridade.

Todos olham para mim com partes iguais de medo e fascínio. Eu mal sobrevivi ao meu primeiro dia de aula de inglês, me sentei sozinha no fundo enquanto os outros sussurravam e fofocavam ao meu redor. Ontem, pisei em uma nuvem de raiva, recusando-me a falar com qualquer um para evitar uma explosão espetacular. Até os caras parecem determinados a entrar na minha cabeça.

Eles vão desistir eventualmente e me deixar em paz. Não posso me dar ao luxo de distrações, não agora que Lazlo me prendeu. Sair daqui antes do mês que vem é tudo em que consigo pensar. Eu listei todos os métodos potenciais em meu diário, páginas manchadas de tinta cheias de ódio e arrependimento.

Minhas opções são limitadas na melhor das hipóteses. Quando corri de volta para a cerca para investigar mais, esperando que isso desse alguma oportunidade, descobri que ela havia sido consertada e eletrificada. Ninguém está saindo para passear agora.

Entrando na sala de aula lotada, passo por mesas cheias de espectadores interessados. “Cadela louca,” alguém tosse, sem pensar em sutileza.

Tenho que reprimir a vontade de sorrir. Você acertou. Se alguém merece ser esfaqueado com uma faca cega, é Hudson. Meu único arrependimento é não ter nada mais afiado em mãos.

Eu passo pelos idiotas com a cabeça erguida. Phoenix e Eli estão sentados em nosso lugar de costume esperando por mim. Não consigo

tirar os olhos dos cachos bagunçados de Eli e das bochechas coradas enquanto ele evita olhar para mim. A memória de me foder o mantém acordado à noite também? A maneira como ele olhou para mim quando a faca arrastou pela minha pele foi pura magia.

Consertando minha expressão vazia de volta ao lugar, eu me sento no final da mesa, ignorando o olhar de Phoenix enquanto deslizo ao lado dele. “Oi, pessoal.”

Phoenix faz uma dramática tomada dupla. “Bem, veja quem decidiu se juntar a nós.”

Posso sentir sua atenção agudamente enquanto tiro o gorro de presente da minha cabeça, revelando meu cabelo ainda levemente úmido. Há um sorriso puxando seus lábios e isso está me deixando louca.

“Você está parecendo melhor,” ele elogia, me olhando descaradamente. “Finalmente decidiu andar entre nós, pessoas vivas, de novo?”

“Algo parecido.”

Isso o excita ainda mais, exatamente como eu pretendia. “Quando você vai realmente falar com a gente? Vamos, Brooke. Já se passaram dias, estou tão cansado dessa coisa estúpida de tratamento silencioso que você está fazendo. O que quer que tenha acontecido entre você e Hud, não tem nada a ver comigo.”

Não posso deixar de derreter um pouco com a visão de seu lábio inferior projetado para um efeito dramático. Porra, eu gostaria de morder esse lábio.

“Olha, eu não poderia me importar menos. Ele é seu amigo e isso é motivo suficiente para eu ficar longe,” eu explico simplesmente. “Assim que eu puder solicitar uma mudança de assento, vou me afastar de todos vocês. Não preciso de mais problemas na minha vida do que já tenho.”

Eu aprecio o flash de dor em seus olhos. É bom estar no controle aqui. Não importa o que aconteça, sou eu quem manda.

“Você está sendo uma cadela teimosa,” Phoenix reclama.

“Supere isso e me deixe em paz.”

Ficamos em silêncio enquanto o professor de história entra, imediatamente batendo palmas para chamar a atenção de todos. Crawley é alto, magro e além de assustador, mas ele é decente o suficiente. Depois de duas semanas de ausência, estou na lista negra dele. Enquanto os outros cumprem suas tarefas, ele despeja um monte de trabalho na minha mesa, exigindo que eu me atualize antes das provas da semana que vem. Semana que vem, porra. Eu não me incomodo em tentar argumentar de volta, apenas aceno com a cabeça e jogo punhais em suas costas quando ele se vira para sair.

“Precisa de uma mão?” Phoenix oferece.

Estou balançando a cabeça antes mesmo dele terminar. “Não, estou bem.”

Com um grunhido frustrado, sua mão passa por seu cabelo azul espetado. “Você sabe o que? Dane-se. Faça o que você quiser, a escolha é sua.”

“Com certeza, é.”

O olhar de Phoenix queima o lado da minha cabeça, mas não me incomodo em olhar enquanto ele ataca. “Continue assim e você vai acabar sozinha pelos próximos três anos. É tudo o que estou dizendo.”

“O que te faz pensar que isso me incomoda?” Eu respondo.

“Você realmente é um pedaço de trabalho, não é?” Ele se aproxima, deliberadamente tentando me deixar desconfortável. “Não é de admirar que você não tenha amigos. Nascer sozinha, morrer sozinha, certo? Boa sorte com isso, cadela maluca.”

Ele parece pensar que eu tenho um coração para machucar.

Ele está sem sorte.

Eu lambo meus lábios e produzo um sorriso divertido. “Eu prefiro ficar sozinha do que amiga de gente como vocês. Você tem alguma ideia de quem Hudson realmente é? O que ele fez? Verifique

antes de vir para mim, idiota. A grama nem sempre é mais verde.”

“Hudson é um cara legal... na maioria das vezes,” defende Phoenix.

Eu rio e pego alguns papéis, dando uma tarefa às minhas mãos, em vez de socar seu fodido rosto bonito até ele sangrar. “Certo. E você me acusa de ser cheia de besteira.”

Aparentemente, isso bate um pouco perto de casa, quando ele vira a cabeça e me dispensa, enfiando fones de ouvido. Eu cerro os dentes, cantando mentalmente para mim mesma que irei embora em breve, não importa o que aconteça. Tenho que me afastar desses caras e de seus sentimentos mesquinhos. A visão de Hudson na minha porta me lembrou do preço que você paga por deixar as pessoas se aproximarem.

Ninguém é permitido dentro do meu coração morto. Eu não vou sobreviver a isso.

Eles não vão sobreviver.

Eu passo o resto da aula ignorando todo mundo, rabiscando pequenos laços nos cantos do meu livro. A lista de materiais que devo ler para me atualizar é longa, mas a jogo na bolsa sem olhar duas vezes. Eu não dou a mínima para essa aula, para o exame ou para os babacas que mandam nesse circo. Eles podem beijar minha bunda antes de eu escrever a porra de um ensaio.

“O que você está...” Phoenix para, os olhos no meu livro.

Rapidamente viro as páginas e bloqueio a visão dos rabiscos. Ele está realmente abusando da sorte. Quando estou prestes a pegar minhas coisas e sair correndo, um alarme alto começa a tocar. Ele grita no ar e todos começam a se mexer, pegando suas bolsas.

Phoenix pragueja e começa a afastar as folhas soltas de papel, mas minha atenção está focada em Eli. Ele está curvado, a testa pressionada contra a mesa e as mãos apertadas sobre os ouvidos. Eu posso ver seu corpo tremendo daqui, sob o capuz grosso que ele usa como sempre.

“Vamos, é uma simulação de incêndio,” ordena Phoenix.

Eu o ignoro completamente, debatendo brevemente comigo mesma antes de caminhar para o lado de Eli. Eu posso ajudá-lo sem me importar, certo? Passando minha mão por sua espinha, ele enrijece instantaneamente, o rosto espiando para o lado. O terror dança em seus olhos enquanto ele olha, implorando silenciosamente por ajuda. Assim como eu fiz naquele cemitério, onde ele obedeceu sem questionar.

Eu ofereço a ele uma mão hesitante. “Vamos tirar você daqui.”

Eli faz uma pausa por um momento, totalmente desapegado e controlado por seu medo. Eu não desvio o olhar, esperando que ele reúna alguma aparência de força. Quando seus dedos se unem aos meus, ofereço-lhe um pequeno sorriso.

“Confie em mim,” eu digo simplesmente.

Espero uma eternidade por seu eventual aceno.

Juntos, saímos da sala de aula e descemos a escada polida, subindo dois degraus de cada vez. Aqui fora, o alarme toca ainda mais alto, e Eli aperta minha mão com muita força. Quando o primeiro sinal de fumaça sussurra no ar, nos movemos mais rápido, praticamente correndo para escapar. O ar está ficando pesado, o cheiro acre de queimado ficando mais forte.

“Apenas uma simulação, hein?” Eu sibilo para Phoenix...

“Como eu poderia saber que é real?”

De repente, a mão de Eli é arrancada da minha e eu tropeço, batendo nas costas de Phoenix. Ele me estabiliza antes que eu caia escada abaixo e nós dois voltamos. Eli está agachado, a cabeça baixa e escondida, os braços em volta do corpo enquanto o tremor se intensifica.

“Oh, cara...” Phoenix suspira.

“O que é?”

“Ele não gosta de fogo. Porra, ok.”

Abaixando ao seu nível, Phoenix desliza um dedo sob o queixo de Eli, inclinando a cabeça apenas o suficiente para que seus olhos possam se encontrar. Seus lábios estão a centímetros de distância, rostos intimamente próximos. “Eu tenho você, E. Eu não vou deixar você,” ele promete.

Eli olha sem respirar, a desconfiança arraigada clara.

“Você não está sozinho, amigo,” acrescenta Phoenix. “Vamos.”

Fico paralisada, observando a troca com a respiração suspensa. Meus olhos estão começando a lacrimejar por causa da fumaça, ficando mais fortes e nocivos a cada segundo. Eli observa Phoenix com olhos vazios, lábios pressionados enquanto ele luta contra seus demônios. É quase como se ele não acreditasse em uma palavra que seu amigo está dizendo. Mesmo que nunca o deixássemos, ninguém o faria quando houvesse um incêndio nas proximidades.

Phoenix repete as mesmas garantias, com um pouco mais de força. Ele está praticamente cantando, implorando para Eli confiar nele. É de partir o coração assistir ao terror que mantém Eli como refém. Como se estivesse preso em sua própria mente e não pudesse mover um músculo, muito menos falar.

Uma ideia de repente me ocorre e eu me sento ao lado de Phoenix, tirando-o do caminho. Eli não pode ouvir quando está sob a influência de sua ansiedade, aquele filho da puta não ouve rima ou razão. Eu tenho que romper, e sei exatamente como ele gosta de fazer isso.

“Eli? É Brooke. Precisamos nos mover, trabalhe comigo aqui,” eu persuado.

Enfiando meus dedos na manga de seu moletom, eu seguro seus olhos enquanto procuro pelos cumes que sei que vou encontrar. Quatro cortes horizontais, bem onde eu o vi se cortar alguns dias atrás. Eles ainda estão em carne viva e mal cicatrizados, então é fácil cravar minhas unhas para arrancar as crostas frescas. Eu coço seus cortes até sentir o sangue fluindo mais uma vez, quente na ponta dos meus dedos. Seus olhos se arregalam com a dor, os dentes rendendo

seu lábio maltratado.

É isso. Volte para mim, pequeno Eli.

Eu sei exatamente o que você precisa.

Alguns segundos se passam enquanto ele lentamente cai de volta à terra, agarrando-se ao conforto da dor como eu sabia que ele faria. Somos a mesma porra de pessoa. Quando ele dá um leve aceno com a cabeça, dou um passo para trás e permito que Phoenix o puxe para cima, retomando nossa descida em direção ao saguão cheio de fumaça.

Não posso deixar de olhar para as pontas dos dedos manchadas de vermelho enquanto sigo os caras, fascinada pela visão do sangue de Eli na minha pele. Agora estamos quites, ambos reivindicados em carmesim pelo outro.

Chegamos à entrada do prédio de humanas, onde os alunos estão saindo pelas portas para escapar do ar denso e opressivo. Cubro minha boca com a manga antes que o acesso de tosse possa tomar conta, me abaixando e seguindo a multidão. A fumaça sai de uma das salas de aula, e consigo distinguir as chamas brilhantes enquanto atacam fileiras de livros e papéis. Eli e Phoenix estão perdidos na multidão enquanto meus pés congelam, enraizados no local pela visão gloriosa do fogo mortal.

Minha mente é rapidamente consumida por uma voz maligna e penetrante.

Entre. Desista de tudo e ofereça-se às chamas.

Esta é sua melhor chance. Faça isso. Desista.

Isso seria tão fácil. Estou no meio do caos, não há guardas ou professores para me impedir. Câmeras obscurecidas pela fumaça e um vislumbre de liberdade ali mesmo para ser tomada. Eu coloco um pé na frente do outro.

Cada passo me leva perigosamente perto do calor escaldante que sinto contra meu rosto. Minhas mãos se fecham em punhos, as unhas cravando profundamente em minhas palmas. A voz se intensifica,

abafando todos os outros ruídos. Eu posso praticamente provar na minha língua, a lasca de esperança na forma de morte inevitável.

Não há mais respiração.

Chega de sofrimento.

Chega de viver.

Pela primeira vez desde aquela noite fatídica há quase um ano, quando completei minha espiral descendente ao inferno, posso ser livre novamente.

Assim que estou prestes a estender a mão e segurar a maçaneta da porta, braços envolvem minha cintura. Grandes mãos cheias de cicatrizes me seguram com força enquanto sou arrastada para trás, cada vez mais longe da minha salvação. Eu grito, implorando para que meu captor me liberte, mas não adianta.

Eu conheço essas mãos.

Lembro-me das lutas que marcaram aqueles nós dos dedos.

“Que diabos está fazendo? A sala está pegando fogo, porra.”

As palavras de Hudson me fazem cair de volta na toca do coelho, no passado sórdido. Memórias dele arrancando o edredom de mim e arrancando os comprimidos das minhas mãos, gritando e berrando palavras maldosas. Ou ele invadindo o banheiro da escola, sem se importar com as outras garotas que gritavam com sua entrada. Ele quase quebrou a porta do box só para chegar até mim, arrancando a tesoura do meu pulso sangrando.

“Deixe-me ir!” Eu grito.

Sempre me tocando quando não é desejado. Enfiando o nariz arrogante nos meus negócios, como se tivesse o direito de se envolver depois do que fez cinco anos atrás.

“É um incêndio! Sua vadia burra. Estamos indo embora.”

Hudson me arrasta para fora. Tropeçamos no ar fresco do meio-dia e caímos no chão com um acesso de tosse. Outros pacientes se amontoam ao redor, ofegantes. Hudson me solta e eu imediatamente

me afasto como se ele tivesse me queimado, não o fogo. Estou tremendo como uma folha, adrenalina e raiva combinadas em uma substância química tóxica em meu sangue.

“Como você ousa me tocar,” eu grito acusadoramente.

Aqueles olhos azuis brilhantes me encaram com a mesma raiva mal contida que envenenou cada momento que passamos juntos. “Você estava a segundos de entrar naquela porra de sala de aula, não se incomode em negar. Você sempre foi desequilibrada. Acabei de salvar sua maldita vida.”

“O que te faz pensar que eu quero ser salva?”

Ele apenas olha para mim como se eu fosse louca, cheio de julgamento e algo parecido com pena. O ódio pesa em minhas entranhas quando me levanto e lhe dou um tapa no rosto pela segunda vez.

“Se você não me deixar em paz, vou denunciá-lo e jogá-lo na solitária,” ameaço. “Você gostaria disso? Posso garantir que não é divertido lá embaixo.”

Hudson esfrega a bochecha, franzindo a testa em confusão. “Você está brincando comigo, certo? Você é tão teimosa? Desista, Blackbird. Cansei de lutar com você.”

“Eu não sou estúpida, seu idiota com morte cerebral. Apenas chateada, e você parece ter esquecido por que não estamos mais juntos.” Eu o encaro com adagas, desejando ter uma faca para enfiar em seu estômago novamente. “Você não pode simplesmente entrar depois de todos esses anos e começar a agir como se você se importasse. Não está acontecendo. É tarde demais para isso.”

Eu viro as costas antes que ele possa responder, passando por pacientes ofegantes e guardas gritando suas instruções. Phoenix tenta me agarrar quando passo por ele, mas saio rapidamente, incapaz de suportar qualquer um deles por mais um segundo. Sinto os olhos de Hudson em mim por todo o pátio.

Claro, ele não tem coragem de me seguir. Se ele se importasse

tanto antes, não estaríamos nesta posição.

Vinte

Phoenix

Toxic Lovers by Mass of Man & Masetti

Eu enrolo a fita adesiva apertada em torno dos pulsos de Scott, deixando-o sem espaço para se mexer enquanto eu os prendo na minha cama. Dando um puxão no meu trabalho para verificar, ele não se mexe. Ele está firmemente contido e incapaz de se mover um centímetro sem minha permissão.

Olhando para seus olhos castanhos claros, seus cílios emolduram inocência e antecipação. Scott é muito manso e frágil para lidar com isso, mas eu não me importo. Não sou de exercitar minha consciência com frequência.

“N-Nix? Está um pouco apertado,” Scott reclama, mordendo o lábio inferior.

Eu olho fixamente para ele. “Veja se eu me importo?”

Aposto que Brooklyn não reclamaria se ela fosse amarrada na minha cama. Inferno, eu apostaria minha vida que ela adoraria. Mas a cadela teimosa ainda está nos evitando, e eu estou farto de ser ignorado.

Scott suspira, batendo aqueles cílios grossos para mim. “Eu vim para me divertir, mas você está sendo um idiota. Acalme-se, ok?”

Puxando minha mão para trás, dou um tapa no rosto dele com firmeza. Eu aprecio as lágrimas que brotam em seus olhos e a gloriosa marca vermelha que aparece. Não sinto pena dele, seu pau está mais duro que aço agora. Eu posso vê-lo saliente contra sua calça de moletom.

“Cale a boca, cara. Você veio porque está entediado. Estamos sob toque de recolher por causa do incêndio, então comporte-se ou não vou encostar a porra de um dedo em você ou no seu pau esta

noite. Entendeu?”

Ele acena obedientemente. A pequena aberração adora ser agredido, e estou mais do que feliz em puni-lo. Eu o machuquei porque ele reage, e é tão fofo. Pelo menos posso tirar isso de alguém, mesmo que não seja a pessoa que eu realmente quero.

“Não diga outra palavra,” eu aviso.

Scott apenas continua sorrindo e acena com a cabeça, respirando fundo. Eu puxo meu pau livre e o coloco na minha mão, observando seus olhos viajarem para baixo. Ele lambe os lábios enquanto eu me esfrego, curtindo a sensação de seus olhos na minha pele, mas ele está impotente para se mover. Eu o tenho todo amarrado sem ter para onde ir. Essa é a vantagem de uma cama de metal.

“Por favor, Nix... Por favor...”

“O que foi que eu disse? Mantenha sua maldita boca fechada.”

Para ilustrar ainda mais meu ponto, eu o silencio enfiando meu pau profundamente em sua garganta. Ele engasga e geme, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto eu o sufoco com meu pau duro. Eu posso dizer que apesar da minha aspereza, ele está realmente gostando. Essa é a verdade doentia.

As pessoas adoram se fazer de vítimas e jogar a carta dos inocentes. Quando, na verdade, estamos todos igualmente fodidos à nossa maneira. A única diferença é que alguns usam na manga, enquanto outros vivem uma mentira. Negando a si mesmos o prazer de pegar exatamente o que querem, quando querem.

Quando meu pau atinge a parte de trás de sua garganta, eu gemo com as ondas de choque de prazer. Mesmo que isso pareça errado, como se eu estivesse traindo meus próprios sentimentos de alguma forma transando com ele.

“Foda-se, sim...” Murmuro.

Scott não significa nada para mim, assim como o resto deles. Ele é um meio para um fim. Vou pegar o que puder para escapar deste mundo. Costumava ser drogas, mas na minha sobriedade, tenho que

confiar no sexo.

Droga, algumas noites... eu mataria por um golpe.

Só mais uma vez.

Afrouxando suas restrições o suficiente para virá-lo, eu corro meu dedo sobre o anel de músculo pronto e esperando por mim. O tempo todo, aqueles malditos olhos cinzentos estão presos na minha cabeça. Ela não vai me deixar em paz.

Estou doente por querer marchar até o quarto dela e jogar o passado bem na cara bonita dela? Espancá-la até sangrar e dizer que ela é uma pecadora imunda? Isso causaria uma reação. Eu só quero que ela reconheça minha existência. Estou desesperado por uma solução e nada mais resolve. Ela me atraiu com seus sorrisos tristes e sede de sangue, antes de me afastar como se nada tivesse acontecido naquela sala de aula em seu primeiro dia.

Eu descarto as pessoas quando termino com elas, não o contrário.

Scott resmunga enquanto eu o fodo grosseiramente por trás, minhas unhas se arrastando por suas costas e deixando marcas vermelhas de raiva. Eu tenho que fechar meus olhos para bloqueá-lo, fingindo que é o Brooklyn se contorcendo embaixo de mim, gemendo e suando enquanto eu dou a ela algo que ela não será capaz de ignorar. Isso é o suficiente para acabar comigo e eu derramo minha carga.

Empurrando Scott para o lado quando termino, deixo-o ofegante e lutando contra a fita. Agarrando a tesoura da minha mesa, eu rapidamente corto as restrições, libertando seu corpo exausto. Evitando seus olhos perscrutadores, é claro, porque eu não gosto de sentimentos. Não é nada pessoal.

“Quer que eu volte amanhã?” Ele pergunta esperançoso.

Desabo na cadeira da escrivaninha e pego uma cerveja do estoque escondido no fundo falso, sem me preocupar em oferecer a ele. “Não. Uma vez é o suficiente, vou encontrar outra pessoa para

depois.”

Ele engole em seco e se levanta, puxando seu moletom enquanto se prepara para escapar. “Tudo bem, então. Você sabe onde me encontrar se mudar de ideia.”

Com um olhar demorado final, ele se foi. Esgueirando-se de volta para o corredor escuro, correndo rápido para evitar ser pego pelas patrulhas. Eu não me incomodo em virar ou dizer outra palavra, meus pensamentos consumidos por outro. Eu me sinto culpado, o que só me enfurece ainda mais. Por que eu deveria me desculpar? A culpa é dela. Não fiz nada de errado, mas ainda estou recebendo o tratamento do silêncio. Todos nós fomos amontoados no canto impertinente juntos.

Eu preciso de respostas.

Tomando banho rapidamente antes de me arrumar, sinto-me preso em minha própria pele. Mesmo a rapidinha com Scott não me acalmou. Na verdade, sinto-me mais abalado do que antes. Deslizo para o corredor, esperando que o guarda de patrulha vire as costas e volte na outra direção.

Estamos trancados durante a noite, mas isso não me impede. Eu posso facilmente me misturar nas sombras e me mover sem ser visto. Tornando-me um com a escuridão que me acolhe ansiosamente em casa.

Olho para o quarto de Brooklyn enquanto passo, a luz saindo por baixo da porta. A tentação de entrar chega ao auge, mas me contenho, forçando-me a ir até a porta de Hudson. Os caras estão lá dentro, jogando cartas e assistindo futebol em sua grande TV. Ter pais adotivos ricos compensa, eu acho. É o dobro do tamanho do meu.

“Ei,” eu cumprimento.

Suas cabeças se viram quando pego um saco de batatas fritas de sua mesa, me jogando na cama ao lado de Eli. Kade e Hudson retomam seu jogo de pôquer, e Eli se mexe para abrir espaço para mim no colchão. Sua cabeça está voltada para outro livro, ainda mais

quieto do que de costume depois do drama da manhã.

“Pensei que você tinha companhia?” Kade pergunta.

“Fiquei entediado. Pensei em vir e irritar vocês em vez disso.”

Hudson joga suas cartas, sorrindo presunçosamente para seu irmão. “Royal flush, filho da puta. Você perdeu. De novo.”

Kade franze a testa. “Você é um trapaceiro.”

“Não, apenas melhor do que você. Você está pensando demais, esse é o problema,” Hudson ri. “Vocês matemáticos não deveriam ser espertos e essas merdas?”

“Não comece comigo de novo. Eu não estou no clima.”

“Não é minha culpa que você é um péssimo perdedor.”

Kade se levanta com um bufo de raiva e vai até a prateleira cheia ao lado da cama, tirando alguns livros do caminho e pegando uma das latas de refrigerante escondidas atrás. Tivemos que reabastecer depois da grande varredura na outra noite. De vez em quando, as autoridades ficam tensas e tentam exercer seu poder sobre nós. Como se não estivéssemos todos aptos a esconder coisas agora. Você aprende rápido vivendo neste lugar.

Hudson embaralha as cartas novamente. “Você quer entrar?”

Eu o considero por um momento. “O que está em jogo?”

“Bem, Kade está fazendo minhas redações por uma semana. O que você tem a oferecer?”

Eu dou de ombros. “Eu sei o que quero, mas você não vai gostar.”

“Experimente-me,” ele contesta.

“Quero saber o que aconteceu entre você e Brooklyn.”

Hudson morde o lábio por um momento, os olhos focados nas cartas em suas mãos. Posso dizer que atingi um ponto sensível, mas não me importo. Preciso saber o que aconteceu, está me deixando louco há semanas e não posso esperar nem mais um segundo.

“Não. Não é minha história para contar,” ele responde eventualmente.

“Cara, meio que é. Foi você quem ela atacou.”

“Se ela souber que eu contei a você, nunca mais a veríamos.”

Eu deixei escapar uma risada. “Nós não a vemos de qualquer maneira, graças a você.”

“Sério Nix, não force. Escolha outra coisa.”

Com um suspiro, aceito minha pilha de cartas. “Tudo bem, comece.”

Hudson oferece uma mão a Kade, mas ele recusa. Somos apenas nós dois nos enfrentando, e estou determinado a ir embora com pelo menos alguma ideia do que estamos enfrentando.

“Quero saber por que você a chama de Blackbird,” afirmo.

Ele parece surpreso, mas isso rapidamente se transforma em exasperação. “Putá merda. Você não vai largar isso, vai?”

“Não. Hora de confessar.”

Eu posso dizer que os outros também estão interessados, suas cabeças se animando quando começamos a jogar. Até mesmo Eli, olhando por cima de seu livro quando pensa que ninguém está olhando. Tenho uma mão bastante decente e, apesar da confiança de Hudson, seu rosto revela demais. Ele sempre corre quente, cheio de emoção e raiva. Enquanto eu sou frio e insensível, ele é todo fogo e enxofre. Posso usar isso contra ele.

“Certo. Mas se eu ganhar, você terá que convencer Brooklyn a falar comigo. Em particular.”

Eu bufo com sua demanda. “Você realmente acha que ela vai aceitar isso?”

“Eu não disse para dizer a ela a verdade. Leve-a lá por todos os meios necessários.”

Parece que Hudson está pronto para jogar sujo. Eu não tenho

nenhum escrúpulo com isso. Jogamos em completo silêncio, ambos estimulados pela perspectiva de nossos respectivos prêmios. Quando finalmente ganho, ele joga as cartas na mesa com um suspiro desapontado.

“Você perdeu,” eu me gabo presunçosamente.

“Sim, tanto faz. Temos algo para beber?”

Kade levanta a tábua solta do chão e entrega uma cerveja, colocando a madeira de volta no lugar sobre nosso esconderijo secreto. “Precisamos pagar nossa conta com Rio antes que ele arrombe esta porta e mate todos nós. Você sabe como ele é sobre pagamentos atrasados.”

Dando uma longa tragada, Hudson acena com a cabeça. “Eu vou lidar com isso amanhã.”

Todos nos acomodamos e ele gira as bebidas nas mãos, escolhendo as palavras com cuidado. “Vocês sabem que os pais de Kade me adotaram há cinco anos, quando eu tinha dezesseis anos. O que vocês talvez não saibam é que antes disso, eu morava em um orfanato. Pulando de um lugar para outro ao longo dos anos, entrei no sistema aos doze anos. Por fim, acabei em um lugar chamado St Anne's, um inferno abusivo administrado por católicos. Nada naquele lugar era sagrado.”

Ele esvaziou a cerveja em alguns goles desesperados.

“Fiquei lá apenas alguns meses antes de ser adotado. Isso foi uma sorte em comparação com outros que foram apenas engolidos pelo sistema e esquecidos. Todos nós fomos para a mesma escola a alguns quilômetros de distância. No primeiro dia, os atletas me pegaram e acabei na enfermaria com um olho roxo.”

Hudson ri, como se a memória fosse engraçada de alguma forma.

“Eu não era o único lá. Ela estava esparramada nas cadeiras, lenços enfiados no nariz sangrento e ostentando um lábio grande e gordo. Quando me sentei com a bolsa de gelo, ela me olhou nos olhos

e disse: espero que o outro cara pareça pior do que você.”

Kade bufa, balançando a cabeça com diversão. Dou uma olhada em Eli, olhos furtivos se escondendo atrás das páginas enquanto ele se apegava a cada palavra falada. Estamos todos envolvidos demais com essa garota para o nosso próprio bem.

Hudson cruza os braços, ficando tenso com as memórias. “Eu a tinha visto na casa, mas nunca nos falamos antes disso. Depois disso, não a perdi de vista. Nós éramos inseparáveis. Brooklyn era tão malditamente tenaz. Frágil, inocente... mas fodidamente ardente quando ela precisava ser. Se ela via uma criança sendo intimidada ou um dos cuidadores espancando alguém, ela era a primeira pessoa a se jogar na briga. Mesmo que isso a colocasse em apuros. Inferno, ela se divertiu com a emoção disso.”

A voz de Hudson seca e ele evita todos os nossos olhos. “A verdade é que eu... a admirava. Tudo sobre ela. Eu me esgueirava para o quarto dela à noite sempre que a ouvia chorar e rastejava para o minúsculo beliche apenas para abraçá-la. Cara, ela era tão tentadora e linda pra caralho.” Ele sorri para si mesmo com a memória. “Ela tinha acabado de abrir as pernas para mim e era como se nada mais importasse além de nós dois. Eu não conseguia o suficiente. Mas mesmo assim, ela era assombrada. Os outros disseram que ela era uma das filhas originais de St Anne, estando lá desde os dez anos de idade. Ninguém sabia por que, ela se recusou a falar sobre isso.”

Eu tamborilo meus dedos na minha perna, ficando mais irritado a cada segundo. Por que sua infância de merda me incomoda tanto? Ou é a ideia de Hudson se aproveitar de uma garota danificada que estava tão claramente desesperada por amor? Isso deixa meus nervos no limite. Eu tento colocar os sentimentos de lado, mas o rosto mal-humorado de Brooklyn se recusa a sair da minha mente.

“E o apelido?” Eu pergunto.

Hudson passa a mão frustrado pelo cabelo. “Eu cheguei em casa da escola um dia e encontrei a Sra. Dane, a cuidadora-chefe, batendo nela. Ela estava enrolada no chão da cozinha, ensanguentada e

machucada. Mais tarde, descobri que a pegaram roubando comida e fugindo com ela. Quando perguntei a ela sobre isso naquela noite, ela me fez jurar que eu poderia guardar um segredo. A resposta estava na gaveta ao lado da cama. Lá dentro, encontrei um minúsculo pássaro ferido. Escondido em uma caixa de fósforos que ela roubou do Sr. Dane, comendo migalhas que ela roubou e levou uma surra para pagar.

Se possível, a sala fica ainda mais silenciosa. Eli abandona totalmente seu livro e dá toda a atenção a Hudson, enquanto Kade brinca nervosamente com as mangas de sua camisa. Tenho a sensação de que algo terrível está por vir, porque conheço Hudson muito bem. A pessoa que ele está descrevendo não é o verdadeiro ele.

Estremecendo a respiração, ele pega a pilha de cartas de volta para dar algo para suas mãos fazerem. “Suas asas estavam quebradas e ela usou palitos de fósforo para tentar consertá-las. Eu disse a ela que ela estava perdendo tempo, que era apenas um pássaro estúpido... mas ela não ouviu. Ela se recusou a desistir da pequena criatura. Essa garota se tornou toda a minha razão de existir em questão de meses, e ela estava me ignorando apenas para assistir a porra desse pássaro. Tornou-se uma obsessão, ela estava agarrada a essa coisa como se fosse o centro de todo o seu maldito universo, a única fonte de esperança que ela tinha. Toda a sua atenção foi roubada por ele. Eu estava com tanta raiva.”

“O que você fez?” Kade sussurra.

“O que você acha que eu fiz? Peguei aquela caixa de fósforos e matei a coisa que a tirou de mim. Disse a ela que a esperança era uma emoção sem sentido quando quebrei seu pescoço bem na frente dela e joguei a carcaça de lado.” Ele bufa amargamente, o verdadeiro Hudson emergindo. “Ela era a porra da minha garota e ninguém tinha permissão para roubá-la de mim. Nem mesmo um pássaro estúpido. Depois disso... eu a chamava de Blackbird todos os dias. Apenas para lembrá-la de quem exatamente ela pertencia e que nada mais era permitido importar para ela. Só eu.”

Todos nós olhamos para ele sem palavras. Os outros dois parecem igualmente horrorizados, então acho que estamos todos na mesma página agora. Eu sou um filho da puta depravado, não há duas maneiras sobre isso. Mas esse era um nível totalmente novo. O que você pode dizer sobre algo assim?

Kade arrasa como sempre. “Bem, ela certamente ganhou o direito de esfaquear você.”

Vinte e um

Brooklyn

Everybody Gets High by MISSIO

“Completamente aleatório, certo? Eu não pude acreditar quando ele me perguntou, embora eu definitivamente já tenha estragado tudo. Um olhar e eu corri na outra direção. Quero dizer, é apenas um encontro. Não é grande coisa. Mas neste lugar?” Teegan tagarela.

Estou rolando a caneta em minhas mãos, fingindo ouvir enquanto estou perdida em minha própria cabeça.

“Noite de cinema também! Vai ter muita gente, praticamente o andar inteiro. Ele realmente espera que seja romântico? Não consigo nem sentar em uma cadeira sem ter um ataque de pânico. Não há sistema organizacional naquela sala, não importa o quão cedo você chegue. É tudo pufes e merda. Não sei, talvez eu deva cancelar. Ei, você está me ouvindo?”

Uma cotovelada aguda nas costelas me desperta.

“Desculpe, noite difícil. Estou ouvindo, eu prometo.”

Ela não parece convencida. “O que está acontecendo com você?”

“Nada. Só não dormi bem. A coisa toda de incêndio e bloqueio foi um pouco demais. Você ouviu todos aqueles gritos ontem à noite também?” Eu pergunto.

Ou foi só coisa da minha cabeça?

Teegan bufa, endireitando seu caderno para que fique em um ângulo reto perfeito em relação à mesa da biblioteca. “Conte-me sobre isso, ouvimos até do primeiro andar. Aparentemente, eles descobriram quem ateou fogo e os arrastaram para a solitária, daí os gritos e o drama. Ouvi dizer que foi Owen, o piromaniaco do último andar. Ele já foi pego brincando com fósforos e queimando pessoas antes, é coisa dele.” Ela dá de ombros casualmente.

Eu estremeço, lutando contra a onda de enjoo. A mera menção da solitária já faz minha mão começar a suar, tanto que nem consigo começar a descompactar as novas informações sobre um piromaníaco enlouquecido atacando pessoas. Apenas mais um dia no paraíso, certo?

“Como isso é possível?”

Teegan ri. “Não me pergunte. As pessoas encontram uma maneira de fazer merda, especialmente neste lugar. Tire a liberdade de alguém e eles simplesmente encontrarão novas maneiras de fazer o que querem. Cada uma mais criativa que a anterior.”

Ela faz uma pausa, franzindo a testa para si mesma. “Lembro-me de quando cheguei, há pouco mais de seis meses. Havia uma garota, Tiffany. Completamente maluca, ela havia tomado tanto ácido ao longo dos anos que sua boca era como um buraco aberto. Sem dentes, porra. De qualquer forma, ela perdeu o controle como o resto dos viciados quando entram por aquelas portas. Acontece que a realidade foi um pouco demais para ela, eles a encontraram morta no final do mês.”

“Como ela fez isso?” Eu pergunto casualmente.

Não que eu esteja procurando ideias ou algo assim.

“Morreu na piscina do ginásio. Conseguiu alguma droga eu acho, você pode conseguir a maioria das coisas aqui se conhecer as pessoas certas e tiver um pagamento bom o suficiente. Tiffany foi nadar e afogou sua bunda chapada.

Teegan toma um gole de sua garrafa de água, como se não estivéssemos discutindo a morte brutal de uma companheira de prisão. Desculpe, paciente. Todo mundo está tão insensível aqui, não mais chocado com a dura realidade da vida e da morte. É isso que esta doença faz com você. Entra na sua cabeça, faz aquela linha parecer tão pequena que você não tem mais medo de cruzá-la.

Assobios e reclamações interrompem nossa conversa quando nós duas parecemos sair dela. O barulho vem do outro lado da sala, onde

Rio e seus amigos estão acenando pela minha atenção, rangendo contra o ar em uma demonstração patética que suponho que eles acham atraente. As garotas realmente acham isso atraente?

“Ignore-os, os idiotas estúpidos não passarão nas provas de qualquer maneira. Não é como se eu fosse fazer muito melhor. Estou tão ferrada,” Teegan murmura.

Ela começa a coçar as mãos ansiosamente, onde posso ver que a pele já está salpicada de vasos sanguíneos estourados. O nervosismo praticamente vaza dela e, para minha surpresa, quero abraçá-la. Ela marchou até a minha porta mais cedo e me arrastou até aqui para estudar, recusando-se a aceitar um não como resposta. Por baixo da preocupação e do medo está uma pequena bola de insolência.

“Você vai se sair bem,” eu ofereço.

“Ok, certo. Desde que me transferi para negócios, estou completamente perdida. Os professores apenas voam pelo conteúdo como se fosse fácil, enquanto eu estou sentada lá tentando contar quantas telhas existem apenas para manter a calma. Sinto falta da ciência.”

“Então, transfira de volta. O que está parando você?” Eu indico.

“Meus pais. São eles que pagaram para eu estar aqui. Eles me pressionaram a fazer negócios e eu senti que não poderia recusar. Dinheiro e tudo mais... vem com amarras, sabe? Obrigações e merda. Então, sim, estou presa.”

Eu olho para Teegan por um momento, observando o cabelo tingido de ruivo brilhante e vários piercings faciais. Ela é provavelmente a gótica mais suave e amigável que já conheci. Uma molenga completa no coração, sob o revestimento de doce ansioso. Quero jogar o dinheiro dos pais dela de volta na cara deles em nome dela. Ninguém deve viver para outra pessoa.

“Se você quer fazer ciência, então faça. Dane-se seus pais e o dinheiro deles. Que tipo de idiotas cruéis mandam você para um lugar como este?”

“Era aqui ou na unidade psiquiátrica em Birmingham. Aparentemente, você não é considerado estável se invadir a casa do seu vizinho para reorganizar os móveis às 3 da manhã.”

Eu engasgo com um gole de água, abaixando minha garrafa enquanto ela olha para mim, lutando contra um sorriso. “Uau, espere. Você invadiu a casa deles?”

“Hum, mais ou menos. Não consegui dormir depois de olhar para o churrasco de verão na semana anterior. Se eu não tivesse resolvido as coisas, acho que teria implodido de ansiedade. Louca, certo? Pode dizer, eu sei que sou.”

Certificando-me de que ela encontra meus olhos, respondo com firmeza: “Não. Nem um pouco. Apenas um pouco peculiar é tudo. Não se preocupe, todas as melhores pessoas são. Ser normal é superestimado, Tee.”

Ela sorri para mim, um sorriso genuíno que me faz sorrir de volta. Droga, essa garota está se enterrando ainda mais sob minhas defesas a cada segundo que passa. Quando eu comecei a dar a mínima de repente? Eu sabia quando a vi sendo intimidada pelas outras garotas durante um ataque de pânico que valia a pena defendê-la.

“De qualquer forma, os exames. Você não recebeu um passe livre?” Ela supõe, mudando rapidamente de assunto enquanto nós duas desviamos o olhar, desacostumadas com o sentimento de amizade.

“Não. Não que isso importe,” eu respondo sem pensar.

“Por que você está tão relaxada? Eles estão ao virar da esquina.”

Eu luto por uma desculpa, amaldiçoando minha estupidez. Não posso dizer exatamente que planejo me matar por qualquer meio possível, e alguns exames inúteis não significam nada para mim.

“Eu tenho me atualizado, então está tranquilo,” eu minto facilmente.

“Bem, você tem cérebro. Você vai ficar bem. Mas eu? Nah, não sou nada além de ar aqui em cima.” Ela aponta para a cabeça,

revirando os olhos. “Eu tenho tanta esperança quanto o cara de merda lá com seus amigos idiotas.”

Nós dois nos viramos para olhar para Rio, contando piadas sujas o mais alto possível enquanto seus amigos riem e zombam. Meu estômago revira só de ouvir a maneira como ele fala sobre seus encontros, sem nenhuma porra de respeito ou sensibilidade. Um idiota de raça pura, se eu já vi um.

“Eu não entendo. Como ele é tão popular?”

Teegan chega mais perto para poder sussurrar sem ser ouvida, os olhos se movendo furtivamente. “Você sabe que eu disse sobre Tiffany conseguir drogas aqui? Bem, se você quer contrabando, ele é o cara. Qualquer coisa que você quiser. Ele faz a merda por aqui.”

De repente, sou todo ouvidos. “Como ele consegue passar pela segurança?”

Ela torce o nariz com desgosto, como se apenas falar sobre Rio e seus empreendimentos ilegais a ofendesse. “Não sei. Uma coisa que eu sei? Dinheiro fala mais alto. Ouvi dizer que os pais dele são investidores, podres de ricos. Eles possuem casas senhoriais e títulos ou algo assim. Claramente, eles não dão a mínima para o que seu filho delinquente faz com seu pé-de-meia, desde que ele fique quieto e não foda com a reputação deles.”

Concordo com a cabeça distraidamente, arquivando a informação. Bingo, tenho a minha fonte. Parece que vou ter que deixar minha moral de lado e abordar o imbecil. É degradante pra caralho, mas estou desesperada. Não é como se eu fosse ficar por aqui muito mais tempo para me arrepender.

“Então, noite de cinema. O que você acha? Devo ir com Todd?”

“Sim, por que não. Ele parece fofo. Vá em frente.” Eu pisco para ela.

“Oh, garota. Você está certa, eu vou fazer isso. Qual é o pior que poderia acontecer? Com quem do andar você vai? O cara emo?”

“Como eu disse, isso foi uma vez,” defendo rapidamente.

Há mais assobios de lobo direcionados em minha direção, ganhando a atenção do resto da biblioteca. Olhos sem vida caem sobre nós e eu os encaro, esperando assustá-los. Sussurros e fofocas circulam, para meu aborrecimento. Vou quebrar suas malditas pernas se for preciso.

“Apenas ignore-os. Eles vão ficar entediados eventualmente,” Teegan murmura.

Depois de uma longa e tortuosa sessão de estudo, estamos arrumando as bolsas para o dia. Tenho um período livre esta tarde, já que meu novo terapeuta trabalha em um horário diferente de Mariam. Tudo bem por mim, não estou com pressa de ver aquele lunático Lazlo novamente. O mero pensamento é quase demais para eu lidar e tenho que respirar fundo e me acalmar.

Você está ficando sem tempo.

O aniversário está chegando, melhor morrer antes que chegue aqui.

Eu escondo o tremor em minhas mãos mexendo no meu zíper, tentando remover a voz invasiva dos meus pensamentos. Como se eu tivesse um relógio mental correndo a cada segundo, a pressão aumentando a cada momento que passa.

Teegan empacota suas coisas, virando-as em suas mãos quatro vezes antes de guardá-las ordenadamente em sua mochila. Fico para trás, movendo-me deliberadamente devagar enquanto meus olhos se desviam para Rio.

“Vejo você amanhã então para o filme. Tenho que correr,” diz ela.

“Talvez. Vou ver, não tenho certeza se é realmente minha coisa. Mas divirta-se com Todd.”

Ela fica vermelha como uma beterraba. “Não é assim, honestamente.”

“Claro, tanto faz. Divirta-se, não faça nada que eu não faria.”

Teegan pega sua mochila e vai embora, virando-se para rir de

minhas palavras. “Isso não deixa exatamente muito, Brooke!”

Desvio o olhar quando ela sai, sentindo esse calor estranho em meu peito novamente. Já faz muito tempo desde que tive algo remotamente parecido com amizade em minha vida. Parte de mim acha isso aterrorizante, a ideia de ter alguém perto o suficiente para se importar.

Quando eu morrer... ela só vai sofrer.

E não se engane, eu vou morrer. Viver é superestimado pra caralho.

Jogando minha mochila no ombro, examino a sala e lentamente me dirijo para o canto mais distante, certificando-me de encontrar os olhos de Rio. Eu inclino minha cabeça para as estantes altas que criam um ótimo esconderijo. Ele lança um rápido olhar ao redor antes de me seguir.

“Bem, você não é um colírio para os olhos?” Ele sorri.

“Pare com isso. Eu quero fazer um acordo, não ouvir seu flerte patético.”

“Sem rodeios, pelo que vejo. Você sabe que a maioria das garotas neste lugar mataria para flertar comigo, certo?” Ele flexiona o bíceps enquanto fala, e eu quase engasgo.

Rio é um babaca nojento. Prefiro quebrar o nariz dele a negociar com ele. Mas este é o preço que você paga por merda neste mundo. Clearview me ensinou rapidamente que, se você estiver disposta a pagar, tudo é possível.

“A maioria das garotas são estúpidas pra caralho,” murmuro. “Olha, ouvi dizer que você é o fornecedor por aqui. Eu tenho uma lista. O que isso vai me custar?”

Eu puxo a nota amassada do meu bolso e sutilmente coloco em sua mão, olhando ao redor para garantir que ainda estamos escondidos. Rio balança a cabeça, gostando muito disso enquanto faz uma leitura rápida e assobia baixinho.

“Droga, você tem grandes expectativas. Quer que eu traga para você a porra de um unicórnio também?”

Dou um passo mais perto de seu espaço pessoal, mantendo contato visual. O truque é ser o dono, mostrar a eles que você está falando sério e não se deve mexer com eles.

“Estou disposta a pagar um preço alto por essas coisas. Não brinque, não sou uma cadela de olhos úmidos pedindo esmalte. Ajude-me e farei valer o seu tempo. Ou devo levar meus negócios para outro lugar?” Eu faço beicinho exageradamente. “Pensei que você fosse o chefe neste lugar.”

Isso o faz sorrir, minhas palavras acertando o alvo. Rio se aproxima ainda mais, sua forte loção pós-barba fazendo meu peito arder. Fico imóvel, forçando minha respiração a se estabilizar enquanto ele agarra uma mecha do meu cabelo, enrolando-a em seu dedo.

“Eu te escuto. Mas não aceito simplesmente promessas vazias, Brooklyn.”

“O que você quer?” Eu forço minhas mãos cerradas a liberar.

Com um leve sorriso, ele responde presunçosamente. “Prova de pagamento. Agora.”

Maldito bastardo arrogante. Tenho que forçar a descida da névoa vermelha para trás e me lembrar de que quero as coisas dessa lista. Desesperadamente. Não é nada que eu não tenha feito antes, eu deixo os homens me foderem no bar do trabalho sem nem saber seus nomes, apenas para sentir algo por um maldito segundo. Se eu fizer isso, estarei pronta e equipada para sair de vez.

“E você vai seguir adiante? Você tem os meios para cumprir meu pedido?” Eu esclareço, apontando para o papel agora enfiado no bolso da calça jeans. Eu não sou estúpida pra caralho.

“Eu sou um homem de palavra, acredite ou não. Posso conseguir tudo isso.”

Ele está mortalmente sério, deixando de lado todos os sinais de

humor. Foi-se o atleta indisciplinado que anda por aí como se fosse o dono do lugar, substituído por um empresário astuto capitalizando uma lacuna no mercado. É bem assustador, mas toda prisão precisa de um fornecedor. O contrabando é uma merda quando você tem pouco a perder e muito a ganhar desrespeitando as regras.

Lançando outro olhar suspeito ao redor, certifico-me de que a barra está limpa. Os capangas de Rio estão guardando o perímetro, controlando os poucos alunos que ainda estão na biblioteca. Como se eles fossem seus malditos guarda-costas ou algo assim. Como não vi antes? A dinâmica de poder por trás de toda a bravata? Está claro como o dia que ele administra a loja por aqui.

“Não tenho o dia todo, Brooklyn,” ele incita.

Aqui vai. Caindo de joelhos, desfaço seu cinto e lambo meus lábios. Eu posso ver seu eixo duro como pedra lutando contra sua cueca, e eu estou envolvendo meus lábios em torno de sua cabeça quando uma briga começa. Xingamentos e lutas me fazem congelar, com o pau na mão. Nós dois nos viramos para ver uma sombra imponente virando a esquina, cabelos pretos emoldurando um rosto apocalipticamente zangado.

“Porra, cara? Saia daqui,” Rio late.

Mal movimento. Os olhos furiosos de Hudson observam minha posição, desde meus joelhos apoiados no chão até minhas mãos em um lugar muito suspeito, a boca a poucos centímetros da ereção de Rio. Não há como errar nessa cena, ele deve saber muito bem o que estou fazendo. Passei muito tempo de joelhos diante dele uma vez. Publica e privadamente.

Com um sorriso presunçoso, eu me inclino e pressiono um beijo gentil no pau de Rio. Provocando Hud com meus olhos enquanto ele assiste, seu pomo de Adão faz hora extra e seu rosto fica roxo de raiva. Não se sente tão bem, não é, filho da puta? Ele assistiu antes, em uma situação não muito diferente. Só que então ele tirou algo disso, o filho da puta egoísta.

Esta sou apenas eu retomando o controle. Um boquete de cada

vez.

“Algo errado, Hudson?” Eu pergunto inocentemente.

Ele não diz uma palavra. Não há necessidade. Eu vejo o ataque vindo de uma milha de distância enquanto seu punho voa em direção ao rosto de Rio, fazendo-o voar para trás em uma mesa. Sem parar para respirar, Hudson avança e desfere golpe brutal após golpe.

Ossos se quebram e o sangue espirra enquanto os dois batem um no outro, e tudo que posso ouvir são grunhidos e o som de punhos encontrando carne. São necessários todos os três caras do Rio para separá-los, tanto lesões esportivas quanto futuros olhos roxos.

“Você é fodidamente desequilibrado!” Rio grita.

Hudson ri baixinho, cuspidando sangue no chão e enxugando o lábio cortado. “Seu ponto, idiota? Fique bem longe dela. Você me escuta? Ou eu vou te matar da próxima vez. Isso é uma promessa.”

Aqueles olhos azuis cristalinos se voltam para mim, tingidos de raiva e decepção. Como ele ousa me julgar? Quando ele tenta agarrar meu braço, eu me esquivo e saio correndo. Ele logo me alcança e puxa meu braço, abrindo a porta de saída.

“Sai de cima de mim, seu filho da puta!”

Os dedos de Hudson apertam meu braço enquanto ele me arrasta, com força suficiente para que eu saiba que terei um hematoma amanhã. “Cale-se, Brooke. Juro por Deus, mais uma palavra e você pagará caro.”

Dando uma última olhada por cima do meu ombro enquanto saímos, eu pego o olhar que Rio me lança enquanto seus rapazes correm para chamar a segurança. Foda-se fofoqueiro, como se ele fosse o inocente.

Mas o olhar que ele me lança é absolutamente frio, muito diferente depois da pequena apresentação de Hudson. Ele puxa minha nota do bolso enquanto eu assisto, rasgando-a em pedaços. Lentamente, deliberadamente, com a ameaça bem clara.

Vinte e dois

Hudson

11 Minutes by Yungblud, Halsey e Travis Barker

Porra de puta.

Cadela imunda da porra.

Estou perdendo minha cabeça agora e em uma espiral rápida, mas inferno se eu me importo. Aquele show de merda merecia violência, independentemente das consequências. Faria tudo de novo, não importa o que façam comigo. Rio vai delatar seus guardas corruptos e bancados só para me irritar. Dane-se ele.

O que diabos aconteceu com a minha Blackbird? Esta não é a garota que eu lembro de St Anne's. Se eu não a reconhecesse, diria que ela é uma pessoa totalmente diferente. Cadê a órfã inocente que vestiu um pijama rosa e adormeceu segurando fotos antigas de seus pais? Ou a garota que se esgueirou para dentro do meu quarto à noite com ataduras roubadas para me limpar depois que as crianças mais velhas me espancaram?

Minha preciosa garota não estaria de joelhos, a boca envolvendo o pau de outro homem, trocando favores como uma puta desesperada. Quem estou enganando, eu sei o que aconteceu com ela. É minha maldita culpa. Eu a arruinei, porra.

Empurrando Brooklyn porta afora, observo enquanto ela tropeça e cai. Bom, serve bem. O que teria acontecido se eu não entrasse naquele exato segundo? Ela teria deixado ele transar com ela contra a parede? Sinto-me fisicamente mal só de pensar nisso. Eu rudemente a puxo de volta para seus pés e ela luta contra meu aperto, jogando cada insulto sob o sol na minha cara.

“Cale a boca,” eu rosno, agarrando seu cabelo enquanto ela grita.

Espero que doa. Ela merece isso. Eu deveria dobrá-la sobre meus joelhos para aquele show de merda lá atrás. Ela não conseguirá se sentar por uma semana quando eu terminar.

“Deixe-me ir ou eu vou denunciá-lo,” ela grita.

Ignorando suas ameaças, continuo caminhando de volta para o quarto. Recusando-se a libertá-la, não importa o quanto ela lute contra mim. Já cansei de vê-la andar por aí, agindo como se nem me conhecesse. Vou quebrá-la novamente se for preciso, um pássaro estúpido de cada vez. O que for preciso para trazê-la de volta para mim.

“O que ele estava comprando para você? Bebida? Cigarros?”

“Não é da sua maldita conta.”

Eu paro, batendo seu corpo em uma parede próxima. Não é gentil e ela grita em choque quando eu a prendo contra o tijolo duro, invadindo seu espaço até que estejamos nariz com nariz.

“Fale comigo assim de novo e você vai se arrepender. Eu lhe fiz uma pergunta.”

Ela respira rapidamente, os olhos arregalados, mas sem medo. “E eu disse foda-se.”

Seu desafio é novo para mim, mas foda-se se eu não acho isso quente. A estudante ingênua que conheci não existe mais. Minha Blackbird cresceu uma espinha.

“Eu perguntei, o que ele estava comprando para você?” Eu agarro seu queixo com força, forçando sua cabeça para cima. “Você vai me responder, Brooklyn. Quero saber o que era tão importante para que o pau dele estivesse na sua boca em vez do meu.”

Ela olha para mim, os olhos queimando. “Tire suas mãos de mim.”

Depois de verificar que estamos sozinhos, deixo escapar um grunhido frustrado e puxo seus braços acima da cabeça, prendendo-os lá para que ela não possa se mover ou lutar. “Quer que eu solte, hein?

É isso que você quer?”

Inclinando-me, eu roubo suas respirações frenéticas e inalo seu perfume. Banhando-se em sua fodida existência pura, dolorosamente familiar e remanescente de casa. Ela não tem permissão para respirar se não for por mim.

“Deixe-me ir,” ela repete.

“Então você pode correr de volta para aquele idiota e implorar de joelhos?” Eu provoco.

“Se é isso que eu quero, então você é a última pessoa a reclamar,” Brooklyn responde com raiva. “Você tem uma péssima memória, Hud. Todo aquele tempo que passamos juntos... quem exatamente me ensinou a implorar de joelhos, hein?”

Ela se move tão rápido que não consigo desviar da cabeçada que vem em minha direção. Conectando com meu nariz que estoura instantaneamente, sangue escorrendo para minha boca. Ela observa, esperando minha reação. Por uma vacilada ou um grito, desesperada para ver minha dor.

Eu não dou a ela a porra da satisfação.

Eu apenas lambo meus lábios e mantenho contato visual, deixando-a ver o emaranhado caótico de emoções sob a superfície. Não há mais nada a esconder dela. Ela viu o que há de pior em mim e me odeia por isso. Não pode ficar pior do que isso.

“Eu não vou deixar você ir até que você fale comigo,” eu afirmo claramente. “Você deu uma olhada em mim na outra semana e veio para mim com uma faca. Eu não estou culpando você, eu mereço isso. Mas foram necessários dois de nós para arruinar nosso relacionamento, Blackbird. Já cansei da sua merda.”

Ela se debate em meus braços, tentando se libertar enquanto seus olhos brilham com lágrimas. “Cansou da minha merda? Está brincando né? Você deveria estar na porra da prisão pelo que você os deixou fazerem comigo. Eu tinha dezesseis anos! Maldito seja. Maldito seja você.”

Suas palavras ardem como ácido enquanto as memórias enterradas passam pela minha mente. Brooklyn amarrada e contida enquanto eu cheirava coca em seus seios nus. Seus joelhos batendo juntos quando disparamos juntos pela primeira vez, antes que eu a fodesse bem e áspero por trás. Puxando suas tranças brancas peroladas com força suficiente para arrancar o cabelo. Do jeito que ela gostava, mais punição do que prazer. Trilhando tão bem enquanto nós dois nos apegamos a um único momento em que viver não era um fardo.

“Me odeie o quanto quiser. Mas você não pode me ignorar para sempre.”

Ela mostra os dentes. “Você foi embora, não eu.”

“Eu não fui embora, porra. Eu fui adotado.”

“E daí, um pedido de desculpas meio idiota e você está fora de perigo? Você realmente pensou que era o suficiente? Cinco anos que você se foi! Cinco malditos anos e você quer argumentar que é a vítima aqui,” ela grita para mim. “Você me deixou sozinha naquele inferno e saiu nadando para o pôr do sol com sua nova família perfeita. Você tem alguma ideia do dano que deixou para trás?”

A raiva volta sorrateiramente como um assassino silencioso, minha companheira sempre presente. Não consigo mais manter a cabeça fria para esta conversa. Ela precisa aprender uma maldita lição e ser lembrada de quem exatamente é o dono de sua bunda. Eu envolvo a mão em torno de sua garganta delicada e acaricio o ponto de pulsação lá, encontrando seu batimento cardíaco instável. Assim que seus lábios se abrem em uma forte inspiração, eu aperto com força, facilmente esmagando sua traqueia.

“Saí quando a garota que eu amava se tornou uma estranha,” eu sussurro asperamente. “Você parecia um fantasma. Ficar não era uma opção depois do que aconteceu. Então, sim, eu corri, porra. Me culpe o quanto quiser. Mas foi você quem me cortou quando me deu as costas e disse que não me amava mais. Eu morri naquele dia, ali mesmo. Parecia assim.”

Com todas as minhas forças, eu a sufoco, saboreando seus olhos

lacrimejantes e apertando o peito. Tentando desesperadamente sugar uma respiração que está sendo roubada. Eu poderia matá-la com minhas próprias mãos sem pestanejar. Eu libero meu aperto apenas o suficiente para deixá-la ofegar antes de apertar novamente, roubando de volta o privilégio de respirar quando ela não consegue lutar contra mim.

“Dói, amor? Seu peito está queimando? Visão embaçando? Bom. Eu quero que você se machuque, sua putinha,” eu ataco. “Quando você me deu as costas e foi embora como se nada entre nós importasse, eu senti como se você tivesse levado uma faca para o meu maldito estômago e me estripado.”

Eu forço uma mão na camisa de Brooklyn enquanto falo, embora ela se encolha ao meu toque. Encontrando-os apenas na memória, eu acaricio as cicatrizes suaves que cobrem seus quadris, mostrando a ela o quão bem eu conheço seus segredos obscuros.

“Você me cortou mais fundo do que jamais se cortou, Brooke. É por isso que nunca olhei para trás. Você pegou meu coração e o esmagou em pedacinhos patéticos. Feliz agora?”

Quando solto sua garganta dessa vez, ela tosse violentamente e engasga. As lágrimas correm livremente por suas bochechas enquanto ela suga respirações profundas e ruidosas.

“Estou feliz agora? Eu te odeio pra caralho,” ela soluça. “Estou feliz que você partiu, porque a única coisa para a qual você sempre serviu foi arruinar minha maldita vida. Desde o dia em que você entrou na enfermaria, eu estava condenada. Vá embora, Hudson. Isso é tudo em que você é bom. Me deixe em paz.”

Eu tropeço quando ela quebra meu aperto. Esfregando sua garganta rapidamente contundente, enquanto aqueles olhos brilhantes rasgam minha pele e penetram na porra da minha alma morta. Pode me chamar de doente, mas não consigo deixar de sorrir. Seus gritos e ódio mostram que ela ainda se importa. Em algum lugar, no fundo, ainda há sentimentos. Posso trabalhar com isso.

“O que diabos você está rindo, maldito psicopata?”

Eu dou de ombros com indiferença. “É preciso um para conhecer outro, B. Você quer me dizer o que está fazendo em Blackwood? Ou você vai fugir de novo como uma criança assustada?”

“Cala a sua boca. O que estou fazendo aqui não é da sua conta. Você perdeu esse privilégio há muito tempo e com base no que ouvi de seu irmão, você continua decepcionando. Este lugar é o seu lugar, idiota.”

Meu batimento cardíaco ruge em meus ouvidos enquanto ela fala, sua voz arruinada nem uma oitava acima de um sussurro. Mas é como se ela estivesse gritando na minha cabeça, zombando de mim e jogando Kade na minha cara como se fosse de conhecimento comum que somos irmãos. A porra da boca dessa vadia. Eu sei que sou uma decepção danada, não preciso me lembrar disso.

“Você sempre foi fodida da cabeça. Se eu pertenço aqui, então você também.”

Eu observo como seu rosto cai. Não é legal ter o passado jogado na sua cara, não é? Quando ela está prestes a revidar, nosso impasse é interrompido e a porta pela qual fugimos se abre. Dois guardas surgem, procurando ao redor até nos localizarem. Eu os reconheço instantaneamente como os homens do Rio, que recebem um bom salário para tornar sua vida um luxo aqui. O próprio bastardo aponta em nossa direção, com um sorriso presunçoso no rosto.

Brooklyn se prepara para fugir. “Eu não vou voltar para o porão.”

“Não há razão para que ambos acabemos lá. Eu tenho isso, você vai.”

Eu inclino minha cabeça para os dormitórios à distância, indicando para ela correr. Ela apenas olha para mim em completa confusão, como se eu não tivesse acabado de oferecer para salvar sua maldita pele.

“Você faria isso? Por quê?”

“Fui eu que bati nele.” Eu dou de ombros. “Não fique toda

fodidamente mole comigo, eu só não quero ver você descer naquele porão novamente e nunca mais sair. Corra de volta e não pare até encontrar Kade, ele está em seu quarto. Ele os impedirá de arrastá-la novamente.”

“Mas...”

“Sem desculpas. Faça o que lhe dizem uma vez na vida.”

Dou-lhe um empurrão para fazê-la se mover, lutando para manter minha voz firme. Não há dúvida de que vou ser arrastado para a solitária depois daquele fiasco na biblioteca, especialmente se ele já me dedurou. Todos sabem que sou cabeça quente, qualquer desculpa para me jogar de volta em uma cela.

“Isso não nos deixa quites. Nem de longe,” diz Brooklyn.

“Sim, não esperava. Você é uma vadia teimosa, sabia disso?”

“Malditamente certo. Apreendi com o melhor,” ela fala.

Lançando-lhe um olhar, concentro-me em seus suaves lábios rosados que estão curvados em um leve sorriso. Porra, eu daria qualquer coisa para beijá-la mais uma vez. Mesmo que ela me desse um soco depois, valeria a pena. Decidindo correr um risco, eu ignoro o problema e puxo seu corpo para o meu, segurando sua mandíbula com força. Ela congela em meus braços, corpo rígido, mas incapaz de se afastar. Como se houvesse uma força magnética nos unindo, mais forte do que qualquer um de nós pode resistir.

“Pelos velhos tempos,” murmuro, pressionando meus lábios nos dela.

Ela ainda está chateada, mas incapaz de objetar quando seus lábios se abrem. Como se eles fossem treinados para reagir a mim depois das milhares de vezes que fizemos exatamente isso. Sua língua sai para se enredar na minha, o gosto de tabaco em seu hálito me deixando louco. Eu a beijo com cada grama de arrependimento que permanece entre nós. Tentando comunicar o pedido de desculpas que parece vazio quando dito em voz alta. Seus dentes se chocam com os meus e ela dá o melhor que pode, enviando uma mensagem de ódio de

volta.

“Foda-se, Hudson. Você não pode simplesmente me beijar como se nada tivesse mudado,” ela murmura contra meus lábios. “Isso não muda nada. Eu ainda te odeio pra caralho.”

“E eu ainda quero bater na sua bunda pela merda que você fez lá atrás. É melhor você se esconder quando eu sair, porque estou indo atrás de você. Desta vez, você não está fugindo de novo. Cansei de perseguir você,” eu afirmo, garantindo que ela ouça cada palavra.

Brooklyn apenas olha, mas eu juro que vejo sua boca se contorcer.

Muito cedo, os guardas contratados me alcançam e me arrastam para longe. Eles agarram o ar enquanto Brooklyn corre a toda velocidade sem olhar para trás. Boa menina. Eles estão menos interessados nela e, em vez disso, lutam comigo, levando-me para o destino que eu sei que me espera.

É um pequeno preço a pagar para provar minha Blackbird quebrada. E assim como quando éramos crianças, estou viciado de novo. Bastou um golpe de seu veneno tóxico para me encantar. Um gostinho e estou de joelhos exatamente onde ela me deixou, quebrada e implorando por outra chance.

Mas desta vez, não vou me afastar. Ela é minha desde o dia em que coloquei os olhos nela e, quando eu voltar, vou me certificar de que ela saiba disso.

Vinte e três

Brooklyn

Heroin by Badflower

Deitada de costas, estou esparramada na cama e olhando para o teto vazio. A luz do pôr do sol que se desvanece rapidamente pinta o concreto, mas não me viro para assistir. Apesar das palavras da minha mãe me cutucando no fundo da minha mente. Se ela não estivesse morta e enterrada, ela mesma poderia assistir a porra do pôr do sol. Eu não teria que assistir por ela, realizando o ritual como uma espécie de dedicação distorcida à memória dela.

Todo mundo morre eventualmente. Uma decepção atrás da outra.

Eu rolo de bruços e enrolo o cobertor de Phoenix mais apertado em volta do meu corpo, pegando sem entusiasmo minha cópia de *O Conto de Aia*. Eu deveria estar revisando, mas só peguei para rasgar as páginas e ver se conseguia me cortar nas pontas. Não funcionou, é claro. Mas as palavras chamaram minha atenção e eu caí em uma profunda toca de coelho.

Meus dedos traçam a frase que circulei com tanta força que minha caneta rasgou a página. *São essas outras fugas, aquelas que você pode abrir em si mesmo, dado um fio de corte.*

O que eu não daria para abrir caminho para sair desta vida. Para abrir um buraco grande o suficiente para se espremer e desaparecer da realidade. Essa é a coisa sobre morrer. Aqueles que lutam mais contra ela têm medo do que deixarão para trás. Mas quando você não tem nada, ninguém para entristecê-lo ou perceber o abismo que você deixa para trás no mundo, não há nada de assustador na morte. No final, é mais atraente do que viver.

Eu ouço a voz alta de Phoenix antes de bater na minha porta.

“Brooklyn! Você está aí dentro?” Ele grita.

Suspirando, abro a porta. “Sim?”

Phoenix e Eli esperam do outro lado, ambos vestidos com roupas casuais de fim de semana. Minha boca fica seca com a calça de moletom de lavagem ácida e a camisa estampada apertada que Phoenix usa, exibindo músculos refinados e ombros largos. Seu cabelo azul está começando a desbotar, mas ainda chamativo sob as luzes fortes do corredor. Enquanto isso, Eli está delicioso em seu jeans rasgado e moletom com capuz, a palavra Metallica estampada na frente. Seus cachos de chocolate são saltitantes e recém-lavados, saindo por baixo do gorro escuro que ele usa.

Foda-me, deveria ser ilegal parecer tão bem.

“Viemos te tirar daqui,” declara Phoenix com orgulho.

Eu encaro, recusando a entrada deles. “Me tirar daqui?”

“É sábado, noite de cinema semanal no bloco. Vamos, você não pode simplesmente sentar aqui sozinha. Além disso, subornei Kade para conseguir algo decente. Normalmente somos entretidos com alguma merda de filme baunilha, mas eu negocieei por algo melhor.” Ele arqueia uma sobrancelha para mim, encostando-se no batente da porta para fechar a distância entre nós. “Você sabe que você quer.”

Ainda não me mexo, cruzo os braços e ofereço a ele um sorriso maldoso. “E o que faz você pensar que eu realmente quero ir com vocês dois?”

Phoenix dramaticamente coloca a mão sobre o coração, deixando escapar um suspiro. “Você me feriu! Coloque desta forma, desça e faremos valer a pena. Podemos ser muito cavalheirescos quando o clima bate, Foguete.” Ele pisca para mim, a tensão sexual elétrica.

Eu mordo meu lábio, o calor correndo pelo meu corpo.

Eli apenas olha, aqueles olhos verdes cheios de intenções ainda mais sombrias. Ele não precisa dizer uma maldita palavra para eu sentir o relâmpago entre nós, minhas mãos coçando para estendê-las e tocar seu corpo novamente. Mas com Phoenix na mistura também?

Esses dois serão a minha morte. Quão conveniente.

“Certo. Estou entediada de qualquer maneira.” Eu suspiro dramaticamente. “Mas espero ser completamente entretida.”

Descemos as escadas como um trio, com Phoenix mantendo-se ao meu lado. Sua mão repousa na parte inferior das minhas costas e não me preocupo em movê-la. Eu deixei meus sentimentos claros, então se ele quer jogar um jogo perigoso, é com ele. Não posso ser culpada pelo que vier a seguir.

“Kade se juntará a nós?”

“Não. Ele teve licença durante o dia para ver seus pais. Alguma merda de aniversário de família,” Phoenix responde com um encolher de ombros. “Ser a cadela de Blackwood tem suas vantagens, eu acho. Você não vê o resto de nós voltando para casa para os aniversários.”

“Muito amargo?” Eu ri. Mas, no fundo, a culpa se instala em minhas entranhas. Hudson está deixando de ver sua família por minha causa? Não, porra, não vá lá. Ele escolheu começar essa luta.

Phoenix pigarreia, aparentemente desconfortável com a minha pergunta. “Não tenho ninguém para sentir falta, então não, não amargo. Mas minha irmã faz quatorze anos em algumas semanas e eu não estarei lá.” Ele acrescenta baixinho: “Meu registro também é impecável.”

“Você tem uma irmã?”

“Sim. Minha avó nos criou quando mamãe fugiu com sua última façanha. Não vejo essa vadia há quase oito anos. Charlie nem se lembra dela.”

“Isso é péssimo. Boa viagem para os pais de merda,” eu comento.

Ele imediatamente ri. “De acordo.”

Descemos pelo saguão e passamos pelo posto de guarda, evitando deliberadamente os idiotas sentados lá dentro, estudando todos que passam. Não tenho mais nada construtivo para oferecer a

Phoenix. Merdas acontecem e os pais só decepcionam. Nós, crianças, somos deixados para juntar os pedaços.

Chegamos à sala de cinema, onde um grande número de pacientes entra lentamente. Entrando no final da fila, entramos em um espaço amplo e relativamente moderno. Esta extremidade do bloco parece ser uma extensão do resto do antigo instituto. Sofás grandes e confortáveis e pufes estão espalhados na sala mal iluminada, com cobertores e almofadas. Um projetor está pendurado no teto, iluminando diretamente a parede preta na frente.

Eu observo o arranjo impressionante. “Isso é chique.”

“Nada dessa merda de hospital público aqui. Estamos nas grandes ligas, baby.”

Phoenix agarra minha mão e me direciona para trás, passando por Teegan, que me dá uma piscadela de seu lugar ao lado de seu par. Eli segue logo atrás e nós pegamos o canto superior, onde dois pufes estão desocupados. Todos parecem estar se espalhando automaticamente para o que devem ser seus lugares habituais.

“Tem que nos subornar para nos comportarmos de alguma forma, certo? É tudo encenação,” Phoenix me informa. “Você só obtém obediência se mantiver as massas felizes com guloseimas. Não se deixe enganar por isso.”

Ele pega um dos pufes e se espreguiça, estendendo-me a mão. Seus dedos se curvam para dentro para me chamar para mais perto. “Não seja tímida. Eu não mordo.” Ele mostra os dentes de uma forma que faz minhas coxas se apertarem. “Não muito, de qualquer maneira. Venha sentar conosco.”

Acabo imprensada entre os dois, minha bunda ocupando os dois sacos simultaneamente. Phoenix passa o braço em volta dos meus ombros imediatamente enquanto eu estremeço. Por que ele está tornando tão difícil não se envolver?

“Você está bem?” Eu sussurro para Eli, observando o músculo tenso contraindo em seu pescoço.

Seus olhos deslizam para mim, seguidos por um pequeno aceno de cabeça. Quero perguntar mais, mas uma mulher de meia-idade elegantemente vestida entra, ladeada por dois guardas que parecem mortalmente sérios, mãos apoiadas em cassetetes presos aos cintos.

Os lábios de Phoenix tocam minha orelha. “Aquele é a diretora, Srta. Elizabeth White. Você não a vê muito por perto, mesmo que ela esteja no comando. Apenas consegue que os outros façam seu trabalho sujo.”

Srta. White parece uma porra de sádica em seu terninho bem passado, com o cabelo preso em um coque severo que destaca seu rosto cruel. Ela caminha para a frente da sala, os braços cruzados e o pé apoiado no calcanhar batendo impacientemente.

“Atenção moradores de Oakridge. Este é apenas um lembrete de que apenas a conduta ordeira é permitida nesta sala. Não tente nenhum negócio engraçado. Após os eventos desta semana, minha paciência está se esgotando. Quaisquer atividades ilícitas serão rapidamente punidas, sem mais advertências verbais. Estou sendo clara?” Ela late.

Juro que seus olhos se desviam para nós, marcando nossa posição no fundo da sala. Eli fica tenso ao meu lado, sua perna balançando para expulsar a energia nervosa. Eu coloco a mão em sua coxa vestida de jeans, pedindo-lhe silenciosamente que respire fundo.

“Taggart e Jackson ficarão aqui para ficar de olho nas coisas,” acrescenta a Srta. White, gesticulando para os dois guardas hostis. “Abuse desse privilégio e ele será tirado. Aproveitem o filme.”

Ela se vira e se afasta, os dois guardas fechando a porta atrás dela. Eles se posicionam lá com uma visão perfeita da sala, nos estudando atentamente no que é claramente uma tática de intimidação de merda.

Phoenix amaldiçoa. “Eles estarão nos observando no banheiro em breve também.”

Eu sufoco a vontade de rir em seu rosto bonito. “Você é muito

mimado por aqui, de onde eu vim, uma porta de banheiro era uma mercadoria rara.”

Juro que vejo o fantasma de um sorriso nos lábios de Eli, como se ele soubesse exatamente do que estou falando, mas minha atenção é roubada pela respiração de Phoenix contra a minha pele. “Bem, nós não somos todos durões como você. Desculpe-me por querer um pouco de privacidade quando eu cago.”

“Encantador. Obrigado por essa imagem.”

“Você começou isso.”

Continuamos a brigar de brincadeira enquanto os créditos rolam, algum filme estúpido de ficção científica aparecendo na tela. Todos parecem muito felizes com isso enquanto se acomodam, mas eu lanço um olhar incrédulo para Phoenix. “Pensei que você tivesse algo decente?”

“Ei, geralmente é merda de criança. Isso é o melhor que pude fazer.”

Ficamos em silêncio enquanto o filme passa, e tudo que posso sentir é o calor sufocante de seus corpos ao meu redor. Minha mão ainda descansa na perna de Eli e em algum momento ele adiciona a dele, desenhando círculos preguiçosos na minha pele. Phoenix não está muito melhor, aconchegando seu corpo perto do meu até que estejamos praticamente de conchinha. Suas pernas musculosas se encaixam perfeitamente em torno das minhas, e algo suspeitosamente firme está cutucando minhas costas.

“Problemas?” Phoenix pergunta.

Sua mão roça meu quadril enquanto ele continua a brincar comigo. Eu exijo minha vingança balançando minha bunda, sua ereção moendo em mim enquanto o ouço suspirar.

“Não, apenas ficando confortável. Obrigado por perguntar.” Eu sorrio.

“Pare de se mexer então. Você está me matando.”

Eu estou matando-o? Eu sinto que posso realmente derreter em uma poça a qualquer momento. Faz muito tempo desde o meu beijo quente com Phoenix ou o encontro no cemitério com o homem silencioso à minha esquerda. Não tenho vergonha de admitir que quero os dois, quem se importa? A vida é curta e pretendo torná-la ainda mais curta. Posso aproveitar enquanto posso.

Na metade do filme, estou pronta para entrar em combustão. Os guardas há muito se sentiram confortáveis e agora estão totalmente focados na tela. Estar na parte de trás nos dá a privacidade perfeita, e Phoenix aproveita a oportunidade para enfiar a mão no meu suéter, as pontas dos dedos deslizando pelas minhas costelas. Ele esfrega o polegar sobre meu mamilo, que está duro como uma pedra, mesmo através do material fino do meu sutiã.

“Não está me ignorando agora, está?” Ele diz suavemente, os dentes mordiscando o lóbulo da minha orelha. “Você tem sido uma vadia completa esta semana, Foguete. Acha que isso merece um castigo, não acha?”

Sua língua está quente no meu pescoço, descendo até chegar à minha clavícula.

“Eu não ignoro você de qualquer maneira,” eu gemo.

“Besteira. Você nos tratou como se tivéssemos a porra da praga desde que Hudson entrou em cena. Mas tudo bem, acho que só precisamos mostrar o que você está perdendo. Não é mesmo, Eli?”

Outra boca se fixa na minha garganta, salpicando beijos na parte de trás da minha orelha. Eli me lança um olhar enquanto eu suspiro, os olhos brilhando com travessura enquanto ele chupa a pele sensível lá. Ele mal tem que fazer alguma coisa e minha boceta está encharcada, implorando para ser preenchida por ele novamente.

“Eu não fiz tal coisa,” eu defendo. “Você está sendo um bebê chorão.”

Phoenix puxa o bojo do meu sutiã para o lado, os dedos torcendo dolorosamente meu mamilo. “Não minta porra. Você está

punindo todos nós por seus erros. Eu não tomo merda assim de ânimo leve, baby. É melhor você se lembrar de quem estava lá para você no seu primeiro dia.”

Como fuzileiros navais executando uma manobra coordenada, ambos atacam meu corpo. Eu me contorço entre eles, Eli puxando meu cabelo e lutando com meu jeans enquanto Phoenix ataca meus seios com sua mistura característica de prazer doloroso. Uma mão aperta minha boca, rapidamente me silenciando.

“Nem uma porra de palavra. Seja uma boa menina e deixaremos você gozar, humm?”

Minha boceta aperta forte, gritando por alívio. Eu gemo baixinho, sufocando a resposta que quer escapar. Phoenix ri e morde minha orelha. “É isso, silêncio agora.”

Eli finalmente abre caminho para dentro da minha calcinha e seus dedos roçam meu clitóris. Lento, gentil, me deixando louca de desejo. Ele está brincando comigo e eu vou entrar em combustão se ele não fizer algo logo.

“Mostre à nossa garota por que valemos a pena,” ordena Phoenix.

Eli desliza dois dedos dentro da minha fenda sem avisar, o bastardo sorrrateiro. Ele invade meu corpo enquanto eu mordo meu lábio com força. Me fodendo com a mão, ele me observa de perto pela tortura que está infligindo aos meus nervos. Phoenix decide me punir ainda mais e me captura em um beijo ardente, língua varrendo minha boca.

“Você tem um gosto tão malditamente doce,” ele murmura.

Esse maldito piercing é deliciosamente frio e oh, tão satisfatório. Eu mal posso respirar entre seus lábios experientes e Eli me levando ao limite. A tensão aumenta em meu núcleo e eu levanto meus quadris, buscando mais atrito. Qualquer coisa para aliviar a dor crescendo dentro de mim.

“Chega, Eli,” Phoenix rosna.

Então a mão se foi. Deixando-me à beira de um orgasmo, impedindo cruelmente o mergulho final no esquecimento. Eu choramingo contra a boca de Phoenix enquanto ele ri como um maldito desviante.

“Não é bom ficar na mão, não é?” Ele provoca.

Chupando meu lábio inferior com força suficiente para doer, ele morde com os dentes e acalma a dor com a língua. Descendo pela minha mandíbula e pescoço, ele me morde repetidamente.

“Termine o que você começou aqui,” eu sussurro para ele.

Eu posso ver o prazer em seu rosto. Ele está adorando me torturar.

“Por que deveríamos? Você é a única que tem sido uma vadia completa para nós. Achei que você gostasse de dor, hein? Os dedos de Phoenix deslizam pela minha manga, cavando em minhas feridas recém-limpas. “Bom saber que você se machucou tanto quanto os outros.”

“Dane-se, isso não é da sua conta,” eu gemo.

Phoenix morde minha garganta, logo acima do meu pulso acelerado. Eu juro que morro na hora, suas unhas cravando em meu braço, uma dor lancinante latejando em mim enquanto ele acrescenta seus dentes em cima.

“Eu não posso te machucar? Ou é apenas Hudson quem tem essa honra?”

“Faça o que você quiser, porra,” eu resmungo. “Só não o coloque nisso.”

Phoenix ri, se afastando para olhar nos meus olhos. “Esse idiota não fala pelo grupo. Se você quer isso, vai deixar seu drama com ele de lado. Pare de nos ignorar e eu vou te machucar, Foguete. Vou te foder o quanto você quiser.”

Os dois demônios compartilham um olhar carregado enquanto me preparo para ceder, porque, vamos encarar, estou ferrada. Eu

estava me enganando se achava que poderia manter distância.

“Tudo bem,” eu rosno.

Eli agarra meu queixo com a mão livre, recusando-se a me deixar desviar o olhar. Aqueles olhos verdes falam mais que mil palavras enquanto ele me beija com a mesma força, cachos fazendo cócegas em meu rosto. Sua mão continua me deixando louca e quando eu acho que não pode ficar melhor, Phoenix muda atrás de mim. Ele puxa meu jeans para baixo, certificando-se de que estou escondida por seus corpos ao meu redor.

“Você gosta disso, Foguete? Eli tocando você como a vadia suja que você é?”

“Sim.” Eu estremeço, levantando meus quadris mais alto.

“Nós vamos fazer coisas com você que irão ultrapassar seus limites. Não espere doce e sentimental, porque não é disso que se trata. Você ainda quer?” Ele murmura.

Concordo com a cabeça firmemente, observando o sorriso satisfeito de Phoenix. Como se ele tivesse planejado isso o tempo todo, e eu acabei de cair em sua armadilha nefasta. Ele leva os dedos à minha boca, deslizando-os entre meus lábios.

“Vamos começar por aqui então. Chupa,” ele exige.

Eu abro minha boca sem protestar, pegando seus dedos finos e umedecendo-os com minha língua. Depois de alguns segundos, ele os solta e enfia a mão no meu jeans, encontrando as terminações nervosas ultrasensíveis da minha bunda. Todo o meu corpo fica tenso em preparação.

“Diga por favor,” Phoenix comanda, circulando o anel apertado de músculos.

Eu engulo um grito quando Eli adiciona outro dedo, esticando minha boceta ainda mais enquanto Phoenix continua a brincar impiedosamente comigo. Outro clímax zumba dentro de mim, pronto para subir mais alto enquanto eles me tocam como um instrumento, perfeitamente sincronizados.

“Por favor...” Eu gemo, incapaz de resistir.

Ele empurra a ponta do dedo. “Por favor, o quê?”

Eu quero gritar e dizer a ele para ir para o inferno, mas cada grama de autocontrole saiu do prédio. Eu quero que ambos me fodam, aqui e agora. Independentemente da sala cheia de pessoas. Eu me curvaria e pegaria por trás sem questionar se eles quisessem.

Phoenix agarra meu cabelo, puxando bruscamente para virar minha cabeça para ele. Meus olhos lacrimejam com a aspereza e um sorriso presunçoso dança em seus lábios. “Eu perguntei, por favor, o que? Responda a porra da pergunta ou Eli vai deixar você na mão de novo.”

Os dedos trabalhando em minha boceta param bem quando ele diz isso, e outro gemido de dor ameaça escapar. “Por favor, foda-me,” murmuro em vez disso, corando fortemente.

Droga, o filho da puta está sorrindo para mim.

“Ainda não,” Phoenix responde brevemente. “Mas logo, Brooklyn. Mal posso esperar para ter você gritando meu nome enquanto nós dois te fodemos até o esquecimento. É isso que você quer? Vamos ultrapassar todos os limites que você tem e muito mais. Aviso final.”

Ele morde meu lábio novamente, tirando sangue e lambendo-o para limpá-lo.

“Sim,” eu respondo obedientemente.

“Agora você está se comportando,” elogia. “Dê-me essa atitude de novo e eu vou bater em sua bunda.”

Phoenix acena para Eli e minha voz é roubada pelo dedo entrando em minha bunda, gradualmente diminuindo enquanto Eli pega o ritmo novamente. Com os dois dentro de mim agora, acho que vou me quebrar em um milhão de pedaços. Eu me sinto tão cheia que não posso deixar de me perguntar o que vai acontecer quando os dois me foderem ao mesmo tempo. Porque isso com certeza está definitivamente acontecendo.

“Isso é meu, está me ouvindo?” Phoenix afirma, dedilhando grosseiramente minha bunda. “Uma noite com nós dois e você não vai andar direito por uma maldita semana. Mal posso esperar para machucar sua pele perfeita.”

A boca de Eli desce pelo meu suéter até que seus lábios se prendem a um mamilo exposto. Inferno, apenas a imagem de estar presa entre eles me faz engolir um grito, minha liberação assumindo. Eu enterro meu rosto no cabelo de Eli, respirando seu perfume de dar água na boca e abafando o barulho para que ninguém nos ouça.

Quando consigo levantar a cabeça, estou molhada de novo com a visão que espera por mim. Malditos bastardos sádicos.

Phoenix e Eli se beijam apaixonadamente, bocas grudadas uma na outra como animais famintos. Estou encantada com a visão, tremores do meu orgasmo ainda fazendo minhas pernas tremerem. Phoenix agarra um punhado dos cachos de Eli enquanto sua língua dança em seus lábios. Ele puxa com força, expondo a garganta de Eli na qual ele afunda os dentes como um maldito predador. Eli esfrega o volume sólido em seu jeans, a respiração saindo como tremores de dor.

Quando eles se separam, ambos me encaram com olhos semicerrados.

“Droga,” eu comento sem fôlego.

O peito de Eli vibra com uma risada que não é ouvida por mais ninguém. O filho da puta parece muito satisfeito consigo mesmo e lentamente leva os dedos à boca, garantindo que nós dois estamos assistindo. Ele leva seu tempo sugando até a última gota de umidade deles.

“Nossa garota tem um gosto bom?” Phoenix pergunta.

Eles compartilham uma conversa silenciosa de maneira típica, comunicando-se sem que uma única palavra seja falada. Eu olho em volta, o filme alto escondendo nossa conversa imunda. Ninguém viu nada, fascinados pela tela. Mesmo os guardas não são os mais sábios,

fixados no filme como os idiotas negligentes que são.

Cruzando os braços, finjo aborrecimento. “Vocês dois já terminaram?”

Preso entre os dois, é impossível ficar brava por muito tempo. Já estou molhada e tremendo, meu corpo queimando por mais. E quando Phoenix pisca para mim, eu sou como massa de vidraceiro em suas malditas mãos.

“Não, estamos apenas começando, baby.”

Vinte e quatro

Kade

Holy Night by Landon Tewers

Agachado atrás do antigo Porsche 911 do meu pai, estou bem escondido enquanto acendo um cigarro. Dando uma longa tragada, sopro a fumaça e meu corpo começa a relaxar. Queima meus pulmões, mas não me importo, preciso do alívio agora. Eu não sou muito fumante, mas quando você está cercado por idiotas arrogantes comentando merdas que não são da conta deles, é necessário. Por que diabos eu pensei que voltar para casa era uma boa ideia?

“Kade! Você está aqui?”

Minha cabeça cai entre minhas pernas enquanto suspiro, esperando que ela desista. Não há tanta sorte quando Cece espia ao redor do carro, os olhos pousando em mim. Ela zomba e se senta ao meu lado, com a mão estendida para exigir uma tragada do meu cigarro.

“Vamos, desista. Você sabe que mamãe e papai não me deixam.”

“Tudo bem,” eu resmungo, passando para minha irmãzinha.

Onde Hudson é adotado, Cece é minha irmã de sangue. Ela é a única de todas que eu suporto estar por perto. Com os pés no chão e equilibrada de uma forma que nossos pais realmente não são.

“Foi o que o tio Terrence disse?” Ela adivinha.

Eu consigo um aceno de cabeça.

“Foda-se ele. Ele não tem o direito de falar merda sobre Hudson ou suas escolhas de vida. O que aconteceu com o sangue é mais espesso que a água, hein? Velho bastardo estúpido.”

Pego o cigarro de volta, dando de ombros para ela. “Ele simplesmente entregará o cartão de tolerância quando lhe convier. Todos nós sabemos o que ele realmente pensa de Hudson. Mas não dá

a ele o direito de falar mal dele na frente de toda a família.”

“Verdade, mas pelo menos ele não está tentando agir como se realmente se importasse..”

Acho que seria pior, pelo menos podemos confiar que ele é um babaca. Ficamos sentados em silêncio até a fumaça acabar, olhando para o terreno enevoadado que cerca a mansão de nossa família. Sete acres de grama, árvores e cavalos se alinham na propriedade, com uma garagem circular gigante para caber na extensa coleção de carros de papai. A casa em si é uma monstruosidade de um milhão de libras, cheia de porcaria antiga que mamãe coleciona e exhibe com orgulho, como se sugerisse que seus dias como dona de casa realmente valesse qualquer coisa.

Eu odeio isso aqui.

Eu odeio tudo sobre esta vida e as expectativas que vêm com ela. Estou ciente do quanto de merda privilegiado isso me faz soar. Mas a verdade é que prefiro ser pobre pra caralho e no controle do meu próprio destino do que nesta prisão de superficialidade. Controlado pelos planos e ideais de outras pessoas, tentando defender meu irmão adotivo rejeitado para parentes cujos filhos estudaram em Oxbridge e possuem vários doutorados.

“Como está o internato?” Eu jogo um braço em volta da minha irmã.

“Uma merda como sempre, eu odeio tanto lá. Mal posso esperar para me formar, mas agora mamãe não quer que eu me candidate a uma escola de arte. Aparentemente é isso que, e cito, ' vagabundos e canalhas fazem para pagar por seu vício em vadias e apartamentos de merda'. Sem brincadeira, essas foram suas palavras exatas. Você pode acreditar nessa merda?”

“Sim,” eu respondo secamente.

Nossos pais se preocupam mais com a imagem do que com qualquer outra coisa. Por que você acha que eles pagaram uma fortuna para abafar a prisão de Hudson e mandá-lo para um lugar

como Blackwood? Só assim o constrangimento passaria despercebido pelo radar. Até hoje, nossa família acha que estou estudando no exterior para explicar minha ausência constante.

“Como ele está?” Cece pergunta.

Ela ansiosamente pega em seu vestido rosa pálido. Eu não posso dizer a ela a verdade. Que ele é um maldito desastre mal conseguindo sobreviver, fazendo progresso zero e a caminho de ser recusado a liberação. Ele tem uma ficha maior do que o meu braço e mais relatórios de incidentes do que a maioria dos prisioneiros. No momento, ele está passando o resto do fim de semana apodrecendo em uma cela por se meter em uma briga. O maldito idiota.

“Bom. Você conhece Hudson, ele nunca está longe de problemas.”

“Mas você está cuidando dele, certo? Como você disse que faria?”

Eu limpo minha garganta, forçando um sorriso em meu rosto. “Claro. Eu prometi, não prometi? Vou trazê-lo para casa, Cece. Estamos na metade do caminho.”

“Mal posso esperar até que vocês dois estejam de volta. Esses estúpidos jantares em família não são os mesmos sem vocês.” Ela funga.

Dou-lhe um aperto, tentando transmitir o conforto que não consigo vocalizar. Tantas promessas vazias, elas ameaçam me afogar a cada passo. Será que algum dia voltarei aqui, para a vida da qual quero desesperadamente fugir? Mesmo se eu fizer isso, Hudson estará comigo?

“Também sinto sua falta, garota. Estaremos de volta antes que você perceba,” eu minto.

“Eu não sou a porra de uma criança mais, Kade. Faz um tempo que não sou.”

Eu bagunço seu cabelo, mesmo quando ela xinga baixinho. “Você sempre será uma criança para mim,” eu respondo com um

sorriso.

Alguém grita nossos nomes de longe. Trocamos um olhar sombrio antes de nos levantarmos e voltarmos para casa. Mamãe está parada na porta com as mãos nos quadris, parecendo convenientemente indiferente. Levo uma pancada na cabeça com um pano de prato pela minha ausência.

“O que vocês dois estão fazendo aqui? É o aniversário do seu pai, o mínimo que vocês podem fazer é participar. E é fumaça que eu sinto? Malditos garotos... se eu descobrir...”

“Mãe,” eu interrompo, “nós estávamos apenas nos atualizando, ok? Acalme-se.”

“Bem, volte para lá e passe algum tempo com seus primos. Em breve estarei servindo a sobremesa.” Ela gesticula para que Cece vá embora, mas põe a mão no meu braço para me impedir antes que eu escape também. “Você não. Precisamos bater um papo.”

Ótimo. As palavras universais de destruição garantida.

“Claro. Lidere o caminho.” Eu suspiro.

Ela me guia pela grande área de recepção, passando por fileiras de obras de arte de valor inestimável e delicados vasos de porcelana. Risadas estridentes e o tilintar de copos soam na sala de jantar formal quando passamos, mas ela fica em silêncio até chegarmos ao escritório de meu pai. Afundo em uma das poltronas e me preparo para o que tenho certeza que são más notícias.

“Como está Blackwood? Acompanhando seus estudos, certo?”

Evitando seus olhos, procuro algum entusiasmo. “Sim, eu acho. Não é exatamente o paraíso, mas nós nos viramos. Você sabe como Hudson pode ser.”

Seus dedos dançam em sua garganta enquanto ela suspira de alívio. “Bom.”

“Mãe?”

“Sim, querido?” Ela diz distraidamente.

“O que é? O que está errado?”

Com a mão trêmula, ela enxuga os olhos lacrimejantes. “Sinto muito por fazer isso no seu fim de semana em casa, mas não pude lhe dizer pelo telefone.” Ela respira fundo. “É sobre Hudson, houve uma nova moção movida contra ele. Eles estão pressionando por um processo judicial no ano novo para obter uma condenação desta vez.”

Um peso se instala na boca do meu estômago e eu engulo em seco. “Por... condenação? Eu pensei que ele estava fora do gancho? Foi legítima defesa, você sabe disso. O juiz concordou com três anos em Blackwood e ele sai em liberdade. Esse é o acordo que fizemos.”

Mamãe balança a cabeça, os dedos tocando a bainha do vestido. “Essa foi a decisão inicial, para evitar que ele passasse o próximo ano apodrecendo em uma cela enquanto aguardava julgamento. Mas agora uma testemunha apresentou novas evidências contra ele. Eles não podem mais justificar o não cumprimento de uma sentença de prisão. As coisas são um pouco complexas, é difícil de explicar. Mas não se preocupe, temos um plano...”

Ela divaga, lançando nomes de escritórios de advocacia chiques e somas extravagantes de dinheiro, mas tudo que posso ouvir é meu coração batendo rápido em meus ouvidos. É como se o chão tivesse desabado embaixo de mim e eu estivesse caindo em queda livre. Dezoito meses da minha vida, todos sacrificados em nome de colocar Hudson de pé e trazê-lo para casa.

Foi tudo por nada?

Eu não posso perdê-lo. Assim não.

“Quem é a testemunha?” Eu interrompo seu fluxo de palavras.

“Olha, Kade. Eu não acho...”

“Diga-me quem é!”

“Eu não queria te chatear...”

Eu agarro a mão dela, apertando-a com força enquanto as lágrimas enchem meus próprios olhos. Nós dois estamos à beira de um

colapso, diante da perspectiva da remoção permanente de Hudson de nossas vidas. Diga o que quiser sobre meus pais superficiais, mas você não pode questionar o amor deles por meu irmão adotivo. Mamãe ama aquele idiota e tem feito isso nos últimos cinco anos, desde que ele se juntou à nossa família. Mesmo quando ele quebrou seu coração.

“Por favor. Quem é? Eu não vou dizer a ele,” eu argumento.

Ela acena com a cabeça decisivamente. “Me dê um.”

“Huh?”

“Não se faça de bobo comigo, garoto. Eu sou sua mãe, pelo amor de Deus. Eu limpei seu quarto quando adolescente o suficiente para saber o que você estava fazendo lá. Agora me dê um maldito cigarro antes que eu perca a cabeça.”

Eu relutantemente entrego o maço e acendo um para ela. Ela se inclina para trás, respirando fundo e parecendo relaxar um pouco. “Seu pai me mataria se visse isso.”

Eu dou de ombros, observando-a com cuidado. “Não vou contar se você não contar.”

Ficamos sentados em silêncio por um momento enquanto ela fumava seu cigarro. Enquanto isso, estou perdendo a cabeça, tentando desesperadamente entender o que poderia ser ganho ao enviar Hudson para um crime que não foi culpa dele. O juiz concordou que Blackwood era a melhor solução. Hudson não estava em seu juízo perfeito, ainda não está. Ele não precisa de punição, ele precisa de ajuda.

Quem poderia ter se apresentado depois de todo esse tempo?

“Preciso saber,” digo, quebrando o feitiço de mamãe.

Seu alívio momentâneo logo desaparece quando seu rosto cai. “Havia uma pessoa faltando nas entrevistas policiais, Kade. Uma pessoa que não falou e preencheu as lacunas.”

“Não entendo... pensei que não houvesse testemunhas? Hudson era o único ali.”

“Isso... não é exatamente verdade.” A mãe hesita, as bochechas corando de vergonha. “Fomos com essa história para tornar as coisas melhores para Hudson. Os advogados imaginaram a coisa toda, fizeram parecer nossa única opção se quiséssemos evitar a prisão perpétua. Quem pode processar quando não há ninguém para testemunhar sobre o que aconteceu, a não ser um cadáver?”

Eu belisco a ponte do meu nariz, lutando com meu temperamento. “Então alguém estava lá naquela noite? Alguém viu o que Hudson fez... com ele?”

“É por isso que Hudson se saiu bem.” Mamãe acena em confirmação. “Sua voz foi a única que foi ouvida. Ela apenas agiu como se tudo fosse um pesadelo, e usamos isso a nosso favor. Fingiu que nem estava lá naquela noite. A mulher foi drogada até o céu, não demorou muito para convencê-la. Mas agora... a história dele está sendo contestada.”

A ficha cai e eu quero ficar doente. É uma constatação feia quando volto minha mente para trás, lembrando as semanas de ansiedade enquanto eles analisavam os dados da cena do crime, tomando contas de Hudson, nós, seus amigos e colegas universitários. Juntando as peças da mente de um homem quebrado pelas circunstâncias da infância, o suficiente para que ele sentisse a necessidade de escapar de sua vida ideal conosco de volta para uma mãe maluca que o abandonou por causa das drogas.

Ele queria salvá-la, mas em vez disso destruiu sua vida.

“É a mãe dele, Stephanie,” eu digo com desgosto.

Mamãe assente.

Stephanie estava lá naquela noite. Todo esse tempo, fui alimentado com uma grande mentira. Aquele Hudson escapou para casa e ela se foi, deixando seu agressor para trás, que não gostou muito do retorno de Hudson. Foi legítima defesa, ou assim pensei. Essa foi a história que me alimentaram. Ou mais precisamente... a mentira.

“Ela viu tudo, Kade. Apenas se recusou a reconhecê-lo até agora.”

A imagem da mãe viciada em drogas de Hudson nada em minha mente. Eu só tinha visto fotos, os pequenos fragmentos que pude colher de meu irmão traumatizado que se recusou a reconhecer o abuso infantil que distorceu sua mente.

“E agora?” Eu pressiono, sabendo que o pior ainda está por vir.

“Stephanie quer testemunhar. Contra o próprio filho. Ela está ameaçando derrubar tudo sobre nós. O que realmente aconteceu naquela noite... ela vai expor tudo.”

Tudo o que posso fazer é olhar nos olhos cheios de dor de mamãe, o peso da responsabilidade em meus ombros lentamente me esmagando no chão. Todo esse tempo, eu estava lutando para proteger Hudson dele mesmo. Eu não conseguia ver que a verdadeira ameaça estava apenas esperando nos bastidores, envolvida em mentiras e pronta para atacar no momento oportuno.

Hudson matou por ela, uma desculpa verdadeiramente patética para uma mãe.

E agora ela vai enterrá-lo por isso.

Vinte e cinco

Brooklyn

Dark Signs by Sleep Token

Fico na longa fila do lado de fora da enfermaria, esperando para pegar meus remédios matinais. Ao meu redor, pacientes zumbis cambaleiam e tropeçam, fazendo fila para receber a próxima dose de sedativos para enfrentar o dia. Eu estou tão mal, minhas mãos tremendo e corpo suado.

“Elijah Woods!” A enfermeira chama de sua escotilha.

Eu olho para cima, encontrando Eli no meio da multidão. Ele se esgueira para a frente e aceita o copinho de papel com os comprimidos, engolindo-os rapidamente antes de mostrar a língua para inspeção.

“Limpo. Siga em frente.”

Eli joga o copo fora ao sair, indo direto para o refeitório. Eu observo cada passo que ele dá, os músculos das pernas pronunciados através de seus jeans apertados, bem definidos pela corrida. Os caras passam pela minha mente novamente, tocando meu corpo como um instrumento afinado enquanto eu estava imprensada entre eles no fim de semana.

“Brooklyn West!”

Arrastando-me à força para fora do devaneio, recupero meus remédios da matrona de rosto cinza e engulo as várias pílulas. Engoli-las sem engasgar é quase impossível, mas pratiquei bastante ao longo do tempo.

“Língua,” ela exige, sobrelanceira levantada em desafio.

Abrindo a boca e mostrando a língua conforme solicitado, logo sou dispensada com um breve aceno de cabeça. “Bom. Você é esperada no escritório do doutor Lazlo às dez horas para sua injeção.

Próximo!”

Meu estômago cai quando o pavor me enche. Afastando-me da fila, luto para manter minha respiração estável. Cada centímetro do meu corpo treme involuntariamente, apesar dos meus melhores esforços. Por que tenho tanto medo dele?

Vozes se confundem ao meu redor enquanto permaneço imóvel, perdida em minha cabeça. Digo a mim mesma que são apenas os outros falando, mas mesmo assim o medo me percorre a espinha. Não importa quantas pílulas eu engula, as sombras e vozes não me deixam em paz. Elas se recusam a voltar para aquela caixinha em minha mente e se esgueirar de volta quando menos espero.

Uma mão agarra meu pulso e Rio zomba de mim. Dou um passo para trás, tentando colocar uma distância entre nós que ele rapidamente ignora. “Seu namorado deu um show no outro dia. Espero que ele esteja gostando de sua estada no porão. Mande lembranças a ele, ok?”

“Foda-se,” murmuro, lutando para escapar de sua restrição.

“Não exatamente. Ele interrompeu, lembra? Tão rude e imprudente. De qualquer forma, não entrego sem pagar integralmente, Brooklyn. Você me deve, nós tínhamos um acordo.”

“Eu não te devo nada. Você rasgou a lista dias atrás. Terminamos.”

Sua mão só parece apertar com minhas palavras, as unhas cavando profundamente em minha carne. “Não. Não terminamos até que eu diga. Eu não te disse como as coisas funcionam por aqui? Não tolero desrespeito. Pague ou haverá problemas.”

“Pagar pelo que exatamente? Você é um maldito lunático. Não vejo o que pedi.”

Eu empurro o ombro de Rio enquanto ele tropeça para trás, endurecendo os olhos. “Você precisa aprender o seu maldito lugar já. Ninguém respira neste lugar sem a minha permissão. Está me ouvindo, vadia? Irrite-me e você não viverá para ver seu precioso Hudson

novamente.”

Ele olha ao redor, dando um aceno sutil para o guarda próximo. Eu mal pego o olhar de conhecimento compartilhado entre eles antes que ele me empurre contra a parede, algo frio e duro pressionando minhas costelas. A fatia de dor me diz exatamente o que é.

“Gosto disso?” Rio zomba, desenhando a haste em minha pele.

“Fofo. Nunca pensei que você fosse um bandido da prisão,” eu sibilo baixinho. “Quanto guardas você pagou com o cartão de crédito do papai? Ou você simplesmente os explode no armário da loja?”

Sinto o sangue escorrendo por baixo da minha camiseta enquanto ele se inclina perigosamente perto. “Sua boca esperta não está fazendo nenhum favor. Aqui está o acordo. Tenho um golpe para você, mas meu preço acabou de subir. Chame isso de juro por me enganar. É pegar ou largar.”

Estou tão tentada a dizer-lhe para enfiar a bunda, mas meu desespero é mais forte e logo dissolve qualquer senso de valor que me resta. “Eu vou levar. E o resto?”

Por favor, eu quero implorar. Preciso dessa porra de coisa para escapar a tempo.

“Isso é tudo por agora. Faça valer o meu tempo e eu vou pensar no resto.”

A lâmina desaparece e o idiota arrogante se afasta como se fosse o dono do lugar, totalmente despreocupado. Ninguém diz uma maldita palavra sobre a briga. Seu companheiro de plantão está literalmente olhando em outra direção, completamente alheio ao que aconteceu.

“Me encontre no telhado esta noite às oito. Não se atrase.”

“O telhado?” Repito em confusão.

Rio pisca, dando-me um flash do aço deslizando em seu bolso. Eu simplesmente concordo com a cabeça e me viro, engolindo o nó na garganta. Não posso enfrentar os caras no café da manhã agora. Não depois de concordar com isso. Em vez disso, esgueiro-me para fora,

encontrando um banco para cair enquanto minhas mãos trêmulas enfiam a mão no bolso do casaco, percebendo rapidamente que não tenho mais cigarros para me ocupar.

Eu quero gritar.

Puxar meu cabelo, cortar meus pulsos e quebrar em um milhão de pedaços. Você já se sentiu um estranho em sua própria vida? As pessoas falam com você, chamam seu nome... mas nada disso parece real. Como se você estivesse preso atrás de um vidro vendo sua vida simplesmente passar, um desastre de cada vez.

Sento-me ali no ar gelado do outono até o sinal tocar e os pacientes saírem de suas primeiras aulas, indicando que são quase dez horas. O inferno me espera. Consigo me esquivar da multidão para voltar para dentro e fazer check-in no balcão que marca a entrada da ala de tratamento.

“Brooklyn, estou aqui para ver Lazlo,” murmuro, mostrando meu crachá de identificação.

Passando pelas salas de terapia, passo pela porta de Mariam com um suspiro melancólico. Nunca pensei que sentiria falta daquela cadela entusiasmada demais, mas aqui estamos nós. O guarda silencioso me guia por várias portas trancadas, até chegarmos à larga escadaria que desce. No meu estado viciado em drogas da última vez, não notei o sinal.

Nível Dois - Salas de terapia 20-35

Nível Um - Confinamento solitário Cave - Ala Z

Descendo as escadas para o nível um, sou escoltada por portas sem fim, uma visão familiar da minha última viagem ao porão. Choro abafado e vozes enchem o ar, fantasmas sussurrados contando histórias de insanidade atrás de portas trancadas. Luto para reprimir o arrepio que percorre meu corpo. Passamos por uma porta aberta que leva a um dos quartos solitários, e dou uma olhada que faz meu sangue congelar em minhas veias.

Um par de psiquiatras envoltos em seus jalecos brancos

imaculados lutam com um paciente do sexo masculino, um prendendo-o em restrições, o outro brandindo uma agulha de aparência mortal. Eu rapidamente desvio o olhar enquanto eles conseguem sedar o homem que grita. A visão traz muitas lembranças ruins, tanto do passado quanto do presente.

Correndo o resto do caminho pelo corredor sem fim, descemos para o porão e passamos por uma camada final de segurança na Ala Z. O escritório de Lazlo aguarda no final. Ele prontamente abre a porta na primeira batida, como se esperasse que eu chegasse.

“Bom dia, Brooklin. Entre, rápido agora. Muita coisa para fazer.”

Sento-me na cadeira de frente para ele, meus braços em volta do meu corpo nervoso. Lazlo se senta e me estuda por um momento, cerrando meus dentes. Quando ele vai até a mini geladeira e pega a dose, tenho que engolir os protestos que borbulham em minha garganta.

“Aqui vamos nós, outra dose. Como você está se ajustando?”

Vamos ver. Eu não consigo dormir, porra. Minha mente parece estranha. Minha pele coça e me sinto uma estranha em meu próprio corpo. Os tremores me matam e as ilusões atormentam cada momento acordado. Vozes me insultam, sombras me perseguem, e estou perdendo a porra da minha cabeça dia após dia.

Eu ofereço um simples aceno de cabeça. “Bem.”

“Bom. Não há mais vozes?”

Balançando minha cabeça em silêncio, eu me viro e estudo suas prateleiras. Qualquer coisa para evitar aquele olhar penetrante que ameaça revelar meus segredos mais obscuros. Não posso dar mais munição para ele usar contra mim. Serei jogada em uma cela acolchoada pelo resto de minha miserável existência.

“Bem, então, isso é uma boa notícia.” Lazlo sorri. “Agora, só uma pequena picada. Vai acabar antes que você perceba.” Ele enfia a agulha no meu pescoço e eu me encolho.

“O que é isso?” Ele passa um dedo sobre minha testa sensível,

onde sei que há um hematoma escuro se formando. “Está batendo a cabeça na parede, não é?”

“Não,” eu luto, engolindo em seco.

Idiota de merda, Brooke. Muito óbvio.

“Trabalho em psiquiatria há quarenta anos, Brooklyn. Conheço um agressor quando vejo um. Você estava mentindo sobre as vozes? Ou são os pensamentos intrusivos desta vez?”

Pego meu jeans, ainda evitando seu olhar.

Foda-se ele. Foda-se este quarto. Foda-se Blackwood.

Lazlo ri baixinho. “Ok, podemos discutir isso mais tarde. Afinal, mal nos conhecemos. Agora que sou seu terapeuta, preciso me familiarizar com seu caso. Passaremos muito tempo juntos nos próximos três anos.”

Ele olha para mim novamente, quase como se estivesse esperando alguma coisa. Eu permaneço em silêncio, despreparada para suas próximas palavras. “Conte-me sobre Victor.”

“Claro que não,” eu deixo escapar automaticamente.

“Com licença?”

Eu finalmente encontro seus olhos arregalados. “Eu disse não.”

Colocando meu arquivo para baixo, Lazlo suspira e dobra seus óculos feios. Eu posso sentir a palestra vindo de uma milha de distância enquanto ele engessa aquele sorriso de merda de terapeuta em seu rosto, pronto para vomitar alguma besteira paternalista.

“Olha, Brooklin. Nós dois sabemos por que você está aqui. Eu li suas anotações de Clearview e as várias avaliações realizadas lá. Estou familiarizado com os detalhes do seu caso. A esquizofrenia é um rótulo pesado em si, sem falar em quaisquer outros. Sua personalidade destrutiva é algo que podemos trabalhar juntos.”

Eu me levanto abruptamente. “Posso ir?”

“Não. Sente-se.”

Ignorando-o completamente, começo a andar pelo pequeno escritório. Torcendo minhas mãos enquanto ele observa atentamente, fazendo anotações sutis que ele acha que não consigo ver. Eu não dou a mínima se pareço louca, meus pensamentos em espiral tomam conta de tudo e eu preciso me mexer.

“Diga-me o que você está sentindo agora,” sugere Lazlo.

“Saia da minha cabeça.”

“É meu trabalho estar na sua cabeça,” ele responde secamente. “Vamos lá, qual é a pior coisa que poderia acontecer?”

Ele poderia me prender pelo resto da minha vida, me impedindo de acabar com minha existência patética. Ele vai me forçar a viver além do aniversário iminente e minha mente simplesmente não vai aguentar. Vai implodir. As memórias serão demais para lidar e estou apavorada com o que minha mente faz quando chega a isso.

“Estou... chateada,” admito com relutância.

Lazlo cruza as pernas, ficando confortável. “Por que?”

“Não gosto de ser analisada.”

“Você tem medo do que eu possa encontrar?”

Maldito idiota presunçoso. Claro que tenho medo disso.

“Não,” eu minto facilmente, mas não soa muito verdadeiro.

Lazlo bate com a caneta, os olhos calculando. “É nosso instinto natural proteger aquilo de que nos envergonhamos. Mas neste espaço, nada mais somos do que terapeuta e paciente. Você não precisa se envergonhar do que a aflige.”

Eu jogo meus braços para cima em aborrecimento. “Eu não estou envergonhada, porra!”

“Então me diga o que te deixou tensa agora.”

Eu desisto e afundo no chão, cruzando as pernas. Recusando-se a voltar para o assento estúpido onde ele pode me estudar como um maldito espécime. “Os rótulos,” murmuro.

A compreensão surge quando ele clica com a caneta, rabiscando outra coisa. Eu resisto ao impulso de ir até lá e pegar o caderno, ou enfiá-lo tão fundo em sua bunda que ele vai cuspir papel.

“Esquizofrenia?”

Um nó grosso se forma em minha garganta, impossível de engolir. Memórias antigas fazem cócegas em minha mente que não tenho forças para manter sob controle diante de seu escrutínio. Há muito tempo, quando a doença familiar apareceu pela primeira vez.

O carro vira para o lado enquanto meus pais gritam um com o outro, mamãe lutando contra um inimigo invisível que nenhum de nós pode ver. Ela fala com ele o tempo todo. Nós navegamos direto para uma árvore, metal retorcido e fumaça preenchendo o espaço. Airbags queimam minha pele e chamas crepitantes abafam os gritos de morte de papai. As costelas quebradas cortam todo o ar enquanto luto contra o cinto de segurança. Mancha de sangue abaixo meus dedos, os meus e os deles se misturando.

“Brooklyn? Você está comigo?” Lazlo solicita.

Eu limpo minha garganta, a visão cheia de fumaça. “Sim.”

Piscando rapidamente, tento afastar as imagens. Realidade e imaginação se confundem enquanto seus gritos ainda ecoam em minha mente, misturando-se com as sombras sempre presentes que sempre parecem me torturar ainda mais.

Lazlo me dá um momento, observando minha expressão de perto antes de continuar: “Quero falar um pouco sobre seus diagnósticos. Você está ciente dessas questões há algum tempo, eu acredito.” Ele revisa seus papéis novamente. “Posso ver que você teve várias avaliações psicológicas enquanto crescia e uma passagem por uma unidade de internação também.”

Quando a estúpida cuidadora adotiva tropeçou e me cortou do laço. Cadela interferente.

“Quando as vozes começaram?” Ele pergunta em tom de conversa, como se não estivesse intrometendo-se no poço mais

profundo da minha mente e iluminando onde realmente não é desejado.

“Entrando e saindo por vários anos. Pior à medida que envelheci,” eu respondo, esperando apaziguá-lo e evitar mais questionamentos. Eu deliberadamente não menciono as sombras. As vozes são loucas o suficiente sem adicionar alucinações horríveis ao caldeirão da loucura.

“E as drogas. Isso piorou sua aflição, presumo?”

Eu atiro a ele um olhar frustrado. “Não traga as drogas para isso.”

Lazlo desconsidera minhas palavras, entrelaçando as mãos. “O uso de drogas e a psicose estão bem documentados. Está comprovado que os narcóticos aumentam a paranoia, as alucinações e as emoções erráticas. Na verdade, participei de um estudo que...”

“Não,” interrompo com firmeza. “Não culpe as drogas. Nós dois sabemos de onde veio.”

“Sua doença?” Ele esclarece, entendendo rapidamente. “Eu vejo. Bem, há um componente genético na Esquizofrenia, um padrão familiar que também está bem estabelecido. Embora uma miríade de fatores também afete...”

De repente eu me levanto, meu corpo enrolado com tensão. “Terminei.”

“Ainda temos uma hora, Brooklyn.”

“Por favor. Não agora,” eu imploro, reveladoramente honesta pela primeira vez.

Lazlo me olha, suspirando de frustração. Ele desliza algumas impressões do meu arquivo e as entrega para mim. “Como você ainda está se ajustando à vida da população em geral, vou abrir uma exceção hoje. Mas só desta vez. Não se acostume com isso.”

Pego os papéis às cegas e me preparo para fugir.

“Leia-os, Brooklyn!” Lazlo grita atrás de mim. “Faça sua lição de

casa antes de voltar. Se você não se esforçar na terapia, não chegaremos a lugar algum juntos!”

Eu o ignoro completamente e saio, passando pelo guarda assustado que espera do lado de fora. Ele verifica com o médico insatisfeito e eu praticamente saio correndo do prédio. Cada passo reflete a batida pesada do meu coração.

Eu sei exatamente de onde meus malditos demônios vieram.

Meu sangue é amaldiçoado.

Quando saio para o foyer e corro para a saída, meu acompanhante finalmente me deixa ir. Saindo para o ar fresco, tropeço e acabo caindo de joelhos. O cascalho duro rasga meu jeans e corta minha perna, uma dor quente explodindo do arranhão, mas eu não reajo. Apenas sugar o ar toma toda a minha atenção, um colapso total ameaçando tomar conta.

“Brooklyn?”

Uma mão quente pousa no meu ombro, afastando meu cabelo comprido. Noto seu cheiro familiar, menta fresca e café chegando ao meu nariz. Kade se agacha, olhando para mim com olhos calorosos por trás de seus óculos de armação grossa. “Ei, amor. E aí?”

Afasto sua mão, lutando para me recompor. “O que você quer?”

“Woah, calma. Apenas certificando-me de que você está bem.”

Minha cabeça cai enquanto eu empurro minhas emoções para baixo, imaginando a pequena caixa em minha mente onde todos os meus monstros e demônios mal cabem. Está a rebentar pelas costuras e um dia vai entrar em erupção de forma espetacular. Eu ofereço a Kade um sorriso fraco que não parece particularmente genuíno.

“Desculpe. Mau momento.”

“Claramente. Você está bem? Precisa de ajuda?”

Ele me ajuda a ficar de pé, envolvendo um braço em volta dos meus ombros. Por um breve e glorioso segundo, eu relaxo nele. Enterrando-me no calor e conforto que seu corpo oferece sem

juízo, mesmo que eu tenha passado semanas fugindo exatamente disso.

“Quer conversar?” Ele murmura.

Eu posso sentir seu nariz enterrado no meu cabelo.

“Não.”

Afastando-se, Kade olha para mim. De forma protetora típica, ele está silenciosamente procurando por meus segredos. Mas, pela primeira vez, ele não me intrometeu ou me empurrou mais. Apenas força um sorriso e dá um passo para trás, me dando um espaço muito necessário.

“OK. Eu vou deixar você ir. Você sabe onde eu estou.”

Assim que me viro para sair correndo, ele chama meu nome novamente. “Eu quase esqueci, eu trouxe algo para você. Não conte para a galera, não trouxe lembrancinha de casa para todo mundo.”

Depois de uma rápida olhada ao redor, ele sutilmente pressiona um novo maço de cigarros em minha mão. “Venha me encontrar mais tarde se você quiser alguma companhia. Sem pressão.”

E com isso, Kade se afasta. Deixando-me surpresa, o aperto amargo de desespero em torno do meu coração se afrouxando. Outra coisa toma seu lugar.

Quente, desconhecido, difuso.

Algo semelhante à gratidão.

Vinte e seis

Eli

Beautiful Way by You Me At Six

De pé à sombra de um carvalho, deixei as gotas de chuva açoitarem meu rosto. Gelada, queimando minha pele enquanto o vento uiva. O cigarro entre meus dedos se apaga, mas não me importo, jogando-o de lado. Pela primeira vez, há um único gosto em minha mente. Não contaminado pelo caos habitual.

Chuva tem gosto de arrependimento.

Amargo, acre, agudo.

Como ácido de bateria ou a fumaça de um incêndio violento em uma casa.

“Estou com frio pra caralho. Vai entrar?” Phoenix pergunta.

Ele só espera um segundo quando não respondo. Tomando meu silêncio como um acordo como de costume, ao invés de realmente se comunicar comigo. Não é culpa dele. Eu desistiria de tentar falar comigo também.

Ele joga o cigarro de lado e sai correndo, deixando eu e a chuva para continuar nossa conversa silenciosa. Depois de outra sessão inútil de terapia de linguagem, estou enrolado mais do que uma mola e pronto para explodir. Sempre traz à tona muitas memórias que luto todos os dias para suprimir.

Rio e seus capangas passam correndo, poupando-me de suas provocações cruéis pela primeira vez enquanto lutam para escapar da chuva. Devo parecer louco, encharcado até os ossos e olhando para as nuvens insondáveis. Como se as opiniões daqueles inferiores importassem para mim de qualquer maneira.

Eu não preciso que eles entendam.

Ninguém nunca vai.

Muito mais tarde, eu me arrasto para dentro, acalmado pela tempestade feroz que me faz tremer. Trovões e relâmpagos violentos sacodem os porta-retratos enquanto subo as escadas, tentando tomar um banho quente com meu canivete. Uma rápida olhada no relógio me diz que já passou das oito e meia.

“Ei, Eli! Você vem para uma rodada de pôquer?”

Kade e Phoenix descem as escadas para me encontrar no meio do caminho, ambos vestidos casualmente com seus moletons. Eu balanço minha cabeça automaticamente, ansioso para escapar e me resolver.

“Tem certeza, cara? Estaremos na sala de recreação se você mudar de ideia,” Kade oferece.

Deixando-os com seu jogo, subo os degraus de dois em dois. Quando chego ao quarto nível, algo chama minha atenção e interrompe meus passos apressados. Brooklyn está descendo do andar de cima para o andar dela, o rosto enrugado e as bochechas marcadas por lágrimas. Quem diabos acabou de chateá-la? Eu mesmo os matarei.

Ela congela, os olhos desviados e cheios de culpa. “Eli?”

Eu não me mexo. Vê-la tão quebrada é quase demais para eu aguentar depois de um dia interminável de merda. Eu a deixei vir até mim, queixo para baixo e mãos trêmulas em volta de sua cintura. “O que você está fazendo aqui?”

Levanto meus olhos, indicando o andar de cima onde fica meu quarto.

“Oh. Bem, vejo você mais tarde.”

Ela tenta passar, mas de repente apoio minha mão no corrimão. Enquanto eu bloqueio o caminho, ela engole visivelmente, olhando para os pés. “Eli... por favor. Preciso ficar sozinha agora.”

Brooklyn está encharcada, assim como eu. Ela estava no telhado no meio de uma tempestade? Como ela conseguiu passar pela segurança? A única pessoa que já vi se esgueirar até lá foi Rio e seus

capangas.

Arriscando um passo hesitante em direção a ela, deixei meus dedos percorrerem as mangas pingando do meu moletom que ela ainda usa. Ainda não a vi tirá-lo.

“Por favor, vá,” ela choraminga.

Eu sou atraído ainda mais, sua expressão triste me chamando em um nível fundamental. Quando seguro sua bochecha e passo o polegar sobre seu lábio, subindo até o hematoma em sua testa, uma respiração sibilante escapa de sua boca.

Minha garota quebrada. Somos mais parecidos do que ela jamais saberá. Se ao menos ela se lembrasse de mim, e se ao menos eu tivesse coragem de abordá-la em Clearview.

Entrelaçando nossos dedos, decido agir. Eu não suporto o buraco no meu peito que a presença dela cria. Eu preciso tocá-la. Prová-la. Ser visto por ela, ouvido por ela de todas as formas possíveis.

“Eli, não.”

Eu a ignoro e corro meus dedos por seu cabelo molhado, gotas de água agarradas a seus cílios escuros e caindo sobre sua pele. É como se houvesse um fio invisível entre nós, puxando meu coração e silenciando os demônios em minha mente. Tudo o que posso provar é o meu próprio desejo. Grosso, inebriante, extremamente concentrado.

Eu a puxo junto, direto para sua porta. Ela relutantemente entrega seu cartão-chave e logo estamos caindo lá dentro. É aí que minha paciência falha. Eu a empurro contra a parede, meu joelho abrindo suas pernas enquanto minha boca ataca a dela. Ela não me beija de volta no começo.

“Eli, não. Não posso. Você não sabe...”

Eu interrompo e emaranho minha língua com a dela, reivindicando sua boca, engolindo suas desculpas. Eu posso sentir o choque de seus dentes encontrando os meus. Dedos enterram em meu cabelo encharcado enquanto eu movo meu corpo contra ela, lutando para segurar um rosnado.

Então ela está me empurrando, fazendo-me tropeçar na mesa. Aqueles olhos escuros em chamas com indignação e algo mais. Ininteligível. Devorador. Sombrio. É arrependimento, a chuva sussurrou para nós dois esta noite.

“Por que vocês insistem em se importar comigo?” Ela rosna, quase um sussurro. “Você não consegue ver que eu não valho nada? Eu sou um maldito fracasso e um desperdício de ar.”

Eu tento avançar, mas ela levanta a mão em advertência.

“Não. Eu disse não.”

As palavras estão arranhando minha garganta, tão próximas, mas presas atrás daquela barreira invisível. Brooklyn balança a cabeça e desaparece no banheiro, batendo a porta atrás dela, deixando-me ali no quarto escuro. A raiva preenche o silêncio e combina com a tempestade que se forma em minha mente.

O chuveiro liga. Eu não deveria entrar lá, sua recusa foi clara. A porta da frente é logo ali. Um homem melhor passaria por ela e nunca mais voltaria, como ela quer. Mas foda-se, eu nunca afirmei ser uma boa pessoa.

Eu deslizo para dentro do banheiro cheio de vapor contra o meu melhor julgamento. Ela fica sob o spray, as mãos apoiadas contra a parede enquanto os soluços destroem seu corpo. Eu fico lá olhando, arrebatado por sua dor. Ela se vira e olha, de alguma forma não surpresa que eu a segui.

“Foda-se, Eli,” ela resmunga.

Eu balanço minha cabeça.

“Me deixe em paz! Não quero você aqui.”

Eu balancei minha cabeça novamente.

“Por que você não fala comigo? Apenas diga! Diga que está com nojo de mim.” Brooklyn suga uma respiração dolorosa, sua raiva aumentando rapidamente. “Diga que você me odeia. Não fique aí parado com cara de pena e essas merdas.”

Dou um passo hesitante para mais perto. Deslizando suavemente a porta e entrando no jato quente, totalmente vestido. Suas costas batem na parede enquanto eu loto o pequeno espaço, seus seios nus roçando minha camiseta encharcada.

“Você não desiste, não é, porra?”

Desta vez, respondo com um beijo. Roçar meus lábios contra os dela tão gentilmente, como se em um movimento errado e ela fosse quebrar. Eu quero que ela quebre. Desmorone em meus braços. Agarre-se a mim como um bote salva-vidas. Ninguém nunca precisou de mim. Como seria ser desejado?

Ela agarra um punhado do meu cabelo, seus lábios firmes contra os meus. Nossas línguas se entrelaçam enquanto minhas mãos percorrem seu corpo, deslizando pela pele cicatrizada para segurar sua bunda. Ela está me beijando como se eu fosse o ar que ela respira e nunca me senti tão fodidamente vivo.

“Tire,” ela ordena.

Todos os sinais de resistência se foram quando ela puxa minha camisa. Eu congelo, meu corpo corado com pavor gelado. Não posso deixá-la ver o que está escondido por baixo. Ela nunca pode saber o quão danificado eu realmente estou. Afastando-me, tento escapar do chuveiro enquanto ela me persegue, sem correr ou com medo.

Eu sou a presa, e ela está aqui para me devorar inteiro.

“Eu disse tire.”

Minha mão arranha o box, desesperado para escapar.

“Eu pensei que você queria isso?”

Nós transamos, mas ela nunca me viu. Não totalmente. Não há como voltar atrás disso. Tudo o que posso fazer é olhar em seus olhos semicerrados, esperando que ela possa sentir o medo em mim.

A testa machucada de Brooklyn encontra a minha. Nariz com nariz, inalando um ao outro em um momento que parece infinito. “Você não precisa ter medo, Eli. Não de mim. Por favor, confie em

mim.”

Suas mãos agarram a bainha da minha camisa, puxando-a centímetro por centímetro. Estou à beira do precipício e prestes a despencar para a minha morte enquanto ela me despe. Seu olhar devora minha carne retorcida, mais tecido cicatricial do que pele real. Eu não preciso olhar. Eu sei que serpenteia ao redor do meu tronco, nos meus ombros e mergulha no cóis da minha calça jeans.

Compreensão pisca em seu rosto. “Fogo?” Ela murmura.

Eu engulo. Tento respirar. Lambo meus lábios. Aceno com a cabeça.

Você é um pecador, Elijah.

Isso é o que os pecadores merecem. O fogo limpa tudo.

A fumaça no meu nariz é muito real, infectando meus sentidos e bloqueando a realidade. Não é até que ela desabotoa minha calça jeans e libera meu pau que eu volto um pouco. Brooklyn me lança um olhar compreensivo enquanto cai de joelhos no chuveiro, a boca presa ao meu comprimento rígido. Balançando, chupando, lambendo, ela invade minha mente com sensações que se recusam a ser ignoradas.

O fogo em minha mente rescinde quando eu me agarro à sensação de sua boca ao meu redor. Batendo no fundo de sua garganta, apoio meus braços contra a parede. Minha respiração sibila entre meus dentes e quando estou prestes a descer por sua garganta, eu a puxo para cima. Com as costas contra a parede e as pernas em volta da minha cintura, ela está respirando com dificuldade enquanto meus dedos tocam seu clitóris. Ela está tão foddidamente molhada.

“Eli...” Ela grita quando eu empurro para dentro em um movimento rápido.

Nossos quadris batem juntos enquanto eu a fodo contra a parede, sua boceta apertada me deixando louco. Unhas cravam em minhas costas enquanto ela me beija de novo, rudemente, selvagememente. Língua invadindo minha boca enquanto eu soco em sua boceta no esquecimento.

Quando ela se afasta para respirar, eu chupo seus mamilos duros. Meus dentes puxam seus brotos antes de morder e chupar seus seios com força suficiente para deixar um padrão roxo, movendo-se gradualmente até seu pescoço. Eu quero ver minhas contusões por toda a porra do corpo dela. Eu quero machucá-la e ver sua dor, possuí-la da maneira mais distorcida possível.

Movimentos cada vez mais frenéticos, nós dois perseguimos aquela euforia indescritível. Gemendo e agarrando-se um ao outro enquanto a pressão aumenta, Brooklyn desmorona primeiro, gritando meu nome. Sua boceta apertada em torno de mim, e estou derramando dentro dela segundos depois.

Respiramos pesadamente em silêncio, a água caindo em cascata ao nosso redor. Lavando-me rapidamente, saio primeiro e me seco, antes de lhe entregar a toalha. Então eu percebo que minhas roupas estão encharcadas em uma poça no chão.

Brooklyn se envolve e agarra minha mão. “Fica?”

Com o lábio preso entre os dentes, ela parece incrivelmente jovem. Cabelo platinado molhado e desgrenhado, olhos contornados por olheiras e com mais tristeza do que qualquer um deveria. Eu a sigo até o quarto, como um moribundo perseguindo uma miragem. Ela sobe na cama completamente nua, silenciosamente acenando para que eu me junte a ela.

“Eu não estou, ah...” Ela engole, passando a mão pelo rosto. “Não sou muito boa nessa coisa de ficar depois. Mas com você...” Seus olhos se voltam para os meus apreensivamente. “Eu quero ficar.”

Meus pés me levam para a frente, para a cama até que nossos corpos estejam entrelaçados, a pele úmida e a respiração se misturando. Meus dedos enterram em seus fios loiros molhados enquanto sua mão corre sobre a parte inferior do meu estômago, provocando as manchas sensíveis de tecido cicatricial queimado lá.

Nunca deixei ninguém fazer isso antes.

Nem mesmo Phoenix.

“Eu gostaria que você pudesse falar comigo,” ela deixa escapar.

O som do trovão enche a sala enquanto a luz pisca por trás das cortinas fechadas. Brooklyn se agarra a mim com mais força, perna pendurada sobre a minha, braços em volta do meu peito nu. Não sei onde eu termino e ela começa.

Brooklyn suspira. “Me conte algo. Por favor.”

Porra, Cristo, eu quero. Mais do que nunca na minha vida, gostaria de poder dizer alguma coisa. Qualquer coisa. Mas não consigo dizer uma palavra, nem mesmo quando seus lábios roçam minha mandíbula.

“Você realmente não pode, pode? Nenhuma palavra?”

Minha cabeça bate nos travesseiros em irritação. Brooklyn olha por mais um segundo antes de se desvencilhar de mim, deixando a cama para mexer no bolso do casaco. Ela volta com um maço de cigarros, abrindo a janela através das barras de segurança enquanto acende.

Malditas palavras estúpidas. Eu não preciso delas. Não com ela.

Ela quer saber sobre a minha dor? Eu mesmo vou machucá-la, derramar seu sangue e reivindicar sua alma pagã. Então ela vai entender. Agarrando seu braço com força, eu a puxo de volta para a cama antes de virá-la de costas.

“O que você está fazendo?” Ela suspira.

Vou te dizer uma coisa, garotinha.

Se é o que você quer.

Suas pernas se abrem por instinto e eu me coloco entre elas, olhando para ela. O ar frio inunda a sala enquanto a tempestade se intensifica. Eu beijo meu caminho para baixo em suas coxas macias, passando a língua por seu clitóris enquanto suas costas se arqueiam.

“Foda-se... Eli. Não pare.”

Provando sua doce boceta, deslizo um dedo e esfrego seu clitóris com o polegar. Ela já está encharcada de novo, as pernas tremendo ao

meu mero toque. Uma vez que ela está chorando e prestes a explodir, minha boca deixa sua boceta e eu levanto minha cabeça, lentamente lambendo meus lábios.

Esta garota. Somos cortados do mesmo maldito pano.

Eu a deixo tremendo, procurando algo para usar. Meus olhos pousam em seus tênis, e eu rapidamente roubo os cadarços enquanto ela me observa atentamente. De volta à cama, abro Brooklyn e agarro seus pulsos, enrolando os cadarços e amarrando suas mãos com força.

Não há como escapar agora. Fugir não é permitido.

Pego o cigarro ainda aceso entre seus dedos e me coloco em posição, meu pau cutucando suas dobras encharcadas. Ela geme enquanto eu provoco sua abertura, e aproveito para abaixar o cigarro em seu antebraço.

“Oh, porra...” Ela sussurra enquanto eu a queimo sem piedade. “Droga. Não se atreva a parar, porra.”

Deslizo totalmente para dentro, enchendo sua boceta apertada enquanto a queimo novamente. Desta vez por mais tempo, deixando belos vergões vermelhos em sua pele cremosa. Suas paredes apertam em torno do meu pau enquanto ela geme, mordendo o maldito lábio novamente de uma forma que me deixa louco.

“P-por favor... Eli. Mais,” ela implora.

Suas pernas envolvem minha cintura para me puxar para mais perto, meus golpes se aprofundando. Peitos perfeitos balançam quando eu puxo seus pulsos para cima, expondo uma pele mais vulnerável para cicatrizar. Eu a queimo pela terceira vez, encantado com as feridas sangrentas que marcam meu caminho em sua pele. Ela sibila de dor e move os quadris, roubando mais prazer distorcido de mim.

Jogo o cigarro no copo de água ao lado da cama dela depois de mais algumas tragadas. Machucá-la só me deixou mais ferido. Eu quero fazer isso de novo. Eu quero cortá-la. Fazê-la sangrar. Fazê-la chorar.

Nós dois estamos completamente fodidos, é assim que eu sei que ela aceitaria.

Brooklyn agarra meu cabelo com suas mãos contidas, manobrando meu corpo até que ela esteja por cima, montando em meu pau como a porra da rainha que ela é. Eu agarro seus quadris quando ela começa a se mover, montando em mim com força e puxando meus cachos apertados o suficiente para doer.

“Você me deixa louca,” ela geme.

Nós fodemos freneticamente no escuro, cercados pelo tamborilar da chuva forte e pelo estranho clarão de um raio. Assim que estou pronto para derramar minha carga pela segunda vez, eu a agarro pelo pescoço. Eu a possuo agora. Sua respiração, sua mente, sua boceta. É tudo meu. Minha maldita propriedade.

Minha para destruir como eu quiser.

Puxando seu rosto para perto enquanto meu aperto aumenta, seus olhos se arregalam. Eu aperto, meu polegar provocando seu ponto de pulsação enquanto ela luta para respirar. Os segundos se arrastam enquanto ela bate seu corpo no meu.

Eu não a deixo respirar novamente até que tudo se estilhace em pedaços espetaculares. Ela cai em cima de mim, sugando profundamente, nosso suor se misturando. O calor se infiltra na minha virilha quando ela finalmente desce.

“Não se preocupe, eu tenho um implante. É bom.”

Eu odeio a distância que se forma rapidamente entre nós. Eu quero invadir cada célula de Brooklyn e possuí-la, até que todo o seu mundo gire em torno de mim sozinho. Pensamentos de contê-la totalmente e brincar com minha faca fazem cócegas em minha mente, ou fodê-la sem sentido em uma bagunça escorregadia de sangue enquanto ela grita meu nome. Isso faz meu pau se contrair de excitação.

“Ainda não tem nada a me dizer?” Brooklyn sorri.

Puxando-a de volta para mim, eu envolvo meus braços em torno

de seu corpo pegajoso. Eu posso ouvir seus batimentos cardíacos rugindo enquanto ela se enterra ao meu lado, encaixando-se perfeitamente contra o meu corpo como se fôssemos feitos um para o outro.

“Talvez não precisemos conversar,” ela acrescenta, esfregando a perna na minha. “Isso foi bom o suficiente para mim.” Acomodando-se em uma posição confortável, ela solta um suspiro satisfeito.

Eu não pretendo ficar.

As noites são as piores, quando os sonhos de ser espancado com uma Bíblia e fogo consumindo meu corpo se infiltram. É quando não consigo mais ficar quieto, os gritos se soltam, quer eu goste ou não. Mas quando a respiração de Brooklyn se equilibra e seus pelos macios fazem cócegas em meu peito, meus olhos ficam pesados. Pela primeira vez desde que ganhei minhas cicatrizes, não tenho medo de que alguém as veja.

Vinte e sete

Brooklyn

Blasphemy by Bring Me The Horizon

Eu fico olhando para a seleção de alimentos tristes para o café da manhã. Frutas, cereais e torradas. Nenhum dos quais parece remotamente atraente. Até o café é descafeinado. Como se a cafeína fosse nos deixar ainda mais loucos. Um prato de ovos cai na minha bandeja, me assustando.

“Olhe o quanto quiser, não vai melhorar,” diz Phoenix.

Ele coloca mais comida no meu prato e agarra minha mão, puxando-me para a frente. Deixei que ele me puxasse, sem energia para protestar. Os primeiros dias após minha injeção são os piores, me sinto tão entorpecida que nem mesmo sua necessidade agressiva de me alimentar importa.

Digitalizando nossas identidades para registrar a refeição, ele me conduz pelo refeitório e eu saboreio a mão quente em volta do meu bíceps. Nós nos sentamos na mesa de sempre, deserta exceto por Kade, que está sentado com o nariz em um livro assustadoramente grosso.

Phoenix se arrasta perto de mim no banco, pressionando seus lábios no meu ouvido. “Belo chupão você tem aí, Foguete. Mais algum sob esse seu lindo suéter?”

Eu ruborizo de vergonha. “É da sua conta?”

“Pode ser,” ele murmura, seu olhar cheio de calor. “Acho que ganhei um tempo a sós com você, não acha?”

Bufando, empurro a comida pelo prato. “Desde quando?”

Phoenix se inclina para trás, revirando os olhos. “É assim que você quer jogar, hein?” Sua mão pousa na minha perna debaixo da mesa, dando-lhe um aperto forte. “Eu sei o que você estava fazendo ontem à noite com Eli. Devo dizer que estou um pouco desapontado

com a minha falta de convite. Venha me encontrar esta noite.”

“Isso é uma ordem ou um convite?” Eu cantarolo.

A mão patina mais alto, roçando entre minhas coxas. “Uma ordem.”

Kade deixa cair seu livro com uma maldição, enxugando o suco derramado espalhado pela mesa. Ele rapidamente percebe que nos juntamos a ele e cora. “Você estão aqui há muito tempo?”

Phoenix se inclina para trás, colocando espaço entre nós novamente. “Não, gênio. O que há de tão interessante nesse seu livro?”

Kade encolhe os ombros, jogando o livro de lado. “Tenho uma prova final amanhã pela qual estou me preparando, só isso.” Seus olhos piscam para mim, aquele sorriso caloroso me fazendo formigar por dentro. “Como você está, Brooklin?”

“Bem. O mesmo de sempre. Boa sorte com seu exame,” eu respondo.

“Obrigado. Mal posso esperar até que acabe para poder relaxar novamente. Vocês vêm para a festa neste fim de semana? Estou planejando isso há meses.”

Minha sobrancelha levanta. “Uma festa? Aqui?”

Kade dá de ombros, parando para guardar o livro na bolsa. “Halloween. É neste sábado, e quando digo festa, quero dizer edição maluca do asilo. Não é exatamente uma rave selvagem, mas é a coisa mais próxima que chegamos de diversão por aqui.”

Estremeço com sua menção ao Halloween. Outro lembrete de que o relógio está passando, a destruição iminente se aproximando a cada dia. Rio me fodeu com o pedido, não posso fazer nada com um único saco de nada. Sem lâminas, sem pílulas. Estou ficando desesperada agora.

Phoenix ri com a boca cheia de torrada, quebrando meus pensamentos mórbidos. “Sim, o ano passado teve o tema zumbi. Todos

se encaixam perfeitamente neste lugar.” Ele gesticula para os pacientes ao nosso redor e os vários graus de alerta. “Especialmente os malucos.”

“Ei,” eu interrompo com uma careta, “Você está me chamando de maluca?”

“Obviamente. Você é a rainha dos malucos, garota. Possua-o.”

Ele balança as sobrancelhas para mim, o rosto iluminado com humor. Dou um chute por baixo da mesa que o faz engasgar com a boca cheia de café da manhã. Kade ri em sua caneca enquanto eu sorrio presunçosamente, me surpreendendo completamente. Minhas emoções oscilantes me dão uma chicotada às vezes.

“Alguém viu Eli?” Kade pergunta uma vez que ele se recompôs.

“Ele voltou para o quarto para se trocar,” eu deixo escapar, antes de perceber exatamente o que eu disse. Com todos os olhos fixos em mim, luto para controlar meu constrangimento. “Eu acho. Vi ele indo naquela direção.”

“É isso mesmo?” Phoenix zomba.

Eu atiro a ele um olhar. “Não sei. Pergunte a ele você mesmo.”

Seus olhos trilham de volta para o meu pescoço machucado, o lábio se curvando no canto. “Oh, não se preocupe, eu pretendo.”

Ficamos em silêncio enquanto comemos até que outra bandeja chega à mesa. Sussurros ao nosso redor me deixam em estado de alerta quando olho para cima, o coração pulando na minha boca. Hudson se abaixa no banco, dando a seu irmão um pequeno aceno de saudação.

Então seus olhos oceânicos estão em mim.

“Merda cara, você voltou!” Phoenix exclama.

Eles trocam socos enquanto eu encaro os olhos cansados de Hudson, a cor azul desbotada sob o peso da exaustão. Seu piercing na sobrancelha está torto e o cabelo preto grosso incrivelmente bagunçado, apontando para cima em todos os ângulos. Nunca o vi tão

despenteado antes.

Eu me esforço para engolir minha raiva imediata. “Oi.”

Dando uma mordida tímida em uma maçã, ele acena com a cabeça. “Ei.”

Os olhos de Kade saltam entre nós enquanto ele observa o estranho encontro, antes de limpar a garganta com expectativa. “É bom ter você de volta, mano.”

Hudson não responde, apenas mastiga sem vida sua maçã. Ele está desbotado, esgotado e extremamente pálido. Assim como eu estava depois de uma viagem ao porão. Há algo naquele lugar que simplesmente suga a porra da sua vida. Nada pior do que ficar preso com sua própria mente.

Kade força um sorriso. “Então, Halloween. Estamos todos dentro?”

Eu jogo meu guardanapo para baixo, dando a ele um encolher de ombros sem entusiasmo. “Eu acho, embora eu não consiga exatamente montar uma fantasia neste lugar.”

“Nós vamos resolver isso,” responde Kade rapidamente, levantando a mão quando começo a protestar. “Sério, não se preocupe. Eu cuido de você, amor.”

Aquele sentimento quente em meu peito retorna, e eu mentalmente me repreendo por gostar da emoção. Ele me protegeu. Por que isso parece tão bom? Como desligo esse sentimento?

Phoenix e Kade conversam enquanto eu olho tristemente para o meu prato, totalmente desconfortável com a presença sombria em nossa mesa. O olhar de Hudson queima minha pele como Eli com seu cigarro, mas continuo mordendo o lábio e evito seus olhos. Ele foi para o porão por minha causa. De bom grado. Onde isso nos deixa?

Eu não posso perdoá-lo.

Vou levar meu ressentimento para o túmulo.

Envolta em meus pensamentos, não ouço os passos correndo

atrás de mim até que seja tarde demais. Um líquido quente e escaldante atinge primeiro a minha nuca, queimando e escorrendo pelas minhas costas. Não há como suprimir o grito de choque e dor que sai, e eu tropeço em minha reação, caindo de bunda no chão.

Um rosto magro e sorridente sorri para mim. “Oh Deus, eu sinto muito. Escorreguei no meu cadarço,” Britt exclama, agitando as mãos dramaticamente enquanto a sala fica em silêncio.

Todos os três caras xingam e entram em ação enquanto Britt olha para mim triunfante, copo de plástico vazio na mão e chá quente escorrendo em minha pele. Os guardas do refeitório aparecem em um instante, rapidamente puxando Britt para longe de mim.

“Sinto muito, foi um acidente, eu juro!”

Eles a empurram contra a parede, segurando seus braços com força. Phoenix cai de joelhos ao meu lado enquanto Britt faz sons exagerados de choro, agindo como uma inocente do caralho, mas é tão obviamente falso.

“Foi um acidente, eu juro,” ela protesta. “Esses pisos podem ficar tão escorregadios! Eu nunca machucaria minha amiga aqui de propósito.” Seu lábio inferior se projeta e ela pisca os cílios.

Phoenix murmura um insulto contundente e envolve um braço em volta dos meus ombros, gentilmente me levantando. Sua mão rastreia minha camisa encharcada e eu assobio, empurrando-o com raiva. “Estou bem, deixa pra lá.”

“Ela atacou você, porra, isso não está bem.” Ele se vira para os dois guardas exasperados. “Todos nós vimos, foi de propósito!”

“Não! Eu e Brooklyn somos grandes amigas. Foi apenas um pequeno acidente,” defende Britt.

Seus olhos se voltam para o idiota deliberadamente silencioso do outro lado da mesa, observando o incidente com uma expressão vazia. “Hudson, diga a eles! Me dê cobertura!”

Ele apenas a encara sem expressão. “Por que?”

Britt fica boquiaberta com ele, os olhos furiosos se enchendo de lágrimas. “Como assim por quê? Porque sou eu!” Sua voz fica estridente. “Eu só escorreguei, ok? Acidentes acontecem o tempo todo!”

Eu sei que no minuto em que ela me lança um olhar mortal de ódio, o quão falso é esse sentimento. Eu não dou a mínima para o que está acontecendo entre ela e Hudson, não tem nada a ver comigo.

Levantando-me e empurrando as mãos de Phoenix para longe, eu encaro os guardas confusos. “Está tudo bem, foi um acidente.” Eu atiro a Britt um sorriso frio. “Sem problemas, amiga. Estou bem.”

“O que? Brooklyn, você não pode estar falando sério,” Phoenix engasga.

Sento-me novamente, totalmente calma enquanto os guardas soltam Britt, resmungando sobre os relatórios de incidentes e recuando relutantemente. Assim que eles estão de costas, eu giro no meu assento e a encaro. “Você pratica esse lamento a noite toda? Porque sua atuação é uma merda.”

“Tenho certeza que não sei o que você quer dizer,” Britt responde docemente.

Assim que ela se vira para sair valsando, minha mão dispara e agarra seu pulso. Olho para as costas dos guardas que se afastam antes de puxá-la para mais perto, aproximando-me para garantir que ela ouça cada palavra minha.

“Eu não sei qual é o seu jogo, mas tente de novo e eu vou fazer você se arrepender do dia em que sua bunda magra caiu neste inferno. Entendido, puta? Ou devo demonstrar?”

Seus lábios se abrem enquanto ela franze a testa para mim, levantando os olhos para olhar para Hudson novamente. “Pare de vadiar com meu namorado e você nunca mais terá que olhar para mim de novo,” ela zomba de mim. “Se alguém é uma puta aqui... querida, é você.”

Meus dedos apertam em torno de seu pulso e eu cavo minhas

unhas irregulares, fazendo-a recuar. Gotas satisfatórias de sangue começam a brotar. “É disso que se trata? Você está tão longe do alvo, sua vadia estúpida.” Eu aponto minha cabeça para Hudson, que está assistindo a troca com uma carranca. “Ele é todo foddidamente seu. Um conselho?”

Eu me viro e encontro seus olhos, garantindo que ele ouça minhas próximas palavras. “Mantenha seus malditos olhos abertos, porque ele vai te apunhalar pelas costas na primeira chance que tiver.” Eu ofereço a Britt um sorriso falso, amando o olhar incerto em seu rosto. “Ele vai quebrar a porra do seu coração sem pestanejar. Boa sorte.”

Então eu a solto e pego minha bandeja, ignorando o silêncio atordoado de todos enquanto me afasto. Kade chama meu nome, mas eu o ignoro, não parando até que a bandeja seja depositada e eu esteja fora da sala. Só então ousou respirar novamente, punhos cerrados enquanto luto contra minha raiva.

Aquele filho da puta idiota.

Eu marchou para o ar gelado do pátio, me virando e socando a parede com um grito. A pele dos meus dedos se rompe, pulsando no mesmo ritmo das queimaduras recentes nas minhas costas. Eu me agarro à dor, saboreando a liberação. Vingança pública não é meu estilo. Vou deixá-la correr de volta para aquele idiota, e quando o inevitável desgosto vier, vou dançar na porra do túmulo dela. Isso é o que eu chamo de verdadeira vingança.

“Brooklyn?”

Sua voz quebrada chama, me enraizando no local. A indignação inunda meu corpo enquanto giro, encarando o homem que roubou meu coração antes de esmagá-lo em pedaços patéticos. Hudson está parado na porta, a mão trêmula passando por seu cabelo rebelde.

“O que?” Eu rosno.

“Britt... ela só está chateada.”

“Porque você não vai transar com ela ou porque você parou?”

Hudson desvia o olhar, deixando escapar uma respiração instável. “Parei.”

Que imagem mental verdadeiramente nojenta é essa.

“Diga à sua pequena namorada que ela não precisa ficar com ciúmes e que pode guardar o chá para si mesma no futuro. Eu não tenho interesse em você.” Eu me aproximo, oferecendo-lhe um sorriso de escárnio. “Francamente, se você morresse amanhã eu daria uma festa para comemorar.”

O vento frio chicoteia entre nós enquanto Hudson olha para mim, sua expressão endurecendo. “Quando você se tornou uma cadela de coração frio?”

“Por que você não se faz essa pergunta?” Eu rio, jogando minhas mãos para cima em exasperação. “Tenho certeza de que você encontrará uma resposta adequada se voltar sua mente. O que foi que você me disse mesmo?”

Hudson balança a cabeça, recusando-se a responder. Covarde.

Eu ando até ele, gentilmente segurando sua bochecha enquanto ele suga uma respiração assustada. Seus olhos se fecham ligeiramente quando acaricio carinhosamente a barba por fazer em seu rosto com o polegar, como se ele estivesse saboreando meu toque. Com meus lábios a poucos centímetros dos dele, fazendo-o pensar que estou aqui para um beijo, dou meu tiro de despedida.

“Você disse para confiar em você, porque você me amava e nunca iria me machucar. Olha onde isso me levou. Não me dê sermão sobre ser insensível, seu pedaço de escória de merda.”

Eu jogo minha perna para trás e chuto Hudson direto nas bolas, forte o suficiente para provocar um grito de agonia. Ele fica rígido, olhos esbugalhados antes de cair de joelhos. Só para dar sorte, dou um soco na cara dele também. “Isso é por arruinar a porra da minha vida!”

Assim que eu recuo, os outros dois caras dobram a esquina, parando bruscamente quando veem nossa briga. Hudson cai de lado,

cuspidando sangue e segurando suas indubitavelmente feridas joias da coroa. Tão malditamente satisfatório, eu poderia vê-lo se encolher o dia todo.

“Que porra é essa?” Kade grita.

Ele olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. Phoenix também está olhando, embora pareça um pouco mais compreensivo. Eu aponto para seu amigo lamentável e gemendo.

“Por que você não pergunta ao seu irmão como ele pagou seu vício antes de você levá-lo para o pôr do sol? Presumo que ele não tenha lhe contado essa parte.”

Kade permanece em silêncio, confirmando minhas suspeitas. Eles não têm a menor ideia, como eu pensei. Hudson nunca admitirá a verdade. Ele está muito fodidamente envergonhado para contar essa merda.

“Achei que não,” resumo. “Palavra de conselho? Não acredite em uma palavra que esse filho da puta mentiroso diz. Quando você ouvir a história completa, então você pode pensar em me julgar.”

Eu dou de ombros, saboreando o crescente olhar de pavor no rosto de Kade enquanto ele olha para seu irmão gemendo. “Até lá, cuide da sua maldita vida.”

Afastando-me com a cabeça erguida, deixo Hudson para juntar os pedaços. Todos os três me observam ir em silêncio atordoado. Eu tenho que ir embora antes que eu acabe matando cada um deles para minha própria satisfação.

Sentença de prisão que se dane.

Vinte e oito

Brooklyn

Hurricane by I Prevail

Estou pulando nervosamente em meus pés, olhando para a porta da sala de terapia de grupo pela terceira vez. Ainda fechado. A conversa zumbia ao nosso redor, os pacientes se amontoavam e fofocavam enquanto esperavam. Teegan coloca a mão no meu ombro para parar meus movimentos.

“Ei, calma. O grupo de quinta-feira é um grupo decente. Você nem precisa falar se não quiser.”

“Okay, certo. No entanto, foi uma experiência bastante desagradável em Clearview.” Estremecendo, eu abraço meu estômago apertado. “Normalmente acabava ficando confuso, de uma forma ou de outra. Embora o supervisor fosse um dos bons.”

Depois de escapar sem comparecer até agora devido a sessões canceladas e minha passagem pelo porão, a desgraça que é a terapia de grupo finalmente chegou. As portas se abrem e a fila começa a se mover, com Teegan apertando meu braço.

“Tente não se preocupar. São apenas quarenta minutos e então você não tem por mais duas semanas. Além disso, não é muito desgastante. Apenas um festival de dor compartilhada padrão e alguma porcaria de meditação,” explica ela.

Delicioso.

Entramos na grande sala, indo em direção ao fundo, onde as cadeiras estão alinhadas em um círculo aproximado. Eu posso praticamente ver a tensão vazando de Teegan enquanto ela escolhe um lugar, as mãos deslizando sobre os braços e pernas de plástico quatro vezes antes de ela se sentar.

“Aqui está bom,” ela confirma.

A conversa continua ao nosso redor enquanto observo o ambiente, o tapete caro no chão e o papel de parede, lustres lançando luz quente. Alguns do grupo estão vestidos casualmente com moletoms ou pijamas, enquanto outros usam jeans e roupas reais. O que está vestido parece estar mais fora de si, olhos vidrados ou bocas frouxas. Depois, há os esqueletos ambulantes, ossos salientes enquanto observam o peso de outras pessoas. Quando Britt entra e me lança um olhar furioso, luto contra a vontade de me levantar e sair.

“Ignore-a,” sussurra Teegan. “Quando o cabelo dela cair e ela tiver um tubo de alimentação enfiado no nariz, ela será a única a receber ódio pela primeira vez.”

Balanço a cabeça, apesar do sorriso torcer meus lábios. “Você é malvada.”

“Não. Apenas realista. Eu ouvi que vocês duas brigaram no refeitório?”

“Difícilmente uma briga.” Eu dou de ombros, fingindo. “Alguns dias atrás, ela jogou sua bebida em mim por ciúmes sem sentido. Duvido que ela vá fazer isso de novo, ou vou quebrar a porra das pernas desengonçadas dela só para deixar claro.”

Mais pessoas entram, gradualmente enchendo a sala enquanto Teegan se aproxima. “Sem chance! Essa cadela. Além disso, ela e Hudson não são uma coisa? Achei que você estivesse com Eli?”

Eu a silencie antes que alguém possa ouvir. “Não! Quantas vezes tenho que te dizer, não é nada sério. Ela está com Hudson, mais ou menos. Mas nós temos... história,” eu termino sem jeito.

“Oh, cara, agora isso eu tenho que ouvir. Por que você está pegando todos os bonitos?”

Eu deliberadamente olho para Todd, sentado perto da porta e limpando os óculos em sua camiseta larga. “Pensei que vocês dois fossem... você sabe.” Eu balanço minhas sobrancelhas para Teegan, que fica vermelha como uma beterraba. “Vocês não foram à noite de cinema juntos?”

“Sim,” ela admite com uma risada nervosa. “Mas acontece que roubar uma rapidinha quando você está mais preocupada com a falta de coordenação no quarto dele é quase impossível.”

“Garota, seu cérebro é cansativo,” brinco.

“Eu sei. Hilário.” Todd sorri para ela do outro lado da sala e Teegan rapidamente desvia o olhar, xingando baixinho enquanto suas mãos tremem. “Talvez você tenha razão.”

A sala fica em silêncio e a porta se abre, uma mulher baixa com cabelo rosa morango entrando. Sua camisa brilhante e calças de linho largas são instantaneamente reconhecíveis para mim, e quando ela se vira, eu quase rio de surpresa agradável. Ela não mudou nem um pouco nos meses desde a última vez que a vi.

“Bom dia, campistas! Como estamos hoje?” Sadie gorjeia, agarrando uma cadeira e sentando-se. “Ótimo ver vocês de novo. Vamos começar, sim?”

Enquanto todos parecem relaxar, fechando os olhos automaticamente e respirando fundo, Sadie finalmente me vê. Sua boca se abre, sobrancelhas levantadas em choque total. Eu ofereço a ela um aceno desajeitado e um sorriso. *Mais tarde*, ela murmura, finalmente me dando um sorriso.

“Ótimo, vamos começar com nosso exercício de atenção plena.”

Muita respiração inútil e merda de gratidão depois, recebemos post-its e lápis infantis. Sadie garante que todos tenham um antes de bater palmas.

“Pelo bem dos nossos novos membros, vamos apenas fazer uma pequena introdução. Meu nome é Sadie, sou uma psicóloga estagiária aqui em Blackwood. Nessas sessões de grupo, estamos trabalhando em nossas habilidades de enfrentamento usando trabalho em equipe e colaboração. Alguma pergunta?”

Segue-se um silêncio constrangedor, mas nada perturba Sadie. Ela é uma fonte perpétua de entusiasmo, sempre foi. “Bom! Talvez nossos recém-chegados queiram se apresentar.” Seus olhos pousam em

mim. “Você gostaria de começar?”

Eu lanço adagas para ela. Ela sabe como me sinto sobre ser apresentada no local. Na época em que ela liderava as sessões de grupo em Clearview, lembro-me de ter dito a ela para ir para o inferno quando ela me pediu para recitar um poema. Não, porra, obrigado.

“Claro,” eu resmungo. “Sou Brooklyn, estou aqui há cerca de cinco semanas.”

“Tem um fato interessante para nós, Brooklyn?” Ela pressiona.

“Sim, ela é uma puta do caralho.” Alguém tosse.

Eu imediatamente encontro o olhar malicioso de Britt. Risos soam por toda a sala quando todos os olhos pousam em mim, e eu tenho que me conter fisicamente para não me levantar e bater a cabeça daquela cadela na parede.

“Claro,” eu afirmo acidamente. “Apesar da crença popular, eu não sou a porra de uma prostituta. E quem pensa assim é bem-vindo para me dizer na minha cara. Vou fazer o porão parecer férias.”

Eu dou a ela um sorriso pálido e cruzo os braços, a atenção de todos cessando de repente. Sadie tosse para abafar o riso. “Bem, obrigado por isso. Apenas um lembrete gentil, este é um espaço não violento. Estamos aqui para curar e crescer. Quem é o próximo?”

Curar e crescer.

Eu não perdi essas palavras sendo recitadas para mim.

Duas garotas se apresentam, Kate e Lana, ambas recém-transferidas da prisão juvenil. Elas não podem ter mais de dezesseis anos, mas usam sua agressividade como uma armadura. Lana, com seu cabelo castanho cortado em um corte pixie curto, me dispensa um puxão de queixo de respeito. Aparentemente, minha ameaça me rendeu algum crédito nas ruas ou algo assim.

Sadie agradece ao grupo e nos conduz por outro exercício idiota, como é o estilo dela. Terminada a tortura, ela solta um suspiro aliviado. “Não é melhor?”

Ninguém responde. Todos nós parecemos igualmente impressionados.

“Ok, hoje vamos trabalhar o medo. Uma emoção poderosa, que pode nos desviar de muitas maneiras. O que vamos fazer é isso. Cada pessoa escreverá em seu Post-it do que tem medo. Todos eles vão em um chapéu,” ela levanta o gorro preso entre as mãos. “E cada um de nós vai escolher um. Essa pessoa deve oferecer alguma sugestão construtiva para lidar com esse medo.”

Depois de um gemido coletivo do grupo, Sadie reprova com desaprovação.

“Venham agora, vamos tentar. E lembre-se, sejam honestos. Isso tudo é anônimo, então realmente desafie a si mesmo. Escolha algo que seja importante para sua recuperação.”

Temos cinco minutos, dos quais passo pelo menos quatro e meio olhando para o meu lápis. Nem uma única parte de mim quer fazer essa besteira. Teegan também parece presa, o papel amassado entre as mãos cerradas. Sem ter que dizer uma palavra, eu entendo o problema.

Somos todos governados pelo medo. A nuvem escura e carregada que toca cada vida de uma forma ou de outra. Limitá-lo a qualquer coisa é uma tarefa intransponível.

“Trinta segundos,” Sadie chama.

Minta. Faça alguma coisa. Deixe em branco. As escolhas passam pela minha cabeça, mas nos últimos cinco segundos dou um salto de fé. Rabiscando com força suficiente para romper o papel, com raiva jogo minha resposta no chapéu.

“Está bem então! Vamos ver o que temos.” Sadie pega o chapéu e mexe nele, antes de dar a volta no círculo e entregar um pedaço de papel para cada pessoa.

“Leon, por que você não começa?”

O atleta de cabelos loiros e olhos azuis dá a ela um sorriso encantador. Ele é um dos capangas de Rio e revira meu estômago com

apenas um olhar. “Claro, Sadie. Tenho medo de que, se eu não transar logo, meu pau caia. Você quer me ajudar?”

Risos estridentes irrompem quando Sadie lhe dá uma carranca. Até eu estou lutando para segurar o riso. “Primeiro, lembre-se das regras do grupo ou você será colocado na frente da diretora para uma pequena conversa. Em segundo lugar, você deve ler o que está no papel, não o que você escreveu.”

“Desculpe senhora, foi mal.” Ele dá de ombros, lutando contra um sorriso.

“Ok, vamos seguir em frente rapidamente. Teegan?”

Respirando fundo para se acalmar, Teegan desdobra seu pedaço de papel e limpa a garganta. “Hum, essa pessoa tem medo do fracasso.”

“Bom. Agora, o que você sugeriria a essa pessoa para ajudá-la com seu medo?”

Teegan fica impossivelmente imóvel, cheia de ansiedade enquanto toda a classe olha para ela. “Ah, acho que diria que, desde que você continue tentando, não importa se você falhar. O esforço é o que conta.”

Sadie sorri para ela. “Muito bom, acho que é um bom conselho. Todos nós temos medo de errar, de decepcionar as pessoas. Mas, como Teegan sugere, às vezes isso é inevitável.” Seus olhos desviam para os meus momentaneamente. “Às vezes, o que conta é aparecer e sujar as mãos.”

Sutileza nunca foi seu forte.

Mais alguns se revezam, medos que vão desde o profundo, até piadas mais desprezíveis dos idiotas claramente frustrados sexualmente no grupo. Quando Lana pega seu bilhete e o lê, ela faz uma pausa por um momento, ponderando silenciosamente antes de pigarrear.

“Essa pessoa disse... eu tenho medo de me tornar o monstro que o mundo pensa que eu sou.”

Um silêncio toma conta da sala enquanto eu corrijo minha expressão, garantindo que nada escape. A tensão paira pesadamente no ar e Sadie lança um olhar ao redor, forçando um sorriso encorajador.

“Estamos todos aqui por uma razão, pessoal. Alguns mais sérios que outros, mas compartilhamos um objetivo comum. Todos nós queremos fazer melhor do que fizemos antes. Para valer mais do que nossos erros nos fazem. Lana, o que você gostaria de dizer a essa pessoa?”

Lana dá um sorriso lento e frio enquanto cruza as pernas. “Eu diria que quando uma vadia veio até mim na prisão, eu a esmurrei com tanta força que ela está cagando em um saco agora. Então foda-se a opinião de todos, nada de errado com um pouco de sangue e não é isso que faz de você um monstro.”

Levantando uma sobrancelha, ela me dá uma piscadela. “É tudo subjetivo.”

Não posso deixar de retribuir seu sorriso sombrio do outro lado da sala, enquanto outras sussurram umas para as outras e dão risadinhas. A boca de Sadie fica aberta e ela se esforça para encontrar uma resposta adequada, sem palavras pela primeira vez que eu já vi. “Bem, ah. Obrigado por isso, Lana...”

“Sem problemas,” ela responde casualmente.

As respostas do outro empalidecem em comparação depois disso. Quase sempre me desligo, feliz em sonhar acordada em vez de jogar o joguinho estúpido de Sadie. Quando a sessão termina, peço desculpas a Teegan e fico para trás enquanto a sala se esvazia. Sadie empurra suas coisas para longe e imediatamente vem até mim, envolvendo-me em um abraço apertado.

“Droga Brooke, é bom ver seu rosto.”

“Você também. Nunca pensei que teria que sofrer mais com essa merda de terapia Hakuna Matata, mas aqui estamos nós.” Eu dou de ombros, notando o olhar estranhamente nervoso em seu rosto.

“Fui transferida de Manchester para cá pouco depois de deixar Clearview,” explica ela, mantendo a voz leve. Tenho a sensação instintiva de que ela está mentindo. “O que você está fazendo aqui? Você foi transferida?”

“Zimmerman desistiu de mim.” Pego os fios soltos do meu jeans. “Ele me enviou aqui para o programa de três anos.”

“Eles vão deixar você sair quando terminar?”

Eu não tenho nenhuma intenção de terminar essa merda sem sentido.

“Aparentemente, embora dependa do meu comportamento e outras coisas. Não sei como eles pretendem curar a maluquice da minha cabeça.”

Sadie põe a mão em cima da minha, apertando-a. “Você pode não ver agora, mas da última vez que te vi, havia baba saindo de sua boca e você não conseguiu formar uma frase porque eles te drogaram.”

Reviro os olhos. “Obrigada por me lembrar.”

“Meu ponto é, a recuperação é possível. Olhe para si mesmo e o quanto longe você chegou. Estou tão orgulhosa de você.”

Minhas entranhas torcem de raiva, não importa o quanto irracional. Regra número um, nunca diga a uma pessoa maluca que ela parece melhor. Não queremos ouvir essa merda. Nove em cada dez vezes, você os forçará a se autodestruir ainda mais, apenas para provar que está errado. Confie em mim.

Rapidamente mudando de assunto, Sadie fica séria mais uma vez, lançando um olhar ansioso ao redor da sala deserta. Juro que ela verifica as câmeras de segurança, me confundindo ainda mais. “Brooklyn, só me prometa uma coisa.”

Eu aceno lentamente. “O que é?”

“Apenas tenha cuidado. Blackwood tem uma boa reputação, mas isso não significa que coisas ruins não aconteçam aqui. Fique de olho,

ok?”

O medo desliza pela minha espinha com suas palavras sinistras. Ela olha para mim implorando, todos os sinais de seu otimismo habitual são deixados de lado. “O que você quer dizer?” Eu pergunto com uma carranca. “O que há de errado com Blackwood?”

Sadie pula de pé, colocando seu sorriso brilhante de sempre de volta no lugar. “Tenho outro grupo para trabalhar, preciso ir. Se precisar de alguma coisa, sabe onde me encontrar.” Ela segura meu olhar por um momento, uma mensagem silenciosa em seus olhos. “Qualquer coisa.”

Eu forço um sorriso quando tudo que eu quero é gritar na cara dela, exigir saber o que diabos ela está falando. Mas é claro que ela não pretende elaborar suas palavras vagas, correndo para escapar da nossa conversa.

“É bom ver você,” eu forço. “Vejo você por aí.”

Assim que abro a porta para sair, Sadie me chama. “Brooke! Você não é um monstro. Não importa o que o mundo pensa ou os jornais imprimam. Você é uma boa garota que acabou por fazer algumas escolhas ruins. Lembre-se disso.”

Ela volta a arrumar suas coisas rapidamente, olhando para mim uma última vez. Meu coração para, todas as minhas suspeitas desaparecem com suas palavras. Mais do que tudo, lamento ter escrito meu maior medo. Agora está lá fora e não posso retirá-lo. A verdade é que não importa o que todo mundo pensa.

Já me odeio o suficiente pelo que fiz.

Vinte e nove

Hudson

If You Want Love by NF

Batendo a porta, jogo os papéis na cama. Segurando meu cabelo, luto contra a vontade de gritar alto. Uma raiva escaldante preenche todos os meus pensamentos. Cegando, borrando, não deixando espaço para racionalidade ou calma.

Meu punho encontra a parede de gesso, rachaduras na pele e manchas de sangue na pintura. Eu grito minha frustração e continuo socando, independentemente da dor em meus dedos quebrados. Mariam diz que preciso controlar minha raiva se quiser ter alguma chance de deixar este lugar.

Você sabe o que? Dane-se Mariam. Eu nunca vou escapar desta gaiola esquecida por Deus porque é onde eu pertenço.

Brooklyn não falou comigo durante toda a semana depois do nosso embate na segunda-feira. Ela passa por mim nos corredores como se eu nem existisse, como se aquele beijo do lado de fora da biblioteca nunca tivesse acontecido. Eu sei que ela sentiu, a eletricidade instantânea atrás de nós. Essa faísca preparou nosso caminho para a ruína cinco anos atrás, e sempre estivemos destinados a queimar juntos.

Enquanto isso, nosso grupo está se fragmentando. Sentamo-nos em silêncio na hora da refeição, o ar carregado de ressentimento. Eu entendo, os caras me culpam por estragar as coisas. Aquela cadeira vazia à mesa é dolorosamente óbvia. Kade trama silenciosamente enquanto Phoenix age como um sino completo. Nem me fale sobre Eli, ele está pior do que nunca e determinado a destruir.

Não acredito que não vi antes.

Estamos todos presos em sua órbita. Cada maldito de nós.

Eu caio no chão, minhas costas contra a parede ensanguentada. Minha cabeça cai em minhas mãos enquanto luto contra a necessidade esmagadora de derrubar a porta de Brooklyn e resolver essa bagunça tóxica de uma vez por todas. Quebrá-la, gritar com ela, dizer-lhe que não consigo parar de pensar nela. Qualquer coisa para consertar essa bagunça tóxica. Não posso ficar preso no limbo, entre amar e odiar aquela vadia.

A batida na minha porta vem antes que ela se abra, Kade entrando. Ele dá uma olhada para mim no chão e franze a testa, congelando no local. “Hud? O que está acontecendo?”

Balanço a cabeça e corro para o banheiro, incapaz de expressar a intensidade da minha raiva. Kade se recusa a desviar o olhar enquanto eu lavo minhas mãos na torneira, redemoinhos vermelhos descendo pelo ralo junto com pedaços de gesso quebrado.

“Nada. Eu estou bem,” eu cerro.

Ele hesita, parecendo escolher suas palavras com cuidado. “Pensei que você estivesse trabalhando essas coisas, não cedendo a elas. O que deu em você recentemente? Você não quer ir para casa?”

Enrolo a toalha na mão dolorida, lançando um olhar fulminante para ele. “Quem é você, meu maldito terapeuta?” Passando por ele, eu me sento na cama. “Apenas cuide da sua vida. Não tem nada a ver com você.”

Kade solta um suspiro frustrado. “Tem tudo a ver comigo.”

Eu belisco a ponta do meu nariz. Sericamente? Isso de novo?

“Quando você vai aprender a se foder quando não for desejado? Você acha que eu queria que você desistisse da universidade para me seguir até aqui? Ou que eu queria que alguém mentisse...” Faço uma pausa, oscilando à beira de revelar demais.

Kade dá três passos largos e cai de joelhos na minha frente, sua mão pousando na minha perna. “Eu sei, irmão. Eu sei.”

Meus olhos deslizam para cima para encontrar os dele. Amplo e certo, sem uma única sombra de dúvida. “Você sabe?” Repito

lentamente.

Meu batimento cardíaco martela em meus ouvidos quando ele acena. A porra do mundo inteiro termina com essa admissão. Nunca importou o que todo mundo pensa dos meus crimes, uma mentira meia-boca que contamos com dinheiro e influência para esconder o que realmente aconteceu naquela noite. Tudo o que sempre me importou é uma coisa. Kade.

Ele é a minha cara-metade, tudo o que devo ser e muito mais.

“Você não sabe,” murmuro, como se estivesse tentando me convencer.

“Mamãe me contou tudo. Toda a porra da verdade feia.” Ele range os dentes, lutando para manter a calma e o equilíbrio. “Você deveria ter me contado. Eu merecia saber.”

Meu olhar cai instantaneamente para o chão, as bochechas queimando e o coração batendo de forma irregular. Ainda posso ver o sangue que escorria de seu corpo espancado. Estendiam-se pelas paredes, acumulando-se nos ladrilhos da cozinha, salpicados de fragmentos de crânio.

“Ela contou o que? Que o que aconteceu não foi legítima defesa?” Eu sibilo.

Kade engole em seco. Treme. Silenciosamente luta contra sua própria consciência. “Sim.”

O ar parece impossivelmente denso enquanto observamos um ao outro, a terrível realidade esmagando nós dois. “Eu não queria que você soubesse,” consigo dizer.

“Por quê? Não entendo, Hud. Nada disso.”

“Porque eu não queria que você pensasse mal de mim! É por isso!”

Vou até a janela gradeada, olhando para a noite escura. Costumávamos passar todas as noites de sexta-feira juntos, antes de Blackwood. Antes de me tornar essa pessoa. Ir a uma boate ou beber,

às vezes pegar um trem para o centro da cidade para encontrar algumas garotas bonitas para conversar.

“Você não deveria estar aqui,” murmuro com pesar. “Você está desperdiçando sua vida neste lugar. Eles nunca vão me deixar sair, em três ou trinta anos. Não depois do que eu fiz.”

Eu olho para Kade, observando o olhar de devastação absoluta em seu rosto. Ele morde o lábio, escolhendo cuidadosamente as próximas palavras. “Hud... há algo que você precisa saber.”

Espero que ele termine, sabendo que o que quer que esteja por vir, deve ser ruim. O suficiente para afetar o inabalável Kade. O suficiente para levá-lo ao meu quarto quando ele mal consegue ficar perto de mim enquanto eu lentamente arruíno minha vida ainda mais.

“Apenas me diga,” eu ordeno. “Diga-me e saia.”

Kade se junta a mim na janela, as mãos apertadas em bolas. Ele não consegue nem olhar para mim, olhando resolutamente para a frente. “Mamãe diz que houve uma evolução no caso.”

“Certo... e...?”

“Foda-se, Hud,” ele amaldiçoa, afrouxando ansiosamente o colarinho da camisa. “Sua mãe, ela se apresentou e quer testemunhar contra você.”

Meu estômago afunda. O gelo inunda meu corpo e a doença confunde minha mente. Eu posso ouvir Kade dizendo meu nome, sinto sua mão no meu ombro, mas não ressoa. Nada sobre isso parece real, como se eu estivesse preso em um pesadelo retorcido projetado para me foder.

“Ela quer... testemunhar. Contra mim,” eu afirmo sem emoção.

“Sim. Você percebe o que isso significa, certo?”

Tropeçando na cama, eu me sento e coloco minha cabeça em minhas mãos. “Claro que sim, porra. Ela vai expor a mentira. Seus pais serão implicados. Vamos todos para a cadeia.”

Eu recito as perspectivas sem emoção, muito sobrecarregado

para compreender totalmente a poderosa tempestade de merda vindo em nossa direção. Kade se junta a mim na cama, igualmente tenso.

“Seus pais também. Eles fizeram essa bagunça para proteger você, caramba. Agora eles vão descer com você.” Ele engole alto. “Precisamos de um plano. Tem que haver uma saída para isso.”

“É perjúrio, Kade. Todos nós mentimos.”

Eu esmago minha mão fechada contra minha testa, desejando que a verdade desapareça. Como pude ser tão estúpido em concordar com isso? Porra, eu mereço essa sentença de prisão. Não posso deixá-los cair pelos meus erros também.

“Como os protegemos?” Eu pergunto com os dentes cerrados. “Vou marchar até o juiz e confessar se for preciso. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Eu não posso deixar...” Minha voz engasga enquanto eu engulo em seco. “Eu não posso deixar isso acontecer. Sua família salvou minha vida.”

De todas as respostas, Kade ri.

“De que diabos você está rindo?”

“Nada.” Ele ri fracamente. “É só... acho que essa é a coisa mais legal que você já me disse.”

Eu atiro a ele um olhar incrédulo. “Você está brincando, certo? É isso que você está pensando agora?”

Ficando sério, Kade se levanta e olha para mim. “Somos uma família, goste você ou não. E vamos consertar isso como uma família. Ninguém vai para a prisão. Você está voltando para casa. Fiz promessas e pretendo cumpri-las.”

“Qual é exatamente o seu plano, então?” Eu pergunto para ele.

“Estamos descobrindo,” ele responde evasivamente. “Mamãe vem daqui a algumas semanas para nos ver. Ela solicitou visita. Espero que tenhamos uma atualização então.”

“Esperar pacientemente? Esse é o seu plano?” Eu fico boquiaberto com ele.

“Sim. Enquanto isso, cale a boca. Os advogados estão amarrando a investigação na burocracia enquanto conversamos para atrasar as coisas. Sente-se e não perca a cabeça, irmão. Nós consertamos essa bagunça uma vez...” Ele me olha bem nos olhos. “Vamos consertar de novo.”

Eu fico olhando para a porta muito depois que ela se fecha atrás dele. Meus olhos cegos, visão manchada pela memória do sangue. Aconteceu em uma fração de segundo, uma decisão que mudou tudo para mim. Dirigi para ver minha mãe atordoado, com a intenção de finalmente confrontá-la sobre os anos de abuso que me levaram ao sistema de adoção.

Hudson, o que você está fazendo aqui?

Você não pode estar aqui. Por favor vá. Se Ron te ver...

Eu deveria ter ouvido mamãe. Na verdade, eu nunca deveria ter voltado para aquele buraco do inferno, cheio de ideias inúteis sobre fechamento e, finalmente, a cura do passado. Eu tinha tudo preparado para mim. Esta vida perfeita que os pais de Kade proporcionaram. Faculdade. Amigos. Boas notas. Um futuro. E joguei tudo fora só para voltar atrás daquela prostituta maluca.

Há apenas uma pessoa que pode entender. Meus pés se movem automaticamente enquanto saio da sala e atravesso o corredor. Punho batendo na porta de Brooklyn, meu peito aperta e o suor cobre minha testa. Tudo está girando e desmoronando pelas costuras. Ela é a única pessoa que chegou perto de me entender.

Nenhuma resposta.

Eu tento a maçaneta, mas está trancada. A escuridão se fecha sobre minha visão quando inclino minha testa na madeira. Isso não pode estar acontecendo. Kade e sua família não podem ser punidos por meus erros e estupidez. Isso é tudo culpa minha.

“Hudson?”

Eu olho para cima, esperando desesperadamente que seja minha garota lá. Decepção reveste minha língua enquanto Britt olha para

mim, as sobrelanceiras franzidas. “Você está bem? O que está errado?”

Perco todo o senso de certo e errado. Marchando até ela e agarrando seu rosto, meus lábios estão diretamente nos dela. Eu não quero beijar Britt. Eu odeio a porra dela. Mas se eu me concentrar o suficiente, posso fingir que ela é minha Blackbird. Que seu cabelo seco é longo e sedoso. Que seu corpo magro é macio contra o meu e forrado com cada cicatriz que eu memorizei.

“Eu sabia que você cairia em si,” ela ofega.

“Cale a boca,” eu rosno.

Quando ela fala, eu me lembro de quem ela realmente é.

Arrastando-a para o meu quarto, empurro Britt contra a porta e agarro seu corpo, desejando a liberação que sei que transar com ela até que ela grite trará. Assim que ela choraminga e começa a abrir minha porta, há um suspiro por perto. Um ruído que é uma adaga afiada no meu coração.

Brooklyn está parada na porta dela, os olhos fixos em nós dois com horror. Seu rosto se estilhaça com a dor que ela rapidamente esconde assim que eu olho para cima. Minhas mãos caem do corpo de Britt, como se eu tivesse levado um choque elétrico.

“Brooke, espere!” Eu grito freneticamente.

Ela se vira e foge para seu quarto. Corro para segui-la e bato direto na porta quando a fechadura gira. Chutar e gritar para ela voltar não adianta nada. Ela se foi, deixando-me trancado no corredor com nada além de meu arrependimento e auto aversão.

“Que porra há de errado com você?” Britt sibila.

Ela marcha até mim e me bate forte o suficiente para doer. “O que ela tem que eu não tenho? Você não pode continuar me usando, não serei desrespeitada nem mais um segundo!”

“Vá então,” eu respondo cruelmente. “Saia da minha frente e não volte.”

Com os olhos cheios de lágrimas, Britt funga e acena com a

cabeça solenemente. “Tudo bem, eu vou. É isso, terminamos. Nunca volte para mim quando precisar de alguém para juntar os cacos.”

Britt foge soluçando, deixando-me sozinho e cercado por nada além dos restos do meu egoísmo mesquinho. Só faço ferir as pessoas, não sirvo para mais nada. Brooklyn sempre conseguiu ver o lado bom de mim, mesmo quando eu a quebrei da pior maneira possível.

Agora não há mais nada de bom para ver.

Trinta

Brooklyn

Whatever Lets You Cope by Black Foxxes

Teegan me entrega o delineador preto, mordendo o lábio enquanto me inspeciona. “Tente isso. Você vai ficar ainda mais gostosa.”

“Não estou tentando parecer 'gostosa' quando nem quero ir a essa festa estúpida.” Eu rolo a caneta entre meus dedos, olhando para ela. “Por que não posso simplesmente ficar para trás?”

“Porque você ficou deprimida a semana toda e estou cansada de assistir. Onde está a fodona que deu um soco no Rio no primeiro dia ou quebrou o nariz daquelas meninas?” Ela levanta uma sobrancelha perfurada para mim. “A única maneira de ensinar esses idiotas é ir à festa, linda de morrer, devo acrescentar, e ficar com alguém ainda mais gostoso do que eles.”

Eu me jogo na cama dela, amassando a estúpida fantasia de Halloween embaixo de mim. “Em primeiro lugar, não estou deprimida. Em segundo lugar, eu não dou a mínima para o que eles pensam e nunca dei.”

Teegan bufa. “Ok, certo. Você é tão cheia de merda.”

Com um grunhido frustrado, eu me levanto e pego a ensanguentada roupa de enfermeira. “Certo! Eu irei para a festa idiota de Halloween com você, se isso te calar.”

Eu me afasto de seu rosto presunçoso e vitorioso e vou para o banheiro, batendo a porta atrás de mim. Esse é o problema de ter amigos. Eles não sabem quando dar o fora e deixar você em paz. Eu não quero comemorar o Halloween, porque isso significa que faltam duas semanas para o aniversário me atacar emocionalmente. Duas semanas para tirar minha bunda daqui, com zero pistas e oportunidades limitadas para fazer exatamente isso.

Estou ferrada. Presa e impotente.

Talvez eu vá para a festa e fique absolutamente bêbada para esquecer, se eu tiver sorte, meu corpo simplesmente cederá às demandas da minha mente quebrada. Eu desembrulho o traje cafona e o sacudo, olhando para o vestido curto e justo.

O fato de Kade provavelmente ter escolhido isso deixa minhas palmas pegajosas.

Apesar de eu ter ignorado todos eles, ele ainda deixou do lado de fora da minha porta ontem à noite. Durante toda a semana eu estive decidida a evitar a festa de merda e os homens confusos que, sem dúvida, estarão presentes. Só de ver Hudson com aquela vagabunda em volta dele me deixa em parafuso.

“Eu realmente tenho que usar isso?” Eu grito pela porta.

“Sim! Pare de choramingar e se vista logo.”

Xingando baixinho, tiro minha calça jeans e camiseta. Meu corpo está pálido e magro no espelho, meus olhos pousam instantaneamente nos cortes quase cicatrizados em meu braço direito, salpicados de queimaduras de cigarro. Não vejo Eli desde a noite da tempestade, ele se retraiu e desapareceu da face da terra recentemente.

Eu não posso continuar fazendo isso. Deixando-os perto o suficiente para me machucar. Se eu nunca os tivesse conhecido, eu estaria morta agora?

“Apreste-se antes que eu entre aí e vista você eu mesma!” Teegan grita.

Uma olhada nas meias brancas baratas de plástico e eu as jogo de lado. O vestido não está muito melhor quando eu a puxo para cima das minhas pernas nuas, fechando as presilhas e franzindo a testa para o meu reflexo. Eu pareço uma enfermeira safada que certamente seria demitida por causa disso. Meus seios mal cabem dentro e muito decote se espalha. Minhas pernas longas também estão totalmente à mostra.

Os olhos de Teegan brilham quando saio para mostrar a ela.

“Puta merda. Kade escolheu isso estrategicamente, certo?”

“Eu não posso usar isso em público,” eu resmungo.

“Cara. Você tem que fazer isso, além do mais, só Oakridge está presente. Pinehill está comemorando amanhã. Muitas pessoas para gerenciar ao mesmo tempo.” Ela franze a testa, os olhos nas minhas pernas. “Embora você provavelmente deva evitar a diretora, basta olhar para você e ela lhe aplicará uma disciplina.”

Entregando-me o delineador junto com um tubo de batom vermelho contrabandeado, ela me empurra de volta ao banheiro. “Arrume seu rosto e vamos nos divertir. Eu disse a Todd que o encontraríamos lá fora às sete horas.”

“Quem é você para me dar sermão sobre caras quando você tem aquele pobre filho da puta bem na zona de amigos?” Eu pergunto sarcasticamente.

Ela bate a porta na minha cara.

“Você supera o drama do seu relacionamento e eu supero o meu!”

“Não é um relacionamento,” murmuro.

Escovo meu cabelo perolado e adiciono um pouco de delineador alado, considero o batom. Vou atrair todos os tipos errados de atenção assim. Com um sorriso, passo-o em meus lábios, formando um plano tortuoso. Depois desta noite, talvez aqueles caras finalmente entendam a dica e me deixem em paz com meus planos. Até Eli. Cansei de me machucar e ser vulnerável.

Hora de terminar o que comecei.

Enquanto Teegan pega nossos casacos e cartões-chave, tiro a tampa do vaso sanitário e enfio a mão no tanque, procurando a bolsa à prova d'água que escondi lá dentro. Esta é a única maneira de passar a noite. Coloco-o sob a torneira, coloco uma linha de pó de neve na borda da pia e fecho os olhos, cheirando-o.

Uma linha inteira, depois outra só para dar sorte. A amargura atinge o fundo da minha garganta enquanto eu recuo, esfregando minhas narinas. Ainda não consigo sentir, mas essa merda vai valer o preço que paguei. Eu não quero sentir nada esta noite.

A maçaneta da porta chacoalha e Teegan enfia a cabeça para dentro, olhos arregalados quando ela me vê limpando o excesso e guardando a bolsa no meu sutiã.

“Jesus, o que você está fazendo?”

“Não é da sua maldita conta. Vamos.”

Eu passo por ela e pego minha jaqueta de couro de suas mãos, colocando meus Docs rosa brilhante. Descemos as escadas em silêncio. Está congelando lá fora, correndo sob a garoa para chegar ao refeitório. Com certeza, Todd está na entrada esperando.

“Ei, Teegan! É tão bom...” Seus olhos pousam em mim e seu queixo cai. “Ah, hum. Oi Brooklin.” Ele oferece um aceno mole.

Optando por ignorá-lo, acendo um cigarro e pulo na ponta dos pés, tremendo de frio. Felizmente, não há guardas por perto para me pegar fumando. Teegan fica sem jeito entre nós e eu dou a ela um empurrão sutil.

“Ela não parece gostosa?” Eu balanço minhas sobrancelhas para Todd.

“S-sim, claro. Tee, você está... muito, hum, fofa.”

Porra. Ambos são tão ruins nisso quanto o outro. Com o sangue correndo pela minha cabeça e a coca dissolvendo minhas maneiras, agarro o rosto de Tee e pressiono meus lábios nos dela. Beijando-a bem antes de me afastar, virando-me para Todd, que observa a troca com entusiasmo. Os homens são tão fáceis de manipular. Pego sua mão e a coloco na de Teegan.

“Divirtam-se, crianças.”

Desfilando para dentro, arrisco olhar para trás e os encontro se beijando contra a parede, as mãos um sobre o outro como

adolescentes excitados. Essa merda funciona sempre.

Os corredores parecem se curvar e se mover enquanto eu marcho em direção ao refeitório, tropeçando direto na parede em um ponto. Um braço muito amigável serpenteia em volta da minha cintura enquanto eu me endireito, olhando para cima em um par desagradável de olhos.

“Ei, linda, senti sua falta?” Rio zomba.

“Como diabos eu fiz,” eu murmuro.

“Foda-me, você está chapada como uma pipa. Como é? Boa merda, certo?”

Agarrando seu bíceps, ofereço-lhe um sorriso. “Quase vale o preço.”

Ele ri e liga seu braço ao meu, guiando-me pelo corredor. Passamos por vários guardas que me olham com desconfiança, mas Rio dá a eles um aceno sutil, segurando-me perto. Ninguém diz uma maldita palavra e eles simplesmente nos deixam seguir nosso caminho alegre.

“Querida, eu tenho muito mais de onde veio isso.”

Os lábios de Rio acariciam meu pescoço e estremeço, repentinamente fria, apesar do fogo narcótico queimando sob minha pele. Gentilmente desembaraçando nossos braços, eu encontro seus olhos com certeza.

“Você não sabe o que eu quero. Pena que você rasgou a lista.”

Ele xinga, estendendo a mão para agarrar meu pulso. “Sou todo ouvidos. Diga-me.”

Meus seios roçando em seu peito, eu sorrio enquanto seus olhos se arregalam de surpresa. Meus lábios passam ao longo de sua mandíbula antes de alcançar seu ouvido para sussurrar. “Eu quero a sua chave para o telhado.”

Rio ri baixinho. “Você nunca para de entreter. Isso vai te custar muito mais do que um boquete, doçura. Você está maluca?”

Eu inclino meu queixo em desafio. “Eu quero essa chave.”

“Para que? Não estou me culpando quando você jogar seu lindo traseiro daquele telhado.”

“Você tem cordas suficientes para puxar para esconder seu envolvimento. A menos que você esteja se opondo por algum outro motivo?” Eu levanto minhas sobrancelhas em desafio sem negar a insinuação. Como se ele fosse me impedir de fazer isso de qualquer maneira, o idiota não se importa.

Rio olha em meus olhos por uma longa pausa antes de balançar a cabeça em descrença. “Putá merda, você realmente é louca. Estou fora daqui.” Ele se vira e se afasta, murmurando para si mesmo sobre lunáticos desperdiçando seu tempo.

Covarde de merda.

Vou pegar aquela maldita chave, e será a última coisa que farei.

Caminhando com as pernas bambas, entro no refeitório quente e jogo de lado minha jaqueta. As luzes estão baixas e estroboscópios coloridos estão espalhados pelo linóleo do DJ instalado no canto. São várias mesas cheias de comida, tigelas de papel transbordando de salgadinhos aprovados e embelezados para parecerem interessantes. Apesar da massa de pessoas dançando e se divertindo, ainda há aquela corrente de realidade.

As bebidas são todas sem álcool.

Os guardas se alinham no perímetro às dezenas.

As câmeras capturam tudo.

Pacientes drogados olham e babam.

Passo por uma estação de escultura de abóbora, equipada com ferramentas de plástico para crianças e velas falsas. A festa está movimentada, mais popular do que eu pensei que estaria. Vários trajes que variam de vampiros a zumbis são exibidos, embora a maioria pareça caseira e uma merda, para ser honesta.

Pego uma limonada na mesa e sorrio descaradamente para o

guarda que franze a testa para mim. Ele é um dos homens de Rio, eu o reconheço do incidente da biblioteca.

“Você não está com frio, garota? Vi mais roupas em uma stripper.” Ele me olha de soslaio, verificando-me um pouco obviamente demais para ser apropriado. “Algo que eu possa ajudá-la?”

“Não,” eu falo inexpressiva, dando-lhe uma piscadela quando passo.

Entrando na pista de dança, eu me mexo entre vários corpos e me junto, balançando meus quadris como se ninguém estivesse olhando. Por um breve segundo, isso quase parece a vida real. Em um clube, dançando a noite toda como todo mundo da minha idade.

Minhas costas se conectam com um peito firme e eu olho por cima do meu ombro para encontrar cabelos azuis desgrehados, olhos calorosos e um esqueleto pintado olhando para mim.

“Gosto de ver você aqui,” provoca Phoenix.

Ele está todo de preto e uma camiseta estampada com ossos brancos. Quando seu braço envolve minha cintura, ele me puxa para perto de seu corpo, a outra mão pousando firmemente em meu quadril.

“O que diabos você está vestindo, Foguete?”

“Uma roupa. Pergunte a Kade.” Eu sorrio.

Mão patinando para baixo, seus dedos acariciam a pele da parte interna da minha coxa, roçando perigosamente perto da minha boceta latejante. Eu esfrego minha bunda contra ele descaradamente, aproveitando a sensação de seus lábios em minha orelha. Eu ouço Phoenix ofegar, hálito quente na minha bochecha enquanto seu pau fica duro.

“O que deu em você?”

Eu puxo meu vestido um pouco mais para cima, olhando em volta para garantir que ninguém está olhando. Todas as minhas inibições desapareceram sob a influência. Tudo o que posso pensar é

ele me curvando e me fodendo aqui, agora mesmo na bunda. Independentemente de quem está assistindo.

“Nada. Apenas me divertindo. Tem algum problema com isso?”

“Claro que não,” ele responde rapidamente.

Escondida de vista pelos corpos lotados na pista de dança, a mão de Phoenix encontra minha boceta molhada, traçando o algodão úmido da minha calcinha. Seus dentes mordiscam minha orelha enquanto eu gemo, movendo minha bunda contra sua virilha ainda mais forte.

“Caramba, seu corpo foi desenhado ou algo assim?”

Eu me viro para encará-lo, finalmente encontrando seus olhos através de meus cílios grossos. Ele me estuda, os lábios entreabertos. Ele está a segundos de me beijar quando a ficha finalmente cai. Sua expressão endurece em um instante, toda brincadeira se dissipando.

“Cristo... você está chapada?” Ele sibila.

Passando minha mão sobre seus peitorais duros, reviro os olhos em vez de responder. A vontade de rir histericamente borbulha e eu não posso deixar de rir, apenas o enfurecendo ainda mais.

“Eu sabia. Seus olhos parecem discos voadores. Droga, Brooke!”

Segurando meu pulso com a mão, ele me arrasta à força através dos corpos amontoados, não importa o quão alto eu proteste. Eu ainda estou rindo, lágrimas hilárias lutando para se libertar.

“Niiiiix, não seja chato. Vamos dançar e depois foder, hmm?” Eu persuado. Soltando minha mão e plantando meus pés, ele quase perdeu o equilíbrio. “Você sabe que você quer.”

Sua mão aperta meu queixo, puxando minha cabeça para cima. “Você é uma bagunça do caralho. Eu não uso mais drogas, você deveria saber disso. Venha, vamos pegar um pouco de água para você.”

Sou guiada até o canto dos fundos, onde as cozinhas estão abertas. Kade está vestido como o ceifador e conversando com alguns

membros da equipe, apreciando o planejamento de sua festa. Assim que nos aproximamos, seu rosto pintado de branco cai e Phoenix sacode a cabeça em direção à cozinha.

“Ah, com licença. Só preciso checar a sobremesa,” Kade mente facilmente.

Ele corre até nós e agarra meu outro braço, sorrindo sem esforço para afastar qualquer suspeita. Entre os dois, sou carregada através da porta e direto para os fundos.

A cabeça de Eli dispara de onde seu nariz está enterrado em um livro. Ele parece duro pra caralho, mesmo na minha visão embaçada. Muito mais magro e pálido em comparação com a última vez que o vi, como Gasparzinho, o fantasma sem qualquer fantasia.

“O que diabos está acontecendo?” Exige Kade.

Phoenix me deposita em uma poltrona descascada, soltando um bufo. “O que está acontecendo é que o Brooklyn está chapada. Eu tinha que tirá-la de lá. Olhe o estado dela!”

“Não chapada,” eu corrijo, levantando minha sobrancelha para ele. “Eu não uso maconha.”

Eli olha para mim sem palavras, rapidamente jogando seu livro de lado. Seus olhos escuros examinam meu rosto e ele franze a testa, como se estivesse tentando enterrar sob a superfície. Enquanto isso, Kade puxa seu cabelo exasperado, incapaz de sequer olhar para mim, e Phoenix amaldiçoa alegremente.

“Por que vocês estão sendo tão idiotas mal-humorados? Isso não é uma festa?” Eu faço beicinho.

Levantando-me cambaleando, puxo meu vestido minúsculo de volta para cobrir minhas coxas nuas. Kade finalmente olha para mim, os olhos saltando sobre minha pele nua com um gole visível.

“Obrigado pelo vestido.” Eu invado seu espaço, dando-lhe um sorriso torto.

Suas mãos correm sobre meus ombros e meus braços

manchados. Não sinto falta da maneira como ele cataloga a devastação em minha pele, tanto nova quanto velha. Seus olhos passam por cima do meu ombro para onde Eli está sentado antes de virar aquela expressão severa de volta para mim.

“O que você usou?”

“Não é da sua conta,” eu revido.

“Estou falando sério, Brooklyn. Você não pode simplesmente fazer o que quiser por aqui.”

“Quem disse? Ninguém dá a mínima de qualquer maneira.”

Kade me empurra para uma cadeira. “Me diga, tudo bem?”

Eu empurro suas mãos atentas para longe. “Notícia de última hora. Eu posso fazer o que eu quiser, quando eu quiser, e não há nada que vocês possam fazer sobre isso.” Eu passo meus olhos sobre Phoenix e Eli, incluindo-os no sentimento. “Pare de tentar me puxar para a sua pequena dinâmica familiar fodida aqui. Terminei.”

Eu cambaleio e caminho para a porta, passando direto pelas mãos de Phoenix. Meu bom humor evaporou quando comecei a descer do alto, precisando de outra dose para me animar novamente. Muitos sentimentos ameaçam assumir o controle e preciso expurgá-los. Assim que estou perto da minha fuga, a voz de Kade me congela no local.

“O que exatamente meu irmão fez para ferrar tanto com você?”

Como ele ousa.

Meu batimento cardíaco ruge em meus ouvidos. O calor lava minha pele formigando e a diversão escoar do meu corpo como sangue por um ralo. Cravando minhas unhas em minhas palmas, eu giro para enfrentar Kade. Foda-se Hudson. Cansei de guardar o segredo imundo dele.

“Você já se perguntou como ele pagou suas dívidas de drogas antes de vir até você?”

O silêncio resultante é carregado de confusão.

“Achei que não.” Eu zombo, voltando-me para Phoenix. “Você

era traficante, certo? Ok, então me diga o que acontece quando alguém não paga. Ilumine-nos.”

Ele fica quieto.

Eu ri de novo. “Não seja tímido agora. O que acontece?”

Parece uma eternidade antes que ele finalmente responda. “Você os ameaça,” murmura Phoenix, esfregando a nuca de vergonha.

“Precisamente. E se isso não funcionar?”

Ele tenta se mover em minha direção, mas eu levanto uma mão trêmula para deter seus passos. “Responda a maldita pergunta.” Eu o encaro, recusando-me a recuar. “Diga a Kade exatamente o que seu irmão fez comigo. Por que eu sou assim. Porque estou presa aqui, forçada a justificar a porra do meu barato para vocês, desprezíveis.”

“Brooklyn, por favor. Nós só queremos ajudar,” Kade implora.

Ignorando seus olhos arregalados, balanço a cabeça com desgosto. Eles ainda não entenderam.

“Eu não quero sua ajuda. Não quero a ajuda de ninguém!”

Eli se levanta, quase tão instável quanto eu, seu rosto preocupado e passos apressados. Nós dois estamos quebrando as costuras, mas isso não significa que eu quero a ajuda dele. Eu recuo ainda mais, não querendo deixá-lo nem remotamente perto de mim.

“Alguém pode responder à minha pergunta?” Eu grito. “Ou vocês estão com muito medo de encarar a verdade?”

“Você paga com o que tiver,” admite Phoenix.

Bingo. Você paga com o que puder oferecer, independentemente das consequências. Nós quatro nos enfrentamos, presos em uma batalha mortal de vontades enquanto a música do DJ pulsa pelo espaço. Ninguém encontrará meus olhos. A verdade pesada e sufocante entre nós, a notável ausência do homem em questão só piora as coisas.

“Você queria a verdade. Aí está,” eu zombo de Kade. “Você quer saber por que estou tão ferrada? A resposta é simples. Seu irmão

pagou suas dívidas com a única coisa que tinha.”

Eu me viro para Phoenix, odiando a pena em seu rosto. “Eu. Ele pagou comigo.”

“Brooke...” Kade começa antes de parar de horror.

Ele olha para mim com uma dor inimaginável em seus olhos. Enxugando as lágrimas perdidas, tenho certeza que meus olhos refletem a mesma emoção. Mesmo cinco anos depois, a ferida está inflamada e profunda, sempre em carne viva pela falta de resolução com o homem que me arruinou.

“A porra do pássaro não é a única coisa que ele matou,” eu cuspo, minhas emoções saindo de controle. “Essa é a sua verdade.”

Marchando enquanto procuro pelo saquinho no meu sutiã, estou determinada a eliminar a agonia que dilacera tanto minha mente quanto meu corpo. Os sentimentos distorcidos de ódio e raiva que de alguma forma escaparam de sua prisão para me atormentar ainda mais.

Ninguém me segue.

Trinta e um

Brooklyn

Guest Room by Echos

Dormente. Doce, sem sentido, entorpecimento irrefutável.

Toda a raiva, indignação, dor no estômago... se foi.

Terminando minha segunda linha e limpando o nariz, eu me levanto. A tampa do vaso sanitário está empoeirada e manchada com manchas brancas, mas não me preocupo em limpar depois. Cheirar cocaína no banheiro de joelhos é um novo ponto baixo, mas, felizmente, não me importo mais.

“Me deixe em paz!”

Uma porta bate, seguida por um choro abafado e o som de uma fechadura deslizando na cabine vizinha. Eu me limpo e saio sorrateiramente para molhar meu rosto. Delineador escorrendo pelas minhas bochechas e batom vermelho borrado, pareço um palhaço enlouquecido. Eu olho em meus próprios olhos, observando meu sorriso drogado desaparecer.

Eu sou meu próprio destruidor.

Em cada momento solitário da minha vida, fui fodida, abandonada, esquecida e usada. Por todos e por tudo. E de alguma forma, tudo volta para mim. Não há mais ninguém para culpar além de mim. Eu sou um fracasso, um maldito fracasso.

“Eu te odeio,” eu grito para mim mesma, uma carranca profunda estragando minhas sobrancelhas. A pressão no meu peito ainda não cede, então eu grito ainda mais alto. “Eu te odeio pra caralho!”

Meu punho bate no vidro e ele se quebra bem no meio, meu sangue manchando lindamente. Com toda a cocaína nadando em minhas veias, não sinto a dor da minha mão quebrada. Riachos carmesins escorrem pela minha pele e eu fico olhando, extasiada com

a visão.

Eu mereço isso. Pessoas como eu não deveriam viver. Sou um desperdício de ar e se morresse agora estaria fazendo um favor ao mundo. Ninguém nem notaria.

“Que diabos está fazendo?”

Britt sai da cabine, deixando rastros de rímel e bochechas rosadas manchando seu rosto. Ela olha do espelho quebrado para mim sem acreditar, sem vontade de se aproximar nem um passo, como se estivesse fisicamente com medo de mim. “Sério, Brooklin? Olá?” Ela acena com a mão no ar como se quisesse atrair minha atenção.

“Eu... eu...” Eu tropeço, piscando rapidamente.

O que eu estou fazendo? Por que estou aqui? Nada mais faz sentido. Sombras rastejam nas bordas da minha visão e começam a murmurar, virando a realidade de cabeça para baixo. Tudo o que posso sentir é meu batimento cardíaco ameaçando abrir minha caixa torácica.

“Você parece louca pra caralho agora.” Britt atravessa lentamente o banheiro, pulando no balcão ao meu lado. “Mas quem sou eu para julgar, certo?”

“Certo,” eu resmungo, espirrando água no meu rosto uma segunda vez.

Eu tento forçar o clímax de vozes da minha mente, para parecer um pouco no controle enquanto Britt me observa com olhos críticos que veem demais. Ela estala a língua, um sorriso conhecedor florescendo enquanto eu penso em quebrar sua mandíbula.

“Onde você conseguiu isso?”

“Por que eu deveria dizer a você?” Eu contesto.

Ela pula do balcão e fica na minha cara, os lábios pressionados firmemente juntos. “Não seja uma idiota. Apenas me diga. Você tem mais?” Seus olhos percorrem minha roupa minúscula. “Embora eu não consiga imaginar onde você estaria guardando com essa roupa.”

O insulto quebra meu autocontrole restante e eu a empurro para trás, observando com prazer enquanto ela tropeça e cai de bunda. Algo que se parece muito com medo passa por seus olhos enquanto eu me aproximo, pairando sobre ela, meus punhos cerrados com força.

“Quem exatamente você está chamando de prostituta? Diga-me, Britt,” eu cuspo o nome dela com ódio. “Quantas vezes você abriu suas perninhas para Hudson, humm? Aposto que você recebeu cada pedaço de atenção que ele jogou em você, como a prostituta desesperada que você é.”

“Você não sabe do que está falando.”

Eu atiro a ela um sorriso. “Como se sente agora que ele se foi?”

“Foda-se! Se não fosse por você, ele ainda estaria comigo.”

Eu bato meus cílios inocentemente apenas para ferrar com ela ainda mais. “Nada a ver comigo, querida. Acho que ele simplesmente se cansou de quebrar você de novo e de novo. Perde a emoção depois de um tempo. Confie em mim,” eu encontro seus olhos sem vergonha. “Eu sei.”

Eu me viro para sair, mas sua voz estrangulada e furiosa me paralisa.

“Você sabe o que? Você e Hudson se merecem. Vocês dois são psicopatas ferrados, egoístas e não amáveis.” Sua voz fica baixa enquanto ela me lança um olhar penetrante. “Espero que vocês morram ou, melhor ainda, se apressem e se matem. Deus sabe que sua falta não será sentida.”

Ela desvia o olhar para se olhar no espelho, e meu estômago revira quando vejo o reflexo olhando para mim no vidro rachado. Ele está parado ao lado dela, encharcado de sangue. Roupas rasgadas e saturadas, corpo cortado irreconhecível. Parecendo tão real, estou convencida de que se eu estender a mão, poderei tocar sua forma quebrada.

Victor.

Estou com medo de que ele escape do vidro e me mate.

Observando o lento sorriso se espalhar por seus lábios azuis, eu começo a correr, fugindo desesperadamente do banheiro e dos demônios lá dentro. A festa ainda rola no refeitório, posso ouvir a competição de abóboras sendo convocada pelo microfone.

Mas não posso voltar ou enfrentar os homens que veem o que há de bom em mim que eu não vejo. Eles estão mais seguros longe, muito longe de mim. Com meu corpo tremendo do golpe correndo pelo meu sistema, eu corro de volta pelo corredor deserto.

As palavras de Britt ecoam sem parar e tudo que consigo pensar é em abrir uma veia o suficiente para acabar com essa merda de vez. Eu posso praticamente ver a poça de sangue em minha mente, formando um halo escuro de morte ao redor do meu cadáver imóvel.

Uma voz sussurra em minha mente. *Apreste-se e mate-se*. Mesmo quando eu balanço minha cabeça, ela se recusa a ficar em silêncio. *Você sabe que você quer*.

“Brooklyn!” Teegan chama quando eu passo, sem nem mesmo olhar. Ela e Todd me observam partir com preocupação, gritando repetidamente meu nome enquanto luto com a realidade.

Não paro de correr até voltar para os dormitórios. Subindo dois degraus de cada vez, tropeço e caio várias vezes, queimando minhas mãos contra o carpete áspero. Eu não paro até que finalmente chego ao meu andar, derrapando até parar.

Há uma sombra caída contra o mogno, cabelo preto selvagem e indomável, cabeça baixa entre as pernas. Meus pés recuam quando sua cabeça levanta, olhos azuis brilhantes travando em mim. Eles dissolvem tudo ao meu redor até que nada reste além da distância entre nós.

“Blackbird,” Hudson sussurra.

Eu deveria correr. Virar-me e fugir. Esconder-me. Gritar. Qualquer coisa para escapar do diabo na minha porta. Mas meus pés se movem por conta própria, guiando-me para frente com a atração magnética dos olhos derrotados de Hudson. Eu paro na frente dele,

lábio enrolado em escárnio.

“Saia do meu caminho,” murmuro, mas soa fraco, foddidamente fraco.

Ele se põe de pé, com o maxilar cerrado e a expressão dura. A tristeza se transforma em algo mais sombrio, mais primitivo. “Os caras me mandaram procurar por você. Eu estive esperando.”

Hudson paira atrás de mim, o cheiro de álcool saindo dele em ondas.

“Você está bêbado, Hud. Vá para seu quarto,” eu afirmo, como se eu estivesse melhor.

“Estou bêbado, você está chapada. Que melhor hora para ter essa conversa?”

E com isso, ele se curva e me pega. Um grito chocado escapa dos meus lábios quando ele me levanta em um movimento suave, jogando-me por cima do ombro.

“Ponha-me no chão! Coloque-me no chão agora!”

“Cale a boca antes de acordar todo mundo,” Hudson rosna, batendo na minha bunda enquanto ele caminha para seu quarto. Ele abre a porta com um chute e marcha para dentro, o barulho distinto da fechadura clicando antes de eu ser jogada rudemente em sua cama.

“Cansei de correr em círculos ao seu redor.” Ele descarta o telefone e o cartão-chave, virando aquela expressão insondável para mim. “Você continua esquecendo a lição que te ensinei quando éramos crianças.”

De pé no final de sua cama, os olhos rondando meu corpo aberto e vulnerável, ele me oferece um sorriso sombrio. “Você é minha, Blackbird. Você sempre foi minha, porra. “

“Você está enganado.” Eu balanço minha cabeça, lutando desesperadamente para trás para escapar dele. “Eu nunca fui sua para começar. Você roubou tudo de mim. Minha sanidade, sobriedade, educação. Tudo.” Estendendo a mão para pegar o abajur próximo, eu

o jogo direto para ele o mais forte possível. “Foda-se, tudo!”

O abajur erra por pouco e se choca contra a parede atrás de Hudson. Ele nem se mexe com os fragmentos pontiagudos caindo em cascata. Ele apenas bufa e puxa o edredom, me arrastando para mais perto enquanto luto para escapar.

“Você é um monstro,” eu grito, as mãos agarrando o colchão.

Suas mãos agarram meus tornozelos e puxam, até que estou desesperadamente presa debaixo dele no final da cama. Ele prende meu corpo entre suas pernas e agarra meus pulsos, prendendo-os acima da minha cabeça. Olhos azuis ferventes queimam um caminho direto para minha maldita alma.

“Você acha que eu não sei disso?” Hudson sussurra para mim. “Todos os dias, nos últimos cinco anos, tive que viver com o conhecimento do que eles fizeram com você.” Seu pomo de Adão balança, traindo suas emoções. “Do que eu deixei eles fazerem com você.”

Sua mão me solta para segurar minha bochecha, cabelo preto caindo sobre seus olhos. Em vez de afastá-lo com ternura como a velha eu faria, aproveito a oportunidade e balanço meu punho, socando-o no rosto. “Foda-se!”

Hudson tropeça para trás, enxugando o lábio cortado. Meu peito aperta quando ele olha para mim, a paciência desmoronando. “Por que você continua lutando comigo?”

Quando ele tenta se aproximar novamente, eu chuto minha perna para fora para que ela se conecte com sua mandíbula. Ele cambaleia para trás e eu pulo para avançar, empurrando-o contra a estante. Ele geme e balança precariamente por um segundo antes de tombar. Livros, fotos e detritos voam por toda parte, caindo e machucando nós dois.

“Porque você tirou minha habilidade de lutar, maldito seja!” Eu grito de volta.

Continuamos a lutar e ambos acabam no chão, ofegantes,

rodeados de destruição. Antes que eu possa lançar outro ataque, Hudson se arrasta pelo chão e se lança sobre mim. Enquanto seu peso pressiona em mim, eu me contorço e grito.

“Volte para mim,” ele exige.

No minuto em que seus lábios pousam nos meus, algo dentro de mim cede. Ele estala e se dissolve quando meus lábios se separam, reagindo automaticamente à boca familiar contra a minha. Seu beijo é desesperado, sem remorso. Por um segundo eu me permito sentir alguma coisa, e então tudo vem de volta. Todos os motivos pelos quais esta é uma ideia terrível que só vai machucar nós dois. Quando recobro o juízo, mordo seu lábio até que ele grite e me solte.

“Você me mordeu, porra.” Hudson franze a testa.

“Você me beijou, porra,” eu respondo furiosamente.

Então seus lábios estão devorando os meus novamente, manchando o sangue entre nós enquanto o cobre dança em minha língua. Ele agarra as presilhas baratas da minha fantasia e as abre em um movimento rápido. Meu sutiã logo desaparece também, expondo meus seios nus. Hudson geme, sua boca queimando no meu pescoço e ao longo da minha clavícula, patinando cada vez mais perto de meus mamilos duros.

“Não se atreva,” eu protesto enquanto ele leva um em sua boca, os dentes provocando a pele macia. Prendo a respiração quando meus quadris se movem, incapaz de suprimir a reação. “Pare. Por favor pare.”

“Não,” responde Hudson simplesmente, beijando seu caminho para baixo da minha barriga lisa.

Desfazendo as presilhas restantes, ele expõe minha boceta coberta de algodão, fechando os olhos brevemente. Como se estivesse memorizando esse momento, incapaz de acreditar que é realmente real. Com uma mão prendendo meu braço, ele puxa o material para baixo, os dedos roçando meu clitóris latejante.

“Eu disse para parar...” Imploro inutilmente.

Os lábios de Hudson roçam minha boceta, a língua deslizando entre minhas dobras enquanto o prazer quente sobe pela minha espinha. Ele me fode com a boca, lambendo e chupando enquanto eu luto por cada respiração, protestos alojados em minha garganta. Quando seus dentes puxam minha protuberância sensível, eu grito contra as costas da minha mão.

“Paro?” Ele pergunta inocentemente, olhos diabólicos encontrando os meus.

“Sim,” eu espremo, mas não tenho certeza se estou discutindo ou concordando.

Ignorando-me, seus olhos se desviam para o meu vestido descartado e pousam no saquinho que eu tinha guardado dentro. “O que é isso?” Ele profere, estudando o pó restante.

Eu tento arrebatá-lo. “Isso não pertence a você!”

O olhar que Hudson me lança assustaria até um homem adulto. “Pensei ter interrompido aquela pequena sessão que você estava tendo na biblioteca. Como você pagou por isso, Brooke?”

Eu tento escapar, mas ele senta nas minhas pernas e me prende mais uma vez. Balançando a bolsa na minha frente como se fosse a porra da arma do crime e eu estivesse em julgamento.

“Eu perguntei, como você pagou por isso?” Seus dedos trilham para baixo e encontram minhas dobras pingando, brincando com minha fenda. “Com sua boceta apertada, ou essa sua boca doce?” Puta de merda.

“Não é da sua maldita conta,” eu respondo.

A raiva em seu rosto é tão familiar que sinto como se tivesse voltado no tempo. Com um lívido aceno de cabeça, ele enfia os dedos dentro e me estica bem. Eu suspiro, reagindo ao seu toque experiente. Sua outra mão coloca cuidadosamente uma linha de coca no meu estômago, descendo para encontrar meu umbigo.

“Você está agindo como uma vadia,” ele comenta cruelmente.

Meus dedos se fecham em seu cabelo rebelde e ele devora a linha, nariz provocando minha pele quente, gemendo de prazer quando as drogas batem.

“Aprendi com o melhor, seu babaca arrogante.”

Olhos arregalados cheios de ódio examinam meu rosto. “Você se lembra.”

Eu fico boquiaberta com ele enquanto ele beija meus quadris cheios de cicatrizes, os lábios encontrando meu calor úmido novamente. Estou chocada quando ele começa a despejar o restante da coca direto no meu clitóris, sorrindo para si mesmo.

“No entanto, você parece ter esquecido quem é o dono da sua bunda.”

Minhas costas arqueiam, corpo iluminado com a estimulação das drogas misturadas com meus sucos. Eu puxo seu cabelo com força e ele cheira o pó direto da minha boceta, lambendo o resto com aquela língua perfeita. O desejo torce em meu âmag, um desejo traiçoeiro que ele não merece.

“Como nos bons velhos tempos, hein, Blackbird?”

“Eu te odeio,” eu gemo, os joelhos tremendo enquanto o prazer aumenta.

O som de seu cinto fez meus olhos semicerrados se abrirem, o olhar pousando em sua cueca boxer. Hudson pega sua camiseta e a puxa pela cabeça, expondo músculos deliciosamente esculpidos e infinitos centímetros de tinta preta em sua pele. As tatuagens são novas, mas não tenho tempo para estudá-las enquanto ele se prepara para me amarrar.

“Você não tem permissão para terminar ainda. Não até que você responda à minha pergunta.”

Meu pé se conecta com seu peito nu e eu o chuto para longe, agarrando meu vestido. “Eu não quero nada de você. Não mais.”

Assim que me levanto, me preparando para escapar, uma mão se

enrosca em meu cabelo comprido. Sem pedir desculpas, Hudson me puxa de volta, arrancando meu cabelo como costumava fazer, o bastardo.

“Merda difícil. Você não pode ir embora.” Hudson puxa meu couro cabeludo novamente e lágrimas queimam meus olhos, sua mão apertando minha garganta. “Não vou te perder de novo.”

“Você... foi... embora,” eu sufoco.

Andando de costas até minhas pernas baterem na cama, nós afundamos no colchão. Seu pau duro balança contra mim através de sua cueca, roçando minha fenda encharcada. Hudson aproveita a oportunidade para deslizar o cinto em volta dos meus pulsos e rapidamente prendê-lo em sua cama, muito suavemente para ser a primeira vez que ele fez isso.

“Perfeito. Você sempre parecia melhor quando estava à minha mercê.”

Puxo a tira de couro, tentando soltar meus pulsos, mas não adianta. Ele me prendeu completamente. Quando sua cabeça pressiona contra a parte interna da minha coxa, meus quadris se movem involuntariamente em busca de mais fricção. Não importa o quão alto minha cabeça esteja me dizendo para gritar, meu corpo está me traindo.

“Você não me deixou escolha a não ser ir embora,” ele murmura, a boca deslizando sobre meu torso até que ele esteja posicionado acima de mim, em uma posição de controle total. A mão de Hudson agarra minha garganta novamente, apertando impossivelmente forte e apenas me oferecendo lascas de ar.

“Você é minha porra,” ele afirma possessivamente.

“Você não é meu dono. Você nunca foi.”

“Isso é uma maldita mentira e você sabe disso. Deixe-me lembrá-la.”

Seu pau acaricia minhas dobras sem entrar, provocando a abertura escorregadia e me deixando louca. Mão apertando ainda

mais, meus pulmões queimam com a falta de oxigênio e eu me contorço embaixo dele, ainda lutando desesperadamente para escapar. Qualquer coisa para acabar com a tortura doentia e familiar.

“Algo a dizer, Brooke?”

Os dentes de Hudson arranham minha orelha, a explosão de dor atravessando-me enquanto ele morde. O calor se acumula em meu núcleo, apesar dos meus protestos internos e raiva furiosa. Quando ele solta minha garganta apenas o suficiente para eu responder, eu respiro desesperadamente o precioso ar.

“Apenas... covardes... correm,” eu gaguejo.

Hudson se afasta para olhar para mim e eu dou uma cabeçada nele com tanta força que meus dentes batem. Finalmente, minhas mãos se soltam do cinto e empurro seu corpo musculoso para longe de mim, saboreando seu grito de dor. Eu fujo da cama, com a intenção de sair pelo caminho do covarde e correr eu mesmo.

“Você está fodidamente desequilibrado,” eu retruco.

Dando uma última olhada em Hudson, a visão dele transforma meu plano em fumaça. Afundado contra os travesseiros, com o olhar mais culpado e envergonhado, Hudson simplesmente balança a cabeça e esfrega a cabeça dolorida.

“Fui um covarde. Pelo que vale a pena,” seus olhos se fecham em frustração. “Eu nunca deveria ter ido embora. Não importa o quanto você me empurrou para longe. Ir embora foi o maior erro da minha vida.”

Aqueles orbes oceânicos se abrem rapidamente, perfurando meu crânio com a intensidade de seu olhar. Ele parece tão quebrado, totalmente devastado.

“Blackbird... eu sinto muito.”

A névoa da droga se dissipa enquanto nos estudamos como espécimes estrangeiros, presos em uma bolha de arrependimento malicioso e purulento. Tanto sofrimento mútuo e ódio pulsando entre nós, mas há um fio de outra coisa. Eu não consigo nomeá-lo. Perdão

não, porra, eu não sou tão estúpida. Mas outra coisa.

“Você sente muito?”

Hudson engole em seco. Acena. Silenciosamente me implora com os olhos. Ele é a porra de um monstro... assim como eu. Eu não posso resistir a sua escuridão.

Em segundos, os papéis são invertidos e eu subo em cima dele, montando em seu corpo generosamente tatuado com confiança. Ele grunhe em estado de choque, mas não faz nenhuma reclamação quando coloco meus lábios nos dele, movida por uma necessidade silenciosa. Necessidade pura e frenética de simplesmente ser possuída por alguém novamente, aquele vazio em meu peito exigindo alívio.

“Eu não te perdoo, porra,” eu rosno, alinhando seu pau com a minha entrada.

“Não esperava que você fizesse isso.”

Os olhos de Hudson reviram quando eu afundo sobre ele. Ele enche minha boceta tão profundamente que tenho que morder o lábio para segurar o gemido. Começo a me mover, montando-o em um ritmo rápido que me deixa pronta para desmoronar em poucos minutos. Nada gentil ou terno sobre isso. Suas mãos estão apertadas em meus quadris, guiando nosso impulso.

Somos como dois cacos de vidro partidos, quebrados e espalhados além do reparo. À medida que as peças se misturam, você não pode dizer qual pedaço veio de onde. Isso nem importa mais. Você só é uma bagunça sem valor, mas ainda é insubstituível.

Hudson está muito quebrado para qualquer outra pessoa. Estou muito quebrada para qualquer outra pessoa. Eu o odeio, mas há uma parte infernal do meu cérebro que ainda está viciada. Precisamos um do outro, não há como negar essa verdade feia.

“Goze para mim, baby,” ele ordena.

Minha liberação atinge o ápice, inundando meu corpo com calor e sensação. Hudson aproveita o breve adiamento para ganhar vantagem, virando-me e pressionando meu rosto no travesseiro. Ele

puxa minha bunda para o alto e mergulha seu pau de volta. Eu grito, saboreando a dor de sua palma na minha bunda.

“É isso, aceite seu castigo como a cadela imunda que você é,” ele incita. “Da próxima vez que você decidir perder o controle e ter uma alta, espero ser convidado para o passeio.”

Hudson me fode com força e raiva por trás, as unhas cravando dolorosamente em minhas costas. Um dedo longo e fino se estende ao redor e trilha provocativamente sobre meu clitóris, umedecendo-o antes de encontrar minha bunda. O dedo desliza para dentro e eu grito no travesseiro, saboreando a intrusão.

Hudson me bate outra vez, sacudindo o dedo enterrado no fundo da minha bunda. “Você sempre gostou disso sujo. Sua buceta é minha, não importa o que você diga. Não se esqueça desse fato nunca mais ou haverá um inferno a pagar.”

Sua velocidade aumenta, os movimentos ficando selvagens enquanto o calor gira dentro de mim como um trem de carga, indo direto para a destruição. Quando sua mão volta para minha garganta, ele corta meus gritos. É tudo demais e logo desmorono, superestimulada enquanto Hudson rouba o orgasmo de mim.

“Diga a porra do meu nome,” ele ordena. “Diga.”

“Hudson,” eu gemo, incapaz de me conter.

Ele grita rudemente e a liberação quente se espalha por mim não muito tempo depois. Nós desmoronamos ao mesmo tempo, corpos suados caindo e pernas emaranhadas. Respiro fundo, sem energia para afastá-lo. Hudson enfia o cabelo atrás da minha orelha e traça meus lábios rachados, gentil demais para minha sanidade.

“Pare de olhar para mim desse jeito,” eu sussurro.

Ele roça seus lábios nos meus suavemente. “Não posso.”

Quando tento me mover e desalojar seu corpo, ele solta um bufo, me pressionando contra os lençóis. “Não vá. Por favor, Blackbird, não me deixe.”

Dedos leves como pluma roçam meu braço, provocando as saliências e cicatrizes sólidas. Ele circula as queimaduras de cigarro incrivelmente óbvias por um momento, parando para analisá-las, antes de seus dedos se entrelaçarem com os meus. Apesar de tudo, não tenho forças para me afastar.

“Eu tenho que ir.” Eu suspiro, parecendo relutante de uma forma completamente estranha.

Hudson agarra o edredom e o puxa, cobrindo nossos corpos nus e emaranhados. Seus braços fortemente tatuados me envolvem e me puxam para perto, até que minha bochecha descansa contra seu peito firme.

“Pela primeira vez... apenas esqueça. Por uma noite, fique comigo,” ele murmura.

Não há mais nada dentro de mim para lutar. Milhões de razões pelas quais eu deveria sair, mas nenhuma importa. A sensação de sua pele e o cheiro dolorosamente familiar corrói meu controle, até que estou passando minha perna sobre a dele e me enrolando perto.

“Uma noite. Isso é tudo que você está recebendo,” eu resmungo.

“Eu vou levar.”

Trinta e dois

Kade

The Kill by Thirty Seconds To Mars

Eu bato meu pé impaciente enquanto Phoenix pega sua jaqueta, tentando alisar seu cabelo azul elétrico no espelho. Eli está ao meu lado, igualmente indiferente, mas mantendo seu silêncio constante.

“Cara, vamos. Caso contrário, vamos perder o café da manhã.”

“Indo, porra. Estou cansado,” ele resmunga. “É domingo, ninguém deveria estar acordado tão cedo.”

“Foi você quem se ofereceu para ficar e ajudar a limpar depois da festa ontem à noite,” eu indico.

Ele veste uma jaqueta jeans desbotada. “Não pensei bem.”

Nós nos amontoamos no corredor, todos esfregando os olhos e bocejando. Duvido que alguém tenha dormido bem depois da briga com Brooklyn, depois da qual ela desapareceu. Caminhando até a porta de Hudson, bato na madeira.

“Hud, tire sua bunda da cama. Precisamos conversar.”

Não há resposta. Eu sei que ele está acordado, eu posso ouvir o barulho revelador e o farfalhar de roupas dentro do quarto. Ele precisa se envolver nessa conversa, então bato de novo, me preparando para entrar quando ele finalmente abre a porta.

“O que?” Ele resmunga, puxando seu moletom com uma mão.

Phoenix cai cansadamente contra o batente da porta. “Comida. O ditador Kade está nos arrastando para uma reunião familiar.” Ele me lança um olhar exasperado e desgastado.

“Precisamos conversar sobre Brooklyn,” afirmo simplesmente.

Hudson passa a mão pela cabeça de sua cama selvagem, os olhos abaixando timidamente. Ele dá um passo adiante no corredor e fecha

a porta atrás de si, baixando a voz. “Olhe, agora não é um bom momento e, francamente, não há nada para falar. Ela é uma menina crescida.”

“Você a encontrou ontem à noite? Colocou algum juízo nela?”

Phoenix bufa. “Ok, certo. Ela não vai ouvir ninguém, muito menos ele.”

O som de alguém vomitando e uma descarga ecoa de dentro de seu quarto, todos os nossos olhos se arregalando. Phoenix sorri, muito divertido.

“Sabia que você não ficaria longe de Britt por muito tempo. Parece que estamos interrompendo o deleite matinal de Hud, rapazes,” ele provoca.

Espio desconfiado ao virar da esquina, mas Hudson bloqueia minha visão. Eu sabia que contar a ele sobre o processo judicial era um erro, só não achei que isso o faria voltar correndo para aquela vadia tóxica. Estou prestes a dar um sermão nele quando a porta se abre totalmente. Acho que todos os nossos queixos caem em uníssono.

“Oh, merda,” Brooklyn exclama.

Ela está lá com a camiseta de Hudson e nada mais. Eu posso ver a curva de seus seios através do material, caindo baixo o suficiente para cobrir sua bunda enquanto deixa suas pernas deliciosas à mostra. Hudson olha para mim, claramente tentando comunicar algo. Nós três permanecemos em silêncio, totalmente confusos com a visão dela, parecendo significativamente pior, dentro do quarto de Hudson.

Eli é o primeiro a reagir, simplesmente se virando e se afastando. Nem uma única palavra, mas seus passos são pesados com aborrecimento. Brooklyn o observa partir com pesar, a dor fechando seus olhos. Sinto Phoenix se mover ao meu lado, se endireitando e cruzando os braços fortes sobre o peito.

“Eu vejo. Bem, isso é aconchegante,” ele comenta sarcasticamente.

Brooklyn estreita os olhos para ele. “Colocar algum sentido em

mim? É por isso que você o enviou atrás de mim? Maduro pra caralho. Não discutimos esse assunto ontem à noite?”

Eu forço um sorriso controlado, tentando nivelar com sua bunda teimosa. “Estávamos preocupados com você, só isso. Você vem para o café da manhã para que todos possamos conversar?”

Rindo baixinho, Brooklyn pega seus pertences e passa direto por nós três, voltando para seu quarto. Eu lanço um olhar indiferente para Hudson e sigo atrás dela.

“Espere, apenas me ouça. Nós só queremos ajudar,” eu chamo.

“Me deixe em paz. Como eu disse, não quero nem preciso da sua ajuda.”

“Mas você vai transar feliz com nosso amigo?” Phoenix retruca.

Ela gira, lançando-lhe um olhar furioso. Estou prestes a tentar acalmar a situação quando Phoenix agarra seu pulso e a puxa para perto, os dedos levantando seu queixo.

“Você está jogando um jogo perigoso aqui, Foguete. Não comece algo que você não vai terminar. Hudson não é o único envolvido aqui.”

Ela dá um tapa na mão dele, zombando incrédula. “Desde quando é da sua conta com quem eu transo?” Seus lábios se abriram em um sorriso lento e torcido. “Você está com ciúmes?”

Phoenix enfrenta seu desafio, encolhendo os ombros com indiferença. “Você pediu por isso. Todas as apostas estão encerradas.”

O que exatamente isso significa? Ela está destruindo nosso grupo e amando cada segundo disso. Tenho que intervir e acabar com isso antes que seja tarde demais e o dano seja irreversível. Não podemos ser desfeitos por uma garota ferrada com moral zero.

Agarrando o braço de Phoenix, eu o afasto. “Deixe-a. Estamos indo.”

Brooklyn nos observa enquanto voltamos pelo corredor, deixando um Hudson seminu para retornar ao seu quarto. Sua porta

bate quando chegamos às escadas, e eu finalmente libero Phoenix.

“Que diabos, cara?”

“Eu estava te fazendo um favor.” Eu dou de ombros.

“Não se meta. Ela dormiu com Eli e Hudson, e você está bem com isso? Seriamente?” Ele joga as mãos para cima com raiva. “Não posso simplesmente ignorar meus sentimentos.”

Phoenix sai furioso, me abandonando e voltando para o nosso quarto. Sou deixado sozinho na escada, totalmente frustrado e inseguro de como chegamos a esse ponto. Estamos brigando como crianças por uma porra de uma garota, uma zé-ninguém que entrou aqui como se fosse a dona do lugar e não dá a mínima em nos machucar.

Eu não posso perdê-los.

Nenhum de nós sobreviverá sozinho neste lugar.

Desde o primeiro dia, estou encarregado de nos manter juntos, então é isso que vou fazer. Ela não é a única que pode jogar sujo. Meus próximos movimentos vão nos juntar ou quebrar, mas não vejo nenhuma outra opção. Alguém tem que entrar e resolver essa bagunça.

Eu marcho de volta pelo corredor e entro em seu quarto sem nem mesmo bater, grato por ela ter deixado a porta destrancada. Brooklyn está encostada na parede, cabeça baixa e respiração pesada. Assim que ela olha para cima e começa a protestar, eu a agarro pelos ombros e a giro, prendendo seu corpo contra a parede.

“Você deixou eu e meus melhores amigos em um embate,” eu rosno para ela, me surpreendendo com a agressividade em minha voz. “Minha família significa tudo para mim e me recuso a perdê-la por sua causa.”

Ela dá um gritinho de surpresa quando a prendo contra o concreto.

“É tudo ou nada, amor. Você não pode nos colocar um contra o

outro.”

Não consigo me segurar, finalmente fazendo o que tenho sonhado há semanas. Pressionando meus lábios nos dela, toco sua bochecha e ataco sua boca. Ela tem um gosto foddidamente doce, seus lábios macios derretendo contra os meus como se me pertencessem. Eu entrelaço meus dedos em seu cabelo emaranhado e me perco no beijo, nossas línguas se acariciando, respiração se misturando, corpos se esfregando um contra o outro.

Todos os meus instintos estão me dizendo para manter esse acidente de carro o mais longe possível da minha família. Ela vai ser a morte de todos nós, mas quando eu pressiono meu pau dolorosamente duro em seu corpo e ouço aquele pequeno gemido ofegante, eu paro de me importar.

Brooklyn quebra o beijo frenético primeiro. “Kade, eu não posso...”

“Pare de ferrar com a gente. Você está brincando com fogo e não quero ver ninguém se queimar.” Afastando-me de seu corpo trêmulo e carente, levanto uma sobancelha. “Você está dentro ou você está fora. É simples assim. Escolha-nos ou vá embora e não olhe para trás.”

“Escolhe-lo?” Ela repete.

“Não, todos nós. Desde o dia em que lhe dei as boas-vindas neste lugar, tentei trazê-la para o redil. Você lutou comigo o tempo todo, fodendo com meus amigos pelas minhas costas.”

Seu olhar cai em algo que parece vergonha, mas eu inclino sua cabeça para trás. “Não somos uma família de sangue, mas de necessidade. Você não pode escolher favoritos ou nos colocar uns contra os outros. Todos nós nos importamos com você.”

“Eu não entendo,” ela murmura.

“Deixe-me simplificar para você então. Sou um cara legal, mas quando alguém ameaça aqueles de quem gosto, posso ser seu pior pesadelo. Ou se recomponha e se junte ao grupo, ou saia de perto de todos nós. Chega de brincadeiras infantis de merda.”

É a única coisa que consigo pensar em fazer. Ela não pode escolher, vai matar todos nós de ciúmes. De qualquer forma, a verdade é que não quero que ela escolha. Todos nós precisamos dela, de maneiras diferentes. Ela é a peça que faltava no quebra-cabeça.

Os olhos cinza de aço de Brooklyn perfuram os meus, todas as besteiras arrancadas, deixando-a aberta e vulnerável. Ela lambe os lábios, selecionando cuidadosamente as próximas palavras. “E se eu não merecer vocês? E se vocês estivessem melhor sem mim aqui?”

“Besteira,” eu falo. “Cada um de nós tem problemas de alguma forma. Por que diabos você acha que estamos aqui?” Meu joelho desliza entre suas pernas, abrindo-as. Eu arrasto meus lábios sobre sua pele macia, meu coração disparando.

“Phoenix é um viciado que se tornou traficante e que vendeu sua alma para sustentar sua família. Você ainda não o viu em um episódio maníaco, mas acredite em mim, não é bonito. Depois, há Hudson, o idiota de cabeça quente que não consegue passar um único dia sem bater em alguém ou foder para lidar com sua culpa. Eli é uma alma silenciosa e torturada, tão traumatizada por seu passado que não consegue olhar para um fósforo sem desmoronar e se cortar. Ele não fala desde que era criança.”

Eu escovo meus lábios sobre os dela, mais gentil desta vez, persuadindo sua obediência.

“Você sabe até onde meus demônios alcançam. Eu sou um maníaco por controle que não pode deixar de pegar causas perdidas para tentar consertar, não importa o quão patético e desesperado por amor isso me torne. Então, você vê...” Eu pressiono minha testa na dela, o peito apertado de emoção. “Nenhum de nós é perfeito, mas você não precisa ser para ocupar espaço no mundo. Além disso, nenhum de nós sairá se não protegermos uns aos outros. Estou lhe oferecendo a chance de pertencer. “

Dou um passo para trás, deixando o corpo de Brooklyn cair contra a parede. Suas bochechas estão molhadas quando ela olha para mim, o rosto quebrado e perturbado de uma forma que nunca consigo

consertar. Mas vou dar o meu melhor, porque ela é como eu. Freneticamente pisando na água na esperança de que alguém suba e a tire do inferno.

Vou salvar essa vadia teimosa mesmo que seja a última coisa que eu faça. Eu espero. Assisto. Espero e oro. Quando ela levanta o queixo com determinação, a esperança floresce em meu peito. Brooklyn acena com a cabeça uma vez. É apertado e forçado, mas um maldito aceno de cabeça em concordância.

“Vista-se,” eu ordeno imediatamente, sem trair meu alívio. “Desça para o café da manhã, depois vamos para a biblioteca estudar. Você vai passar no exame na próxima semana. Vamos, mova-se. Você tem cinco minutos.”

Eu saio do quarto dela, batendo a porta atrás de mim enquanto faço meu caminho até os outros, com a intenção de arrastar suas bundas para baixo também. Vou manter esta família unida, de uma forma ou de outra. Se Brooklyn quer foder com meus caras, então não haverá nenhum tratamento especial.

Somos uma família do caralho, e as famílias compartilham.

Trinta e três

Brooklyn

The Hills by The Weeknd

“Acabou o tempo! Papéis no final da sua mesa.”

Termino de rabiscar minhas palavras finais e empilho os papéis, deslizando-os para Phoenix. Ele sorri para mim e os coloca na beira da nossa mesa, onde Crawley prontamente os recolhe. Eli já terminou há muito tempo, braços cruzados enquanto olha fixamente para fora da janela, claramente perdido em pensamentos.

“Como foi?” Phoenix pergunta.

“Tudo bem. As aulas particulares de Kade na semana passada ajudaram, eu acho.”

“Tenho certeza que você acertou em cheio.” Ele bate no meu ombro com uma piscadela, despenteando meu cabelo loiro de brincadeira. “Vamos, vamos sair daqui. É hora de comemorar.”

Nós juntamos nossas bolsas e nos preparamos para ir, os dois caras me imprensando entre eles. Phoenix casualmente passa o braço em volta dos meus ombros e Eli agarra minha mão, nenhum dos dois dizendo uma palavra sobre me tocar casualmente em público. Minhas bochechas queimam quando passamos por vários pacientes olhando fixamente, e eu reprimo meu constrangimento.

Não tenho ideia do que os dois estão jogando, mas não vou reclamar. Desde que Kade aparentemente teve uma 'conversa' com eles no domingo passado, após o humilhante incidente com Hudson, as coisas têm sido diferentes.

“Onde vamos encontrar os outros dois?”

Phoenix e Eli trocam olhares enquanto descemos as escadas, avançando lentamente no meio da multidão de pacientes saindo de suas aulas da tarde. “Eles têm uma reunião ou algo assim, somos só

nós por enquanto. Acho que eles vão se juntar a nós depois.”

Eu dou de ombros, ajustando a bolsa pesada no meu ombro. “Claro, tanto faz. Eu sei como quero comemorar.” Sorrindo docemente para Phoenix, dou-lhe uma piscadela acalorada. “Você tem me prometido jogar aquele seu jogo a semana toda. Hora de pagar.”

Ele bufa, claramente esperando que eu diga algo totalmente diferente. “Eu vejo. Tudo bem, videogame. Mas não chore quando eu bater na sua bunda.”

Nós voltamos para os dormitórios para escapar do frio, indo direto para o quarto compartilhado de Phoenix e Kade. Uma vez lá dentro, largo minha pesada mochila cheia de livros e me jogo na cama bem arrumada. O cheiro de Kade imediatamente invade meu nariz, hortelã-pimenta e loção pós-barba cara agarrados a seus lençóis macios.

Phoenix tira o casaco e tênis, sorrindo enquanto seus olhos viajam sobre mim esparramado na cama. “Vou carregar o jogo. Eli, você separa os lanches.”

Enquanto os dois meninos se preparam para nosso entretenimento noturno, pressiono sutilmente o nariz no travesseiro e respiro profundamente, fechando os olhos. As palavras ásperas de Kade voltaram para mim na semana passada, tendo me atormentado desde então. Estou lhe oferecendo uma chance de pertencer.

Isto está errado. Estou fingindo que me encaixo aqui, que aceito sua oferta, quando na verdade minha necessidade desesperada de autodestruição está crescendo a cada dia. Eu deveria afastá-los e quebrar seus corações, pelo menos isso ofereceria a eles alguma proteção contra a dor inevitável.

“Ei, Brooke, mexa sua bunda e venha aqui.”

Vou embora, mas ainda não. Deixe-me fingir só mais um pouco. Empurrando a escuridão para o fundo da minha mente, eu me viro para Phoenix, que colocou dois pufes na frente de sua tela grande. Ele dá um tapinha no local ao lado dele e eu balanço minha cabeça para

limpar a névoa, tentando não pensar muito profundamente.

Tomando meu lugar, ele me passa um controle e começa a carregar o jogo. Posso ouvir Eli mexendo em sua mini geladeira enquanto volta com salgadinhos, espalhando sacos de salgadinhos e doces.

“O que temos, doze anos?” Eu aponto para os alimentos compulsivos.

Eli me oferece um encolher de ombros enquanto silenciosamente me cutuca para me aproximar de Phoenix. Ele está ainda mais isolado do que o normal por um tempo agora, e eu desejo perguntar o que está acontecendo em sua cabecinha bagunçada. Infelizmente, é uma ladeira escorregadia e preciso manter minhas próprias cartas perto do peito.

Logo estou presa entre os dois, minha respiração falhando enquanto os idiotas ardilosos me apertam impossivelmente. Não tenho certeza de qual é o plano aqui, mas tenho certeza de que existe um.

“Quer tornar isso interessante?” Phoenix sorri.

“O que você está pensando?”

“Melhor de três?”

Eu dou de ombros, examinando os botões no controlador elegante. “Difícilmente parece justo, nunca joguei. Além disso, você provavelmente vai trapacear.

Ele ri, sua perna roçando a minha provocativamente. “Palavra de escoteiro! Prometo que não vou trapacear. Inferno, Eli pode até mesmo ajudá-la. Não sou nada além de um cavalheiro.”

Ok, certo.

Eu perco o primeiro jogo em minutos, minha cabecinha pixelada estourada em pedaços enquanto Phoenix grita em vitória. Eli o ignora completamente e puxa minha manga, abrindo bem as pernas com uma sobrelance erguida. À medida que o próximo jogo carrega, eu pulo em seu colo e relaxo contra seu corpo.

“Comporte-se,” censuro, sentindo seus lábios contra minha orelha.

Braços magros, mas musculosos, envolvem meu tronco, e ele segura o controle sobre minhas próprias mãos. Com a ajuda dele, derrotei Phoenix facilmente no round seguinte e ele ficou de cara feia, resmungando baixinho sobre trapaça.

Eu sorrio para ele. “É melhor de três. Você ainda pode ganhar.”

“Que comecem os jogos.”

Os lábios de Eli descem pelo meu pescoço, fazendo com que um arrepio percorra meu corpo enquanto nos preparamos para o jogo final. Eu me mexo em seu colo, minha bunda esfregando contra a protuberância que endurece rapidamente em seu jeans rasgado. Quando seus dentes beliscam minha pele, um suspiro escapa de meus lábios, fazendo Phoenix nos lançar um olhar acalorado.

“Pare de me distrair,” eu reclamo.

A mão sobressalente de Eli roça suavemente meus seios e eu pulo um pouco, morrendo imediatamente na tela. Phoenix aplaude e acena o controle sobre sua cabeça. O sorriso satisfeito que ele me dá é tão presunçoso que quase quero desistir do nosso acordo só para acabar com ele.

“Quem é o trapaceiro agora?” Eu aponto meu dedo para Eli atrás de mim, arrastando seus dedos para cima e para baixo no meu braço em um ritmo provocador. “Não é justo usá-lo. Isso é falta de espírito esportivo.”

“Funcionou, não foi?” Comemora Phoenix.

Saindo do colo de Eli bufando, pego um saco de batatas fritas e me coloco de volta na cama de Kade. Ambos os caras me observam como falcões, o ar de repente pesado com a tensão sexual. Apesar do impasse entre nós durante toda a semana após meu pequeno deslize com Hudson, suas intenções ainda estão longe de ser honrosas.

“Então a pergunta é: o que você quer como prêmio?”

Eu coloco uma batata frita na boca e observo enquanto eles conversam silenciosamente, aparentemente chegando a uma decisão sem pronunciar uma única palavra. Meu pulso está acelerado, mas não deixo transparecer minha empolgação. Eles não são os únicos que podem jogar.

“Jogue verdade ou desafio conosco,” afirma Phoenix, relaxando no pufe.

Eu balanço minha cabeça, mastigando um bocado de batata salgada. “Vocês realmente são crianças crescidas, não são? Não somos adolescentes em uma festa do pijama.”

“Tecnicamente, eu ainda tenho dezenove anos, então é isso. Você realmente não tem muita escolha, os vencedores escolhem.” Phoenix me olha com um sorriso, muito satisfeito consigo mesmo.

Eu caio de costas, acenando com a mão para ele começar. “Tudo bem. Eu escolho a verdade.”

“Vamos começar simples. Bebida favorita?”

“Tequila.”

“Comida?”

“Sushi.”

Phoenix ri. “Seriamente? Essa merda de peixe?”

“O que? É bom. Havia um sushi bar em frente à lanchonete onde eu costumava trabalhar.” Eu dou de ombros, jogando o saco meio vazio de lado. “De qualquer forma, são duas. Minha vez.”

Ele espera enquanto eu vasculho meu cérebro, a curiosidade queimando. Há muitas perguntas para fazer, então me contento com as mais urgentes. “O que Kade disse para você na semana passada?”

Quase não espero que ele responda, mas Phoenix não me decepiona. “Que você pode dormir com quem quiser e não é da nossa conta.”

“E o que você disse?”

Phoenix balança o dedo para mim. “Não, essa foi sua chance.”

“Ugh, tudo bem. Eli?” Faço uma pausa, imaginando como exatamente fazer isso. “Desafio?”

Ele acena com a cabeça simplesmente, e eu não posso evitar o sorriso que aparece em meu rosto. Rolando para o lado e apoiando minha cabeça, tenho o ponto de vista perfeito para observá-los. “Eu te desafio a beijar Phoenix. Sem meias medidas também, eu quero me divertir.”

Nenhum dos dois hesita, magnetizados para o outro em segundos. A química entre eles é elétrica quando Eli agarra um punhado do cabelo azul meia-noite de Phoenix, puxando seu rosto para mais perto e posicionando seu corpo.

“Assim?” Phoenix sorri enquanto os lábios de Eli provocam sua mandíbula, trabalhando até seus lábios carnudos e vulneráveis. Eu observo o beijo simples com a respiração suspensa, minhas coxas se fechando automaticamente. A visão deles se tocando me deixa tão fodidamente molhada.

“Muito bom,” eu respondo secamente. “Vamos, Eli, eu sei que você tem mais do que isso. Beije-o como se você quisesse e eu vou garantir que seus esforços não sejam em vão.”

Aqueles olhos verdes brilhantes se movem para mim, sobrancelhas levantadas em desafio. Antes que eu possa provocá-lo ainda mais, ele está montando em Phoenix e beijando-o com força suficiente para fazer minha boceta tremer. Phoenix segura os quadris estreitos de Eli e o beija de volta, suas línguas se entrelaçando e as mãos explorando uma à outra. No momento em que eles se separam, não consigo ficar parada por mais um momento.

“Foi do seu agrado, senhora?” Phoenix pergunta.

Ambos se viram para olhar para mim, olhares carregados de desejo reprimido e frustração, eu limpo minha garganta e aceno com a cabeça uma vez, não confiando em mim para falar. Ambos se acomodam no pufe juntos sem se separar. Meus olhos seguem a mão

de Phoenix quando ela pousa na coxa de Eli, perigosamente perto da protuberância entre suas pernas.

“Foguete, verdade ou desafio?”

“Desafio.” Eu sorrio.

Phoenix pensa por um segundo antes de balançar o dedo para que eu me aproxime. “Eli está se sentindo um pouco deprimido, por que você não vem animá-lo?”

Eu reviro meus olhos, meu batimento cardíaco de repente acelerando. Rastejando pela cama para me juntar a eles no chão, considero o pufe por um momento e me coloco em cima de ambos.

“Tem espaço para mais um?”

“Sempre.” Phoenix sorri.

Ele se desvencilha de Eli, permitindo que eu escorregue no meio. Eu encaro avidamente o fantasma de cabelos negros diante de mim, seu peito apertando e os lábios entreabertos. Meus dedos sobem por sua perna e abrem sua calça jeans, roçando provocativamente a pele de seu abdômen tanquinho.

“Assim?” Eu pergunto inocentemente.

Minha mão desliza para dentro da cueca de Eli e envolve o duro pau dentro dela, seu comprimento quente pulsando com a necessidade. Eu sinto Phoenix se mover atrás de mim, me empurrando de joelhos enquanto ele segura meu corpo entre eles.

“Você entendeu, baby.”

Libertando o pau de Eli, eu olho para ele através de meus cílios para consentimento, assim como ele fez comigo. O aceno brusco é tudo que preciso para envolver meus lábios ao redor da ponta, a língua patinando sobre sua pele aveludada. Eu balanço minha cabeça por um momento, me familiarizando antes de avidamente tomar o resto de seu comprimento. Os dedos mergulham no meu cabelo e me seguram com força enquanto seu pau atinge a parte de trás da minha garganta.

“Fodidamente linda,” Phoenix geme.

Chupando Eli, estou impotente para responder quando Phoenix agarra minha cintura e lentamente puxa meu próprio jeans para baixo. Minha bunda se ergue no ar e ele se mexe atrás de mim, puxando minha calcinha para baixo também. Uma necessidade latejante preenche meu corpo de uma só vez.

“Continue, Foguete. Você não tem permissão para parar.”

Eu viro minha cabeça e continuo trabalhando o pau de Eli entre meus lábios, uma mão espalhada em seu estômago e a outra descendo para segurar suas bolas. Por um segundo, juro que ouço Eli gemer alto, um ruído real escapando de sua boca.

Então a boca de Phoenix está entre minhas pernas, a língua espetando minha fenda. Eu suspiro ao redor de Eli, olhos lacrimejantes se fechando. Porra, isso é incrível. Seu piercing na língua é frio contra meus nervos sensíveis, aumentando cada sensação que pulsa através de mim. Quando ele beija nas costas, sua língua fazendo cócegas no músculo tenso ali, juro que vejo estrelas.

“Você já fez alguma vez...?” Phoenix pergunta.

Eu mexo minha bunda em resposta, esperando que ele possa sentir meu entusiasmo. Phoenix faz uma pausa por um momento e dá um tapa punitivo na minha bunda, seu polegar pressionando contra o meu cu. Eu não posso deixar de gemer, engasgando por um segundo no comprimento generoso de Eli enquanto ele continua a cavalgar minha boca.

Phoenix envolve sua mão em volta do meu rabo de cavalo solto, puxando minha cabeça para trás e deixando Eli desolado. Ele me prende em seu corpo por trás, as mãos rapidamente removendo minha camisa. Observo o tecido voar, seus dedos frios nas minhas costas enquanto meu sutiã desaparece em seguida.

“Beije esses seios perfeitos,” Phoenix ordena a Eli, sua mão ainda puxando meu cabelo.

Dentes e língua encontram meus seios, mordiscando os picos

sólidos. Eu mordo meu lábio, revirando os olhos de prazer enquanto Phoenix remove seu moletom. Sua mão pousa na parte inferior das minhas costas, me empurrando de volta para a posição perfeita de cachorrinho.

“Eli está sozinho, termine o trabalho,” ele ordena.

Eu coloco o pau de Eli de volta na minha boca, chupando com tudo que tenho enquanto Phoenix brinca com meu clitóris. No minuto em que seu membro duro roça minhas coxas, minha boceta tem espasmos de antecipação, pronta para finalmente tê-lo dentro de mim. Sua cabeça provoca minha abertura por um segundo, a excitação crescendo.

“Droga,” Phoenix geme enquanto entra em casa.

Se eu pudesse gritar, eu o faria. Eu movo meu corpo no ritmo das investidas poderosas de Phoenix, cada uma enviando ondas de choque através do meu núcleo. Eli fica tenso embaixo de mim, contraindo os quadris e provocando sua própria liberação. No minuto em que ele termina na minha boca, ele desmaia e Phoenix puxa para fora em um movimento de punição.

“Argh,” eu assobio, irritada com a retirada repentina. “Não me provoque, porra.”

“Cale a boca ou eu vou amordaçar você.”

Eli rapidamente ajuda seu amigo e envolve a mão em volta da minha garganta, cortando minha resposta sarcástica. Eu o encaro, lambendo meus lábios enquanto seus olhos se arregalam com a insinuação. Então Eli está me beijando, invadindo minha boca e me recompensando por meus esforços, apesar do fato de que eu estava engolindo sua semente segundos atrás.

“Droga, vocês dois,” Phoenix sussurra.

Suas unhas cavam em minhas nádegas enquanto ele se mexe novamente, seu pau rapidamente encontrando minha entrada por trás. Eu esqueço como respirar por um segundo, mesmo com Eli ainda me sufocando, e internamente me cumprimentando. É assim que eu

deveria estar passando minha última semana viva.

Phoenix esfrega minhas dobras molhadas novamente, reunindo umidade e transferindo-a para minha bunda. Eu o ouço lubrificando seu comprimento antes de pressionar contra o músculo tenso, gradualmente entrando centímetro por centímetro. Eli engole meus gritos com sua língua invasiva, permitindo-me um pouco de ar.

“Você é nossa, porra.”

Phoenix sibila enquanto empurra em mim, sua velocidade aumentando. Eu posso senti-lo girando, os movimentos ficando selvagens conforme ele repete a declaração como uma oração. “Você é de todos nós, porra.

Eli solta minha garganta e desliza as unhas pelo meu braço, os dedos pressionando contra as queimaduras de cigarro curadas que ele infligiu. Meu clímax bate através de mim com aquela explosão de dor, empurrando-me direto para a borda e despencando. Juro que o ouvi sussurrar algo, parecendo muito com *nossa*.

Phoenix machuca meus quadris com seu aperto e logo se desfaz, derramando-se em mim com um rugido. Seu corpo cai em cima de mim, e eu caio para frente, direto para os braços abertos de Eli. Todos nós caímos em uma pilha de cachorro emaranhado e ofegante, mal cabendo em um pufe juntos.

“Da próxima vez, vou amarrar você e nós dois vamos foder sua doce boceta,” Phoenix sussurra em meu ouvido, mordiscando o lóbulo. “Você gostaria disso? Nós dois dentro de você?”

Se eu ainda estiver viva então.

“Claro,” eu respondo em seu lugar. “Embora da próxima vez eu possa escolher a verdade, nunca se sabe.”

Ele bufa, conseguindo se levantar e me oferecendo uma mão. Caminhamos até o banheiro e nos lavamos separadamente, removendo todos os vestígios do caso sórdido que acabou de acontecer. Eu roubo uma camisa do guarda-roupa de Phoenix e a deslizo sobre meu corpo nu, abrindo mão de qualquer calcinha ou sutiã. A cama está me

chamando, onde Eli já está escondido sob as cobertas, os braços abertos e esperando por mim.

Nós três nos aconchegamos juntos, esticando o colchão até a ocupação máxima. Phoenix liga um filme e passa o braço em volta de nós dois, seus dedos brincando com os cachos de Eli. Segundos depois, o membro silencioso do nosso grupo adormece, aparentemente sucumbindo à exaustão.

“Phoenix?”

“Sim, baby?”

Eu olho para o olhar pacífico no rosto adormecido de Eli, onde ele geralmente parece tão torturado pelo mundo. “O que está acontecendo com ele?”

Phoenix fica confortável e puxa o cobertor mais apertado sobre nós, suas pernas fortes entrelaçadas com as minhas. “Você não pode dizer nada, mas ouvi dizer que o pai dele está doente. Câncer terminal.”

“Merda, isso é horrível.”

Sobrançelas levantadas, Phoenix lentamente balança a cabeça. “Não, não é. Quem você acha que causou essas queimaduras nele? O homem é um abusador de crianças e maluco religioso. Ele está morrendo na prisão enquanto falamos, acho que ele tem dias, na melhor das hipóteses.”

Acaricieei suavemente o ombro de Eli, tranquilizando-me com o suave subir e descer de seu peito. “Seu pai fez isso?”

“Quando ele tinha oito anos. Trancou-o no armário do pecado e colocou fogo na maldita coisa. Aparentemente, ele achava que Eli estava possuído por um demônio e costumava bater nele sempre que ele falava. Eventualmente, ele parou e não disse uma palavra desde então.”

A bile sobe na minha garganta e meus dedos se contorcem com a necessidade de bater em alguma coisa, estou tão furiosa. Ele literalmente tirou a voz de Eli, é doentio. Estou enojada, totalmente de

coração partido em nome de Eli. Ele era apenas uma criança e eles roubaram sua voz, antes de tentar roubar o resto dele também.

“Ele foi condenado?”

“Sim. Abuso de crianças, cárcere privado e tentativa de homicídio. Eli sobreviveu, obviamente. Passou anos entrando e saindo de hospitais antes de finalmente ser cortado. Kade diz que houve pelo menos cinco tentativas em seu arquivo, possivelmente mais. Ele não está livre desde então.”

Eu abraço o corpo de Eli ainda mais apertado, lágrimas furiosas enchendo meus olhos. Não adianta negar como me sinto, só de pensar em tudo que ele passou me deixa arrasada. Não é de admirar que ele não fale ou funcione normalmente, dependente de automutilação.

Ele me queimou... assim como ele foi queimado.

Ficamos em silêncio, a TV falando sozinha. Duvido que algum de nós esteja assistindo. Estou me afogando em culpa porque, na semana que vem, não tenho intenção de estar aqui. De uma forma ou de outra, vou deixar essas almas lindamente quebradas para trás. Esse é o acordo que fiz com o diabo na minha cabeça. Uma barganha com a escuridão que sussurra sem parar.

Você não tem permissão para viver. Mesmo que isso os mate.

Mesmo que eles queiram te seguir até o inferno.

Trinta e quatro

Hudson

Waiting Game by Banks

Eu afasto meu cabelo grosso e indisciplinado da minha testa, olhando para meus olhos cansados no espelho. Eles estão cheios de escuridão e mais fardos do que eu gostaria de admitir. Meu olhar pisca de volta para a cama, os lençóis amarrotados e bagunçados. Parecia muito melhor com Brooklyn na semana passada.

Maldição, o jeito que ela se desfez sob meu toque.

A memória está gravada em minha mente desde então. Cada beijo roubado e foda tarde da noite quando éramos crianças empalidece em comparação. Ela agiu como se não quisesse, mas no minuto em que toquei sua boceta pingando, eu soube a verdade. Ela está tão ligada ao passado quanto eu. Nenhum de nós mudou nos últimos cinco anos.

Não consigo parar de pensar nela. Cada dia que ela me ignora é uma tortura. Eu a odeio, odeio o quão impotente ela me faz sentir. Como se eu não passasse de um cachorrinho atrás dela, implorando por qualquer migalha de atenção. No entanto, todas as noites desde que ela esteve na minha cama, eu me masturbo com a memória e imagino maneiras de atraí-la de volta. Desculpas para falar com ela. Maneiras de entrar no quarto dela. Iniciar conversas e cenários em que poderíamos realmente ser bons um para o outro.

No entanto, toda vez venho de mãos vazias.

Tentando domar meu cabelo, me assusto quando Kade entra no quarto.

“Ei, você está pronto para ir? São quase quatro.”

“Desde quando você não bate?” Eu gemo.

“Desde que você parou de atender quando eu batia. Vamos,

vamos nos atrasar.”

Eu endireito o colarinho da camisa, puxando o tecido que ameaça me sufocar. Kade me olha de cima a baixo, me dando um sorriso. “Você parece bem. Mamãe ficará satisfeita.”

“Não posso acreditar que você está me obrigando a fazer isso.”

“Ela não vê você há mais de um ano. Com a tempestade legal vindo em nossa direção, o mínimo que você pode fazer é agir como se você se importasse,” ele critica, fazendo com que a culpa floresça em meu peito.

Eu o sigo, deixando meu telefone, mas pegando minha identidade. Não posso oferecer muita defesa, eu me comportei como um idiota de merda. À minha mãe adotiva e a muitos outros. Caminhamos até a recepção em um silêncio tenso, nenhum dos dois se preocupando em bater um papo.

Uma vez lá dentro, passamos por vários corredores bem iluminados, paredes forradas com arte que provavelmente custa mais do que todas as minhas mangas de tatuagem. Tudo fica limpo e arrumado à medida que nos aproximamos da área de visitação, com ainda mais requinte que os outros prédios. Como se a riqueza deste lugar não fosse clara o suficiente, eles precisam esfregá-la um pouco mais.

Em outra recepção cercada por igual grandeza, fazemos o check-in e escaneamos nossas identidades, um corpulento oficial de segurança nos prendendo. Ele nos revista e verifica se há contrabando oculto, qualquer coisa que possamos estar tentando tirar ou negociar com o visitante.

“Fora,” ele exige, colocando a mão sob meu queixo.

Eu cuspo o chiclete. “Tudo certo? Temos um lugar para estar.”

Mais alguns segundos de revista agressiva depois, finalmente temos permissão para entrar na sala. É como um restaurante, com mesas e Cadeiras espalhadas, refrescos disponíveis na escotilha e música de elevador tocando ao fundo. A única diferença são as janelas

gradeadas, forte presença de segurança e várias câmeras espalhadas.

“Sorria,” Kade ordena enquanto nos sentamos.

“Eu sou um adulto, eu sei como me comportar.”

“Você sabe? Isso é novidade para mim.”

Minha perna balança sob a mesa, traindo minha ansiedade enquanto esperamos nossa visitante aparecer. “Não precisa ser um idiota. Eu sei que você só está com ciúmes.”

Kade zomba incrédulo. “Do que exatamente?”

“Eu sou o único que a teve na minha cama.” Eu sorrio para ele, “E isso está deixando você louco. Não se preocupe mano, vou cuidar bem de Brooklyn.”

A risada que ele solta fere um pouco minha confiança, é tão cheia de humor e descrença. “Você realmente está delirando. Você acha que é o único?” Kade se vira em sua cadeira, dando-me toda a sua atenção. “Ela concordou em ficar por aqui, isso não significa que ela é toda sua. Os outros dois estão com ela agora fazendo Deus sabe o quê.”

Engulo o nó na garganta, recusando-me a considerar as possibilidades do que poderia estar acontecendo neste exato momento com a minha maldita garota. “E daí, estamos compartilhando-a agora? Como se ela fosse um pedaço de carne para passar entre nós?”

Kade se recosta na cadeira, balançando a cabeça. “Olha... não sei. Estamos cuidando uns dos outros, é isso. Você sabe que todos nos preocupamos com ela, é por isso que a trouxemos para o redil.” Ele hesita, inquieto nervosamente. “O resto é com ela.”

“Eu não compartilho,” eu rosno automaticamente. De jeito nenhum.

“Ela já está fodendo com Eli, Hud. Provavelmente Phoenix também. Você vai dizer não se ela vier até você?” Kade pergunta simplesmente. “Tudo o que me importa é tirar todos daqui vivos e começar do zero. Nada mais importa. Nós ficamos juntos.”

Eu hesito, sentindo uma breve flor de esperança que é rapidamente esmagada. Não quero perder os caras, e não posso começar a pensar em perder Brooklyn agora que a encontrei novamente. Mas dividi-la? Como diabos isso funcionaria? É insano para dizer o mínimo.

“Então você está feliz em transar com alguém que também está transando com seus melhores amigos?” Eu bufo.

“Você prefere perder tudo?” Kade estala. “Abra seus olhos. Nada sobre nossas vidas é normal ou razoável. Estou simplesmente propondo uma rota alternativa a seguir.”

Assim que vou atingi-lo com outro comentário sarcástico, a porta vibra e se abre. Nós dois nos levantamos e Janet entra, seus saltos altos estalando contra o chão. Ela não mudou no último ano desde a última vez que a vi, chorando no tribunal enquanto eu era escoltado para longe algemado.

Seu cabelo loiro perfeitamente penteado é salpicado de cinza, emoldurando olhos gentis e maquiagem perfeitamente aplicada. Ela ainda usa o medalhão de prata em volta do pescoço que Kade comprou em seu quinquagésimo aniversário, fotos de nós três incluído nele.

“Oh, Hudson... meu garoto,” ela grita.

Ajeito minha camisa quando Janet se aproxima, lágrimas prateadas já escorrendo por seu rosto. Ela corre para mim e me puxa para um abraço forte, seu pequeno corpo me segurando apertado, apesar do fato de que eu sou mais alto do que ela por pelo menos trinta centímetros.

“Oi, Janet,” consigo responder.

“Deixe-me dar uma olhada em você,” ela reclama, mexendo comigo. Suas mãos correm sobre meus ombros e cabelos, dedos beliscando minhas bochechas. “Você parece muito magro. Eles não estão alimentando você?”

“Estou bem...” Falo, afastando suas mãos.

“Não me venha com isso. Faz mais de um ano que não te vejo, meu jovem!”

Eu me encolho com a raiva em sua voz, afundando em meu assento. Ela puxa Kade para um abraço rápido, não demorando muito, pois o segurança só virá e os separará. Uma vez que estamos todos sentados, sua atenção está de volta em mim, estudando e analisando como seu filho faz.

Kade quebra o silêncio pesado. “Como foi a viagem?”

“Bem. Eu tive que deixar sua irmã em Warwick, ela disse olá. Seu pai está viajando a negócios, senão ele teria vindo.” Janet me oferece um pequeno sorriso. “Ele manda seu amor.”

Eu aceno com força. O pai de Kade é um homem bastante decente, mas não se compara a Janet. Ela foi quem realmente me trouxe para a família deles. Aturando todas as minhas merdas, pagando por tatuagens para me conquistar, basicamente fazendo o que fosse necessário para me fazer sentir bem-vindo.

“Seus estudos? Eles estão indo bem?” Ela me pergunta.

“Sim, tudo bem.” Eu dou de ombros com indiferença, tentando não sentir sua decepção palpável. O que mais ela espera? Este lugar não é um acampamento de verão. Não estou aqui por opção.

“Como estão os outros meninos? Phoenix e Eli?”

Kade une sua mão com a dela, lançando-me um olhar impaciente enquanto me esforço para encontrar palavras para oferecer. “Todos estão bem, mãe. Estamos todos nos mantendo ocupados.”

“Bom, bom. Ouça, não temos muito tempo.” Seus olhos se movem para mim, cheios de tristeza e arrependimento. “Eu sei que seu irmão o informou sobre o... pequeno problema que temos.”

“Sim, ele me disse.” Eu abaixo minha voz, forçando as palavras para fora, apesar da minha culpa sufocante. “Eu acho que eu deveria simplesmente confessar. Dizer-lhes a verdade.”

“Não!” Janet exclama, levando a mão à garganta. “Você não vai se colocar em risco assim. Por que você acha que estamos nessa situação?” Seus olhos disparam ao redor, verificando se ninguém está ouvindo. “Eu não podia ver você cair por algo que não era sua culpa.”

Pego sua outra mão quando ela a oferece, nós três conectados. Mais lágrimas escorrem por seu rosto envelhecido enquanto eu mordo meu lábio, lutando para manter minhas próprias emoções sob controle. Foi minha culpa, mas ela ainda não vê dessa forma.

“E agora?” Kade diz rispidamente.

“Estamos lançando desafios legais a torto e a direito, tentando desacreditar Stephanie. Alegar que ela está desequilibrada, não sabe o que está dizendo.” Janet acena para si mesma em segurança. “Isso nos dá algum tempo. Por enquanto, mantenha seus dois narizes limpos e de cabeça baixa. Vamos resolver alguma coisa.”

Seus olhos se conectam com os de Kade e ele assente, mas estou muito perdido em minha mente para questionar o olhar compartilhado entre eles. A menção do nome de Ma me faz voltar ao passado, para o poço negro de memórias que tentei expurgar da minha alma com pouco sucesso.

“Ela não está bem da cabeça, Hudson. Acusar o próprio filho... é repugnante. Ela não vai se safar disso, eu não vou permitir,” declara Janet, apertando minha mão com força.

“Mas é verdade, não é?” Eu respondo sem tom. “Eu fiz isso. Eu matei...”

“Pare,” ela interrompe rapidamente. “Não vamos passar por isso de novo. Eu me recuso a sentar aqui e deixar você se torturar.” Sua mão solta a minha e agarra meu queixo, forçando meus olhos a encontrar os dela. “Você é meu garoto, não daquela bruxa. Mantenha a cabeça no lugar e eu vou consertar essa bagunça.”

Eu a encaro de volta, a dor envolvendo meu coração. Apesar de tudo, de toda a merda que eu a fiz passar... Janet ainda me protege. Eu não mereço isso. Tudo o que posso pensar em fazer é me entregar,

acabar logo com isso. Ninguém mais deveria sofrer pelos meus erros.

“Vou manter minha boca fechada,” eu concordo com relutância, mas rapidamente desligo seu alívio. “Por enquanto. No minuto em que você ou qualquer outra pessoa estiver sob ameaça, acabou. Eu estou dizendo a verdade. Eu não me importo com o que eles fazem comigo, para onde eles me mandam.”

Eu aceno para mim mesmo decisivamente.

“Vou proteger minha família, custe o que custar.”

Todos nos agarramos um ao outro por um segundo, saboreando o contato até o cronômetro tocar. Janet pressiona um beijo rápido em nossas cabeças, os olhos brilhando com lágrimas enquanto ela coloca aquele sorriso forte de volta no lugar. “Eu estarei de volta com mais em breve. Kade, cuide de seu irmão e mantenha contato.”

“Sim, sempre. Tchau mamãe,” ele responde.

Ela se vira para mim, os olhos suavizando. “Você é um bom homem, Hudson. Não se esqueça disso. Nós todos te amamos muito.”

Enquanto ela sai, nós dois observamos em silêncio, parando por um segundo para nos recompor. Suas palavras permanecem em minha mente, por mais desagradáveis que me pareçam. Bom homem. Não estou nem perto da pessoa que ela pensa que sou. Nem mesmo em um bom dia. Mas vou tentar ser apenas pela chance de deixá-la orgulhosa.

“Vamos.” Kade limpa a garganta. “Vamos encontrar os outros.”

Ele assume o comando, verificando-nos e liderando o caminho enquanto eu ando entorpecido. Cada passo parece estar selando meu destino, o acordo de ficar sentado pesando sobre mim. Eu deveria ter recusado, exigido que ambos desistissem de mim.

“Pare com isso,” Kade ordena.

“Huh?”

“Pare de se preocupar. Você sabe como ela fica. De jeito nenhum você iria ganhar essa discussão.”

Examino minha identidade e nos deixo entrar nos dormitórios,

segurando a porta para Kade. “Sim, eu sei. Só gostaria que ela admitisse a derrota de vez em quando.”

“Ela se importa com você.” Ele dá de ombros, como se a explicação fosse simples. “Todos nós fazemos, mesmo quando você age como um idiota arrogante e obcecado por si mesmo.”

“Provavelmente a coisa mais legal que você já disse,” eu rio sombriamente, jogando suas próprias palavras de volta para ele. “Fodidamente te amo também, irmão.”

Voltamos para o quarto dele, entrando. O som de um filme passando vem do canto, a escuridão iluminada pela tela da TV. Levo um momento para encontrar a forma de corpos adormecidos amontoados na cama de Phoenix.

“Parece que perdemos a diversão,” comenta Kade.

Ele acende uma lâmpada, afugentando as sombras. Meus olhos pousam em Brooklyn, roncando levemente e enrolada em torno de Eli como um macaco-aranha.

“Legal da sua parte se juntar a nós,” Phoenix murmura debaixo das cobertas.

“O que você fez com eles?” Kade ri, sentando-se na cama em frente para tirar os sapatos. “Eles estão esgotados.”

“Nada, apenas confortável.” Ele sorri para mim.

Kade olha para os dois amigos roncando. “Então, eu vejo.”

Phoenix estende a mão, puxando as cobertas mais apertadas em volta de Brooklyn e gentilmente afastando o cabelo de Eli de seu rosto. “É bom vê-la descansando decentemente.”

Eu permaneço na porta, as mãos apertando e afrouxando em punhos. Apenas vê-lo tocá-la faz com que uma raiva quente corra em minhas veias, junto com a posse crua e a necessidade de esmurrar seu rosto presunçoso. Ela é a porra da minha garota. Eu deveria ser o único a cuidar dela.

“Você vai ficar aí a noite toda?” Kade pergunta.

“O que exatamente você sugere?” Eu observo. “Vocês todos parecem fodidamente confortáveis para mim.”

Phoenix revira os olhos, mantendo a voz baixa para não os acordar. “Desista, Hud. Você tem sido um pé no saco a semana toda. Você acha que ela não vê isso?” Ele olha para a bela adormecida a centímetros de distância. “Se você não for cuidadoso, você vai afastá-la completamente.”

Kade acena com a cabeça solenemente, levantando-se para pegar seu moletom e se trocar. “Tem cerveja escondida na telha solta. Apenas relaxe e assista ao filme antes que você tenha um aneurisma cerebral.”

Ele desaparece dentro do banheiro, deixando-me para pegar as mercadorias e me acomodar no chão, com as costas apoiadas na cama. Ignoro resolutamente as roupas espalhadas pelo chão, recusando-me a contemplar o que aconteceu enquanto estávamos em visita.

Ela concordou em ficar por aqui, não significa que ela é sua.

Foda-se Kade se é isso que ele pensa. Eu sei a verdade.

Estou perto o suficiente para ouvir respiração da minha Blackbird e me apego ao som exatamente como Mariam me ensinou, usando-o para me centrar. Brooklyn sempre foi minha âncora, mesmo nos anos desde que nos separamos. Sempre voltava para ela, a memória de sua pele macia e olhos penetrantes. A noite horrível que eventualmente nos separou.

Phoenix começa a mastigar lanches, aconchegando-se a ela e certificando-se de que estou observando. O idiota claramente tem um desejo de morte, vou hospitalizá-lo se ele continuar jogando.

“Toque-a novamente e não serei responsável pelo que acontecer,” eu aviso.

“Ela não é sua porra de propriedade. Além disso, ela não estava reclamando antes. Você não é o único que se importa com Brooklyn. Hora de encarar os fatos,” Phoenix responde presunçosamente.

O filme passa e meu corpo começa a relaxar com a cerveja, cada

gole acalmando minha raiva incessante. Eu consigo evitar quebrar as pernas do idiota de cabelo azul. Mesmo quando ele adormece e se junta à pilha de cães roncando na cama. Estou contando isso como uma vitória.

Ela ainda é minha, porra.

Trinta e cinco

Brooklyn

Crazy by Lowborn

Você já parou para pensar em como o passado te define?

A maioria das pessoas não. Eles apenas se livram disso e seguem em frente.

Eu nunca fui assim. Lembro-me de todos os eventos que me trouxeram até aqui. Golpe por golpe, lentamente destruindo minha sanidade, gradualmente aumentando o mosaico em expansão de minha mente frágil. Cada memória, segredo distorcido e pecado imundo.

Quando o relógio marca oito horas e a última semana da minha vida começa, eu olho para o teto em contemplação. É isso. O fim que esperei todo esse tempo. Por que a ideia de morrer dói tanto?

Eu me visto metodicamente, movimentos rígidos como um robô. Duas roupas estavam na minha cama. Uma para cada dia restante antes da hora do show. O conjunto final é minha camisa favorita e jeans que pretendo usar amanhã. Eu tenho um plano, o cinto de Phoenix foi roubado e está debaixo do meu colchão. Essa é a opção reserva se eu não conseguir roubar uma das lâminas de Eli. Eu sei exatamente onde ele as guarda.

Eu deveria ter vergonha de roubá-las para acabar com minha própria vida. Só vai torcer ainda mais a faca quando eu me for, mas nunca proclamei ser uma boa pessoa. Nem uma vez.

Eu coloco meus Docs e dou um sorriso enquanto contemplo o material rosa brilhante. Pena que eles não podem vir comigo. Vou ter a certeza de dispor de todos os meus segredos. Diário, fotos e quaisquer outros objetos pessoais. Não posso deixar os abutres bicando meu cadáver depois.

Deixando os dormitórios e atravessando o pátio, eu espio para garantir que nenhum dos caras esteja por perto. O jantar ontem à noite foi estranho, ninguém sabia bem o que dizer depois das travessuras da noite de sexta-feira e eu fugindo muito depois da meia-noite para me esconder deles.

Eli está ainda mais quebrado do que eu pensava. Eu não posso suportar a porra do pensamento de que só vou piorar essa dor, mas a dor de viver é muito mais pesada. Não há mais escolhas fáceis, apenas opções de merda e uma tonelada de culpa.

Fazendo check-in na recepção, espero ser escoltada até o escritório de Lazlo para minha injeção semanal. Os corredores parecem ainda mais sombrios hoje, gemidos sussurrados e gritos escapando por trás das inúmeras portas. Uma garçonete que reconheço do refeitório leva o carrinho de porta em porta, acompanhada de um guarda para destrancar as celas solitárias e introduzir uma bandeja.

Meus olhos pousam em um corpo esquelético branco fantasmagórico amarrado a uma cama dentro. Uma linha IV é anexada e alimentada com os fluidos necessários para suspender a vida. Seu cabelo é longo e desgrenhado, como se ele estivesse trancado longe da sociedade por muito tempo. Nossos olhos se encontram através da porta e eu rapidamente desvio o olhar, de repente com medo.

Serei eu se não der o fora daqui.

“Brooklyn! Bom dia,” Lazlo cumprimenta quando chegamos ao seu escritório, me apressando para dentro enquanto ele verifica seu relógio. “Nove e cinquenta. Você chegou cedo, estou impressionado. Mal pode esperar, hein?”

“O que você está fazendo com as pessoas aqui?” Eu sibilo para ele.

“Na solitária?”

Eu aceno com força, sentando-me rígida na minha cadeira habitual. Arrepios irrompem em minha pele quando ele pega a dose

da mini geladeira, líquido cristalino pingando na seringa. Lazlo olha atentamente, batendo no vidro para remover quaisquer bolhas de ar.

“Eles estão aqui por muitas razões, Brooklyn. Mau comportamento, violência, tentativas de suicídio. Só para citar alguns. Você mesmo passou duas semanas aqui ou esqueceu?”

Eu estremeço, lutando contra a nuvem escura de pavor. “Eu não esqueci. Mas está tudo... um pouco confuso.”

Lazlo se inclina sobre a mesa, com as pernas cruzadas e um sorriso largo. Eu contemplo seus cabelos grisalhos e óculos, emoldurando a mente de um homem que pensa que a punição é aceitável para aqueles mentalmente doentes. Malditos psiquiatras, nunca vou superar meu desdém por eles.

“Você estava muito mal. É por isso que está confuso,” ele responde simplesmente.

Isso é mentira, minha mente sussurra para mim. Ele está mentindo pra caramba.

Encolho-me na cadeira, fechando os olhos para afastar a voz. Aquela maldita agulha está vindo atrás de mim e estou com um medo irracional, ainda mais do que antes. O que mudou? Não estarei aqui para a injeção da semana que vem. Não importa o que ele coloca em mim.

“Que remédio estou tomando?”

A agulha desliza sob minha pele, um fluido gelado se espalhando rapidamente enquanto Lazlo observa minha reação. “Antipsicóticos experimentais, querida. Blackwood é uma instituição pioneira na comunidade psiquiátrica. Todos vocês estão promovendo o progresso da ciência. Isso não é bom?”

Lazlo volta a se sentar atrás da mesa, revirando meu arquivo pesado. Se eu pudesse descer aqui e queimá-lo em pedaços antes de partir. Um último adeus aos bastardos que atormentaram os últimos doze meses da minha vida. E o resto.

“Da última vez estávamos discutindo seus diagnósticos e você

mencionou sua família. Se importa se discutirmos isso um pouco mais?” Ele dá uma olhada em suas anotações rapidamente. “Sua mãe, especificamente.”

“Eu disse a você que não há nada para discutir,” eu retruco.

“É importante reconhecer o passado. Essas coisas não ficam quietas em suas caixinhas arrumadas. O que você anda carregando com você, Brooklyn?”

Luto.

Drogas.

Assalto.

Assassinato.

“Nada,” eu afirmo friamente.

“Quantos anos você tinha quando eles morreram? Dez?”

Eu aperto meus olhos fechados, pressionando meus dedos em minhas pálpebras até ver estrelas. Qualquer coisa para evitar os rostos familiares que nadam para a superfície, apesar de estarem profundamente enterrados e podres até o âmago. Minha ferida original, antiga, mas ainda tragicamente presente.

“Sua mãe era uma esquizofrênica paranoica,” ele insiste.

“Ela estava doente e amava seus filhos imaginários mais do que a mim,” eu deixo escapar, as mãos apertando o moletom macio de Eli para esconder o tremor. “Ela perdeu a cabeça e morreu, é isso.”

“O que faz você pensar que ela amava suas alucinações?”

Cruzo as pernas e engulo em seco.

“Você reconhece que ela estava doente,” aponta Lazlo, batendo com a caneta.

“Mas ela não resistiu. Ela simplesmente desistiu e foi consumida por sua insanidade. Isso é o que os tirou de mim,” eu engasgo, a voz vacilante. “Ela não queria viver, mas não podia nos deixar para trás.”

Vamos dar uma volta, Brooke. Você, eu e papai.

Uma boa e longa viagem juntos.

“Você está 'lutando', Brooklyn? Ao contrário dela?”

Lazlo olha para mim, calmo como tudo, enquanto sinto como se um tornado estivesse me despedaçando. O que dá a esse idiota o direito de me perguntar isso? Eu passei todos os malditos dias desde aquele acidente de carro lutando contra isso. Desde que minha mãe perdeu a batalha e tentou matar todos nós, apenas para apaziguar os monstros em sua mente.

“Sim,” murmuro, minhas bochechas em chamas. É uma merda de mentira.

Cansei de lutar. Absolutamente, indiscutivelmente feita.

“O que aconteceria se você simplesmente cedesse?” Lazlo pensa, o queixo apoiado nas mãos cruzadas. Ele inclina a cabeça, os olhos redondos muito grandes por trás dos óculos grossos.

“O que? Como assim?” Eu engulo.

“Você me diz. Qual é a pior coisa que poderia acontecer?”

Ele mantém sua caneta pronta para minha resposta.

“Nada. Eu apenas... desaparecerei. Como cinzas ao vento.”

“Hum. É quase fácil demais, não é?” Lazlo sorri para mim.

O medo passa por mim, não um medo irracional e sem sentido, mas um terror visceral. Aquele sentimento quando você sabe que algo está errado, sem nenhuma evidência ou suporte para explicar o porquê. Eu olho para a câmera piscando no canto, capturando nossa troca.

“O que você está fazendo?” Eu pergunto em uma voz pequena e tímida, soando totalmente diferente de mim. Ele está ficando sob minha pele, me desequilibrando.

“Apenas explorando seus processos de pensamento. Diga-me, como você faria isso?”

A câmera pisca. Lazlo olha. Gritos e choros distantes ecoam pela sala. Minha pele começa a coçar e eu puxo os joelhos contra o peito, buscando o conforto intrínseco como faria uma criança ameaçada.

“Não quero falar sobre isso.”

“Você tem medo de como isso faz você se sentir?”

Balanço a cabeça rapidamente, como se para forçá-lo a sair.
“Não, eu só... não.”

“Você não quer ver seus pais de novo?”

“Não,” eu choramingo, dentes rasgando a pele enquanto eu mordo meu lábio. “Eu não...”

“Não o quê?”

“Eu não quero morrer!” Eu grito, sentindo minhas lágrimas transbordarem. “Estou com muito medo e não quero morrer! Mas não tenho escolha, tenho que fazer o que eles mandam. Esse sempre foi o plano.”

Os dedos de Lazlo tamborilam na mesa metodicamente, prendendo meu olhar. Seu rosto parece completamente diferente para mim agora, o velho frágil foi substituído por um lobo em pele humana. Eu pisco, tentando dispersar a imagem, sombras subindo do canto da sala.

“Quem? As vozes?” Ele adivinha.

Eu engulo o caroço amargo na minha garganta. “Eu... eu não tenho certeza. Por que estamos falando sobre isso?”

“Porque hoje é 13 de novembro.”

A sala parece congelar ao meu redor, destacando-se da realidade e existindo em um mundo totalmente escuro próprio. Lazlo folheia os papéis, cantarolando baixinho. Quando ele seleciona uma fotografia brilhante e a desliza sobre a mesa, meu mundo implode.

O rosto de Victor me encara de volta.

Brilhante, feliz e vivo.

“Ele parece como você se lembra dele?”

“Por que você está fazendo isso?” Eu choramingo.

A foto parece me encarar, aqueles olhos pixelados arregalados e aterrorizantes. Quando consigo desviar o olhar, alguém está atrás de Lazlo. Escapou de seu espelho e sorri para mim, o sangue escorregadio se acumulando no carpete creme. Seus brancos perolados refletem uma luz cintilante, dedos se estendendo para apontar para mim.

Você vai se juntar a mim, Brooklyn.

Esperei um ano e seu tempo acabou.

Eu não posso evitar. Eu grito, pulando e tropeçando na mesa de café. Espalhada no chão, eu luto sobre minhas mãos e joelhos, freneticamente colocando distância entre mim e o fantasma sombrio que minha mente criou.

“Ele está aqui para você, Brooklyn.” Lazlo sorri para mim de forma encorajadora. “Todas as dívidas devem ser pagas no final. Hora de enfrentar o diabo e receber sua punição.”

“Por favor, me ajude,” eu imploro. “Não deixe que ele me machuque. P-Por favor.”

“Eu não posso te ajudar. Pessoas como você não podem ser curadas.”

O mundo está se fechando ao meu redor, a câmera piscando parecendo perfurar minha cabeça junto com o olhar intenso de Lazlo.

“Corra agora. O relógio está correndo,” acrescenta.

Luto contra a vontade de vomitar, confusão e medo reinando supremos dentro de mim. Reunindo juízo suficiente para encontrar meus pés e fugir da sala, os passos manchados de sangue de Vic me seguem ao longo do caminho.

Corro por corredores sinuosos, passando por guardas que fingem que eu não existo. Sou apenas um fantasma passando por esses corredores sórdidos, escondido da vista e protegido por minha insanidade. Estou viva? Isso é mesmo real? Soluços rasgam meu peito

e eu luto para permanecer presente, tão perto de me desassociar completamente para escapar do inferno iminente.

A terrível alucinação do meu demônio me segue até o andar de cima, até que estou explodindo na área da recepção e derrapando até parar. Eu tenho que esperar um momento, um ponto queimando meu torso e respirando completamente impossível. Verificando várias vezes para garantir que ninguém me seguiu, apoio minhas mãos nos joelhos e desabo.

Há algo de errado com este lugar.

Sadie estava certa. Coisas ruins acontecem aqui.

“Brooklyn? Você está bem?”

Alguém se agacha na minha frente e eu recuo, os punhos cerrados de forma protetora. Kade recua, as mãos levantadas como se para me firmar. Seus quentes olhos castanhos quase me acalmam, mas estou muito envolvida. Respirando além da salvação em qualquer cataclismo de morte que o aguarda.

“O que está errado? Aconteceu alguma coisa?”

“Lazlo,” eu ofego, lutando por cada suspiro.

“Sim... sua sessão começa em meia hora. Você está adiantada, na verdade.”

Meu cérebro ameaça implodir, dor atrás dos meus olhos e suor cobrindo minhas palmas. Sinto-me com os joelhos fracos, prestes a desmaiar, vomitar ou ambos. Kade apenas olha involuntariamente, analisando cada movimento meu, mas não encontra nada.

“Você está preocupada com a sessão? É isso?”

“Mas eu só...” Eu giro, encontrando-me do lado errado da sala, como se tivesse acabado de entrar pela porta em preparação para minha sessão. “Que horas são?”

Seus olhos se arregalam ainda mais, a ansiedade parecendo entrar em sua expressão. Kade tenta se aproximar, me forçando a dar um passo trêmulo para trás. Como se ele estivesse me rastreando, um

animal ferido pronto para ser sacrificado.

“São 9h30, Brooklyn.”

Ele não tem chance de me agarrar quando passo correndo, cada passo me levando cada vez mais longe deste pesadelo distorcido. Eu perco minha batalha com meu estômago e vomito violentamente uma vez do lado de fora, parando apenas para limpar minha boca antes de correr de volta para os dormitórios. Eu preciso ter uma porta trancada entre mim e o mundo agora, para que eu possa descobrir se estou enlouquecendo.

Ou se já estou morta e este é apenas o meu castigo no inferno.

Trinta e seis

Eli

Snuff by Slipknot

“A prisão cuidará dos preparativos do funeral,” a Srta. White me informa, mal me olhando. “Não há muito sobre uma propriedade, mas presumo que um advogado entrará em contato com o tempo. Alguma pergunta?”

Olho para o tapete, recusando-me a responder. Pela primeira vez, não há palavras mesquinhas para escapar. Não tenho nada a dizer, nem um único pensamento ou sabor em resposta à notícia repentina. Não demora muito para a cadela de coração frio me dispensar, pronta para cuidar de assuntos mais urgentes do que a morte inevitável de um velho bastardo doente.

Saindo do escritório da diretora o mais rápido possível, dobro cuidadosamente a carta que me foi entregue, tendo tempo para garantir que as bordas estejam retas antes de colocá-la no bolso. Suas últimas palavras ficarão comigo para sempre.

O envelope fica amassado em meu punho, papel em carne roxa, hematomas marcando meus dedos por socar a parede. Gentilmente, com mais autocontrole do que sinto, dou passos cuidadosos de volta à recepção. Kade espera por mim, estudando meu rosto.

“É isso...?” Ele para.

Eu aceno uma vez. Acabou. Ele está morto.

Eu sobrevivi ao diabo, mais uma vez.

“Sinto muito, Eli. Não consigo imaginar como você deve se sentir.”

Suas palavras pesam em minha mente, com um gosto totalmente desagradável e fútil. Como a água da louça lavada girando em um buraco de bujão, detritos e restos espalhados em um vórtice de

resíduos.

“Você tem Mariam agora, certo? Talvez ela ajude?” Kade tenta esperançosamente.

Eu não respondo. Nem mesmo um olhar. Não há como descrever como me sinto sobre a morte do meu pai.

“Olha, estamos aqui para você. Ok?”

Minhas mãos se apoiam na mesa e consigo encontrar seus olhos. Kade se encolhe, como se estivesse com medo de que eu fosse atacá-lo ou algo assim. Eu desvio o olhar, vergonha quente inundando cada nervo. Não é culpa dele, ele apenas pegou todas as causas perdidas e não tem esperança de nos consertar.

“Por acaso você viu Brooklyn no caminho? Correndo?”

Balançando a cabeça, eu rolo meus ombros até eles relaxarem. A menção do Brooklyn nem arranha a superfície, estou muito acomodado em minha dor confusa para ouvir suas palavras. Kade apenas suspira, clicando em seu computador enquanto o guarda vem me escutar até Mariam.

Eu não olho para ele novamente.

Não suporto a decepção e a falta de esperança que encontrarei lá.

De volta ao escritório de Mariam, ela começa com algumas condolências medíocres, oferecendo-me espaço para falar sobre ele. Eu recuso, meus lábios franzidos e olhos duros retratando minha recusa. Mesmo se eu pudesse falar, não há nada a dizer. Nada pode tornar isso melhor.

Mariam continua falando sem parar sem prestar atenção em mim. As palavras simplesmente passam pela minha cabeça como sempre. Passei meses suportando essa terapia inútil destinada a 'curar' meu mutismo. Que piada. Algumas pessoas simplesmente não são curáveis, isso é fato. Estamos muito fodidos para sermos curados.

“O céu é azul. Sim ou não?”

Mariam me observa com expectativa, seu sorriso é uma pobre tentativa de conforto. O sabor vil e ácido do leite estragado pesa na minha língua, denotando o medo puxando minha pele. Ele se mistura com minhas emoções voláteis. Como ele ousa morrer e escapar de sua punição mais cedo. Enquanto isso, continuo preso, o verdadeiro prisioneiro nessa situação complicada.

“Use suas cartas, Eli. Vamos, nós podemos fazer isso.”

Eu relutantemente estudo os dois pedaços de papel, as palavras *sim e não* impressas em letras grandes. Todo o meu corpo estremece enquanto os alfinetes e agulhas se espalham, a ansiedade pulsando em cada nervo. Levo quase um minuto inteiro para encontrar coragem para levantar o cartão *sim*.

“Excelente. Bom trabalho.”

Eu me encolho internamente com seu reforço inútil, o falso entusiasmo apenas aumentando a tempestade que se forma sob a superfície. Ele costumava ser entusiasmado também, aquela patética desculpa de pai. Batendo em mim e me matando de fome por prazer, tudo em nome de expurgar um demônio que não existia.

“Próxima pergunta... amanhã é terça-feira.”

Eu estudo a parede atrás dela, observando chamas em minha mente que não existem.

“Dê uma chance. Há um crédito de comissário em jogo.”

Minha mão treme quando cutuco o cartão não, forçando-me a apaziguá-la. Quanto mais cedo ela desistir, mais cedo poderei escapar. Encontrar um canto tranquilo para me isolar, sozinho desta vez. Não quero nenhuma testemunha desse colapso iminente. Especialmente ela.

“Que tal me contar você mesmo? Você pode fazer isso?”

Puta persistente do caralho. Ela ainda não entendeu, mesmo depois de todo esse tempo. Mariam acha que posso ser tratado e voltarei a falar com terapia suficiente. Ela não entende, porra. Não é que eu não saiba falar. Eu escolho não falar.

Palavras só trazem punição. Dor. Punhos e sangue. Fogo e cinzas. Foi isso que ele me ensinou. Fique quieto ou então você pagará o preço. Vou segurar minha língua pelo resto da minha vida antes de me sujeitar a essa forma específica de mal novamente. Eu tenho as cicatrizes para provar isso.

Minha clavícula estala quando inclino a cabeça, lembrando-me da fratura que selou meus lábios para sempre. O taco de beisebol acertando meu corpinho enquanto eu engolia os gritos, seu sermão de dor me torturando sem parar. Qualquer som só teria resultado em mais punição. Eu sabia disso muito bem, mesmo quando criança.

“Tente isto... meu nome é Elijah. Sim ou não?”

Estremeço, o nome estalando como um chicote na minha pele. Mariam tenta outro sorriso, sempre bancando a mãe amorosa que eu nunca tive. Olhando para o tapete grosso e ignorando-a resolutamente, mais lembranças invadem minha mente sobrecarregada.

A expectativa e a esperança têm sabor de fruta madura. Doce, mas sublinhado com algo podre. Em última análise, decepcionante quando me recuso a ceder. Estou preso em um maldito ciclo vicioso. O silêncio gera minha sinestesia, sentidos tensos por causa de todas as palavras presas dentro de mim. No entanto, quanto mais sobrecarregada minha mente fica, menos consigo me comunicar.

Não posso escapar do inferno perpétuo.

Não como ele fez. Ele está livre agora.

“Olha, Eli. Você sabe que eu quero te ajudar. Estou apenas lutando para ver qualquer rota que leve ao progresso. Você não terá permissão para voltar à comunidade até mostrar sinais de melhora. Você não quer ir para casa?”

Eu não tenho uma casa.

Não desde que queimou até o chão.

“Me diga o que você acha.” Mariam suspira, tentando encontrar alguma esperança nessa situação. “Dê-me algo para trabalhar.”

Sentindo-me cada vez mais zangado, viro a carta negativa para ela. Ela olha fixamente, as mãos entrelaçadas e os lábios franzidos. Estamos ambos frustrados, sem paciência.

“Bem, pedi a um colega para consultar seu caso. Talvez alguma terapia baseada em trauma seja benéfica. É claro que isso não está funcionando. Como isso soa?”

Eu estudo o lustre de cristal pendurado no teto. Imagino isso desabando e me esmagando. O vidro cortando minha jugular e o sangue escorrendo livremente. Metal perfurando meu peito e perfurando meu coração. Qualquer coisa para acabar com a temporada de desespero que é a minha vida.

“Eu entrarei em contato para os detalhes. Por favor, pense sobre o que eu disse. Você precisa começar a se envolver, ou temo que Blackwood possa ser considerado inadequado para você. Você será enviado de volta para Clearview sem oportunidade de sair. Esta é a sua última chance.”

Gelo envolve meu coração, dedos frios de morte e miséria. Não aquele lugar, não vou sobreviver de novo. Especialmente sem ela lá. Minha garota problemática com seus olhos escuros e assombrados. Aceito a dispensa de Mariam e saio correndo, olhando para a câmera piscando acima da porta.

Blackwood, Clearview.

É tudo a mesma coisa.

Pessoas como eu nascem para morrer. Falhas geradas desde a nossa primeira respiração. Eu nunca sobreviveria do lado de fora. Entrei e saí de instituições desde que ganhei minhas cicatrizes, tanto que esqueci como é ter livre arbítrio. Para experimentar a normalidade. Respirar sem ser observado. Ter aspirações, sonhos, esperança.

Começo a ir para a aula, mas, em vez disso, paro no pátio chuvoso. Eu não posso enfrentá-los. Phoenix, Brooklyn. As pessoas que realmente se importam comigo e veem por baixo dos muros que

construí. As paredes que ele me forçou a criar. Eu preciso expulsar a energia escura girando em meu peito. Eu preciso ser punido porque eu não deveria estar vivo. Que tipo de piada cruel é essa que estou preso aqui e meu maldito agressor está em paz na morte?

Eu vejo Brooklyn em minha mente. Enrolada entre nós, o rosto frouxo e relaxado. Confiando. Abaixando a guarda impossivelmente alta apenas o tempo suficiente para eu entrar sorrateiramente. Nunca poderei dizer a ela como me sinto. Nem agora, nem nunca. Os outros vão fazê-la rir, dizer que a amam, zombar de seu rosto rabugento e respostas atrevidas.

Eu sempre serei o estranho. O nanico da matilha. O pedaço de merda sem valor que meu pai maluco me fez. Quando tudo estiver dito e feito, eu serei o único deixado para trás neste lugar. Hudson e Kade irão primeiro. Então Phoenix, Brooklyn e todos os outros filhos da puta que jogam bem suas cartas.

Eu estarei sozinho. Sempre sozinho.

Eu deveria ter morrido naquele incêndio.

Você nasceu quebrado, Elijah.

Cale sua boca profana ou não vou colocar comida nela por mais uma semana.

Sua voz é alta e terrível em meus ouvidos, junto com o crepitar das chamas. Muito arraigado para eu remover, não importa o quanto eu tente. Ele está sempre lá. Tropeçando cegamente na chuva da tarde, meus pés me guiam até o campo de futebol.

Não estou pensando direito, meu único pensamento é me punir, como me ensinaram. Ele não está aqui para fazer isso, mas eu sei o que fazer. Eli mau merece ser punido por seus pecados. Os atletas estão chutando uma bola e brincando na grama molhada exatamente como eu sabia que eles estariam.

“Saia do campo, aberração!”

“Foda-se antes de fazermos você sair.”

“Veio para levar uma surra?”

“Olha rapazes, é o sociopata residente.”

Os insultos voam, cortando minha pele tanto quanto qualquer lâmina de barbear. Não sei o que estou fazendo. Nem me importo. Depois de todos esses meses, estou enterrado sob a montanha do meu fracasso. Deixar Brooklyn chegar perto o suficiente para me importar só me machucou ainda mais. É um lembrete constante do que me falta, um futuro roubado de mim antes mesmo de saber o que significava.

Meu punho atinge uma mandíbula, não sei de quem. A provocação não deixa de ser contestada, exatamente como planejei. Os idiotas circulam, me prendendo. Aproveitando o ponto cego do CCTV, os escárnios e risadas aumentam a adrenalina inundando meu corpo.

Fodidamente me machuquem, eu quero gritar na cara deles.

“Você tem um desejo de morte, seu psicopata!”

Eu me permito um sorriso doentio enquanto os muitos socos acertam, cortando a pele e esmagando os ossos. A dor explode em todas as direções e eu caio no chão, levando a surra de bom grado. Eu poderia rir, é tão bom. Uma agonia linda e agriçoce. O sangue escorre pela minha garganta e eu tusso, cuspidando glóbulos vermelhos.

“Vamos rapazes, vamos deixá-lo.”

Eles começam a recuar, mas não é o suficiente. Minha mente ainda vibra com energia frenética e destrutiva. Eu tenho que liberá-lo, a necessidade desesperada está me corroendo de dentro para fora. Mão procurando ao redor, meus dedos se agarram a uma pedra. Eu a jogo com minha força restante e observo enquanto ela voa na parte de trás da cabeça de alguém.

“Ai! Droga, esse idiota está viajando. Seu estúpido de merda.”

Cercado novamente, eu pisco através do sangue enquanto eles puxam minha perna em um ângulo estranho, puxando-a apenas para a direita. Algo estala, estilhaçando o osso e enviando uma onda de náusea através de mim. Mas ainda não faço um som. Mesmo quando

eles quebram a porra da minha perna e qualquer ar restante escapa dos meus pulmões. Ele me treinou bem, quieto é bom. Sagrado. Puro.

“Fique abaixado ou vamos quebrar a outra também.”

Forçando meus olhos a abrir, avisto Rio parado atrás de seus capangas, observando com diversão. Para sempre o líder, protegido por seu privilégio. Ele simboliza o mal no centro de Blackwood.

Levando um chute final em minhas costelas, eu me curvo como uma criança, finalmente saciado quando o tsunami de dor oprime meu corpo ensanguentado. Por fim, o alívio vem. Como um rato de laboratório treinado, estou viciado na dor. Meus atacantes riem de mim e vão embora sem olhar duas vezes.

Tenho vergonha de chamá-lo de meu filho, Elijah.

Você tem o diabo dentro.

Mas não se preocupe, eu vou tirá-lo.

Vamos chamar de batismo de fogo, hein garoto?

Eu olho para o céu raivoso enquanto minha consciência finalmente desaparece, junto com o sussurro constante de pesadelos em minha cabeça. Ninguém está procurando por mim ou mesmo se importa. Na verdade. Eu sou dispensável. Estou fodidamente grato porque tudo que quero é ficar aqui, quebrado e espancado, até que minha bunda seja finalmente autorizada a deixar este mundo para trás.

Algumas pessoas deixam espaços vazios onde costumavam estar. Eu já estou vazio. Eu não existo.

A chuva cai, nuvens pesadas trovejam sobre meu corpo quebrado, as gotas caindo lentamente ficando vermelhas ao meu redor. Um halo de morte circunda meus restos profanados.

Trinta e sete

Phoenix

Blood Sport by Sleep Token

O som de zumbidos e vozes me desperta, uma dor desconfortável imediatamente vindo à tona. Eu me estico, os membros rígidos por ter passado a noite enrolado na merda da área de espera da ala médica. Os outros parecem igualmente exaustos, Kade descansando em uma poltrona e o corpo imponente de Hudson estendido em várias cadeiras.

Estou com tanta raiva que poderia matar com minhas próprias mãos.

Quem atacou Eli ontem... eles o deixaram lá para morrer. Sozinho, espancado até quase morrer, com a porra da perna quebrada. Não foi até a aula de ginástica da tarde que ele foi achado. Só de pensar nele deitado ali, completamente abandonado pelo mundo, me dá vontade de riscar um fósforo e queimar todo o instituto.

Vou descobrir quem fez isso.

Então eu vou matá-los por isso. Lentamente.

“Merda...” Kade amaldiçoa, esticando os braços para o alto. “Qualquer coisa?”

Balanço a cabeça, olhando para o corredor onde ficam as salas de tratamento. “Nada. Por que está demorando tanto? Por que eles não nos deixam entrar?”

“Procedimento padrão,” Kade rosna, ficando de pé. “Embora eu seja seu contato de emergência, eles ainda não me deixaram entrar ontem. É ridículo pra caralho.”

Ele rapidamente chuta uma cadeira com raiva incomum, o estrondo acordando Hudson.

“Você é o contato de emergência dele?” Eu franzo a testa.

Kade cai de volta na poltrona e encolhe os ombros, olhando para o teto branco. “Ele não tem mais ninguém. Somos só nós. Eu coloquei meu nome no dia em que o acolhemos.”

Se há uma coisa sobre Kade que eu mais admiro, é sua determinação em consertar todo o maldito mundo. E vou te dizer uma coisa, vai ser a morte dele um dia.

“Apenas se acalme, eles vão nos deixar entrar eventualmente,” afirma Hudson grogue.

Kade olha para ele. “Não me diga para me acalmar. Cansei de estar calmo.”

As coisas estão definitivamente fodidas se Hudson for a voz da razão. Cada um de nós fica em silêncio, sentado neste maldito corredor vazio que cheira a alvejante e produtos de limpeza. A cabeça de Kade cai em suas mãos e Hudson lentamente acorda, gemendo sobre suas dores.

Nós nos recusamos a sair ontem à noite. Ninguém queria ir para casa sem ver Eli primeiro. Somos uma família e assumimos a culpa mútua pela recaída de Eli. Mesmo que isso fosse acontecer de novo mais cedo ou mais tarde. Ele nunca está longe de outra implosão, cada uma pior que a anterior. Desta vez, ele poderia ter morrido.

O pensamento me faz querer gritar.

“Alguém falou com Brooklyn?”

Kade e Hudson balançam a cabeça. Tudo aconteceu tão rápido que tínhamos esquecido completamente o diabo andando em pele cicatrizada que nos envolveu em seu maldito dedo sem nem perceber.

“Ela deveria estar aqui,” murmuro.

“Isso só vai aborrecê-la. Deixe para avisá-la quando soubermos mais.”

“Ela provavelmente já ouviu. Todo o instituto provavelmente já sabe.”

Ficamos em silêncio, nenhum de nós falando novamente até que a porta de entrada se abre e o Dr. Andrew entra, sacudindo a chuva de seu guarda-chuva. Ele dá uma olhada em nós, amarrotados e mal-humorados depois de doze horas nesta área de espera esquecida por Deus, e revira os olhos.

“Vocês ainda estão aqui?”

Kade fica de pé, alisando a camisa amassada e o cabelo rebelde. “Nós dissemos a você que não vamos embora até que o vejamos.”

O doutor Andrew deposita seu casaco úmido e resmunga baixinho, prendendo os vários apetrechos médicos de sua bolsa. “Este não é um maldito hotel. Vocês não deveriam estar aqui.”

“Deixe-nos entrar e depois iremos,” eu contesto.

Ele se vira para mim, ainda carrancudo, antes de reconhecer Hudson com um leve aceno de cabeça. O doutor Andrew consertou Hudson em várias ocasiões, e esta não é a primeira noite que passamos teimosamente esperando por uma atualização. Todos nos levantamos quando ele finalmente se aproximou, suspirando de frustração.

“Apenas um visitante. Você tem dez minutos, seja breve.”

“Você está brincando?” Olho para o corredor branco perolado. “Todos nós precisamos vê-lo.”

“Bem, vocês todos têm que esperar,” ele repreende. “Eli está com uma concussão e temos que levá-lo para mais radiografias às oito horas para a perna. Faça a sua escolha e o resto de vocês vão para casa.”

Ele aponta para a saída e Hudson imediatamente coloca o braço em volta dos meus ombros, baixando a voz. “Vamos cara, vamos deixar Kade com isso. Voltaremos mais tarde.”

“Mas eu sou...”

“Contato de emergência?” Kade sibila.

Melhor amigo, idiota. Eu sou a porra do melhor amigo dele.

“Você realmente vai agir assim?” Eu pergunto a ele furiosamente.

Kade apenas olha para trás em resposta como se eu fosse o irracional.

“Certo.” Engulo minha raiva, tentando me concentrar em Eli. “Apenas certifique-se de que ele está sendo cuidado.”

Hudson e eu saímos a contragosto, indo para o refeitório. Nós dois estamos com um péssimo humor. Eu quero voltar lá e socar as luzes de Kade por ser um idiota presunçoso, mas aparentemente é rude socar seus supostos amigos. Quem diabos sabia?

“Pare de ranger os dentes,” Hudson grita para mim.

“Diga ao seu irmão para tirar a cabeça do rabo e eu o farei.”

“Como se ele fosse me ouvir.”

Pegamos um pouco de comida e caminhamos para nossa mesa de sempre, ignorando resolutamente os olhares lançados em nossa direção. A notícia do que aconteceu está claramente circulando e a tensão está crescendo. Quando um dos capangas de Rio pergunta presunçosamente como Eli está, tenho que arrastar Hudson fisicamente para longe antes que ele nos jogue na solitária.

“Eles fizeram isso, porra,” ele protesta, lutando enquanto eu o sento.

“Eu ouvi,” eu resmungo, lutando contra minha própria necessidade de violência. “Mas seja esperto sobre isso, não podemos ajudar ninguém se formos presos. Agora não é hora nem lugar para isso.”

Suas mãos se fecham sob a mesa, mal controlando sua raiva. Observamos o grupo amontado de idiotas sussurrando e trocando piadas, cada risada servindo para aumentar a tensão entre nós. Pior de tudo, aquele bastardo nojento do Rio apenas olha, garantindo que saibamos exatamente quem orquestrou o espancamento de Eli.

“Vou quebrar a porra de todas as pernas deles,” Hudson rosna.

“Você não pode levar todos eles.”

“Quer apostar? Vou arrancar suas malditas cabeças uma a uma pelo que fizeram.”

“E pousar sua bunda de volta na solitária?” Eu indico, mordendo uma maçã.

“Quem se importa? Valeria a pena pela satisfação.”

Eu lancei um olhar para a segurança iminente em cada porta. Sempre observando com seus olhos escuros e redondos. Catalogando cada movimento e palavra proferida sem alertar ninguém.

“Um dia eles vão parar de deixar você sair daquele lugar,” murmuro.

“Eles não vão me deixar sair daqui, ponto final. Deixe isso para trás.”

Terminamos rápido e despejamos nossas bandejas, certificando-nos de passar direto pelos idiotas arrogantes com nossas cabeças erguidas. Eu acompanho Hudson para a aula e verifico meu telefone, não encontrando nada de Kade. É melhor aquele idiota pelo menos nos atualizar depois da merda que ele fez lá atrás.

Quando chego à sala de aula de história, chego tarde demais para entrar despercebido e, em vez disso, espio pela porta, encontrando nossa mesa de sempre deserta. Nenhuma Brooklyn à vista. A ansiedade imediatamente me ataca enquanto olho para o lugar vazio, meu estômago revirando. Onde ela está?

Eu tento me lembrar da última vez que vi Brooklyn, percebendo com horror que foi no domingo à noite no refeitório, dois dias atrás. Kade a viu brevemente ontem e mencionou que algo parecia errado, mas fomos rapidamente arrastados para o drama e tudo mudou muito rápido. Malditos idiotas. Temendo pela saúde de Eli, nós a deixamos sozinha. E se ela ouvisse e estivesse procurando por nós?

Nós estragamos tudo.

Eu começo a correr para voltar aos dormitórios. Uma vez lá

dentro, subo os degraus de dois em dois para chegar à porta do Brooklyn. Sacudindo a maçaneta trancada, pressiono meu ouvido contra a madeira, me esforçando para ouvir, mas não há nada vindo de dentro. A sensação ruim em minhas entranhas gira em espiral. Parece completamente irracional, mas algo está errado. Eu só sei disso.

“O que diabos você está fazendo?”

Eu giro, esperança desesperada florescendo, mas é rapidamente substituída por decepção com o que encontro. Britt fica parada franzindo a testa, com as mãos nos quadris estreitos como se fosse a dona do lugar. “Procurando sua namorada psicopata?”

“É da sua conta?” Eu estalo.

“Onde está Hudson?” Ela inclina o queixo para cima, os olhos se desviando para a porta próxima. “Eu estive esperando por ele, precisamos conversar. É importante.”

“Deixe Hudson em paz, ele não quer ver você.”

Britt se aproxima, zombando de mim. “O que exatamente você vê nela? Ela deve ter a boceta mais apertada da Inglaterra para deixar vocês quatro enlouquecidos.”

Minha raiva crescente aumenta e eu a agarro pelo pescoço, empurrando-a contra a porta de Brooklyn. Seus olhos se arregalam e eu rio, inclinando-me perto o suficiente para ver seus olhos tingidos de amarelo.

“Ela não é um saco de pele e ossos, para começar. Eu me pergunto quanto tempo levará até que seu coração simplesmente desista.” Eu a examino com desgosto, meus dedos brincando com seu cabelo quebradiço. “Você não é nada, porra. Você entendeu? Nada.”

Lágrimas gloriosas brotam de seus olhos e eu me inclino ainda mais para perto, meu nariz roçando sua garganta vulnerável. Quase posso sentir o cheiro do medo dela. “Continue morrendo de fome e você vai desmoronar em cinzas, onde você pertence,” eu sussurro em seu ouvido.

“Você não estava dizendo isso quando me fodeu no mês passado,” ela cospe, puxando o cabelo da minha mão. “Pensei que vocês, meninos, fossem todos da família e essas merdas. Imagino o que Hudson vai pensar sobre você trepar com a garota dele. Ou melhor ainda,” um sorriso tortuoso ilumina seu rosto enquanto ela pisca para mim, “sua preciosa Brooklyn. “

Ninguém ameaça meu Foguete e sai impune. Britt tenta escapar, mas eu aperto mais forte, flexionando orgulhosamente enquanto ela luta para respirar. Eu a prendi completamente contra a porta, incapaz de fugir do meu sorriso ameaçador.

“Você se atreve a dizer a eles. Eu vou arruinar você. Entendeu?”

“Não se preocupe, Nix. Nosso segredinho, certo? Isso é o que você disse,” ela engasga.

Cravo minhas unhas em sua pele, arreganhando os dentes quando ela se encolhe. “Isso mesmo, querida. Eu sou a porra do monstro debaixo da cama. Seu pior pesadelo literal se você começar a jogar.”

Eu finalmente a libero, observando enquanto ela se vira e foge, soluços quebrados ecoando seus passos. Não acredito que fui estúpido o suficiente para dormir com aquela vadia. Pior erro da minha vida, agora ela está tentando puxar alguma merda e ferrar com a gente? Não vai acontecer.

Kade não é o único que faria qualquer coisa por sua família.

Eu considero a porta do Brooklyn por um momento, pronto para voltar a bater quando um pensamento passa pela minha cabeça. Meus pés correm para o próximo andar, onde chego ao quarto de Eli e testo a maçaneta, encontrando-a destrancada. Assim como eu pensei, eles provavelmente revistaram o local de cima a baixo depois que ele foi hospitalizado. Segurança e tudo, não podem ter uma criança morta nas mãos.

Isso seria ruim para os negócios, certo?

Deslizando para dentro, encontro o quarto escuro como breu

com as cortinas fechadas no dia outonal. Assim que me movo para acender a lâmpada, um gemido suave me congela no local. A tensão irradia pela minha espinha enquanto eu me encolho com o ruído quase inaudível, misturado com tanta maldita dor.

“Foguete?” Eu sussurro no escuro.

Tem que ser ela. Para onde mais ela iria?

Tropeçando em livros e camisetas sujas, tropeço na cama. Uma sombra encolhida trai sua presença. Ela está enfiada no canto, abraçando o travesseiro de Eli com força, enterrada em lençóis escuros que não revelam imediatamente seus segredos. Alívio inunda meu corpo. Ela está aqui, ela está bem.

“Ei,” eu digo suavemente.

Seus gritos suaves são a única resposta.

Meu alívio dura pouco. Batimento cardíaco rugindo em meus ouvidos enquanto me aproximo, finalmente noto as manchas escuras no tecido. Gavinhas geladas invadem meu corpo e cobre enche meu nariz. Tudo para. Nada existe além do puro terror que infecta minha mente ao ver Brooklyn.

Sangue.

Em todos os lugares.

Um oceano carmesim intransponível nos separando.

“Brooke? O que....” Eu paro, dedos tocando lençóis molhados.
“Oh, puta merda...”

“Vá embora, Nix,” ela murmura bêbada.

O que você fez, amor?

Eu rastejo pela cama, segurando Brooklyn em meus braços. Seu cabelo loiro pegajoso está manchado de vermelho, espalhado pelos travesseiros. Assim que a toco ela dá um pulo, lutando para se desvencilhar do meu abraço, ainda tentando fugir de mim. Como se eu a fosse deixar ir de bom grado.

Aperto meus braços e a seguro contra meu peito. “Não se mova.”

“Por que você está aqui?” Ela agarra um punhado da minha camisa, a voz fraca presa em um soluço. “Deixe-me em paz. Todos vocês. Quero ficar sozinha.”

“Então você pode morrer? É isso que você quer? Porra,” eu xingo furiosamente. Meus dedos deslizam na pele escorregadia de sangue, procurando a fonte. “O que diabos você fez para fazer você mesmo?”

Deitei-a na cama, acendendo a lâmpada de cabeceira. Destruição horrível é revelada em sua pele. Minha boca fica seca com os cortes profundos e irregulares, a lâmina abrindo a carne sem piedade. Muitos para contar, chorando vermelho de ambos os braços. Ela não pode ter se cortado há tanto tempo se ainda estiver consciente, mas está saindo dela muito rápido.

Tanto sangue. Estou perdendo ela.

“Eu fiz parar.” Ela funga.

Engulo em seco. “Fez o que parar, baby?”

Tirando minha jaqueta, envolvo Brooklyn e a levanto em meus braços. O pânico domina todos os meus pensamentos e tudo que consigo pensar em fazer é consertá-la, custe o que custar. Sua cabeça pousa no meu peito, o nariz afundando no meu pescoço enquanto ela estremece uma respiração dolorosa.

“Tudo. O mundo. Vozes. Culpa.”

“Você não tem nada para se sentir culpada!”

Artigos de jornal cruéis e alegações sombrias ameaçam me contradizer, mas eu forçosamente expulso os pensamentos da minha mente. Nenhum de nós é inocente aqui. Ela pode ser um monstro, mas ela é a porra do meu monstro. Eu decido se ela é culpada ou não.

“Você não tem permissão para morrer,” eu declaro, minha decisão selada.

Não posso levá-la aos médicos. Eles vão trancá-la para sempre.

Eu tenho que consertar isso sozinho. Saindo do quarto e abrindo a porta com um chute, olho ao redor para verificar se a barra está limpa antes de apertar o tecido ao redor de seu corpo, escondendo a bagunça onipotente por dentro.

“Fique quieta,” eu digo laconicamente, descendo as escadas correndo.

Uma vez que estamos a salvo no meu quarto e de Kade, eu a levo direto para o banheiro. As pernas de Brooklyn imediatamente cedem embaixo dela e eu rosno de frustração, colocando-a na banheira. Ela parece ainda pior sob a luz dura, a pele pálida e manchada de sangue. Olhos mal abertos. Boca frouxa. Bochechas manchadas de lágrimas.

Você não tem permissão para morrer em cima de mim. Hoje não.

Eu abro a torneira, água fria espirrando em seu corpo totalmente vestido. Brooklyn suspira, arqueando as costas. “O que... Phoenix?”

“Acorde. Nada de dormir,” eu ordeno com firmeza, procurando debaixo da pia pelo kit de emergência escondido. Está embaixo do fundo falso, junto com meus cigarros, dinheiro sobrando e alguns celulares de reserva.

O barulho que escapa de seus lábios perfura meu maldito coração. Preso entre um gemido e um grito, sua raiva fluindo livremente. “Você deveria ter me deixado,” ela grita para mim fracamente.

“Não está acontecendo. Você me escutou?”

Perco a paciência e a sacudo com força, a histeria zumbindo em meus ouvidos. “Ninguém faz o checkout mais cedo, cumpre a porra do seu tempo e sai de graça. Seus pecados não precisam definir você.”

A cabeça de Brooklyn rola para o lado e seus olhos se fecham, fazendo com que o pânico tome conta de meus pulmões. Eu grito o nome dela, mas ela continua mole e mal responde. No meu desespero, pego o kit e entro na banheira com ela.

Ambos sob o spray gelado, eu abro seus olhos e a força a olhar para mim. “Como você fez isso, hein? Aquele quarto foi limpo pela segurança.”

Seu sorriso semiconsciente faz minha pele arrepiar. “E-Eli é bom em esconder coisas. Eu sou boa em encontrá-las.”

Tentando ser gentil, eu a pego em meus braços e deslizo minha mão em volta de seu pescoço. “Segure a respiração, isso vai doer.”

Um, dois, três.

Derramando o frasco de antisséptico em sua pele rasgada, meus dentes cerram em seu grito rápido e imediato. “Está tudo bem, respire...” Eu a persuado, segurando sua cabeça no meu peito. Minhas próprias mãos estão tremendo violentamente enquanto ela segura minha camisa molhada.

A água do banho fica vermelha brilhante e vaza pelo ralo, com um cheiro antisséptico pungente no ar. Ela fica mole, mas posso ouvir a respiração agitada vindo de seu peito. Ela ainda está comigo. Lutando contra o relógio, eu a apoio e pego o kit de sutura, enfiando habilmente a agulha em segundos.

Não é meu primeiro rodeio.

“Aqui.” Eu ofereço o punho da jaqueta para ela, deslizando-o em sua boca frouxa. “Morda e tente ficar quieta. Não precisamos de companhia agora.”

Levo meia hora para ter os cortes mais profundos suturados, limpos e enfaixados. Ela errou as artérias principais, mas ainda assim conseguiu se ferrar de maneira adequada, o suficiente para ameaçar sua vida. Ela precisa de sangue, mas estou tão bravo que mal consigo pensar direito, mantendo-me estritamente disciplinado para me concentrar em um problema de cada vez.

Então vou puni-la por tentar me deixar.

“Eu te ofereceria algo para a dor, mas esse é o ponto, certo?” Eu rosno para ela.

“Foda-se você. Eu não pedi para você me ajudar.”

Eu gentilmente tiro seu corpo branco fantasmagórico da banheira, ignorando a bagunça sangrenta deixada para trás enquanto a carrego para minha cama. Gentilmente colocando-a no colchão, aqueles olhos grandes e enervantes olham para mim. Meus dedos apertam seu queixo e luto contra a vontade de dobrá-la sobre meu joelho aqui e agora. Como se ela merecesse, beirando a morte ou não.

“Você é egoísta e não se importa com os sentimentos de ninguém,” eu acuso, olhando para ela. Ela cai contra os travesseiros e olha para as bandagens grossas envolvendo seus braços.

“Você é real?” Brooklyn me pergunta.

Meu estômago afunda. “Claro que sou real.”

Seguro sua bochecha para que ela possa me sentir, automaticamente se inclinando ao meu toque. Estou além de apavorado, mais do que já senti em minha vida enquanto encaro seu olhar entorpecido e confuso. O que aconteceu com ela? Primeiro Eli, agora meu Foguete. O mundo parece que está acabando.

“É o aniversário,” murmura Brooklyn.

“De quê, baby?”

Ela tenta se conter, mas mesmo assim as palavras saem soltas, seguidas por lágrimas quase histéricas. “Um ano atrás, eu me tornei um monstro. Não vou arrastar todos vocês para o inferno comigo, vocês merecem mais do que isso. Apenas deixe-me ir embora agora e será mais simples para todos.”

Eu desmorono ao lado do Brooklyn, puxando a camisa pegajosa e manchada sobre a minha cabeça porque não consigo pensar direito enquanto estou coberto com o sangue dela. Está perturbando minha maldita sanidade, lembrando-me de quão perto chegamos de perdê-la.

“Isso é hoje? Foda-se, baby...”

Brooklyn olha para o teto, murmurando um fraco sim. Eu posso ver suas pálpebras tremulando, o sono acenando para ela. Há sangue

suficiente no quarto de Eli e na banheira para justificar sua inconsciência. Eu a observo cuidadosamente até que ela finalmente cede, se enterrando apesar de ainda estar vestida com suas roupas encharcadas e arruinadas.

Essa garota vai me destruir e tudo pelo que trabalhei. Já posso sentir a loucura iminente mexendo na minha cabeça, queimando atrás dos meus olhos enquanto luta para vir à tona. É tudo demais, não posso continuar fazendo isso. Pegando as porras dos pedaços quebrados de todo mundo repetidamente. Eu tenho o suficiente para enfrentar.

Eu tiro o jeans e a camiseta de Brooklyn, sendo o mais gentil possível. Ela mal se mexe, suave sob o meu toque enquanto eu deslizo uma das minhas camisas sobre sua cabeça e a coloco para dentro. Eu verifico novamente as bandagens para ter certeza de que estão apertadas, e me retiro para a cama de Kade para estudá-la.

Precisamos de sangue.

Medicamento.

Sedativos.

Um maldito psiquiatra.

Atendimento médico de verdade, além de mim. Mas se eu a entregar, será isso. Eles provavelmente vão mandá-la de volta para Clearview, sem esperança de sair. Isso ou ela vai acabar na solitária, onde nada de bom acontece. Não há resposta certa aqui, estou sendo forçado a escolher entre perder meu Foguete ou salvar a maldita vida dela. Quando meu telefone vibra no meu bolso, eu me assusto, notando o nome de Hudson antes de responder.

“Onde diabos você está? Fiquei sozinho na hora do almoço como uma maldita aberração.”

Beliscando a ponte do meu nariz, eu suspiro. “Longa história. Venha para o meu quarto.”

Há uma pausa longa e carregada antes que ele responda. “Eu só preciso terminar aqui. Você está bem por uma hora?”

“Apenas se apresse.”

Eu desligo e continuo minha vigília silenciosa, as mãos apertadas enquanto luto com minhas emoções. Ela não pode escapar de seu passado enquanto ele continua a atormentá-la. Nunca poderei consertar isso, não importa quantas vezes eu a costure ou a faça sorrir. Algumas cicatrizes simplesmente são muito profundas.

Pego meu estoque de comprimidos e quebro duas cápsulas, despejando-as cuidadosamente em um copo d'água. Despertar Brooklyn por tempo suficiente para fazê-la engolir é fácil, e a dose pesada logo faz efeito. Ela desmaia pra caralho. Segura... por enquanto.

Não posso perder meu foguete para os demônios na cabeça dela.

Nenhum de nós será capaz de viver consigo mesmo.

Trinta e oito

Brooklyn

Little Monster by Royal Blood

UM ANO ATRÁS

“Obrigado pela carona.”

Grant me observa pegar minha bolsa, a mão deslizando para o bolso. Minha boca saliva com o saco de pó branco que ele puxa e desliza para mim. “O mínimo que posso fazer. Isso deve prendê-la por um tempo. Me chame quando quiser mais.”

Eu aperto minhas pernas juntas, tentando não estremecer com a queimadura. Sexo com ele nunca é gentil, mas pelo menos consigo algo com isso. Mesmo que eu tenha que fazer tudo de novo na semana que vem para conseguir mais drogas.

“Coisa certa. Vejo você no trabalho amanhã?”

“Mais tarde, B.”

Saio e o observo partir, ansiosa para entrar e tomar minha próxima dose. Vic está em casa depois de visitar seus pais, então vou ter que ficar chapada para lidar com sua merda possessiva a noite toda. Minhas unhas cravam nas palmas das mãos enquanto eu pego o elevador de baixa qualidade até o nosso apartamento, medo e ansiedade em espiral.

Corte sua garganta e fuja, o diabo sussurra em minha cabeça.

“Não,” murmuro baixinho, pegando minhas chaves. “Não estou ouvindo.”

Eles sussurram para mim sem parar agora, as sombras. Para sempre meus companheiros sombrios e sinistros. Sintonizá-los torna-se mais difícil a cada dia que passa, mas a alternativa é ainda mais assustadora. Eu sei o que aconteceu com minha mãe quando ela parou

de lutar. Não é bonito.

Assim que entro, Vic se levanta e me encontra na cozinha. Sua camisa está desabotoada, revelando músculos bronzeados que não me atraem mais.

“Onde você estava?” Ele exige.

Eu largo minhas chaves no balcão, tirando minha jaqueta de couro. O ar frio esfria minhas pernas e minha virilha nua sob meu uniforme de merda. Eu não poderia usar aquela calcinha em casa, não depois de deixar Grant me foder uma vez que fechamos a lanchonete.

“Turno da noite, clientes,” eu minto, encolhendo os ombros. “Precisava da hora extra.”

“Isso é besteira! Você está mentindo para mim de novo.”

Vic torce as mãos, o rosto brilhando de fúria. Ele agarra meu braço e me empurra contra a parede, ignorando meu grito de choque. “Pare de mentir descaradamente!”

Ele grita e delira, gritando na minha cara como se pensasse que estou ouvindo. Ele mudou drasticamente nos últimos meses, ficando com raiva e violento quanto mais eu o afasto. A verdade não é mais um segredo escondido entre nós. Todos os dias eu fodo e me drogo, e todos os dias ele me sufoca com suas exigências para que eu pare de me matar lentamente. Já estou acostumada com as partidas regulares de gritos.

Tudo o que posso fazer é olhar fixamente para ele quando ele está assim, porque as vozes na minha cabeça são muito mais altas. Ficando mais forte a cada segundo, superando seu gemido patético.

Mate-o, Brooklyn.

Ele não vale nada. Mate ele. Você sabe que você quer.

Eu seguro minha cabeça e fecho meus olhos, mas Vic agarra meus pulsos e os puxa, gritando bem na minha cara. Eu vejo vermelho, oprimida pela pressão em minha mente. Meu punho se conecta com sua mandíbula e quando ele cambaleia para trás, os olhos

arregalados de fúria.

“Não me toque,” eu grito.

“O que deu em você? Eu nem te reconheço mais.”

Seria tão fácil enfiar uma faca em seu estômago e sentir o sangue quente e satisfatório derramar. Tão fácil. Eu mordo meu lábio, recusando-me a responder a sua pergunta. O ácido em minha garganta rouba minha voz enquanto as sombras sobem pelas paredes, infectando minha visão. Eles se contorcem e serpenteiam pelo ar para me alcançar, maiores do que eu já vi. Como anjos imponentes da morte determinados a reivindicar o que resta da minha alma negra.

“Não! Pare com isso! Vá embora!” Eu grito, tentando fugir das visões.

“Não fuja de mim, Brooklyn!” Vic grita, confundindo minha reação.

Ele vem atrás de mim e me agarra pelos cabelos, jogando meu corpo contra a mesa da cozinha. Meus olhos queimam com a dor em meu couro cabeludo enquanto ele aperta meu pescoço com mais força.

“Quem é, humm? Com quem você está transando?”

Seus olhos furiosos queimam minha pele e dissolvem qualquer controle remanescente. Não consigo mais continuar com esse ato, brincando de felicidade doméstica quando, realisticamente, tudo está distorcido e venenoso entre nós. Isso não é viver. Desisto do fingimento, deixando meu ódio fluir.

“Qualquer um. Vou foder qualquer um, desde que não seja você!”

A breve sensação de vitória é extinta pelo golpe cruel que ele desfere em meu rosto, estrelas estourando atrás de meus olhos enquanto sangue jorra de meu nariz.

“Eu sabia! Você é uma vadia psicótica, sabia disso? Todos esses meses eu vi você beber e se drogar até cair no esquecimento.” Vic balança a cabeça, um desdém desprezível torcendo seus lábios. “Eu

deveria ter deixado você morrer. Você claramente quer. Vá se juntar aos seus pais lixo de trailer.”

“Então por que você não me deixa morrer? Vá embora,” eu ataco.

“Porque eu te amo! Tudo que eu sempre quis foi compartilhar minha vida com você, mas é como se a garota que eu amava tivesse sido arrebatada pelo diabo. Ela ainda está lá, porém, eu sei disso.”

“Ela não existe, porra!” Eu grito, batendo nele com força.

Grande erro. Você não cutuca a fera e sai impune.

Vic pisca, máscara lamentável escorregando para revelar o demônio escondido dentro. Uma mente perturbada disfarçada por um rosto bonito e palavras encantadoras. Não sou a única que torna esse relacionamento tóxico. Ele me bate de novo, desta vez batendo meu rosto na mesa. Estou curvada e totalmente exposta, minhas pernas nuas tremendo com a onda repentina de medo.

“Você não me ama mais? Você prefere foder outra pessoa?”

Eu grito e luto inutilmente.

“Cai fora de mim. Eu não te amo!”

“Muito ruim! Você não pode dizer isso.” Ele abre minhas pernas com o joelho, enjoo girando em meu estômago. Continuo lutando contra seu peso, tentando me libertar, mas ele é muito maior do que eu, fortalecido por sua raiva. Eu sou sua presa, presa e vulnerável.

“Por favor, não,” eu imploro, cedendo ao meu terror.

“Tudo o que eu sempre fiz foi amar você,” Vic responde em meu ouvido, a respiração quente e pegajosa. “Isso é tudo culpa sua, Brooke. Você está me obrigando a fazer isso.”

“Acabou! Simplesmente pare! Pare com isso agora!”

“Não! Não acabou. Você vai aprender a porra da sua lição e me devolver minha Brooklyn. Não essa puta ferrada que assumiu recentemente,” ele exige. “Ame-me de volta!”

Eu não posso mais protestar, lágrimas escorrendo pelo meu rosto enquanto seu jeans farfalha, cinto abrindo. Cada segundo parece sua própria morte individual, repetida em um loop infinito e infernal. É como se a paralisia tivesse tomado conta, me aprisionando neste pesadelo. Eu mordo minha língua e seguro o soluço de dor quando ele enfia seu pau dentro de mim, a agonia rasgando minhas entranhas.

“É isso aí, lembre-se de quem te ama,” Vic incita, dedos cavando em meus quadris.

Mate-o. Mate-o. Mate-o.

Uma multidão furiosa de vozes enche minha cabeça, combinando todos os diferentes monstros até que se transformem em um tsunami de fúria assassina. Abro meus olhos cheios de lágrimas para observar as sombras escorrendo pelas paredes como alcatrão preto. Rastejando cada vez mais perto, prometendo tentação e pecado ao longo do caminho.

Mate-o. Mate-o. Mate-o.

Vic resmunga sua libertação e me empurra para o lado. Eu caio sem ossos no chão, me curvando para dentro para me proteger e abraçando meus joelhos. O calor se infiltra entre minhas pernas, misturando sangue com seu sêmen. De repente, sou tomada por lembranças do passado e do último homem que me atacou, quatro longos anos atrás. Tudo enquanto a pessoa que eu mais amava no mundo assistia.

Hudson. Meu primeiro amor.

Ele não era um abusador como Vic. Aquele tolo imperfeito de olhos azuis foi preso contra a parede pelo bandido do traficante, forçado a assistir enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto. O que aconteceu o quebrou tanto quanto a mim. Eu nunca ameí ninguém desde então, a dor foi muito profunda. Abriu um abismo em meu peito que abriu caminho para cada momento de agonia desde então. Tudo se resume a este momento, cada pecado e segredo criando um monstro próprio.

Eu. Sou o produto do mal e estou pronta para infligir alguma dor por conta própria.

Vic vai até a cozinha, pegando uma cerveja para si. “Estamos nos mudando. Não me importa onde, em qualquer lugar. Empacote suas coisas e entregue seu aviso prévio. Isso é uma ordem, Brooklyn.”

Mate-o. Mate-o. Mate-o.

“Não,” eu resmungo, mas a palavra não é nada mais do que um sussurro.

As vozes me protegerão. Elas sabem o que é melhor, só tenho que fazer o que me mandam. Colocar minhas pernas embaixo de mim é uma tarefa impossível, mas forço meu corpo quebrado a se mover. Vic me lança um olhar de nojo e vai para o sofá, vendo futebol como se nada tivesse acontecido entre nós.

Não o deixe escapar impune.

Puna-o. Banhe-se em seu sangue.

“Eu não vou a lugar nenhum,” eu digo, desta vez com um pouco mais de força. Pego o bloco de facas na cozinha e pego o cutelo. É pesado na minha mão, mas é terrivelmente bom.

“Você está falando besteira de novo. Vá começar a fazer as malas.”

Seus olhos estão na TV, completamente distraídos enquanto ele simplesmente me dá ordens. Todo o meu corpo treme e sacode enquanto eu ando, arma agarrada nas minhas costas. O próprio Lúcifer repousa em meu ombro e me acena com suas exigências profanas.

Vá para o pescoço primeiro.

É macio, terno, vulnerável. Em seguida, termine o trabalho.

“E tome banho também enquanto estiver aí, não suporto o cheiro daquela lanchonete em você.” Vic bufa, engolindo o resto de sua bebida. “Esfregue sua boceta imunda também, apague qualquer idiota que tenha te fodido. Nunca mais discutiremos isso.”

Faço uma pausa logo atrás dele, perto o suficiente para sentir o cheiro da cerveja terrosa. Um movimento e tudo isso vai acabar. Apenas faça o que as vozes dizem, eu me lembro. O resto cuidará de si mesmo. Meu coração está batendo forte, o peito batendo enquanto o suor escorre pelo meu rosto. Os segundos se arrastam ininteligivelmente e eu levanto a lâmina, um sorriso triunfante escapando.

É isso, boa menina.

Dê a ele o que ele merece por te machucar.

Eu corto e esfaqueio, gritando como um animal. Vic revida a princípio, os olhos arregalados com um medo delicioso, mas eu tenho o elemento surpresa. A lâmina perversamente afiada parte a carne e ele cai no chão, quebrando a garrafa de cerveja. O sangue borbulha de sua boca, escorrendo e jorrando de artérias expostas em seu pescoço. Vic engasga lentamente, agarrando-se ao ar em busca de uma ajuda que nunca virá.

Eu sorrio docemente. “Sinto muito, querido. Eu realmente amo você.”

A lâmina desliza em seu torso e perfura seus órgãos enquanto eu ataco cruelmente, não deixando nenhuma parte intocada. Quando termino e minha sede de vingança é saciada, seus olhos estão vazios. Nada além de uma carcaça massacrada permanece, encharcando meu tapete creme com um rio carmesim.

Bom trabalho. Não foi bom? O poder?

Você pode machucar quem você quiser.

Tire suas vidas e dance em seu sangue.

Você sabe que você quer.

Caminho até o quarto, quebrando inúmeras fotos emolduradas ao longo do caminho. Então encaro meu horrível reflexo no espelho. Uma nova versão de mim existe agora, alguém além da redenção e irrevogavelmente perdida para o mundo. Sombras envolvem meus tornozelos, vozes sussurrando seus aplausos em minha mente. O

sangue cobre meu uniforme e minha pele, e eu esfrego círculos no líquido pegajoso com fascínio.

Tão bonito. Vic tinha que morrer. Apenas como eu. Eu levanto a lâmina para o meu braço e a mantenho na posição, pronta para abrir um buraco na minha artéria.

Não, Brooklyn.

Você tem que correr, não morrer. Classifique o corpo.

Há muito mais gente por aí que merece morrer. Encontre-os.

Balançando a cabeça, discuto com as vozes e defendo meu caso. A morte é a única opção, estou longe demais para continuar. Mas, no final das contas, as sombras me controlam, e deixo pegadas ensanguentadas por todo o caminho até o corpo de Vic que está esfriando. Ele é muito grande e pesado para apenas eu mover. Vou ter que ser criativa. Não posso decepcionar, recebi uma tarefa. Ela deve ser concluída.

Tenho que terminar o trabalho.

Um serrote deve fazer o truque.

Trinta e Nove

Hudson

The Jester by Badflower

“Você vai me dizer exatamente o que aconteceu aqui ou eu vou lenta e dolorosamente quebrar cada maldito osso do seu corpo,” eu pronuncio ameaçadoramente.

Phoenix me cala e me arrasta para o canto, mais longe da garota que dorme intermitentemente em sua cama. “Fale baixo, sim? Quanto mais tempo ela estiver fora, melhor.”

Ele passa uma mão ansiosa pelo cabelo, os olhos se voltando para ela. Eu sigo seu olhar, dor florescendo em meu peito com a visão devastadora. Ela está bem enrolada em lençóis, gemendo em seu sono. Ataduras brancas brilhantes aparecem, revelando a extensão de nossa situação atual.

“Eu esmaguei uma carga de Valium em sua água. Ela precisava disso,” Phoenix me informa.

“Você misturou a bebida dela com sua medicação? Cara, que porra é essa?”

Ele me encara com indignação. “Você prefere que ela tente de novo? Se eu não tivesse entrado e costurado antes, ela teria morrido. Sangrado e morrido pra caralho. “

Minha boca se transforma em cinzas, o gosto amargo na minha língua recusando-se a ser engolido. Parece que uma cobra se enrolou em minhas entranhas e está apertando com força, tirando todo o ar disponível. Morrido. Ela teria me deixado de novo, desta vez para sempre. A porra do pensamento me destrói.

“Não podemos entregá-la. Eles vão jogá-la no porão para sua própria proteção.”

“Ou enviá-la de volta para onde ela veio,” eu digo severamente.

“Se eles a considerarem muito instável para o programa de Blackwood.”

“Droga!” Phoenix amaldiçoa. “O que diabos fazemos então?”

“Nós mesmos lidamos com isso! Nós não temos escolha!”

“Não podemos. Ela precisa de cuidados médicos.”

Ele olha para mim, balançando a cabeça como se eu fosse o instável. Luto contra a vontade de gritar com ele um pouco mais e observo enquanto ele caminha até a cama e se senta, a mão pairando sobre o ombro exposto de Brooklyn.

“Diga-me honestamente, agora, como você se sente sobre ela.”

“Huh?” Eu franzo a testa para ele.

“Apenas responda a porra da pergunta. Todas as cartas na mesa.”

Eu afundo no chão, com as pernas esticadas enquanto luto com a confusão de pensamentos em minha mente. Há muitos para contar. Amor. Ódio. Luxúria. Vergonha. Tudo se mistura em um show de merda gigante que faz minha cabeça girar. Mas um pensamento queima muito forte para ser ignorado.

“Eu não posso perdê-la. Não agora que a encontrei de novo,” admito. “Ela é diferente agora, não a pessoa que era antes. Mas não importa, meus sentimentos não mudaram.”

Phoenix acena com a cabeça solenemente, sua atitude séria tão diferente dele. Mas quando enfrentamos uma crise, todos nós temos nossas qualidades redentoras. Ele limpou Eli muitas vezes em circunstâncias semelhantes sem uma única reclamação.

“Você deveria saber que estou me apaixonando por ela,” acrescenta.

Eu gostaria de poder dizer que estou surpreso, mas eu vi o jeito que eles olham para ela. Você teria que ser um tolo para não ver. Os caras estão todos fodidamente extasiados, assim como eu. Inexplicavelmente atraído pelo belo e caótico desastre que é Brooklyn

West e sua maldita cabeça maluca.

“Todos nos preocupamos com ela, então temos que encontrar uma solução aqui.” Eu olho para minha garota, me confortando com a subida e descida de seu peito. “Eu vou pegar Kade, ele saberá o que fazer.”

Phoenix bufa. “Ok, certo. Ele está ocupado consertando o outro idiota determinado à autodestruição.”

“O que exatamente você sugere então?”

Ele continua a acariciar a pele de Brooklyn, mordendo o lábio. “Ela vai ficar fora por algumas horas, precisamos reunir todo mundo para colocar um pouco de bom senso nela.”

“Falar com ela? Essa é a sua solução?” Eu repito. Ele é de verdade?

“Temos que convencê-la a ficar por aqui.”

Lutando contra minha reação inicial, considero sua ideia por um segundo, afastando os tentáculos de ciúme, será que vai dar certo? Entre todos nós, talvez tenhamos uma pequena chance de sucesso. Muito foddidamente pequena.

“Vou encontrar Kade e informá-lo,” eu concedo.

“Bom,” murmura Phoenix, acenando para si mesmo. “Precisamos nos recompor porque, quando ela acordar, é agora ou nunca. Todos nós precisamos estar aqui.”

Bufando, eu ando até a cama e olho para a minha Blackbird adormecida. Ela se agarra aos lençóis, atormentada até agora. Cercada por nós, temporariamente a salvo de sua própria mente. Porra, não tem como isso funcionar. Não podemos dar a ela o que ela precisa. Como você pode convencer alguém a viver quando não quer?

“Vai funcionar,” Phoenix tranquiliza, lendo minha mente.

“Como você pode ter tanta certeza?”

“Porque não há outra opção. É isso ou deixá-la implodir. Os psiquiatras não estão dando uma olhada aqui, eles vão enterrá-la tão

fundo que ela nunca mais sairá. Somos a última chance dela.”

Ele olha para mim, oferecendo-me um sorriso sombrio. “Faça isso, Hud. Para ela.”

“Mantenha-a segura até voltarmos mais tarde? Eu trarei os outros. Apenas... cuide dela.” Engolindo em seco, deixei escapar um pouco do meu desespero. “Não podemos nos dar ao luxo de estragar tudo.”

“Sim, entendi,” ele murmura.

Dou um beijo na testa de Brooklyn e os deixo para trás, forçando-me a me concentrar. Vou precisar das palavras exatas para oferecer a ela, para fazê-la ver que tem uma razão para viver. Phoenix está certo, vai levar todos nós. E se falharmos, não posso nem começar a contemplar as repercussões. Perder minha Blackbird é inimaginável.

Eu irrompi na área de recepção depois de correr, lutando para respirar. Kade está de plantão e sua cabeça se levanta imediatamente quando eu entro. “Hud? O que está errado?”

Eu inclino minha cabeça para trás e ele dá uma olhada rápida ao redor, verificando se a barra está limpa. Entramos no escritório dos fundos para ter privacidade e eu bato a porta.

“Eu preciso te contar uma coisa.”

“Hum, está bem. Algo errado?”

“Apenas... não surte. É Brooklyn.”

Kade fica imóvel, a cor desaparecendo de seu rosto. “O que aconteceu?”

Estou com tanta raiva e medo que mal consigo enxergar direito. É preciso todo o meu autocontrole para me manter calmo e racional, o pensamento de Brooklyn sangrando sozinha na cama de Eli é um pesadelo repetindo em minha mente. Não temos tempo a perder agora.

“Ela tentou se matar,” eu deixo escapar.

A boca de Kade se abre quando ele fica branco. “O que?”

“Phoenix a encontrou sangrando.” Faço uma pausa, afastando a imagem arrepiante da minha imaginação. “Ela está viva, fora de si atualmente. Precisamos estar lá quando ela acordar. E ela precisa de atenção médica, Phoenix fez o que pode.”

Kade agarra seu cabelo, o pânico o dominando. “Você está maluco? Devíamos levá-la ao Dr. Andrew agora mesmo, antes que ela tente de novo. Jesus Cristo, onde ela está agora?”

Eu balanço minha cabeça freneticamente “Não! Você não vê? Eles vão levá-la embora para sempre desta vez. Se a entregarmos, nós a perderemos. Permanentemente. Não seja tolo.”

O rosto de Kade cai e seus olhos se movem sem ver, como se procurasse opções e não conseguisse. “Mas não podemos simplesmente não fazer nada! Não é melhor que ela esteja viva, mesmo que isso a leve para longe de nós? Ela é um canhão solto e você sabe disso.”

Eu não posso evitar, eu soco o idiota imprestável.

“Ai! Droga, Hud, diabos foi isso?”

“Para enfiar um pouco de bom senso na sua cabeça dura. Ela vai apodrecer se a levarem embora. Você sabe que Blackwood é a única saída do sistema. Estamos falando sobre a vida dela aqui.”

“E eu estou tentando salvá-la,” Kade cospe.

Virando as costas, eu me afasto para evitar machucá-lo ainda mais.

“Qual é exatamente a sua ideia? Transar com ela para melhorar?” Ele adiciona.

Ele tem a porra de um desejo de morte.

“Não me empurre agora, vou quebrar a porra das suas pernas. Claro que não é disso que se trata!” Eu desabo em uma cadeira de escrivaninha, me recompondo. “Eu não sei mais o que fazer.”

Kade se ajoelha na minha frente, sua expressão é uma ferida aberta de vergonha. “O que está acontecendo conosco? Primeiro Eli, agora Brooklyn.” Seus olhos se fecham, linhas duras esculpindo sua

testa. “Eu falhei com todos vocês, estamos desmoronando.”

Eu coloco minha mão no ombro do meu irmão, convocando alguma garantia de que eu realmente não acredito em mim. “Nós vamos consertar isso. É isso que a família faz, certo? Você mesmo disse isso.”

Ele consegue dar um sorriso tímido, lançando-me um olhar avaliador. “Cuidado, irmão. Você está começando a parecer um pouco otimista demais para o seu próprio gosto.”

“Bem, não se acostume com isso,” murmuro.

Nós dois nos levantamos e damos as mãos, balançando a cabeça em reconhecimento. É provavelmente a primeira vez que concordamos em algo nos dezoito meses que passamos aqui. Brooklyn nos uniu apesar das probabilidades, agora nós dois temos que trabalhar para salvá-la. Kade segura minha mão por um segundo a mais, superado com o momento de clareza.

“É bom ter você do meu lado,” ele oferece.

“Não fique todo choroso comigo, temos merda para fazer.”

Deixamos o escritório, voltando para a recepção, mas minha atenção é atraída pelo guarda levando alguém escada acima do nível do porão. Meus olhos batem palmas em seu sorriso orgulhoso primeiro quando ele nos vê parados ali, olhando consternados.

“Cavalheiros,” Rio provoca. “Como está a perna de Eli? Um pouco dolorida?”

Eu tento me mover, determinado a esmurrá-lo no chão e liberar a raiva lentamente me sufocando. Kade agarra meu braço, resmungando baixinho. “Não vale a pena. Eu o denunciei a diretora pelo ataque. Ele será punido da maneira correta.”

Rio passa por nós, indo para o escritório próximo da Srta. White. Meus dedos se contorcem com o desejo de puni-lo eu mesmo, mas me concentro na tarefa em mãos, Brooklyn na frente e no centro da minha mente.

“Espero que eles enterrem você na solitária,” retruca Kade.

Antes que Rio possa responder com alguma resposta inflamatória, uma voz severa late para nós. “O que exatamente está acontecendo aqui?”

Todos nós nos viramos para ver a própria diretora sair de seu escritório, com as mãos nos quadris e o rosto impassível. “Kade, se deseja manter seu emprego, sugiro que volte ao trabalho. Você e seus amigos já estão em um gelo muito fino. Minha paciência é limitada.”

Seus olhos frios se desviam para mim, ressentimento amargo tomando conta. “É melhor rezar para que Rio aqui não queira apresentar queixa contra Elijah por ter começado a luta. Isso pode ficar muito confuso.”

“Que porra é essa?” Eu suspiro. “Você não pode estar falando sério. Você está do lado dele?”

Kade e eu ficamos boquiabertos, incrédulos, com suas palavras, a total descrença assumindo o controle. Isso é foddidamente inacreditável. Rio e seu grupo de canalhas intocáveis literalmente espancaram Eli, até quebraram a porra da perna dele. Por que estão defendendo esse idiota?

“Eli está no hospital, espancado até quase morrer,” Kade aponta acidamente.

Rio levanta as mãos inocentemente. “Ele atacou meus amigos. Foi legítima defesa.”

“Não há um único maldito arranhão em nenhum de vocês,” eu assobio.

A paciência da Srta. White expira e ela se volta para o guarda silencioso. “Por favor, escolte Rio para dentro. Vou lidar com isso e me juntar a você momentaneamente.”

Nós dois ficamos em silêncio e assistimos Rio passar, entrando em seu escritório. Ele me lança um olhar de ódio antes de desaparecer, prometendo retribuição. Minha boca saliva com o pensamento. Porra, traga-o, vou rasgar a merda arrogante pedaço por

pedaço.

“Kade, seus privilégios aqui podem ser removidos tão rapidamente quanto foram concedidos, não se esqueça disso,” aponta a Srta. White, o rosto contraído de desagrado. “Existem protocolos por uma razão por aqui. Elijah atacou um paciente, portanto, ele é o culpado.”

“Isso é besteira!” Eu interrompo.

Ela me olha ameaçadoramente. “Silêncio! Ou você vai passar o resto do ano sangrento na solitária. Estou farta de você, Hudson Knight!”

Nós dois ficamos parados, com raiva além das palavras enquanto a diretora nos dá olhares significativos, garantindo que sua autoridade seja clara. “Deixem Rio em paz e se preocupem com vocês mesmos.”

Ela se vira e se afasta, batendo a porta do escritório com força suficiente para sacudir obras de arte de valor inestimável para cima e para baixo no corredor. Nós olhamos um para o outro, completamente confusos com seu favoritismo flagrante. O que diabos Rio tem sobre ela? Ele pagou a todos neste instituto corrupto?

Kade esfrega a testa com uma careta de dor, claramente infeliz. “Rio vai ter o que merece um dia. Há algo de errado com este lugar e eu me recuso a tolerar isso por mais um segundo. Nada sobre Blackwood faz sentido, muito menos o poder daquele idiota.”

“O que você está sugerindo?”

“Agora mesmo? Nada. Precisamos resolver nossa bagunça atual e manter Eli fora do alcance deles. Um problema de cada vez, Hud. Vamos, precisamos convencer o doutor Andrew a liberá-lo e roubar alguns suprimentos para tratar de Brooklyn.”

Partimos juntos para a ala médica, ambos lutando contra a injustiça. Nada neste lugar profano está certo, nunca estive. Em um mundo fechado com suas próprias regras e normas sociais, é claro que as coisas serão um pouco estranhas.

Mas isso não explica a crescente lista de incidentes preocupantes

que simplesmente não se acumulam. Tenho a sensação de que apenas vislumbramos os horrores que acontecem a portas fechadas. Mesmo se salvarmos Brooklyn e Eli...

O Instituto Blackwood irá engoli-los inteiros.

Quarenta

Brooklyn

Born To Die by Lana Del Rey

Eu fico imóvel, corpo entorpecido e formigando. O som do chuveiro ligado enche meus ouvidos, proporcionando a única sensação de realidade no quarto escuro como breu. Minha mente está tão pesada, um fardo eterno que se recusa a mudar. Eu não deveria estar acordada agora, a julgar pelo gosto metálico de produtos químicos na minha língua.

Phoenix me salvou. Me costurou. Me drogou. Se não fosse por ele, eu certamente já estaria morta. Mal sabia ele, eu não queria ser salva. Estou além da redenção.

Eu testo meus membros, movendo-me gradualmente da posição rígida. Seu pequeno coquetel de drogas me manteve fora por um tempo, mas depois de doze meses de prisão, desenvolvi uma tolerância. Ele calculou mal. Hoje em dia é preciso mais do que um punhado de Valium para me manter pra baixo.

Esta é minha última chance.

Sem despedidas prolongadas.

Sem dor ou desgosto.

Vou simplesmente desaparecer e todos eles podem voltar para suas vidas como se eu nunca tivesse existido. Desde o primeiro dia em que pus os pés no Instituto Blackwood, nunca pretendi ficar. Este foi apenas um breve ponto de parada, uma pausa em meu caminho inevitável para o esquecimento promissor. Eu permiti que os caras me distraíssem do meu verdadeiro propósito de estar aqui, mesmo que brevemente.

Fodidamente tolo. Eu nunca serei como eles.

Meus pecados são muito grandes.

Eu ando descalça e balançando, o quarto zumbindo ao meu redor em um caleidoscópio de confusão. É preciso muito esforço para não cair, mas eu tenho bom senso apenas para continuar andando, passando pelas roupas ensanguentadas e arruinadas que Phoenix tirou em seu caminho para se refrescar.

Esperei meu tempo.

Calculei meus movimentos.

Esperei que sua guarda caísse.

Este é o meu movimento final. Cheque mate companheiro. Sem falhas desta vez. Cortar os pulsos é muito arriscado, provamos que as chances são desfavoráveis. Esses homens implacáveis continuarão me remendando com suas esperanças e desespero. Sempre vendo algo em mim que simplesmente não existe.

Vic também viu. Em sua própria maneira distorcida e possessiva. Ele se recusou a me deixar morrer e pagou o preço por sua estupidez. Eu o matei, intimamente, brutalmente, felizmente. As sombras foram meu guia e marcam meus passos agora.

Deixo Phoenix e essa realidade distorcida para trás, fechando a porta suavemente. Meus pés voam pelo carpete grosso, nus e ensanguentados. Há mais uma coisa que preciso tentar, meu plano B. Vai ter que servir, estou sem opções. Vou me enforcar e morrer sufocada se for preciso para escapar, não importa o quão confuso seja.

Volto para o meu quarto e levanto a parte solta do teto, procurando com a mão nas teias de aranha até encontrar o papel. O pacote de acusações e ódio me provocou nos últimos dois meses, desde que Mariam o entregou. Eu não quebrei nenhuma vez em todo esse tempo, guardando todos para este exato momento.

É justo que eu leia as cartas agora no final desta jornada caótica, um memorial adequado para este dia inevitável. Eu vivi um ano inteiro a mais do que ele. Hora de corrigir esse erro. Enfio a trouxa na minha jaqueta de couro e a visto, muito fora dela para pensar em colocar roupas ou sapatos adequados. Minha mente está entorpecida e

quebrada além do reparo.

Meus olhos se desviam para a garota fantasma no espelho. Ela parece assombrada. Magra, cansada e indiscutivelmente esgotada. Quanto mais eu olho, eu o vejo olhando para mim. O menino de ouro escondendo sua maldade, que me feriu da pior forma possível e morreu engasgado com o próprio sangue. Eu me vejo sorrir. É distorcido e doentio. Sombras se enrolam em torno de meus membros e começam a sussurrar, ficando mais fortes.

Ele mereceu. Você também.

Vamos, Brooklin. Acabou o tempo.

Dando uma última olhada em meu quarto, engulo a emoção crescente que ameaça me distrair. Está bagunçado aqui, cheio de livros e roupas. Noto as lembranças dos últimos dois meses, fragmentos de normalidade e pertencimento que prolongaram meu inevitável fim.

O gorro de Phoenix.

Moletom de Eli.

A mochila de Kade.

A camisa de Hudson.

A vida é fodidamente temporária, passageira em sua brutalidade. Termina e começa, presa em um loop sem fim do qual a maioria não consegue escapar. Estou saindo cedo, incapaz de aguentar mais essa montanha-russa. Os caras logo esquecerão e seguirão em frente. Quaisquer sentimentos que eu tenha por eles... é irrelevante agora. Tenho que terminar o trabalho que comecei há um ano e pagar a dívida pendente da minha vida. Vou acabar com isso e libertar todos os quatro pedaços do meu coração dessa coisa tóxica entre nós.

Há uma batida na minha porta, antes que ela se abra. Eu me preparo para lutar contra quem está tentando me salvar desta vez. Vou machucá-los se for preciso. Eles não podem me parar de novo.

“Ei, Brooklyn.”

O medo toma conta de mim e eu me forço a olhar, encontrando Rio na minha porta. Ele sorri para mim, os olhos vagorosamente percorrendo meu corpo, notando as bandagens em meus braços e o olhar arisco em meu rosto. Sorrindo lento e sinistro, ele facilmente escava a verdade de minha alma.

“Ainda quer aquela chave?”

Eu tento falar, minha boca incrivelmente seca. Nada sai.

“Algumas pessoas esqueceram seu lugar por aqui e precisam aprender uma lição. Não toleramos desrespeito aqui em Blackwood. Eles só precisam ser lembrados.” Rio aponta para o corredor, onde está localizado o quarto de Kade e Phoenix. “Você quer me ajudar com isso? Oferta. Chame isso de presente de despedida.”

Concordo com a cabeça, mas nenhum som sai dos meus lábios. Balões de esperança mórbida em meu peito.

“Siga-me,” ele ordena.

Deixando meu quarto para trás, subimos juntos as escadas até o último andar, passando por vários guardas ao longo do caminho que simplesmente acenam com a cabeça para Rio, submetendo-se à sua autoridade. Quase como se ele fosse o responsável, não eles, o que não faz sentido. Eu espero do lado de fora da porta de seu quarto, tremendo enquanto ele pega a chave. O som de uma tábua do assoalho voltando ao lugar reverbera em minha mente. Estou perto, quase posso sentir o gosto da liberdade.

A pergunta de Lazlo passa pela minha mente.

Você não quer ver seus pais de novo?

Há uma sensação estranha em meu peito, lutando desesperadamente para se libertar.

“Preparada?” Rio pergunta, oferecendo o cartão-chave fino para mim.

Agarro-o com força, conseguindo outro aceno, apesar do meu corpo tentar me desafiar. Parece que estou sendo puxada em duas

direções, rasgando toda a minha psique bem no meio. Eu o encaro, devastada pela incerteza e uma forte dose de pânico.

“Não se preocupe com nada, está planejado para você,” Rio me informa, suas palavras passando direto pela minha cabeça, apesar dos alarmes imediatos. “Farei com que um guarda testemunhe, diga que você roubou o cartão dele. Pode até agredi-lo um pouco, torná-lo crível. Esquizofrênicos podem ser tão instáveis, você sabe. Eu cuidarei de tudo, Brooklyn.”

Por quê?

Quem é você?

Por que você está fazendo isso?

As perguntas vêm à tona como demônios se recusando a se afogar e eu as empurro para o lado, ignorando o terror da realidade. Esta é a minha chance e não vou desperdiçá-la. Não importa quais peças no tabuleiro de xadrez estão me manipulando cuidadosamente, um peão sem noção.

Subimos os degraus até o telhado com proclamação solene. Como o ceifador guiando sua vítima, Rio se esconde da vista e gesticula para a câmera. Contando os segundos e me dando um aceno encorajador enquanto a luz vermelha se apaga.

“Está na hora.” Rio me lança um olhar demorado e duro, como se saboreasse sua vitória. “Tem alguma coisa que você quer dizer?”

Eu o encaro, uma pressão insondável ameaçando quebrar minha mente. A confusão e o pânico aumentam como um vulcão em erupção, mas permanecem bloqueados pela nuvem entorpecida que cobre tudo. Eu deveria dizer alguma coisa. Qualquer coisa. No entanto, não consigo pensar em uma única palavra.

“Você jogou bem o jogo,” ele oferece com um sorriso conciliador. “Não pensei que você duraria tanto tempo.”

Jogo?

Rio ri, arrancando o cartão das minhas mãos trêmulas e

digitalizando-o para destrancar a porta externa. Sua mão acaricia meu cabelo emaranhado, os lábios torcendo com diversão satisfeita.

“Nada sobre este lugar é real, Brooklyn. Você não vê isso ainda? É tudo apenas...” Ele faz uma pausa, sorrindo e procurando a palavra certa. “Uma ilusão.”

O ar gelado corre pela abertura, emaranhado com vozes que me chamam.

“Vá embora. Mal posso esperar para contar aos outros sobre isso, vou ser promovido. Você provou ser muito interessante. Fico feliz que Augustus tenha decidido trazê-la para o programa.”

“Augustus?” Eu engasgo, pouco acima de um sussurro.

Algo está gritando dentro de mim, protestando contra a lenta compreensão. Isso não está certo, suas palavras significam algo. Eu deveria estar fugindo, não aceitando uma oferta que é simplesmente boa demais para ser verdade. Mas tudo está tão alto em minha mente, muito exausto e derrotado para lutar.

“Oh, sim. Pena que você nunca vai conhecê-lo,” Rio incita.

Diga, Brooklin. Você sabe a verdade. Diga!

“V-você não é um paciente de verdade. Você é?”

Rio acaricia minha bochecha com algo parecido com orgulho, feliz por se gabar de seu verdadeiro status. “Você foi divertida, mas está na hora. Adeus Brooklyn.”

Meus pés se movem por conta própria, não me dando escolha a não ser obedecer. Eu subo os degraus, deixando o diabo para trás. Vozes gritam em minha mente para continuar, estamos tão perto e nada mais está em nosso caminho. Mesmo que em um nível subconsciente, a racionalidade está ansiosa para escapar. Isso é muito fácil.

O vento chicoteia meu cabelo quando saio do telhado. O céu está marcado em tons de índigo e roxo, um raivoso pôr do sol desaparecendo no horizonte. Penso em minha mãe se colocando no

caminho da beleza. Ela está aqui comigo agora, de braços abertos e pronta para me receber em casa.

Chego à beira do prédio, meus pés empurrando tijolos que se desmancham no ar. Estou feliz que esteja terminando assim. Com o dia se transformando em noite, a vida se transformando em morte. O fato é que nunca vivi na escuridão. A escuridão vive em mim.

Pego o embrulho no bolso e desfaço o nó com cuidado, letras infinitas caindo ao meu redor. A caligrafia de Allison grita para mim nas páginas manchadas de tinta, as palavras ganhando vida em minha mente enquanto vozes afiadas sussurram seu ódio. Abro a primeira carta.

Você tirou meu irmão de mim. Espero que você apodreça no inferno, onde você pertence.

Cai das minhas mãos. O próximo é marcado uma semana depois.

Tivemos que enterrá-lo em pedaços, foi assim que você o deixou. Irreconhecível.

Eu o amasso e jogo pela borda, observando o papel cair no ar. Marcando o caminho que em breve seguirei. Eles continuam em ordem; semana após semana, por quase dez meses. Cada ódio vomitando que eu definitivamente mereço. Inúmeras cartas me dizendo para morrer e remover minha mácula desta terra para sempre.

Estou mais do que feliz em atender.

Subindo na borda, meu corpo balança no ar subitamente rarefeito. Meros centímetros para ir e eu estou livre. A última carta está presa em minhas mãos, curvando-se sob o peso do meu aperto antecipado.

Não acho que todo mundo é mau, alguns merecem perdão. Mas isso não é você. O que você fez com meu irmão... não é doença. Isso é depravação. Você é um monstro, não uma vítima.

Meus olhos se fecham. A respiração para. As vozes se aquietam. Tudo espera pela eventual queda. Enquanto me preparo para me jogar

nos braços reconfortantes do desconhecido, rostos passam pela minha mente. Olhos castanhos brilhantes e cabelos loiros perfeitos. Um sorriso silencioso e secreto e cachos castanhos macios. Ondas azuis divertidas e um sorriso otimista. Fios pretos como tinta e arrependimento avassalador.

Eu balanço no limite e respondo às imagens na minha cabeça.

Adeus. Desculpe.

Na fração de segundo antes de me jogar do telhado, um grito de gelar o sangue perfura o ar. Seguido de gritos. Gritando. O meu nome. Várias vozes. Desespero. Minha cabeça se vira e eu os vejo, desta vez de verdade. Correndo em minha direção com as mãos acenando freneticamente.

“Não se aproximem!”

Meus perseguidores congelam, dominados pelo terror enquanto eu balanço perigosamente na borda. Tijolos desmoronam e caem do telhado, mal suportando meu peso. Kade dá um passo à frente e levanta as mãos de forma apaziguadora, todo o seu corpo cheio de tensão.

“Brooklyn, me escute com atenção...”

“Não!” Eu grito de volta.

Kade se encolhe, o rosto desmoronando de medo e ele procura por ajuda. Phoenix hesitantemente dá um passo à frente em seguida, deixando Hudson para trás enquanto ele segura um Rio que se contorce em uma chave de braço.

“Foguete... sou eu,” Phoenix oferece.

Ele se aproxima de mim como um animal assustado. Há manchas de sangue em seu rosto de uma luta recente, juntas quebradas e sangrando. Posso ver que o nariz de Rio está escorrendo enquanto Hudson continua a sufocá-lo com veemência.

“Não se mexa. Não há mais nada a dizer,” eu digo em uma voz robótica.

“Há tudo a dizer. Você não precisa fazer isso, por favor, deixem-nos ajudá-la.”

Eu mudo meu pé direito. Mais tijolos desmoronam e meu corpo balança novamente. “Mais um passo e eu vou,” eu o interrompo. “Pare de lutar contra isso. Todos vocês.”

“Blackbird, pare!”

“Brooklyn, não!”

“Foguete, por favor!”

Todos eles gritam e imploram enquanto eu passo meu pé esquerdo para trás, tão perto de cair. O vento aumenta e um guincho escapa dos meus lábios enquanto eu balanço, lutando para manter o equilíbrio. Todos os três se aproximam, ignorando minha mão erguida segurando-os.

“Não! Esta é minha decisão e somente minha!” Eu grito, inclinando meu rosto para cima para sentir a chuva caindo. “Devo ser punida pelo que fiz. Sinto muito, este é o único jeito.”

Começando a me afastar deles, encaro a queda imponente. Eu levanto meu pé direito para me lançar no ar, meu coração machucando minhas costelas enquanto ameaça se libertar, mas uma voz diferente me impede.

Frac. Rouco. Cru. Em desuso.

“N-não... vá.”

Eu tremo em um pé quando o som de muletas contra o concreto se aproxima. Lágrimas escorrem pelo meu rosto e congelam no vento que aumenta gradualmente. Nesse momento, o fragmento final de luz desaparece do pôr do sol. A escuridão incessante invade tudo.

“F-fique.”

Gaguejou. Quebrado. Dolorido. Sem prática.

Olho por cima do ombro através da espessa cortina de lágrimas. Ele está a poucos metros de distância, com a perna engessada e o rosto marcado em tons de cor não naturais. Cachos castanhos emaranhados

e sujos. Lábios se separaram em palavras ditas apenas para mim, quebrando anos de silêncio.

Eli deixa cair uma de suas muletas e levanta a mão, os dedos estendidos para me chamar para mais perto. Eu encaro seus grandes olhos verdes, cheios de horrores do passado e do presente, entendendo de uma forma que apenas espíritos afins podem ser. Meu pé abaixa por conta própria enquanto enfrentamos a tempestade que se aproxima, travados em uma batalha de vontades.

“Não posso... não me obrigue,” consigo responder.

Aqueles lábios perfeitos se abrem em um sorriso só para mim. Cílios grossos emolduram deslumbrantes olhos esmeralda, implorando para que eu renunciasse. Eli mexe os dedos, persuadindo, encorajando, implorando para que eu voltasse para ele.

“V-viva,” luta para sair. “Por n-nós... viva.”

Ele pula mais perto para fechar a distância entre nós.

“Por favor, fique longe.” Eu soluço entrecortada. “Eu não... quero viver.”

Eli para a poucos centímetros de mim, mas não se aproxima. Sua mão paira no ar, encorajando-me a fechar a lacuna final. Estendo a mão automaticamente. Não consigo evitar, nossos dedos se entrelaçam. A palma da mão está quente e seca. Estável. Reconfortante. Vivo.

“Nem eu.”

Sua voz é crua, mas flui como mel em minhas veias.

Meus pés se afastam da borda sem pensar. Apenas um pouco, mas o suficiente para ele ver. Aquele olhar devastador penetra sob minha pele e ataca os tentáculos de ódio ao redor do meu coração. Eu tomo uma respiração trêmula. Mais lágrimas caem. Meu corpo treme. O vento uiva. A mão de Eli aperta a minha dolorosamente forte.

“Viva... p-para mim. Para nós.”

Suas palavras passam sobre minha pele, acariciando minha alma

fraturada. Invadindo minha mente de uma forma que ninguém mais fará. Tudo porque Elijah Woods sou eu. Pedacos quebrados unidos por ressentimento amargo e determinação de ocupar menos espaço no mundo.

Há uma rajada de vento repentina e brutal no momento em que decido descer. Eu balanço no ar por um segundo terrível antes de finalmente perder o equilíbrio.

Epílogo

Eli

The Funeral by Bands of Horses

“Se alguém tiver mais informações sobre os trágicos eventos que ocorreram ontem à noite, peço que se apresente. Você não terá problemas. Precisamos de testemunhas para esclarecer o que aconteceu. E lembrem-se... o suicídio nunca é a resposta.”

A senhorita White lança um olhar sério ao redor do refeitório, seu domínio e autoridade sufocantes. Há mais guardas do que você pode contar nesta sala, uma clara demonstração de força após o caos das últimas vinte e quatro horas.

Phoenix aperta minha mão com tanta força que ela fica branca. Eu toco sua perna que balança freneticamente, tentando comunicar meu apoio silencioso. Temos que nos manter unidos na frente de todos.

“Eu entendo que vocês estão todos abalados com o que aconteceu ontem. Uma investigação completa será realizada, posso garantir que chegaremos ao fundo disso,” acrescenta ela significativamente.

“Malditas mentiras,” Phoenix sussurra baixinho. “Tudo isso.”

Sua raiva acre dança em minha língua e eu engulo, forçando o sabor amargo de lado. Segure-o junto, apenas por mais alguns segundos. Tenho que manter uma cara corajosa, não os deixe ver a verdade. Isso é torturante, sentar aqui como se nada estivesse errado, mas é necessário.

Senhorita White suspira e embaralha seus papéis, as sobancelhas franzidas. “É isso por enquanto. As aulas foram canceladas pelo resto da semana.”

Há um arrastar de cadeiras quando um punhado de terapeutas se

levanta, incluindo Mariam e Sadie. Todos eles nos observam com cuidado, rostos educados em tristeza sincera. Como se algum deles realmente se importasse.

A senhorita White pigarreia, forçando um sorriso horrível que realmente não combina com ela. “Este instituto lamentará a perda de um dos seus. Fiquem tranquilos, se alguém estiver envolvido... haverá punição. Vocês estão todos dispensados.”

A sala explode em uma onda de movimento, pacientes correndo para escapar. Deixamos a multidão se dissipar, então Phoenix me põe de pé e me oferece um braço. Coloco minhas muletas em posição e resolutamente ignoro a dor que assola meu corpo.

“Você está bem?” Phoenix pergunta.

Eu aceno secamente, mantendo minha expressão neutra. Lentamente, passamos tropeçando pela diretora, que se afasta da conversa que está tendo para nos observar com desconfiança. Evitamos todo contato visual.

“Acha que eles sabem?” Phoenix sussurra quando escapamos para fora.

Eu balanço minha cabeça. Quem sabe porra neste momento?

Leva uma eternidade para chegarmos no quarto nos meus passos de tartaruga, mas enquanto subimos as escadas, noto que os dormitórios estão estranhamente silenciosos, com todos parecendo evitar voltar para onde a tragédia da noite passada aconteceu. Todo o instituto está profundamente abalado.

De volta ao seu quarto, Phoenix enfia a mão no bolso em busca do cartão-chave e o examina trêmulo, deixando-nos entrar. Kade dispara assim que entramos.

“Como foi? O que aconteceu?”

Eu libero Phoenix, deixando-o desmoronar e afundar no chão. Ele imediatamente enterra o rosto nas mãos, respirando irregularmente. “Eles estão lutando, procurando informações.”

“Mas ninguém deu?”

Eu balanço minha cabeça e o corpo de Kade visivelmente cede com alívio. Ele passa a mão pelo cabelo bagunçado, o rosto pálido e exausto. Nenhum de nós dormiu nada ontem à noite, traumatizados demais para dormir. Estamos vazios, agarrados a palhas enquanto lutamos para cobrir nossas bundas.

“Precisamos esclarecer nossas histórias caso eles nos questionem,” resmunga Phoenix. “A diretora está ordenando uma investigação completa.”

“Estou trabalhando nisso. Vou informar a todos mais tarde.” Kade suspira.

Eu ignoro os dois, tirando minha jaqueta e virando a esquina para trazer a cama de Phoenix à vista. Dois corpos estão guardados com segurança onde os deixamos. Hudson está dormindo profundamente de costas, o braço firmemente em volta dos ombros de Brooklyn enquanto ela cochila em seu peito. Ele não saiu do lado dela desde o telhado, agarrando-se possessivamente a ela por medo.

“Eles estiveram fora por um tempo,” explica Kade, também contemplando a cama ocupada. “Sadie deu a ela mais sedativos quando ela veio terminar a transfusão. Estamos fora de perigo por enquanto.”

Concordo com a cabeça novamente, eternamente grato que a estagiária concordou em nos ajudar.

“Boa jogada envolvendo-a, ela está do nosso lado aqui,” Kade me elogia.

Ela é a única pessoa aqui em quem confio remotamente. Sadie se importava com Brooklyn em Clearview, então eu sabia que poderíamos abordá-la. Não é como se os outros soubessem disso, felizmente ela manteve a boca fechada sobre o passado. Essa é a minha história para contar.

Phoenix se recompõe e se junta a mim ao lado da cama, envolvendo um braço em volta da minha cintura para me confortar.

Kade vem em seguida, completando nosso grupo, com a atenção firmemente voltada para a garota inconsciente que enganou a morte por pouco, poucas horas atrás. Todo o nosso mundo repousa naquela cama.

Somos a família dela agora. Venha o inferno ou maré alta.

“Qual o próximo?” Phoenix pergunta com medo.

Eu não respondo, adiando para o nosso líder. Ele é o responsável por este acidente de carro, embora eu espere que ele esteja arquitetando à medida que avança. Kade solta um suspiro e encontra nossos olhos, devastados por uma incerteza avassaladora.

“Nós descobrimos como mantê-la viva, não importa o que aconteça.”

“E quanto a Blackwood?”

Kade engole em seco, com mais medo do que eu já o vi.

“Algo está errado com este lugar. Precisamos descobrir o que realmente está acontecendo e, de alguma forma, esconder o fato de que fomos nós que jogamos Rio daquela porra de telhado.”

CONTINUA...

Cena bônus

Eli

Stop Trying, Be Nothing by Boston Manor

6 MESES ANTES...

Um corte.

Elijah mau.

Dois cortes.

Pecador imundo.

Três cortes.

Filho do diabo.

Nadando em meu próprio sangue escorregadio, dou um profundo suspiro de alívio. Com cada gota que sai de mim, eu retomo o controle. Pedaco por pedaco, eu derramei os restos ocultos de quem eu era. A pessoa quebrada que meu pai me transformou. Um menino obediente, que sempre fazia o que lhe mandavam.

Reze.

Implore por redenção.

Cale sua boca profana, garoto.

Bem-aventurados os mansos.

Que pouco bem isso me fez. Ele ainda me trancou no armário do pecado. Ele riscou um fósforo e deixou que o julgamento justo decidisse meu destino. O bastardo foi embora com a fé inabalável de que estava fazendo a obra de Deus.

Limpendo metodicamente minha lâmina e guardando-a, puxo a manga do meu moletom para baixo para esconder os cortes. O cemitério está silencioso ao meu redor, pontuado pelo chilrear dos insetos. O sol da tarde bate em mim. O verão está chegando agora, os

sussurros da primavera se dissipando.

No mês passado, desde que cheguei ao Instituto Blackwood, permaneci um lobo solitário. O fracote do bando fodido. É por necessidade que me escondo do mundo. Isso é mais seguro, mais simples. A porra do mundo me assusta.

Eu respiro a brisa suave.

Saboreio o ar puro.

Agradeço ao universo pela liberdade.

Anos de encarceramento mudaram minha perspectiva. Se isso for o mais gratuito que conseguirei, agradeço. É suficiente para mim. Meus dias de camisas de força e celas acolchoadas acabaram.

Deixando o porto seguro do cemitério para trás, volto para os dormitórios. Os pacientes olham e sussurram enquanto eu vou. Eu sou a aberração residente, mesmo neste lugar. Eu desafio os limites habituais da insanidade para definir um novo padrão maluco. A maioria da população finge que eu não existo. Os corajosos o suficiente para falar comigo, eu ignoro. Por mais persistentes que sejam.

“Eli!”

É ele. Seus passos são cheios de confiança.

“Espere, cara. Como vai você?”

Kade, o mais determinado de todos eles. Ele é um colecionador de causas perdidas. Nos meus primeiros dias, eu fugi dele. Aterrorizado e incapaz de fazer contato visual, muito menos qualquer outra coisa. Agora, eu apenas tolero sua presença. Ele não me pressiona ou me deixa desconfortável, ao contrário do resto da espécie humana.

“Espere, Phoenix está apenas pegando seu telefone.”

Eu luto contra o desejo de colocar o rosto nas mãos. Esse pacote de energia maníaca é uma questão totalmente diferente. Ele vem saltitando na esquina, um sorriso pateta no rosto.

“Obrigado por esperar. Ei, Eli.”

Eu posso senti-lo me estudando, sorrindo como sempre. Ele acha que não noto os olhares secretos, seu olhar carregado de calor. Bobo. Eu sei o que ele quer de mim, mas é perigoso. Alguém vai se machucar. Estou muito danificado para ser amado.

Arrastando-me atrás deles até o refeitório, tomo meu assento habitual no canto. Sozinho, como sempre. Quando estou prestes a colocar meus fones de ouvido, três bandejas batem na mesa. Filhos da puta determinados. Kade me dá um sorriso tranquilizador enquanto Phoenix apenas olha, determinado a obter uma reação. Hudson também se juntou a nós, cozinhando em silêncio. Ele é o idiota taciturno do grupo.

O suor cobre minhas palmas As cinzas dançam na minha língua.

Isso é pânico - azedo e terrível. Tudo o que posso provar são suas expectativas, o julgamento inerente que atormenta minha existência. Quando começo a ofegar, desabando para dentro em busca de conforto, Phoenix me salva.

“Vocês ouviram sobre o Rio ter sido pego com as bolas no fundo da recepcionista?”

A água jorra das narinas de Hudson enquanto ele engasga, tosse e engasga. Kade bate nas costas dele, lutando contra um sorriso. Ele olha ao redor para se certificar de que ninguém está ouvindo antes de responder.

“É verdade. A diretora a demitiu na hora e a fez chorar.”

Empurrando sua bandeja para longe, o nariz de Hudson está enrugado em desgosto. “Sim, eu perdi meu apetite agora. Obrigado por essa imagem mental. Qual a idade dela?”

Kade bufa. “Velha o suficiente para ser sua mãe!”

“Ei, mendigos não podem escolher.”

Phoenix pisca para mim, fazendo com que o calor suba às minhas bochechas. O flerte é verdadeiramente sem vergonha. Não

tenho ideia de qual é o problema dele, mas claramente gênero não é uma consideração. Ele baba por mulheres e homens.

“Eles me pediram para cobrir alguns de seus turnos provisórios, coisas administrativas básicas,” revela Kade.

“Isso significa que você pode nos dar privilégios e essas merdas? Puxar alguns cordãozinhos?”

Kade encara a sugestão de Phoenix, claramente furioso.

“Não! Não estou fazendo nada ilegal só para você sair da aula obrigatória de educação física. Sonhe, filho da puta.”

Eles continuam a brigar, com Hudson concordando com seus pedidos. Kade nega cada um, determinado a mantê-lo pelos livros. Enquanto ele discute com seu irmão, Phoenix me dá toda a sua atenção. Seus lábios são cheios e convidativos, cabelos recém-tingidos implorando para serem tocados. Porra, Eli.

“Quanto tempo você vai ficar se lamentando?”

Eu encaro, ousando levantar meu ombro em um encolher de ombros.

“Do jeito que eu vejo, você tem uma escolha. Continue sentado sozinho, faça o que quiser, seja o que for. Ou venha ao meu quarto esta noite. Eu tenho uma garota vindo, ela quer comemorar antes de receber alta amanhã. Você joga?”

Ele está sugerindo o que eu acho que ele está? Sentado congelado, meu coração martela quando ele estende a mão, o polegar deslizando sobre meu lábio inferior. Ninguém jamais me tocou com nada além de ódio e nojo. O simples ato deixa meu pau em posição de atenção. Os olhos de Phoenix brilham com malícia.

“Eu não me importo de compartilhar se você quiser, Elijah. Eu gosto de jogar duro, mas algo me diz que você consegue acompanhar. Já vi o que você faz naquele cemitério quando pensa que ninguém está olhando. Brincando com suas lâminas como o filho da puta sádico que você é. Eu estaria mentindo se dissesse que não é quente.”

Sua voz cai para um sussurro baixo e gutural.

“Ver você se cortar me deixa duro pra caralho.”

Apertando minha coxa debaixo da mesa, fico boquiaberto quando ele se vira. A conversa normal recomeça, como se nada tivesse acontecido. Quando é hora de ir, algo muda. Estou automaticamente incluído no grupo, apesar de nem uma palavra ter saído da minha boca. Kade pega minha bandeja vazia e Hudson pega minha mochila, enquanto Phoenix descansa a mão na minha cintura.

“Vamos, tenho uma redação para escrever. Você é inteligente, certo? Acha que pode me dar algumas dicas?” Phoenix balança as sobranças.

Surpreendentemente, eu aceno. Ele sorri e me arrasta para fora do refeitório. Ensanduichado entre os três caras, estou protegido dos olhares e sussurros. Ninguém se atreve a proferir uma única coisa odiosa para mim. Eu fui reivindicado, mas parece certo. Mais fácil do que respirar. Pela primeira vez, sinto algo diferente de desespero. Uma emoção desconhecida e estranha que não me queima os sentidos nem me faz engasgar com sabores amargos.

Esperança. Pertencer.

Talvez até... confiança.

CONTINUA...



1 ANO/2023

Notas

[←1]

Frase em latin que significa “O bem do mal.”

[←2]

Pássaro Negro.